



JULIET MARILLIER

O SEGREDO
de CIBELE



BERTRAND EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

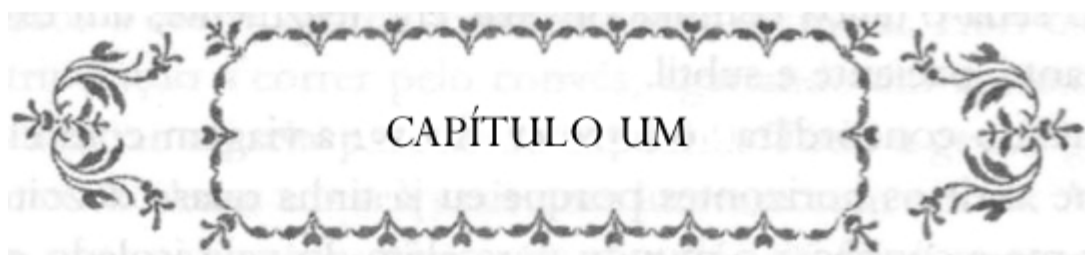
Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AGRADECIMENTOS

Fui ajudada por muitas pessoas neste livro. A erudita guia turística Jane Taylor e a tradutora Canan Barim Alioglu proporcionaram-me conhecimentos sobre a cultura otomana durante a minha viagem pela Turquia. O senhor Ali Tüysüz, da Galeri Kayseri Bookshop, em Istambul, arranjou-me material de referência extremamente valioso. Tive a ajuda e o aconselhamento profissional dos meus editores — Michelle Frey na Knopf, Brianne Tunnicliffe e Anna McFarlane na Pan Macmillan na Austrália e Stefanie Bierwerty na Macmillan no Reino Unido. O meu agente, Russell Galen, desempenhou um papel excelente em todas as etapas do livro até à sua publicação e Danny Baror fez um excelente trabalho em relação aos direitos de autor. A minha família tem continuado a dar-me suporte moral e participado em missões de trabalho.

A decorative horizontal banner with a central rectangular frame containing the text 'CAPÍTULO UM'. The frame is adorned with intricate floral and vine patterns on all sides. The background of the banner is a light, repeating pattern of the same floral motif.

CAPÍTULO UM

O convés inclinou-se e eu com ele, agarrada a um cabo para não perder o equilíbrio. Um dia depois de sairmos de Constanta, o vento virara e as águas do mar Negro erguiam-se e afundavam-se sob o casco do *Stea de Mare* como um cavalo selvagem a tentar derrubar o seu cavaleiro.

— Você é boa marinheira, Paula — comentou o meu pai, perfeitamente equilibrado, veterano de mais viagens mercantis do que era capaz de contar. Para mim era a primeira.

A vela estalou ao vento. Os tripulantes, de expressões azedas e olhos semicerrados, tentavam manter o barco de um só mastro sob controle e olhavam para mim com hostilidade.

— Andam perturbados por terem uma mulher a bordo — disse o meu pai. — Ignore-os, não passa de uma tolice supersticiosa. Eles me conhecem e você é minha filha. Se o comandante não gosta, não devia ter aceitado o meu dinheiro.

— Não me importo — disse eu de dentes cerrados. Apesar de não enjoar, não queria dizer que gostasse dos altos e baixos do barco ou de estar permanentemente molhada. Quando à possibilidade de os marinheiros me culparem se o *Stea Mare* afundasse, não me interessava. — Isto vai nos atrasar, pai?

— Pode ser, mas Salem bin Afazi espera por nós em Istambul. Ele sabe o que isto significa para mim, Paula, sabe que isto é a oportunidade de uma vida.

— Eu sei, pai. — Havia um tesouro à nossa espera na grande cidade dos Turcos, um tesouro no qual todos os mercadores sonhavam pôr as mãos, pelo menos uma vez nas suas vidas. O meu pai não seria o único comprador, mas era, felizmente, um excelente negociante, paciente e sutil.

Quando concordáramos que eu fizesse a viagem com ele, fora para me abrir os horizontes porque eu já tinha quase dezoito anos — dar-me a conhecer o mundo para além do vale isolado em que vivíamos e das cidades mercantis da Transilvânia que visitávamos por vezes. As coisas, porém, tinham mudado durante a viagem. Antes de embarcarmos, o secretário do meu pai, Gabriel, tropeçara ao descer uns degraus no porto de Constanta, no mar Negro e o tornozelo partido estava, naquele momento, a ser tratado em casa de um médico local, ao mesmo tempo que o *Stea Mare* nos levava, ao meu pai e a mim, para Istambul. Era uma sorte eu falar grego, várias outras línguas e ter a sua confiança total. Apesar de não poder ocupar o lugar de Gabriel como sua assistente, podia, pelo menos, ser o seu segundo braço direito. Seria um desafio e eu mal podia esperar.

A chuva viera com o vento, a mesma chuva de Primavera que caía nas nossas montanhas, que enchia os rios, que ensopava os campos, lavando as pranchas do convés e envolvendo o barco numa cortina branca. De onde estava, eu mal via o mar, quanto mais a proa a abrir caminho por entre as vagas alteradas. A tripulação devia estar a rogar-me uma praga.

O meu pai gritou qualquer coisa por cima dos uivos cada vez mais fortes do vento, talvez sugerindo que eu devia descer até as coisas acalmarem. Fingi não ouvir. Os camarotes, minúsculos, eram abafados, provocavam-me claustrofobia, aumentavam os movimentos do barco e eu não conseguia deitar-me na cama estreita sem pensar em como sairia dali caso o *Stea de Mare* decidisse afundar.

— Vá para baixo, Paula! — gritou o meu pai. Um momento mais tarde, uma silhueta enorme e escura apareceu por trás de nós. O grito morreu-me na garganta antes, sequer, de consegui-lo emitir. Outro barco: um três mastros alto, tão perto que eu fechei os olhos, à espera do barulho aflitivo da colisão. O navio estava cada vez maior. Começaríamos a afundar assim que nos atingisse.

Passos a correr, gritos, o entrecocar de metal. Abri os olhos e vi a tripulação a correr pelo convés, agarrando em aprestos para tentar afastar aquela parede de madeira. Todo mundo gritava. O homem do leme e o seu assistente lutavam com a roda. Agarrei-me a meu pai e acocoramo-nos por trás da frágil proteção de uma grade de madeira, mas não consegui deixar de olhar. Espreitei com o coração aos pulos. A bordo do três mastros, um amontoado confuso de marinheiros puxava cabos e arriava velas, ao mesmo tempo que outro se reunia na amurada com longas varas apontadas para baixo, na nossa direção. A distância entre as duas embarcações era de duas braças.

— Pirata bexiguento! — ouvi o nosso comandante gritar, conseguindo esgueirar-se. O barco maior estremeceu, como se respirasse fundo, e passou pelo nosso. As duas embarcações pareciam duas bailarinas a efetuar uma graciosa pavana aquática.

O vento soprou e arrancou-me o lenço vermelho. Quando o pedaço de pano escarlata passou por entre os dois barcos, vi um homem subir para a amurada do três mastros com uma facilidade assombrosa, perfeitamente equilibrado. O marinheiro agarrou-se a um cabo, inclinou-se para fora, sobre as águas tumultuosas e apanhou o lenço no ar enquanto o navio continuava de vento em popa. O homem era alto, de pele mais escura do que era habitual na minha terra e as suas feições eram impressionantes, vigorosas, como que esculpidas em pedra. Enquanto eu olhava, ele inclinou-se para trás, aproveitando o movimento natural do navio e saltou para o convés, prendendo o lenço no cinto sem um único olhar na minha

direção. O grande barco afastou-se e eu vi seu nome em letras douradas no costado: *Esperança*.

— Quase — murmurou o meu pai. — Foi quase.

Apesar de ter o coração aos pulos, sentia-me mais intrigada do que assustada.

— O comandante disse *pirata*? — perguntei, pensando em marinheiros de rosto curtido com papagaios exóticos ou macacos no ombro.

— Se disse — respondeu o meu pai — ainda bem que o tipo não aproveitou a oportunidade para nos abordar. Quero chegar com a minha mercadoria intacta a Istambul. Talvez ele soubesse que eu só levo peles e trigo. Seremos melhores reféns na volta.

Olhei para ele.

— Não se preocupe — disse ele. — Esta tripulação já me transportou dúzias de vezes e nunca perdemos uma única carga. Vamos, é melhor irmos para baixo. É óbvio que estamos atrapalhando e é melhor cobrir outra vez os cabelos.

Não levantei objeções. No meu minúsculo camarote, passei uma escova pelos cabelos e escondi-os com outro lenço da minha coleção. Havia regras a cumprir naquela viagem, não só em relação à minha segurança, como em relação ao sucesso do nosso empreendimento. Para ganhar a confiança daqueles com quem íamos negociar, tínhamos de obedecer a certos códigos de comportamento, incluindo o modo de vestir. Devia usar sempre um lenço em público e a roupa devia ser discreta.

De fato, o grosso do negócio seria tratado com negociantes cristãos, homens de Gênova, de Veneza ou de outros países mais a oeste, em cuja companhia tais regras podiam ser afrouxadas. O meu pai precisaria de mim para registrar os números, no máximo. Quando estivesse com mercadores muçulmanos, eu seria banida porque as mulheres daquela fé não se misturavam com os homens, salvo quando eram parentes próximos e, mesmo assim, apenas no interior das paredes seguras da casa familiar. Felizmente, o meu pai

e o seu colega Salem bin Afazi, com quem nos encontraríamos em Istambul, tinham um bom relacionamento. Eu esperava que Salem me arranjasse uma maneira de poder entrar nas bibliotecas ou de me encontrar com mulheres eruditas. Havia muito tempo que sonhava com a possibilidade.

— Pai — disse eu um pouco mais tarde, ambos apertados no seu camarote enquanto o *Stea de Mare* subia e descia — se não estava brincando quando disse há pouco que seremos melhores reféns assim que tivermos o artefato, talvez seja melhor tomar mais precauções no regresso. Nunca pensei que fosse uma coisa que os piratas quisessem, mas suponho que, se souberem o valor, são capazes de tentar tirá-lo de nós.

O meu pai permaneceu imperturbável. À luz difusa que descia pelos íngremes degraus, anotava qualquer coisa no bloco-de-notas encadernado em couro que nunca o abandonava.

— Quando chegarmos a Istambul, contrato um guarda — disse ele. — Salem é capaz de nos arranjar um homem de confiança. É possível que receba alguns convites das mulheres dos meus colegas mercadores e eu nem sempre poderei acompanhá-la. O guarda é essencial para a sua segurança. Sem ele, se verá confinada a maior parte do tempo. As mulheres não andam sozinhas. Tenciono ver

outras mercadorias enquanto estivermos em Istambul, quanto mais não seja para afastar as atenções do nosso alvo principal e tenciono levá-la comigo sempre que puder. Ninguém vai me oferecer o que quero abertamente. Tenho de consegui-lo através dos contatos de Salem — acrescentou ele em voz baixa. A transação que esperava por nós era extremamente delicada e todo o cuidado era pouco.

— Há alguma chance de eu poder visitar uma biblioteca, pai? Ouvi dizer que há muitos livros e manuscritos raros em Istambul.

— Os melhores estão nas bibliotecas das escolas religiosas ou nas coleções pessoais dos altos funcionários — disse o meu pai. — Como mulher não muçulmana, não terá acesso a esses. Há algumas mulheres eruditas na cidade, claro. Irene de Volos, por exemplo.

— Quem é ela, pai?

— Não conheço a senhora, mas vive há muito tempo em Istambul, tem uma excelente reputação como protetora de certas causas e é rica. O marido é conselheiro do Sultão. Creio que a

hospitalidade dela estende-se a mulheres de vários extratos, incluindo as mulheres dos mercadores estrangeiros. Os convites dela são muito apreciados. Talvez possamos abordá-la.

— Seria maravilhoso, pai. Evidentemente, sei que a maior parte dos livros, em qualquer biblioteca turca, estão escritos em árabe, mas deve haver obras em grego ou em latim. Talvez um dia eu venha a ser suficientemente rica para poder comprar algumas.

— E o que quer fazer com a sua fortuna, Paula? Fundar uma grande biblioteca pessoal? — o meu pai pousou a pena, que rolou imediatamente da mesa dobrável para o chão. Apanhei-a e enchi a saia de tinta.

— Não exatamente — disse eu, jogando um pouco à defesa.

— Estava pensando mais numa empresa de compra e venda de livros. Brasov seria uma excelente base para um negócio assim. Poderia fornecer os eruditos, os professores e os padres. Assim que o negócio estivesse bem estabelecido, arranjará um sócio em

Istambul, outro em Veneza ou em Gênova e um terceiro em Londres. Com o tempo incluiria uma tipografia.

Os olhos do meu pai, encovados no seu rosto estreito e coberto por uma barba grisalha, olharam pensativamente para mim.

— Um plano ambicioso — disse ele. — Já pensou, Paula, que esta viagem pode muito bem ser a nossa fortuna... a minha, a sua, a das suas irmãs e também a de Costi? — Costi era o sócio do meu pai, era nosso primo e era casado com a minha irmã Jena. A nossa família aumentara consideravelmente nos últimos anos. Duas das minhas quatro irmãs eram casadas, tinham filhos e só Stela e eu continuávamos em casa do meu pai. Quanto à minha irmã mais velha, Tati, provavelmente nunca mais a veríamos. A floresta que rodeava a nossa casa tinha um portal para o outro mundo. Seis anos antes, o amor levava-a a transpô-lo e nunca mais regressara.

— Se conseguirmos este artefato e ele chegar são e salvo ao nosso comprador, na Transilvânia — continuou o meu pai — teremos um lucro substancial, o que pode levar a mais encomendas. — Havia qualquer coisa que ele não estava dizendo, ou pelo menos assim me parecia.

— Mas os riscos são grandes, não são? — perguntei, arriscando.

— Infelizmente é verdade, Paula. Com o *Esperança* nas águas do mar Negro, precisamos ter muito cuidado.

— Portanto, reconheceu o barco — disse eu.

— Reconheci o nome. Pensei que o homem andasse mais para sul.

— O homem?

— O navio é de Lisboa. O comandante chama-se Duarte da Costa Aguiar.

— Que nome tão grande para um vilão tão longe de casa.

— É verdade. Para um homem sempre metido em roubos e violência, deve haver presas mais ricas perto das costas inglesas. Mas Aguiar não é exatamente um pirata, é um mercador, um negociante e tem olho para as antigüidades. Não é difícil imaginar o que o traz a estas paragens.

— Aguiar — devaneei. — Significa águia, não significa? — Recordei as feições orgulhosas do homem que apanhara o meu lenço e a indiferença com que o prendera no cinto. Era capaz de apostar uma moeda de prata contra uma pedra de carvão em como era o próprio Duarte Aguiar. — Disse ladrão. Como é que uma pessoa assim dispõe das coisas que rouba?

O meu pai sorriu.

— Há sempre um mercado negro à espera, compradores sem escrúpulos quanto à proveniência dos artigos. Quase tudo se pode vender às escondidas, se bem que o lucro não seja tão alto. Este português é astuto, sabe o que quer e escolhe os alvos em conformidade. Alguns deles são compras e vendas legítimas. Quando não, nunca se deixa apanhar. Nunca ninguém lhe conseguiu apontar nada.

— Deve ser rico — comentei, recordando o tamanho do navio que quase nos abalroara.

— Claro. Um homem não consegue manter um barco daqueles sem dinheiro e um bom projeto. Evidentemente, há piratas por aqui, mas na sua maioria são aventureiros de improviso.

— Se está tentando me tranquilizar, pai — disse eu, olhando para ele de lado e agarrando-me à mesa ao sentir o *Stela de Mare* balançar outra vez — não está conseguindo. Que aconteceria se ele tivesse nos abordado? — na ocasião não me ocorrera que as varas e

os ganchos dos tripulantes do *Esperança* podiam ser para nos puxar, permitindo-lhes saltar mais facilmente para bordo e... e o quê? Chacinarem a tripulação e os passageiros? Afundarem o navio conosco lá dentro? Ou vasculharem a nossa carga, servirem-se do melhor, agradecerem e afastarem-se em direção ao Sol poente? — E não me diga para não me preocupar — acrescentei severamente.

O meu pai suspirou.

— Há sempre a possibilidade das coisas se tornarem violentas — disse ele. — O fato de ser mulher coloca-a numa posição muito arriscada, o que me leva a perguntar o que me deu para deixá-la vir comigo.

— Porque posso ser útil, pai. E porque venho pedindo há anos. Sem Gabriel, precisa de mim em Istambul. Pai, acha que Duarte Aguiar anda atrás da mesma coisa que nós?

— Tenho poucas dúvidas de que, em determinado ponto das negociações, não nos encontremos frente-a-frente com esse pirata.

Teremos de estar vigilantes. Seria um grande azar cairmos numa emboscada com o artefato nas mãos. Isto supondo que consigamos adquiri-lo. Acho que sou capaz de suborná-lo, se necessário, com algumas jóias ou talvez uma ou duas boas espadas de Damasco. Aguiar é um homem que pensa principalmente no lucro.

Nos documentos oficiais a grande cidade continuava a ser Constantinopla. Os poetas descreviam-na como uma cidade de púrpura e mármore, a jóia das jóias. As suas mesquitas e os seus palácios erguiam-se das águas em direção ao céu. Constantinopla era um lugar rico em história, sede do poder imperial, junção das grandes rotas de mercado, caldeirão de culturas.

Para uma garota que nunca ultrapassara as fronteiras da Transilvânia, a visão daquela pálida floresta de minaretes e torres,

com o Sol a brilhar por entre nuvens pesadas e a água a passar pelo casco do *Stea de Mare* era mágica.

A magia fizera parte da minha vida uma vez, mas não recentemente. Desistira da esperança de reencontrar o Outro Reino, o mundo encantado que as minhas irmãs e eu tivéramos o privilégio de visitar em cada lua cheia, ao longo dos anos da nossa infância e adolescência. Seis anos antes fechara-se e nós perdemos Tati. Naquele dia, navegando ao longo do Bósforo, com o meu pai a apontar para a fortaleza de Rumeli Hisari, ponto de desembarque a partir do qual se podia chegar ao mercado das especiarias, às paredes altas e aos jardins verdes de uma grande residência privada, senti-me excitada, como se estivesse prestes a fazer uma grande descoberta. Talvez a magia estivesse de volta. Pelo menos, sabia que tinha uma aventura pela frente.

Estávamos ali para comprar a *Dádiva de Cibele*, tesouro fabuloso de uma fé perdida. Em algum lugar, entre aquelas ruas íngremes cheias de lojas, casas, mesquitas e basílicas, esperava por nós. Se conseguíssemos, o meu trabalho como assistente do meu pai seria pago com uma parte justa do lucro e tinha planos para ela: investi-la no meu negócio de livros.

Nem o meu pai nem eu sabíamos como era o artefato, apesar de eu ter feito algumas pesquisas antes de sair de casa. Não encontrara uma descrição física do objeto nos escritos dos eruditos, mas a tradição oral sugeria que era extremamente antigo e de uma grande beleza. Imaginei uma placa de mármore com filas de palavras gravadas. Dizia-se que continha uma mensagem de sabedoria de uma deusa antiga, as suas últimas palavras antes de deixar o mundo dos mortais. Todos os mercadores dignos de respeito tinham ouvido falar do artefato e quando falavam dele faziam-no em voz baixa. Por vezes aparece uma coisa que todo mundo quer, um objeto com uma qualidade especial que o torna inestimável. A *Dádiva de Cibele* era um deles.

As minhas pesquisas tinham-me dito que Cibele era uma deusa da Anatólia associada às cavernas, aos cumes das montanhas e às abelhas, uma divindade bárbara. Os seus rituais implicavam danças noturnas extáticas ao som de tambores. Não dissera a meu pai o pormenor mais chocante que descobrira: os seus seguidores masculinos mutilavam-se para se parecerem mais com as mulheres e depois vestiam-se como tal. O culto de Cibele morrera havia muito, mas a lenda da *Dádiva de Cibele* sobrevivia. Se o artefato caísse em mãos meritórias, o seu proprietário e os seus descendentes seriam abençoados com riquezas para toda a vida. Como acontece com tais promessas, o contrário também era válido. Se caísse em mãos erradas, o artefato provocaria a morte e o caos. Não havia memória de que tal tivesse acontecido porque ninguém sabia do paradeiro da *Dádiva de Cibele*, mas finalmente...

Se eu fosse colecionadora, afastar-me-ia da aquisição porque a minha experiência com o povo do Outro Reino ensinara-me que devemos nos manter afastados de tais talismãs. Porém, quando o meu pai soube que um negociante armênio poria à venda a *Dádiva de Cibele* quando uma determinada caravana chegasse a Istambul, conseguiu um potencial comprador, um colecionador erudito, que o ajudou a financiar a nossa viagem. E foi assim que chegamos a Istambul com a cidade brilhando ao pôr do Sol, por cima do seu lençol de água, para comprar o prêmio dos prêmios e levá-lo são e salvo para casa.

O *Stea de Mare* navegou ao longo do grande canal do Bósforo e entrou no Corno Dourado, mais estreito, que dividia a cidade. O aroma rico das especiarias e do sândalo enchia o ar, cheiro típico dos grandes centros mercantis.

Alguns funcionários, em barcos pequenos, mandaram-nos parar. O nosso comandante gritou-lhes o inventário das mercadorias e dos passageiros. Uma personagem impressionante, com um turbante alvo de neve na cabeça e uma túnica de seda púrpura até aos pés, é que fazia as perguntas. Quando as formalidades terminaram, o homem fez uma pequena vênica ao meu pai, sorriu-lhe ligeiramente e trocou com ele algumas palavras de cortesia em turco. Em seguida a grande corrente que ligava as duas margens do Corno Dourado foi baixada e nós, finalmente, atracamos.

Estava à espera de ver carroças para transportar a nossa carga para o armazém de Salem bin Afazi, mas os fardos e os sacos foram descarregados diretamente para a doca e transportados depois às costas de trabalhadores cujos movimentos eram vigiados por um capataz de chicote no cinto. Sabia que havia escravos em Constantinopla, mas a sua vista provocou-me um nó no estômago.

O meu pai entabulara conversações intensas com um homem que fora a bordo. O recém-chegado usava uma túnica curta de bom corte sobre uns calções de lã, calçava botas de feltro, tinha um barrete de veludo na cabeça e o ar bem arranjado e bem alimentado dos negociantes de sucesso. Estavam ambos falando grego. Deixei passar a conversa por mim, absorvida a apreciar as diversas embarcações à nossa volta, desde os minúsculos e velhos barcos de pesca às grandes carracas de três mastros, aos navios mercadores fervilhantes de atividade e aos elegantes e velozes caiques, que serviam como *ferryboats*. Olhei também para as docas mais próximas e detive-me. O *Esperança* estava atracado a alguma distância de nós com as velas ferradas. O único sinal de vida provinha de um tripulante solitário, patrulhando o convés. Não consegui perceber se estava armado. Talvez Duarte da Costa Aguiar já estivesse na cidade, em algum lugar, fazendo uma oferta generosa pela *Dádiva de Cibele*.

Semicerrei os olhos. Que era aquela coisa preta ao lado do mastro do *Esperança*? Um pedaço de roupa esfarrapada? O objeto

tremulava, como que agitado por uma brisa caprichosa, mas em redor nada se movia. Era... Não, não podia ser. Mas era, perto do mastro grande: a silhueta de uma mulher vestida de negro. A túnica ondulava sob aquele vento misterioso. A sua cabeça estava virada na minha direção, mas eu não lhe via o rosto porque ela usava um véu que lhe tapava tudo menos os olhos, mas pareceu-me veda a acenar e ouvi uma voz de comando no meu cérebro, em voz baixa mas clara: *Chegou a hora, Paula. Chegou a hora da sua demanda.* Fiquei arrepiada no corpo todo. Era uma voz do Outro Reino, sem dúvida nenhuma, uma voz familiar. Juraria que era a minha irmã Tati.

— Paula!

Afastei o olhar da silhueta irreal no barco pirata, virei-me e ao ver a expressão no rosto do meu pai, fui ter rapidamente com ele.

— O que é, pai? Não se sente bem? — passara-se muito tempo desde o Inverno horrível em que ele estivera doente, ao ponto de não poder continuar em casa, na montanha. O meu pai estava muito melhor, mas eu continuava a preocupar-me. Naquele momento pareceu-me velho. — Pai, sente-se — disse-lhe, indicando-lhe um banco. Olhei novamente na direção do *Esperança*. A aparição desvanecera-se.

— Estou bem, Paula. Este senhor é mestre Giacomo, de Gênova, colega de Salem bin Afazi. — Por cortesia, o meu pai continuou falando grego. Eu sabia, porque ele me dissera, que aquela era a língua oficial dos mercadores por aquelas bandas. — Giacomo, apresento-lhe a minha filha Paula, que está aqui como minha assistente.

O genovês esboçou uma vênha com os olhos perspicazes a tentarem adivinhar o que estava por baixo do meu lenço e do meu vestido, ambos modestos.

— Houve uma mudança de planos — disse o meu pai, torcendo a aba do chapéu com os dedos; teria de passá-la a ferro para lhe dar de novo a forma original. — Mestre Giacomo — continuou ele, sempre em pé — arranjou-nos alojamento no bairro de Gaiata, num *han*, um centro comercial, onde também poderemos armazenar as nossas mercadorias. Ele diz que é decente para você. Na vizinhança vivem muitos mercadores genoveses com as suas famílias. Giacomo e a sua mulher vivem no andar de cima. O estabelecimento é bem guardado. A nossa carga vai para lá e não para o armazém de Salem.

Observei as rugas no rosto do meu pai, a coloração acinzentada em redor dos olhos e do nariz e esperei que ele continuasse.

— Salem morreu, Paula — disse ele sem emoção. — Não há muito tempo. De acordo com as práticas muçulmanas, foi enterrado no mesmo dia.

— Não! — exclamei, chocada. O meu pai e Salem eram sócios havia muitos anos, trocavam informações, ajudavam-se mutuamente para conseguir negócios audaciosos, apoiavam-se nas mais diversas negociações, tinham construído uma ponte delicada entre duas culturas, tinham sido amigos. — Lamento muito, pai. Que aconteceu?

O mercador genovês clareou a garganta, olhou para o meu pai e este concordou com um aceno de cabeça cansado.

— Foi assassinado — disse mestre Giacomo. — Numa viela perto de sua casa. Não se sabe quem foi. Temos de estar vigilantes.

Subimos uma rua íngreme e ventosa. Apesar das más notícias, não conseguia deixar de me sentir excitada com as cores, a vida, as diferenças e apercebi-me de que, apesar de ter lido tanto sobre Istambul e a sua história, não estava preparada para aquilo. As pessoas eram tantas, mais do que eu vira alguma vez, mesmo no centro de Brasov em dia de feira! Eu virava a cabeça de um lado para o outro, tentando apreender tudo ao mesmo tempo: lojas pequenas mesmo em cima da rua com pilhas de frutos estranhos, um homem de chapéu alto pesando um monte de pães redondos e achatados, um outro transportando, num burro, um par de sacos de pele cheios de qualquer coisa.

— Água — disse o meu pai, vendo-me a olhar para eles. — Vai entregá-los a uma casa qualquer. A maior parte das pessoas tem uma cisterna logo à entrada do portão. As entregas são diárias.

O barulho era ensurdecedor — vendedores a apregoarem as suas mercadorias, burros a zurrar, rodas de carroça a rolarem pelas pedras da calçada — como se o local estivesse quase a rebentar de

gente. Eu ouvira dizer que viviam mais de trezentas mil pessoas em Istambul, a maior parte turcos. Ali, no bairro mercantil de Gaiata, os rostos que via à minha volta eram de todos os tipos. Turbantes misturados com toucados menos firmes das regiões do sul; barretes de veludo de mercador lado a lado com solidéus judeus. A multidão era quase exclusivamente masculina.

— A Torre Gaiata — disse o meu pai, apontando para a colina.
— Construída pelos genoveses antes da conquista otomana. Em tempos muito recuados, este bairro foi uma cidade-estado independente. As fortificações mantêm-se. Sensatamente, os otomanos perceberam que era vantajoso serem tolerantes para com os mercadores estrangeiros e fizeram um acordo com os genoveses. O nosso *han* fica ao fundo desta rua.

O centro comercial onde íamos ficar era um edifício imponente em forma de retângulo com dois andares, rodeado de árvores e fontes. O térreo era circundado por um claustro e era por ele que se tinha acesso a uma série de divisões onde as mercadorias ficariam em segurança. A sombra da área coberta, os mercadores tinham bens em exposição: tapetes, porcelanas, sedas e havia conversações entres eles e pequenos grupos de clientes. No andar superior, ao qual se ia dar por uns degraus íngremes de pedra, eram os alojamentos, as salas privadas onde se faziam as reuniões de negócios, as instalações sanitárias e os banhos. Quando chegamos aos nossos aposentos, doíam-me os pés e a cabeça andava-me à roda por tentar absorver tudo o que via.

Foi um alívio ver outra mulher. Havia tão poucas na rua que eu começara a sentir-me desconfortavelmente conspícua. A mulher de Giacomo, Maria, surgiu da galeria muito atarefada, apresentou-se, prometeu que nos arranjará café e mostrou-nos as nossas instalações, que não eram luxuosas. A maioria, explicou ela, destinava-se a mercadores que viajavam sozinhos e eram constituídas por um pequeno quarto e uma sala ligeiramente maior. As nossas tinham mais um espaço do tamanho de um armário, com uma pequena janela de vidros vermelhos e azuis e eu percebi que seria ali que dormiria. Olhei para ele duvidosamente, mas agradei no meu melhor grego, língua que melhoraria ao longo dos dias porque seria nela que decorreriam as nossas negociações em Istambul.

— Bem, Paula — disse o meu pai quando Giacomo e Maria saíram — cá estamos. Perdemos Salem, o que não é nada bom, mas suponho que vamos ser capazes. Pedi a Giacomo que dissesse por aí que precisamos de um guarda-costas. Faremos as entrevistas logo de manhã.

Logo de manhã, aparentemente, queria dizer antes do desjejum. De qualquer modo, eu acordei ao alvorecer com voz despertadora de um *muesgin* a chamar à oração de um minarete na vizinhança. No pátio, por baixo dos nossos alojamentos, estava um grupo heterogêneo de homens à espera. O meu pai chamou-os à galeria um a um e eu fiquei a observá-los do nosso quarto pela frincha da porta do nosso quarto, de véu na cabeça. Alguns deles falavam apenas turco e outros não sabiam os nomes dos seus anteriores empregadores. Alguns recuaram quando souberam que o seu trabalho seria proteger uma mulher e um ou dois não teriam força para lutar contra um *terrier*.

O meu pai e eu compreendíamos-nos bem. Não precisamos de palavras para concordar com uma pequena lista de três cândida tos, a quem o meu pai pediu que esperassem no pátio. Sentamos na galeria onde tinham sido colocadas uma mesa com tampo de azulejo e duas cadeiras. Naquele bairro genovês, sabia-se que nem todos os visitantes estavam habituados a sentar-se em almofadas de pernas cruzadas, como os Turcos.

Do nosso ponto de observação víamos os candidatos a guarda-costas de pé, em redor de uma pequena fonte, pouco à vontade.

— Escolha, Paula — disse o meu pai. — Qualquer um deles serve. Todos eles falam grego e turco e são bem musculosos.

— Tem certeza de que quer que seja eu a tomar a decisão, pai?

— O homem vai passar mais tempo contigo do que comigo. — A sua atenção foi desviada para um movimento mais ao longe, na galeria. — Desculpe, é só um momento. Tenho de falar com Giacomo antes que ele vá embora... — o meu pai levantou-se e dirigiu-se aos alojamentos do mercador genovês, deixando-me a matutar na questão do guarda-costas.

De fato não gostara muito de nenhum dos candidatos, apesar de reconhecer que serviam. O primeiro parecera-me brigão. O segundo, ao ver-me, aproveitara um momento de desatenção do meu pai para me lançar um olhar de que não gostei e havia qualquer coisa no tom de voz do terceiro que me dizia que estava confuso sobre o porquê da minha presença em Istambul, quanto mais sobre a minha necessidade de proteção. Olhei de novo para baixo, vi que havia um quarto homem na relva, junto da fonte, ao lado deles e o vi fazendo-lhes perguntas e recebendo uma abanadela de cabeça como resposta. Seguiu-se uma breve e intensa disputa e o recém-chegado subiu as escadas para o nosso andar, galgando os íngremes degraus com três passadas fáceis.

Olhei ao longo da galeria, mas não vi sinais do meu pai. O homem avançava na minha direção em grandes passadas. Quando chegou a quatro passos de mim, parou. Respirei fundo e levantei os olhos para ele. Parecia que nunca mais acabava. O homem era uma cabeça mais alta do que os outros três e, francamente, o jovem mais intimidante que eu vira em toda a minha vida. Os seus olhos eram de uma incomum cor verde-amarelada e tinham uma intensidade que sugeria estar pronto a atacar a qualquer momento. O seu rosto era largo, com maçãs-do-rosto bem definidas e maxilares fortes e a sua tez era pálida. Uma cicatriz percorria-lhe a face direita, desde o olho ao queixo. Os seus cabelos escuros eram espessos e desalinhados. Era evidente que tentara domá-los, mas sem resultado. Os ombros eram largos e os braços musculosos. O homem vestia calças largas, uma longa camisa branca atada à cintura e um casaco bordado por cima. À cintura, num cinto largo, tinha uma série de facas e nas costas uma cimitarra embainhada. Esperei impacientemente que ele me perguntasse onde estava o meu pai porque estava a ficar com um jeito nas costas.

Abruptamente, o enorme jovem caiu de joelhos, apanhando-me de surpresa. Os seus olhos ficaram quase ao nível dos meus.

— É a mercadora que está à procura de um guarda-costas? — perguntou ele num grego fluente.

Sorri. Não pude evitar. Se me fosse dado voto na matéria, escolheria aquele gigante só por causa daquela pergunta.

— Está rindo de mim? — perguntou o grande jovem.

— Não de você. O meu pai é que é o mercador. Eu sou só sua assistente. — Olhei por cima do seu ombro. Não havia sinais do meu pai e os homens no pátio começavam a ficar inquietos. Era contra as regras da etiqueta social ser eu a conduzir uma entrevista sozinha, apesar de, como o seu comportamento sugeria, aquele homem não

ser muçulmano. Seria melhor dizer-lhe que esperasse no andar de baixo ou avançar, poupando tempo e esforço ao meu pai? Estava ali para ajudar, afinal de contas, para provar o meu valor. Compus-me, assumi uma expressão severa e perguntei:

— O seu nome?

— Me chamo Stoyan, *kyria* — disse ele, usando a forma educada de falar a uma senhora. — Sou búlgaro.

— O meu nome é Paula. O meu pai é mestre Teodor de Brasov — disse eu, indicando o nome que o meu pai usava nos seus atos oficiais. A cidade mercantil de Brasov era a sua e a minha terra natal. — Nós vimos da Transilvânia. Será demais esperar que também fale turco?

— O meu antigo patrão era o mercador Salem bin Afazi, *kyria*. O meu turco não é o de um homem educado, mas falo e compreendo fluentemente a língua. Tenho vinte anos, sou saudável, estou

bastante familiarizado com a cidade e tenho as capacidades que se exigem de um guarda-costas.

Salem bin Afazi — que coincidência estranha. Não podia dizer o que me ia no pensamento: Stoyan não fizera um bom trabalho ao serviço do seu antigo patrão. Hesitei. Vinte anos apenas. O rapaz parecia mais velho. Stoyan continuou ajoelhado na minha frente, de olhos fixos no chão. Não me disse mais nada. Ansiava pelo regresso do meu pai, mas ele continuava invisível. Finalmente, decidi-me.

— Salem bin Afazi era amigo do meu pai. Ficamos chocados quando soubemos da sua morte. O que aconteceu?

Stoyan pôs-se de pé. A sua voz transformou-se num murmúrio.

— Ele me deu três dias de folga. Saí da cidade. Quando voltei já estava morto.

Aquilo era desconfortável.

— Olhe para mim — disse eu. Stoyan rojou-se aos meus pés.

— Se eu pudesse voltar atrás, *kyria* Paula, acredite que não me afastaria um dedo do meu senhor. Tê-lo-ia defendido até à morte. Mas agora não há nada a fazer. Eu não estava lá e ele morreu.

— Por que razão está aqui? — perguntei-lhe, resistindo ao desejo de lhe dar uma pequena palmada no ombro para consolá-lo e de lhe oferecer imediatamente o emprego. Supostamente era assistente do meu pai, tinha de comportar-me como tal. — Compreende, certamente, que o que me disse não abona em nada a sua competência como guarda-costas. Além disso temos mais candidatos.

Stoyan pôs-se de pé, qual torre.

— Claro — disse ele calmamente. — Desculpe-me. — Antes que eu tivesse tempo de lhe responder, ele já estava no fundo dos degraus.

— Maldição — resmunguei quando, finalmente, o meu pai se juntou a mim e olhou também para o pátio. A velocidade a que aquele homem andava, já não tinha tempo de chamá-lo. — Porque é que eu disse aquilo?

Enquanto falava, o búlgaro fez uma pausa por um brevíssimo momento e olhou por cima do ombro para onde eu estava, encostada ao corrimão. Os seus penetrantes olhos dourados encontraram os meus. Gritar seria inconveniente, mas formei a palavra cuidadosamente com os lábios: *Espera*.


Stoyan, em vez de se dirigir para o portão, dirigiu-se diretamente para a fonte, de braços cruzados. Tinha certeza de que bastaria um olhar para afastar um pequeno exército de assaltantes.

Era evidente que ficaria segura com ele. Olhei para o meu pai e ele olhou para mim com uma pergunta nos olhos.

— Aquele — disse eu. O meu pai sorriu.

— É o mais bonito, não há dúvida — disse ele. — Talvez não devesse tê-la deixado escolher, Paula.

— Não seja tolo, pai. — Mas era verdade. Stoyan era um belo espécime. Não que estivesse interessada nele. Bastava que me guardasse como devia ser. — Isso nunca me passou pela cabeça.



CAPÍTULO DOIS

Stoyan era um homem de poucas palavras. Quando soube que fora contratado como meu guarda-costas enquanto durasse a nossa estadia em Istambul, sujeito a uma avaliação freqüente, saiu por breves momentos, regressou com uma pequena trouxa e anunciou que dormiria no lado de fora dos nossos alojamentos, num cobertor. Nem o meu pai nem eu levantamos qualquer tipo de objeção. De fato, não havia outro lugar onde ele pudesse ficar. O apartamento estava escassamente mobiliado com uma cama e uma arca no quarto do meu pai, uma enxerga e uma arca menor no meu e uma mesa baixa e umas almofadas no central, o qual também tinha uma pequena lareira com uma chaminé que parecia um capuz pontiagudo. Não havia mais nenhuma cama e como Stoyan explicou concisamente, era melhor ele ficar por perto durante a noite. Eu não

pensara na possibilidade de haver perigo no *han*, que tinha dois guardas permanentes ao portão e que era usado, apenas para comércio, mas ele pareceu-me tão sério que não disse nada.

Ficamos os dois um pouco admirados com a maneira como o jovem búlgaro assumiu eficientemente o controle das nossas coisas pessoais e em breve estava convencida de que as suas palavras apaixonadas sobre o seu anterior patrão eram verdadeiras porque levava a cabo os seus deveres com uma eficiência dedicada. Qual seria a sua história? Provavelmente nunca nos contaria.

Stoyan só falava quando precisava dizer algo relacionado com o seu trabalho, o que provava que a sua idéia de dever era mais larga do que nós pensáramos.

Havia sempre vendedores de comida e de bebida perto do *han* e Stoyan arranjou uma maneira de encomendar regularmente as nossas refeições. No pátio, um homem empreendedor instalara um negócio de chá e café, consciente, evidentemente, de que o consumo constante de tais bebidas era essencial ao regular decorrer de todo o tipo de negociações comerciais. Não era nossa intenção servirmo-nos do nosso guarda-costas por tudo e por nada, mas soubemos rapidamente que Stoyan fazia muitas coisas sem que fosse preciso dizer-lhe.

Eu me levantava sempre cedo, mas não tão cedo quanto ele. Quando saía todas as manhãs do meu armário, já ele arranjava água quente e pendurara uma cortina em frente da porta principal. Stoyan ficava de guarda enquanto eu me lavava. E quando já estava lavada e vestida, com os cabelos trançados e o véu em volta do pescoço, pronto para cobrir a cabeça a qualquer momento, aparecia o meu pai. Stoyan levava os baldes, trazia-me um pequeno púcaro de café e eu me sentava na galeria a bebê-lo enquanto o búlgaro escoltava o meu pai ao *hamam* vizinho, os banhos públicos. Não é necessário dizer que o jovem arranjava uma maneira de fazer com que o guarda do portão me mantivesse debaixo dos olhos durante a sua ausência, o que era desnecessário porque eu era perfeitamente capaz de olhar por mim mesma durante uma hora ou duas. A minha vida, na Transilvânia, não fora a de uma menina protegida, apesar da nossa casa ser isolada e tranqüila. No entanto, descobri que era agradável ter um guarda-costas e senti-me envergonhada porque tal reação não era própria de uma mulher independente.

Os alojamentos estavam todos abarrotados. Giacomo devia ser muito influente para nos ter arranjado aquele apartamento tão de repente. As visitas dos clientes eram constantes. Num dos extremos do edifício havia um recanto para os cavalos e os camelos, o que aumentava o número de odores. O acesso ao pátio, para quem vinha da rua, fazia-se por um arco com portões duplos. Os guardas, um diurno e outro noturno, estavam sempre armados de cimitarra. Ninguém era admitido sem as necessárias credenciais, de uma espécie ou de outra.

Não devia ser fácil apresentar uma garota como assistente oficial, mas o meu pai, apesar do fato de eu ser sua filha, fez uma abordagem pragmática. Quando as pessoas subiam as escadas para falar com ele, viam-me sentada no chão, a um canto, de pernas cruzadas, com a saia modestamente disposta e o véu no lugar, uma pena na mão e a tinta e o bloco-de-notas encadernado em cima da mesa baixa, na minha frente. O meu pai explicava por breves palavras o meu papel, eu anuía, sorria e depois tomava notas.

— Nem nos círculos genoveses ou venezianos mais liberais é costume uma jovem assumir tal responsabilidade — disse-me ele. — Por outro lado, além de gostarem da novidade, querem negociar comigo. Se algum deles decidir levar a mal a situação, saberei através das lojas de chá ou do *hamam*. Se isso acontecer, teremos de rever a nossa estratégia.

Os dias passaram-se e eu registrava as conversações e as vendas, ansiosa para sair do centro de comércio e ir ver a cidade. O tempo estava perfeito para passear, a Primavera era muito mais quente do que na nossa terra. Os aguaceiros súbitos e torrenciais, que apareciam de vez em quando, desapareciam rapidamente, deixando o ar fresco e úmido. Estava cada vez mais farta de números e desesperada para sair. Stoyan conhecia a cidade, tinha

certeza de que ele poderia me levar para ver os parques à beira-mar, a mesquita rodeada de minaretes, antiga basílica de Hagia Sofia e o palácio amuralhado do Sultão, junto do Bósforo... Mas talvez não. Ir a tais lugares exigia a travessia do Corno Dourado, mas pelo menos poderia ir com ele à Torre Gaiata. Dali teria uma boa vista da cidade. Ou poderíamos ir às docas, ao mercado de peixe ou a outro lugar qualquer, desde que fora daquelas paredes. Apesar do meu amor pelos livros e pela ciência, estava habituada a fazer exercício e perguntei a mim mesma se deveria lembrar ao meu pai a pessoa de Irene de Volos e a sua biblioteca. Ele estivera sempre muito ocupado desde a nossa chegada para pensar noutra coisa que não nos negócios, mas talvez, se pudesse sair do centro de comércio, talvez conseguisse ver mais uma vez a mulher de negro. Talvez ouvisse de novo a voz tão parecida com a da minha irmã.

Enquanto os homens estavam nos banhos ou ocupados, adquiri o hábito de andar pelo *han* com os ouvidos abertos, atenta a informações úteis. Os mexericos em volta da casa de chá disseram-me que o português, Duarte da Costa Aguiar, andara fazendo perguntas sobre antigüidades e que visitara duas vezes um certo armênio desde que o *Esperança* atracara no Corno Dourado. Até então, as averiguações discretas por parte do meu pai sobre o artefato raro tinham-se mostrado infrutíferas. A morte de Salem bin Afazi colocara a comunidade em sobressalto e as pessoas tinham relutância em falar.

Pousamos o tabuleiro do chá na pequena mesa e instalamo-nos, o meu pai e eu, nas almofadas. Stoyan estava junto da porta com

um minúsculo copo cor de rubi nas mãos enormes. Sentia-me embaraçada porque queria passar-lhe rapidamente aquela informação, mas devido à presença de Stoyan, hesitava.

— Pai?

— Sim, Paula?

Olhei para o guarda-costas, tentando não ser muito óbvia.

— Ouvi dizer uma coisa que pode ser útil — disse eu —, relacionada com a razão da nossa estadia aqui. A nossa principal razão, claro.

— Stoyan, importa-se de sair por uns instantes? — perguntou o meu pai em tom cortês.

O búlgaro hesitou e disse:

— Espero na galeria, se é esse o seu desejo. Porém, devo dizer-lhe que já sei por que razão está em Istambul. Trabalhei para Salem durante algum tempo e tinha a sua total confiança, necessária devido aos seus negócios, sempre muito arriscados. Ele falou do senhor e de como lhe mandara dizer que esse tal artefato estava chegando à cidade. Devo também dizer-lhe que acredito que Salem perdeu a vida devido ao seu envolvimento na venda desse objeto especial. Se quer que eu proteja devidamente a *kyria* Paula, talvez seja melhor eu estar presente quando falar dos seus planos.

Olhamos os dois para ele e eu senti um arrepio pela espinha abaixo. Nunca lhe ouvira um discurso tão completo. Ainda por cima, o homem parecia saber do que estava falando.

— Porque não nos disse isso logo no início? — perguntei-lhe. — Quando falou pela primeira vez comigo? Não percebe que teria sido uma informação da maior importância para nós?

Stoyan olhou para o minúsculo copo que tinha nas mãos. Era evidente que não queria olhar para mim.

— Este assunto não é apenas confidencial, é extremamente arriscado — disse ele. — Perseguir esse artefato é a mesma coisa que dar de cara com homens perigosos, homens poderosos que recorrem a todos os meios para conseguir os seus fins. Pareceu-me que ainda era cedo para lhes dizer o que sabia.

— Encobriu as suas verdadeiras intenções, Stoyan — disse o meu pai —, mas eu compreendo. Esperou até estar convencido de que *nós* éramos de confiança.

— Não era minha intenção insultá-lo, mestre Teodor. Salem bin Afazi tinha muita consideração por você. Ele me falou da sua integridade, mas a experiência tornou-me cuidadoso e lamento profundamente ter posto de lado o cuidado por ocasião da sua morte. Cometi um erro muito grave.

— Custa-me a acreditar que o meu velho amigo tenha morrido por causa desse artefato — disse o meu pai. — Na sua nota, Salem dizia que não tencionava licitar pela peça.

— É complicado, mestre Teodor. Mesmo que tivesse provas, que não tenho, apenas o meu instinto, há razões que me levam a não tornar públicas as minhas suspeitas.

— Espero que, com o tempo, nos conte mais, Stoyan. Entretanto fique, por favor e ouçamos o que Paula tem para nos dizer.

Passei a minha informação o melhor que pude. O mercador armênio, cujo nome fora mencionado na mensagem que Salem bin Afazi enviara ao meu pai e o fato de o português o ter visitado duas vezes com perguntas sobre antigüidades.

— Ouvi o homem falar de qualquer coisa relacionada com uma casa azul — disse eu. — Acho que foi o que ele disse. Perto da mesquita Árabe. Muitos degraus e difícil de encontrar, segundo parece.

— Interessante — disse o meu pai, pousando o copo em cima da mesa. — Os seus ouvidos apurados serviram-nos bem, Paula.

»É a primeira indicação que temos de que o artefato que procuramos já está em Istambul e com ele o seu vendedor. No entanto, não podemos ir a essa casa azul e bater simplesmente à porta. É melhor mandarmos uma mensagem discreta. Isto se conseguirmos encontrar o local. — O meu pai olhou para Stoyan.

— Mas parece que foi isso mesmo que o pirata fez, pai — disse eu. — O que lhe dá uma vantagem preciosa.

— E colocou-se, desse modo, em perigo, ao passo que nós, até agora, conseguimos evitá-lo. Stoyan, será possível alguém ter acreditado que o meu velho amigo Salem estava na posse do

artefato de que estamos falando? Que tenha sido assassinado para o roubarem?

— Não sei dizer — disse o búlgaro. Eu via em seu rosto que o assunto era sensível e doloroso, apesar de ter sido o primeiro a mencioná-lo. — A casa de Salem bin Afazi é no mesmo quarteirão da mesquita que a *kyria* Paula mencionou e ele estava perto dela quando... quando aquilo aconteceu. — A sua voz transformou-se num murmúrio. — Esse artefato... rodeiam-no muitas histórias, histórias que certas pessoas acham profundamente inquietantes. Correm rumores... — Stoyan calou-se, claramente desconfortável perante aqueles dois pares de olhos perspicazmente determinados.

— Continue — disse o meu pai.

— Eu acompanhei Salem em muitas missões e fui a muitas casas e lugares de comércio. Não sou um homem instruído, mas aprendi a ouvir. Esse objeto, a *Dádiva de Cibele*, tem uma longa história. Já há algum tempo, mesmo antes de sabermos que ele fora encontrado e que seria posto à venda, que correm histórias pela cidade, histórias que inquietaram os *imams*.

— Tenho perguntado a mim mesmo por que razão Salem não quis comprar a *Dádiva de Cibele* — disse o meu pai. Como Stoyan já dissera o nome, não havia razão para calá-lo. Porém, o guarda-costas pronunciara-o em voz baixa. Num centro de comércio como aquele, as paredes tinham ouvidos. — Foi extremamente generoso da sua parte dar-me oportunidade de comprá-lo. Deve haver muitos colecionadores em Istambul e nas regiões próximas capazes de pagar uma fortuna por um artefato assim. Salem podia ter ganho uma bela quantia.

Stoyan pareceu querer dizer qualquer coisa, mas pensou melhor.

— O que é, Stoyan? — perguntei.

Os estranhos olhos encontraram os meus.

— Ele não teria feito isso, *kyria*. Salem era muçulmano, rezava todos os dias, vivia de acordo com os princípios da sua fé. Como

comerciante, corria certos riscos. Um deles foi alertar o seu pai para a chegada provável desse objeto raro à cidade. Envolver-se pessoalmente teria sido... falta de prudência.

Estava a escapar-me qualquer coisa.

— Não compreendo — disse.

— Você falou dos imãs. — O meu pai estava vários passos à minha frente. — Está querendo dizer que os líderes religiosos islâmicos não aprovam a sua venda? Por que razão? A *Dádiva de Cibele* pode ser um artefato pagão, mas é extremamente antigo. Segundo se diz, o culto morreu há oitocentos anos. Evidentemente, há muita superstição ao redor dele, mas...

— Conta-se uma história... — Stoyan parecia relutante, mas face ao nosso silêncio expectante, continuou. — Um boato. Que o culto de Cibele renasceu aqui em Istambul. Um ritual antigo, idólatra, chocante e violento. A idéia provocou a fúria dos que estão em

posição de influência nas mesquitas. Salem nunca conseguiu saber se é verdadeiro.

— Mais uma razão — disse eu, pensando em voz alta — para as pessoas quererem o artefato. Isto para não falar do lucro ou da boa sorte.

— Se tal culto existe, a posse da *Dádiva de Cibele* pode fortalecê-lo — disse o meu pai. — Um tal revitalismo pagão pode ser visto como uma ameaça aos chefes islâmicos. Isto se a história for verdadeira.

— O que sabe sobre a *Dádiva de Cibele*, Stoyan? — perguntei.
— O que Salem dizia dele?

— Que tem as últimas palavras de uma antiga deusa. Diz-se que os pés dela eram como as raízes da árvore mais profunda e que milhares de pássaros e insetos faziam ninho nos seus cabelos. Tocar no artefato é como tocar no poder da própria Terra.

As palavras do búlgaro provocaram-me um arrepio na espinha. Aquela interpretação tradicional parecia-me mais profunda do que a que lêramos, o meu pai e eu; que o artefato dava sorte ao seu proprietário e aos seus descendentes.

— Parece que acredita — disse eu, arrependendo-me logo a seguir porque ele fechou novamente o rosto, como se tivesse ficado ofendido.

— Eu não sou um homem educado, evidentemente — disse o búlgaro.

Pareceu-me que o búlgaro ficara envergonhado. Perguntei a mim mesma o que ele pensaria se lhe contasse a minha versão da história, na qual as forças sobrenaturais da natureza desempenhavam um papel significativo.

— Se alguém fez renascer o culto — disse eu — então suponho que se pode dizer que o artefato lhe pertence, não a compradores como nós. Por outro lado, o homem que financiou a nossa viagem é um colecionador genuíno, erudito e responsável, capaz de dar valor à peça e de olhar por ela.

— Podemos ficar aqui horas a discutir o assunto sem chegar a lugar nenhum — disse o meu pai. — O fato é que, como mercadores, somos apenas intermediários, compramos e vendemos para benefício de outros e enquanto gastamos tempo a ponderar nas nossas motivações, os nossos competidores estão em vantagem. Não vou permitir que isso aconteça com a *Dádiva de Cibele*; há muita coisa em jogo. Stoyan, quero que leve uma mensagem à casa azul. Não vou escrever nada. Pergunte se há algum armênio na residência e, se a resposta for positiva, diga que o mercador Teodor de Brasov deseja falar com ele sobre um assunto comercial muito sensível e que irei encontrá-lo quando lhe convier.

Stoyan anuiu e olhou para mim, como se estivesse esperando que eu acrescentasse qualquer coisa à mensagem.

— Tenha cuidado — disse eu.

Estávamos à espera de um grupo de mercadores venezianos antes do meio-dia, para discutir um futuro fornecimento de peles em bruto e curtidas. O meu pai ansiava por fechar o negócio em condições favoráveis, sem muitas condições. Em especial, queria objetos de vidro de qualidade. Se os venezianos fizessem chegar a mercadoria a Constantinopla, nós a embarcaríamos no *Stea de Mare* ou noutro barco semelhante para Constanta, onde começaria a viagem por terra. O meu pai e Costi tinham carroceiros de confiança e guardas excelentes. Além do mais havia pagamentos a fazer no caminho — não só as taxas impostas pelos suseranos turcos, mas também as somas não oficiais que assegurariam que a carga não ficaria meses num armazém, em algum lugar. Era uma questão de bom senso no competitivo mundo do comércio e como, inesperadamente, eu me via no papel de assistente do meu pai, estava tentando aprender o mais depressa possível.

Tivera mais sorte do que muitas garotas. O meu pai vira em mim o valor da educação e após vários anos sob a tutela do nosso padre local, eu passara os últimos Invernos em casa de uma amiga de uma tia minha, em Brasov, partilhando o mesmo tutor dos seus filhos, um arranjo pouco ortodoxo, mas nós éramos uma família pouco comum. A minha irmã Jena já fora a Veneza, a Nápoles e a Viena em negócios com o marido e a minha irmã seguinte, Iulia, casara com um homem cuja família criava cavalos. Se bem que ocupada a produzir filhos, Iulia desenvolvera o tal sexto sentido que permite a uma pessoa ver se um determinado potro é capaz de se tornar um macho de qualidade ou um ganhão. Quando éramos

mais novas, eu achava que Iulia era volúvel, acreditava que ela se interessava apenas por festas e adornos, mas acabei por perceber que tinha jeito para o negócio, como o meu pai. A família do seu marido tinha muita consideração por ela.

A minha irmã mais nova, Stela, tinha apenas onze anos. Ainda era cedo para dizer o que viria a ser como mulher, mas era inteligente. Podia vir a ser uma erudita como eu, uma mercadora como Jena ou uma esposa, uma mãe e uma conselheira familiar influente, como Iulia. Ou talvez fosse a única a conseguir encontrar o caminho de volta ao Outro Mundo. Ao contrário de mim, Stela nunca perdera a esperança de consegui-lo, um dia.

Quanto à minha irmã mais velha, Tatiana, a quem chamávamos Tati, não esperávamos voltar a vê-la; apaixonara-se por um jovem estranho vestido de negro e fora para onde não a poderíamos ver. Seis anos era muito tempo. O filho de Jena, Nicolae, tinha três anos, o de Iulia estava aprendendo a andar e a sua filha era uma bela menina. Tati perdera tanta coisa! Perguntei a mim mesma se teriam filhos, ela e Tristeza, e como seriam.

O meu pai e eu sentamo-nos na galeria a beber chá e a prepararmo-nos para a reunião com os venezianos. Havia sempre gente no pátio, uma espécie de versão em ponto pequeno da maré

colorida que enchia as ruas de Istambul. A maior parte dos ocupantes do *han* eram genoveses, mas os seus clientes eram de toda a parte. Um grupo de funcionários turcos, vestidos com túnicas elaboradamente bordadas entrou para falar com Giacomo e o seu sócio, escoltados por homens armados e com chapéus altos na cabeça. Janízaros, disse-me o meu pai. A força militar do Sultão, formidáveis em combate e leais até à morte. O guarda do *han* não lhes pediu as credenciais habituais, deixou-os passar sem uma palavra. Os homens não se demoraram.

O Sultão não fazia as suas compras ali, claro. Os que compravam em seu nome negociavam exclusivamente com empresas sob o seu controle pessoal. Se era necessária outra coisa qualquer, por exemplo uma tinta especial ou um manuscrito raro, um emissário chamava o mercador ao palácio. Nem sequer os comerciantes mais respeitados passavam do pátio exterior. O Sultão e a sua corte viviam rodeados de seguranças e protegidos por rígidas regras protocolares. Numa hierarquia onde qualquer homem de linhagem direta podia ascender ao trono, os assassinios eram um fato da vida. Eu ouvira falar de histórias terríveis.

— Concentre-se, Paula — disse o meu pai. — Preciso que esteja atenta nesta reunião. Vigie-lhes os olhos e as expressões. O tal Alonso di Parma é conhecido por ser manipulador. Temos de ser exatos em relação às taxas; quem paga à entrada da mercadoria neste porto e se há algum imposto adicional na transferência para o nosso navio para a viagem para norte. Se eles o pagarem, podemos contrabalancear com a taxa sobre as peles.

— Sim, pai. — Distraíra-me por causa do aparecimento de uma visitante. Uma mulher bem proporcionada, elegante, de cerca de trinta anos subia os degraus ao fundo, provavelmente para visitar Maria e a sua amiga Claudia, casada com outro mercador genovês. Os seus cabelos estavam cobertos por um véu verde-escuro muito fino, com uma fila de minúsculas medalhas de ouro cosidas em redor da orla, enquadrando-lhe o rosto. Por baixo uma túnica ao estilo grego, verde e dourada e por baixo desta uma saia flutuante. O conjunto era completado com uns chinelos dourados.

Olhei para o meu próprio vestido, achando-o subitamente um pouco modesto demais. Ao escolher as minhas roupas, tivera em atenção o decoro, não o estilo. Naquele momento usava uma túnica cinzento-pomba com uns trancelins discretos no pescoço e nos pulsos e um lenço azul. Por outras palavras, estava vestida como assistente do meu pai, não como uma mulher de dezessete anos e por um momento vi-me querendo chinelos dourados e um vestido que me fizesse bela.

A mulher elegante desapareceu nos aposentos de Maria. O seu guarda-costas, um homem grande de cafetã e turbante, ficou na galeria, à espera. Encontrei-lhe o olhar sem querer e ele inclinou ligeiramente a cabeça. Havia algo de estranho nele: uma certa

gordura nas feições, um certo estilo. Não conseguia entender exatamente.

— Um eunuco — disse o meu pai, reparando na minha curiosidade. — Verá alguns de vez em quando em Istambul, geralmente escoltando dignitários do palácio. Entre os escravos de confiança do Sultão há vários eunucos, pretos e brancos. Os primeiros guardam o harém e os segundos tratam dos negócios da casa em geral, incluindo a educação dos filhos do Sultão e dos nobres. São funcionários de alto estatuto, mas são escravos.

— Ah — disse eu. — Mas ele veio com uma senhora que parecia ser cliente. Uma grega, talvez.

— Não reparei. Mas é raro. Os infiéis, quer dizer, os estrangeiros, os não muçulmanos, raramente têm oportunidade de empregar tais pessoas nas suas casas. Não olhe, Paula.

Embaraçada, voltei a minha atenção para o assunto em questão. Voltamos aos nossos números. Os venezianos estavam atrasados.

Discutimos o que faríamos se eles não aparecessem. Quando ouvimos o guarda ao portão do *han* a pedir as credenciais a alguém, o meu pai e eu levantamo-nos, certos de que os nossos visitantes tinham chegado, mas era Stoyan. O búlgaro atravessou o pátio, dirigiu-se às escadas, subiu os degraus com a sua velocidade habitual e apressou-se na nossa direção pela galeria fora. Reparei que vinha um pouco ofegante. Nunca o vira assim.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou-lhe o meu pai.

— Não, mestre Teodor. Fui à tal casa azul. O mercador convida-o a ir lá imediatamente. Voltei o mais depressa que pude, consciente de que, para você, o assunto é urgente.

O meu pai não era dado a pragas, mas tive certeza de que resmungou uma em voz baixa.

— Não posso ir agora — disse ele. — Estou à espera de uns comerciantes a qualquer momento. Se não recebê-los, posso perder um negócio importante.

Stoyan já respirava melhor. Desconfiei que fizera o percurso todo correndo.

— Lamento, mestre Teodor. A princípio o criado não quis ouvir a minha mensagem e eu achei prudente mencionar Salem bin Afazi. Só então fui recebido. Disse ao mercador que o senhor era amigo de Salem, apesar de ser da Transilvânia.

— Ele me receberá logo à tarde?

— Ele disse — respondeu Stoyan em tom apologético — que a sua visita tinha de ser rápida porque estava à espera de outras visitas.

— Isto é loucura — resmungou o meu pai. — Ter a oportunidade na palma da mão e deixá-la fugir... Não posso estar em dois lugares

ao mesmo tempo.

— Eu posso ir — arrisquei.

— Não acho que seja sensato. — A resposta de Stoyan foi imediata e categórica.

Olhei para ele, ultrajada.

— Não cabe a você decidir! — era muito fácil dizer aquilo, o homem não estava fechado naquele *han* o dia todo. — Sou perfeitamente capaz.

— Concordo totalmente com Stoyan — disse o meu pai. — Este armênio não está preparado para tratar deste assunto com uma

garota. Além do mais é muito arriscado — acrescentou ele, suspirando. — Parece que deixamos passar a oportunidade.

— Posso fazer uma sugestão? — perguntou Stoyan, surpreendendo-me. — A *kyria* Paula pode negociar com os comerciantes que vêm aí, não pode? Eu posso pedir que o guarda do *han* fique à vista, desde que as negociações decorram na galeria. Acredito que será mais seguro para ela. O senhor vai precisar de mim para lhe mostrar o caminho, mestre Teodor. A casa azul não é fácil de encontrar.

O meu pai abriu a boca para dizer não — via-lhe a dúvida nos olhos — mas fechou-a quando eu ergui o queixo e olhei fixamente para ele.

— Eu sou capaz — disse eu. — Sei tudo sobre o negócio, incluindo impedir que Alonso di Parma tente me enganar. Explicarei que os termos serão provisórios até o momento da sua assinatura. Vá, pai. É essencial que veja esse armênio. Pode ser a nossa grande oportunidade.

— Não sei...

— Eu sou capaz, pai — repeti.

— É muita coisa para você... — o meu pai já estava à procura da capa, do chapéu e das suas melhores luvas.

— Eu gosto de um bom desafio, pai. O senhor sabe isso.

Ao saírem, Stoyan olhou para mim e inclinou ligeiramente a cabeça. Não respondi. Não sabia bem como me sentia, se defraudada, se grata. A única coisa que sabia era que surpreendera a mim mesma mais uma vez.

Quando os mercadores venezianos começaram a despedir-se, eu estava por um fio. Todo o meu corpo estava pegajoso de suor e tinha os nervos à flor da pele. Alonso di Parma não tentara me enganar, mas tentara ser condescendente, tentara me fazer revelar alguns segredos, mas assim que percebera que eu sabia o que estava fazendo, atirara-se a mim descaradamente. O homem tinha idade para ser meu pai.

Alonso fizera-se acompanhar pelos seus dois sócios. Um quisera ir embora imediatamente ao descobrir que teria de lidar comigo e o outro, cansado da caminhada até ao *han*, preferira descansar e beber um copo de chá. Agarrei a oportunidade, fui buscar a bebida no andar inferior e passei os copos como qualquer outra garota recatada, ao mesmo tempo que fazia certas declarações introdutórias — suficientes para interessá-los. Bastante tempo depois, após muitos outros copos de chá e outros tantos estratégias, chegamos a um acordo.

Refreei o júbilo e o aborrecimento, despedindo-me gentilmente dos meus visitantes. Fiquei na galeria até eles desaparecerem, tirei o véu, passei os dedos pelos cabelos e iniciei uma dança privada de triunfo. Quando parei, reparei que várias pessoas estavam olhando para mim. Uma delas era o eunuco, ainda parado à porta de Maria. A outra era um homem no pátio, olhando para mim sem expressão nas feições rapaces. O homem usava roupa de montar, prática e simples, cinzenta e castanha. O único tom de cor estava enrolado no pescoço: um lenço vermelho.

Subitamente, tomei consciência de que estava cansada e transpirada. Tinha trançado devidamente os meus cabelos de manhã, mas naquele momento estavam totalmente descompostos, caíam-me para a testa e para os ombros. Puxei o véu para a cabeça e retirei-me para o meu apartamento. O que Duarte da Costa Aguiar estava fazendo no centro de comércio genovês? Não à minha procura, certamente. Os seus olhos tinham passado por mim como se eu não passasse de mais um tijolo das paredes do *han*. Decidi descer com o pretexto de devolver o serviço de chá ao vendedor e de exigir ao pirata que me devolvesse o lenço. Mas não naquele estado.

Algum tempo depois emergi do meu apartamento com um vestido lavado e com os cabelos escovados, presos no alto da cabeça. A mulher do véu dourado estava no pátio falando com Maria, à sombra de um loureiro. O eunuco estava atrás dela. Junto

dela encontravam-se três ou quatro mercadores genoveses como um enxame de abelhas ao redor de uma flor exótica, o que não era de surpreender porque a mulher era muito bela. O seu rosto era de um oval perfeito, a pele cor de azeitona era suave e as feições não tinham qualquer defeito.

Ao fundo da galeria, alguém saiu da sombra, fazendo-me dar um pulo.

— Muito agradável — disse o pirata num grego carregado, olhando-me para os caracóis e para o vestido lavado. — O azul fica-lhe bem. Mas acho que prefiro os cabelos soltos.

Enquanto eu tentava encontrar palavras, Duarte Aguiar sentou-se no corrimão da galeria, ficando à vista de todo mundo no pátio. O homem estava violando tantas regras de comportamento que eu não conseguia pensar em nada para lhe dizer. Além do mais estava consciente de que ele estivera à minha espera enquanto eu fora mudar de roupa, separados apenas por uma cortina. Tentei ver onde estava o guarda do *han*, mas o português bloqueava-me por completo a visão. Se fugisse, sugeriria a minha incapacidade para lidar com a situação.

— Acho que não o conheço — disse eu em tom frustrado.

O pirata sorriu. Aguiar era um homem extremamente atraente, magro e alto, com os cabelos escuros presos por uma fita. Os seus olhos brilhavam maliciosamente num rosto digno de uma estátua grega, só que com mais caráter. A sua proximidade perturbava-me por razões que não tinham nada a ver com a inconveniência da situação.

— Está corada — disse ele. — Muito atraente. Acho que estou em vantagem em relação a você. Paula de Brasov, não é verdade? Eu sou Duarte da Costa Aguiar, comandante do *Esperança*, de Lisboa. Pronto, já fomos apresentados. Já pode falar comigo. Que tal Istambul? Gosta? O seu pai já a levou a ver Hagia Sofia? Ou o mercado coberto? Tenho certeza de que gostaria de ver os vendedores de livros.

Era como se tivesse andado a recolher informações a meu respeito. Com que propósito é que eu não conseguia imaginar.

A ansiedade tornava-me as palmas das mãos pegajosas. As pessoas deviam estar olhando para nós. Não queria que o meu pai soubesse que a sua filha estivera conversando sozinha com um visitante masculino. Com Alonso di Parma fora diferente, a reunião estava agendada e o guarda do *han* estivera permanentemente à vista, de acordo com as instruções de Stoyan. Assim que o mercador partira, o homem regressara aos seus deveres habituais. Precisava escapulir rapidamente e, se possível, polidamente.

— Como sabe? — perguntei, ao mesmo tempo que Duarte cruzava os braços, preparando-se, aparentemente, para uma longa conversa.

— Os boatos viajam depressa no bairro Gaiata — disse o português em tom ligeiro. — Deve saber que as pessoas falam no *hamam*. Aquele vapor todo solta as línguas. — Quando não respondi, Duarte semicerrou os olhos escuros e lançou-me um olhar perscrutador. — Não me diga que o seu pai não a deixa ir aos banhos — disse ele. — É essencial, quando vimos a Istambul, submetermo-nos ao vapor, às esfregadelas e às vergastadas. Nem se reconhecerá, menina Paula. Me daria imenso prazer apresentá-la pessoalmente às delícias do *hamam*, mas infelizmente sou muito homem para isso.

Senti-me corar ainda mais.

— Isto é muito inconveniente — disse eu com rapidez. — Senhor Aguiar, não posso ter uma conversa privada com você e desconfio que sabe disso. Se deseja algo, diga e, por favor, vá embora. O meu pai saiu em negócios. Se deseja falar com ele, agradeço que volte mais tarde.

— Mestre Teodor? Ainda não estou preparado para falar com ele. Estou aqui para lhe pedir desculpas.

— Por quê? — perguntei.

A sua mão de dedos longos e elegantes subiu e tocou no lenço vermelho.

— Por causa disto — murmurou ele.

— Não foi um presente — disse eu. — Se está arrependido por ter ficado com ele, basta devolver-me.

— Suponho que posso fazer isso, mas não me sinto inclinado a tal. Este lenço passou a ser uma espécie de talismã, menina Paula. Creio que vou ficar com esta pequena parte de você bem junto do meu corpo.

Senti um arrepio na espinha, perturbada e agradada ao mesmo tempo, bem contra a minha vontade.

— Por favor vá embora.

— Estou a embarçá-la?

— É evidente que não — menti. — Mas sabe muito bem que não devo estar aqui com você, sozinha. Não estamos falando de negócios.

— Ah! — Aguiar desceu do corrimão com um movimento gracioso e plantou-se na minha frente, simplesmente vestido, com as suas botas de montar muito bem engraxadas. O lenço vermelho fazia-lhe sobressair a beleza masculina. — Podemos falar de negócios, então? Vamos a isso. O seu pai trouxe uma carga de peles em bruto e curtidas e trigo, não trouxe? Eu não negocio com essas coisas. O que eu quero saber é o que ele veio comprar.

O meu coração deu um salto.

— Tem mercadorias para vender? — perguntei-lhe, reprimindo a resposta prestes a sair-me da boca «*Não tem nada com isso*» e mantendo o tom frio.

— Nenhuma — disse Duarte, encolhendo os ombros e abrindo as mãos. — Mas acho que mestre Teodor e eu podemos estar competindo por um determinado artigo. Parece que ele anda fazendo uma série de visitas. Como sua assistente, pelo menos foi o que ouvi dizer, talvez possa me fornecer mais pormenores se eu pedir com jeito — disse ele, sorrindo novamente com o olhar que, provavelmente, utilizava com garotas havia anos e anos, com resultados devastadores. Oxalá tivesse dado mais ouvidos à minha irmã Iulia, que passara a vida tentando me dar dicas sobre a maneira de lidar com os homens. Os seus conselhos, naquele momento, seriam bem-vindos.

— As coisas não são assim, senhor Aguiar — disse-lhe, limpando sub-repticiamente as mãos suadas na saia. — Nunca ouviu falar de confidencialidade? Pensei que era mercador, quando não está exercendo outras atividades.

O seu olhar alterou-se, tornando-se subitamente perigoso.

— E que atividades são essas? — o tom parecia seda envolta numa faca.

Pirataria. Roubo. Assassínios.

— Ouvi dizer certas coisas, o suficiente para saber que não posso falar de negócios com o senhor. Desejo-lhe um bom dia. Direi ao meu pai que esteve aqui — disse eu, virando-me, mas subitamente lá estava ele de novo, não me impedindo totalmente a passagem porque era um homem sutil, mas dificultando-me.

— Um momento — disse o pirata. — Não posso permitir que os boatos se espalhem, especialmente se correrem o perigo de chegar aos ouvidos de uma garota tão bela. Exatamente, o que ouviu dizer sobre mim e...

— Senhor Aguiar! — a confiante voz feminina cortou o discurso de Duarte. Viramo-nos os dois e vimos a mulher do pátio a dirigir-se para nós ao longo da galeria em passo lento, com os olhos postos no meu companheiro. Havia neles uma expressão que só podia ser descrita como paralisante. — Não está cansado, na sua idade, de brincar com garotas? Desejamos-lhe um bom dia. A menina Paula e eu temos uma reunião.

O pirata esboçou uma meia vênia, obedecendo sem uma palavra, o que me surpreendeu. No alto dos degraus, Aguiar virou-se e sorriu-me, despedindo-se com um ligeiro aceno de cabeça e desaparecendo logo a seguir.

— Obrigada — disse eu, pouco segura. — Temos uma reunião marcada? — Tentei lembrar-me se o meu pai estava à espera de mais algum visitante.

— Oficialmente não, se bem que Maria me tenha dito que a menina estaria preparada para me receber. Pareceu-me que o senhor Aguiar estava a perturbá-la. Conheço suficientemente o homem para lhe perceber os movimentos. Espero que não se importe de ter sido socorrida.

— Pelo contrário. A senhora é amiga de Maria?

— Que erro imperdoável da minha parte. Peço desculpas! O meu nome é Irene de Volos. Maria me disse que estava em Istambul com o seu pai, de quem ouvi falar muito bem. Ela disse que é, de certo modo, uma erudita.

Irene de Volos. Estava tudo explicado. Não admirava que Duarte lhe tivesse obedecido sem discutir, apesar de ter ignorado os meus pedidos para que se retirasse.

— É uma honra conhecê-la — murmurei. — Posso oferecer-lhe chá? — De perto, a sua ascendência grega era ainda mais evidente, especialmente no nariz aristocrata, ligeiramente arqueado, e no porte confiante. Os seus olhos escuros estavam habilmente debruados a preto e as suas sobrancelhas eram perfeitamente delineadas. O eunuco subira silenciosamente para a galeria e estacara junto dos degraus.

— Chá? — perguntou ela com um sorriso triste. — Para lhe dizer a verdade, já bebi hoje mais do que a minha conta. Vamos nos sentar e conversar um pouco, Paula. Maria diz que você tem ajudado o seu pai nos negócios. Gosto disso. A maior parte dos homens não permite que uma garota assuma tal responsabilidade, por mais aptidão que demonstre. Você fala grego muito bem.

— Obrigada — disse eu, olhando para os brincos de esmeraldas verdadeiras e pérolas do tamanho de ovos de codorniz que lhe caíam ao longo do gracioso pescoço. — Gosto muito de ler e de estudar. Sou mais erudita do que mercadora.

Irene sorriu.

— Não se subestime, Paula. Alonso di Parma não saiu daqui há pouco com uma olhar de satisfação no rosto?

— Primeiro ele e depois Duarte Aguiar — disse eu com uma careta. — Que dia. — Um momento mais tarde percebi que estava falando como se a conhecesse, como se estivesse me dirigindo a uma de minhas irmãs.

Irene de Volos sorriu.

— Estou vendo que Maria tem razão quando diz que o seu pai espera muito de você — disse ela. — Ela também me disse que ainda não viu nada da cidade. Você é muito nova para vir a Istambul e passar o tempo em negociações comerciais. Acha que o seu pai pode dispensá-la por uma manhã? A minha casa fica perto, no bairro grego. Pode ir até lá logo de manhã, antes que fique muito quente para se andar na rua, para tomar um refresco comigo. Em Istambul é difícil uma estrangeira ter acesso à companhia de mulheres educadas. Na verdade até entre nós é difícil nos encontrarmos. A minha casa é um local de reunião para mulheres que gostam de livros, de música, de cultura e de conversas com significado. Pode consultar a minha biblioteca quando quiser.

As minhas tentativas para permanecer profissionalmente fria desmoronaram-se. Uma biblioteca, mulheres eruditas, a

possibilidade de sair...

— Oh, obrigada! — disse eu, sorrindo alegremente. — Gostaria muito!

— Ótimo, Paula. A minha coleção inclui muitos textos interessantes: filosofia, poesia, clássicos. Tenho livros em latim e em grego, além de uma seleção de manuscritos em persa e em árabe. Tenho certeza de que os manuseará com respeito.

— Claro.

— A minha casa é muito confortável, fresca mesmo nos dias mais quentes de Verão — continuou Irene. — E tenho o meu próprio *hamam*, que pode usar quando quiser.

Era quase melhor do que a biblioteca. Ansiava por um banho de verdade. Os comentários de Duarte, sobre os banhos públicos, haviam sido dolorosamente exatos. O meu pai recusara-se a deixar-me freqüentar o que ele e Stoyan visitavam quase todos os dias, apesar de haver uma seção exclusivamente para mulheres; achava que não era seguro.

— Seria maravilhoso. Evidentemente, o meu pai tem que aprovar as visitas. E terei que levar o meu guarda-costas.

Pela primeira vez, Irene assumiu um ar de dúvida.

— Lamento — disse eu, consciente da possibilidade de poder perder aquela oportunidade se não pudesse levar Stoyan comigo. — O meu pai não me deixa ir a lugar nenhum sem ele. E neste caso particular não mudará de idéia.

— Homens! — Irene revirou os olhos. — Devo dizer-lhe, Paula, que os homens raramente são admitidos em minha casa. Compreendo que tem certas regras a cumprir. Eu também. O meu

criado, Murat — disse ela, olhando na direção do eunuco, que respondeu com uma inclinação de cabeça — é o único homem que entra quando o meu marido não está, o que acontece freqüentemente. Evidentemente, tenho guardas no exterior por uma questão de bom senso. Decidi criar em minha casa um local de privacidade para mulheres, um lugar onde elas possam realizar os seus interesses pessoais em completa liberdade. A regra é a salvaguarda dessa privacidade.

Eu estava profundamente impressionada e amargamente desapontada.

— Compreendo — disse — mas acho que não posso visitá-la. Contratamos Stoyan para meu guarda-costas pessoal e tenho certeza de que o meu pai não permitirá que ele espere na rua.

Irene deve ter visto um olhar desesperado no meu rosto porque sorriu e disse:

— Bem, talvez, no seu caso, a regra possa ser um pouco violada. Contrataram o homem que trabalhava para Salem bin Afazi, certo?

— Certo. — Era evidente que a informação já saíra do bairro Gaiata.

— E acham que ele é digno de confiança?

— Não o teria contratado se não achasse — disse eu.

— Foi *você* que o contratou? Não foi o seu pai? — perguntou ela, subitamente intrigada.

— O meu pai foi chamado quando estava entrevistando os candidatos. Então eu o substituí e acabei por escolher Stoyan. Ele é

de confiança, educado, fala grego e turco e tem... bem, tem um físico impressionante. Só que, infelizmente, é ele quem faz as regras e o meu pai o apoia. Não posso visitá-la se ele não for comigo. Mas mesmo que vá, não pode ficar na rua.

— Mesmo no *hamam*? — perguntou Irene, levantando as sobrancelhas e mostrando uma covinha ao canto da boca.

— Não me parece — disse eu, recordando o desejo de Duarte de me apresentar às delícias dos banhos. — Se eu tomar banho, ele espera no lado de fora. Mas se os homens não podem entrar em sua casa... — parecia-me exagerado, mesmo à luz do seu desejo admirável de providenciar um refúgio para as mulheres.

— Farei uma exceção para você, Paula. Pergunte ao seu pai se pode ir lá amanhã e leve esse homem de físico impressionante com você. Suponho que Murat é capaz de lhe arranjar um canto.

Pensei na ida do meu pai à casa azul. O nosso negócio principal era sempre prioritário.

— Muito obrigada, *kyria*. Se puder ir, mando-lhe uma mensagem ainda hoje.

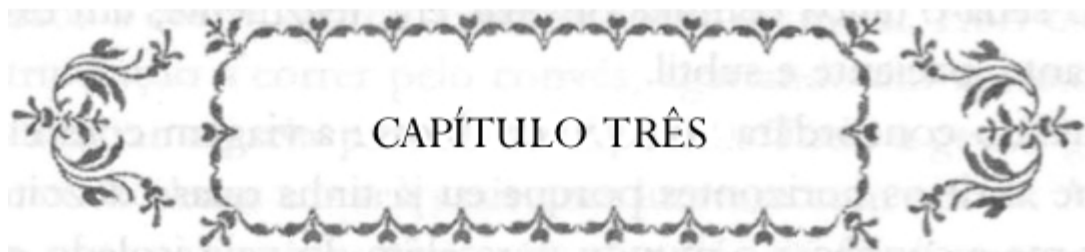
Irene fez um gesto de desprendimento.

— Não é preciso uma mensagem. Eu estarei em casa. Raramente saio. Fico à sua espera, Paula — disse ela, pondo-se de pé. — Ainda bem que pude ajudá-la em relação ao português. O homem não tem noção de decoro. Tenho que ir embora. Espero que venhamos a ser amigas.

— Também espero — disse eu. — Adeus, *kyria*.

— Até amanhã, Paula. E me chame de Irene — disse ela, descendo os degraus e atravessando o pátio. Fiquei a observá-la da galeria. Os portões estavam abertos e na rua, à sua espera,

vislumbrei uma espécie de cadeirinha transportada por dois homens morenos vestidos com camisas largas e calças verdes volumosas. Quando Irene subiu graciosamente para o veículo e começou a afastar-se com o eunuco à frente abrindo caminho, percebi que me esquecera de lhe perguntar onde vivia.

A decorative horizontal border with a repeating floral and leaf pattern. The text "CAPÍTULO TRÊS" is centered within the border.

CAPÍTULO TRÊS

Após o meu sucesso com os venezianos, acho que o meu pai sentiu que não podia recusar-me uma manhã de folga para visitar Irene de Volos. A sua alegria pelo acordo que eu negociara, foi abafada pelo fracasso de sua missão. O meu pai encontrara-se com o mercador armênio que atendia pelo nome intrigante de Barsam, o *Elusivo*, soubera que a *Dádiva de Cibele* estava, de fato, em Istambul e que estava à venda. No entanto, o artefato só seria posto à vista quando todos os compradores interessados tivessem feito as ofertas iniciais. O meu pai fizera-o e fora-lhe dito para esperar. O segredo rodeava os procedimentos e Barsam aconselhara-o a evitar discussões sobre quaisquer aspectos da venda com outros mercadores.

— Não vejo como possa evitar falar do assunto — disse o meu pai uma manhã, quando Stoyan e eu nos preparávamos para ir à casa de Irene. — É assim que a coisa funciona: descobrir quanto cada jogador está preparado para arriscar e quem pode estar preparado para retirar a oferta se receber o incentivo indicado. Formar uma sociedade, por exemplo... Mas é evidente que o perigo está ligado a esta peça. O fato da casa azul ser quase impossível de encontrar e de estar fortemente guardada, só reforça a idéia. Paula, não se afaste de Stoyan na rua. Uma garota turca não vai ao *hamam* ou visitar alguém sem ser na companhia de outras mulheres mais velhas suas parentes, nunca anda sozinha na rua.

— E quando precisam ir ao mercado? — perguntei. — Ou à mesquita?

— Os homens da família escoltam-nas à mesquita por ocasião das orações de sexta-feira ou para a instrução religiosa. Mas é mais comum as mulheres muçulmanas fazerem as suas devoções em casa. Quanto às compras, geralmente são os homens que as fazem, mas por vezes as escravas substituem-nos.

Ocorreu-me que uma vez cobertas dos pés à cabeça, apenas com um buraco para os olhos, ninguém devia saber se as mulheres eram servas ou princesas.

— Conheceu a mulher de Salem bin Afazi ou os seus filhos, pai?
— perguntei.

O seu sorriso foi triste.

— Só os filhos. Quando era recebido em sua casa, as mulheres retiravam-se. Tal costume é observado severamente nas casas muçulmanas.

— Para mim seria muito difícil.

— Faz parte do código de vida observado por todos os fiéis desta fé, Paula, tal como um certo estilo de roupa, incluindo o véu. As regras também se aplicam aos homens. Devia falar com algumas mulheres turcas sobre o assunto, enquanto estamos em Istambul.

— Talvez possa perguntar a alguém na casa de Irene.

— Não sei se faz bem em sair — disse ele franzindo o cenho, pálido e com ar cansado.

— Vou com Stoyan, pai, não se preocupe — repliquei eu, dando-lhe um beijo em cada face, sentindo-me um pouco preocupada. Ele trabalhava muito, talvez muito para um homem da sua idade e de saúde precária. — Eu só quero sair um pouco. — Não acrescentei que a visita a Irene permitiria descobrir mais coisas sobre Duarte Aguiar, que não havia meio de me sair da cabeça.

— Vá — disse ele, afastando-me com um gesto e um sorriso. — Livros, manuscritos companhia feminina erudita. Como posso competir com isso?

— Esqueceu-se de falar do banho — disse eu.

Istambul tinha muitos *mahalles*, ou bairros. Stoyan conhecia todos. Desde o complexo amuralhado do Sultão, à beira-mar, aos montes arborizados, a norte, onde se encontrava, dissera ele, a tumba de um heróico guerreiro muçulmano, no meio dos ciprestes; desde as grandes residências dos pachás ao modesto bairro habitado por ciganos.

Stoyan não teve dificuldade em obter a direção da residência de Irene de Volos, situada no bairro grego, entre casas altas, perto de uma fonte. Supostamente devíamos procurar umas oliveiras que cresciam num jardim murado.

Caminhamos por ruas pavimentadas, ladeadas por um curioso conjunto de edifícios. O vale onde eu vivia era remoto e tranqüilo, o oposto daquele lugar de múltiplos odores, sons, cores e formas exóticas. Naquela cidade cabiam mil aldeias como a minha e ainda sobrava espaço.

As ruas fervilhavam de atividade. Os vendedores de comida, com os tabuleiros na cabeça, deslizavam por entre a multidão e os cavaleiros, em cima de cavalos ou camelos, mal olhavam para quem passava a pé. Stoyan fez o melhor que pôde para me manter afastada de alguém que tentasse aproximar-se mais do que ele achava conveniente. Era tudo barulhento e caótico. Cheirava a estrume de cavalo, a especiarias, a qualquer coisa frita, a flores, a ervas, a peixe atirado numa viela. Olhando por baixo das pernas dos cavalos, vi uma tribo de gatos escanzelados a aproveitar o inesperado banquete. Tentei olhar para todos os lados ao mesmo tempo e senti-me tonta e confusa.

Os edifícios imponentes e os espaços abertos do bairro Gaiata estavam rodeados por um labirinto de ruas íngremes e estreitas, ladeadas por habitações modestas, de portas baixas. Depois de passar por várias delas, emergimos numa praça. Ao centro, rodeada por um pequeno relvado, havia uma árvore frondosa, carregada de flores púrpuras. À sua sombra estava sentado um homem de pernas cruzadas, vestido de negro, rodeado por uma assistência extasiada constituída principalmente por crianças, mas também por alguns homens, escutando-o, alguns sentados em bancos de palhinha fornecidos por um vendedor de café que instalara a sua carroça decorada com motivos de latão sob a mesma árvore.

— Um contador de histórias — murmurou Stoyan. — Antes do Sol estar muito alto, vão aparecer por aqui vendedores de fruta e de limonadas, para aproveitar a oportunidade. E pedintes. É melhor continuarmos, *kyria*. Já estamos atraindo os olhares.

Era verdade. Os clientes do vendedor de café olhavam na nossa direção e trocavam olhares. Um guarda-costas extremamente grande com uma mulher pálida de dezessete anos modestamente vestida. Talvez o seu interesse não fosse assim tão surpreendente, mesmo num *mahalle* que albergava muitos estrangeiros. Cobri a boca e o nariz com o véu e baixei os olhos.

— *Destur!* — gritou alguém e um momento mais tarde senti-me agarrada por uma mão poderosa que me arrastou para o lado para dar passagem a um carregador dobrado sob o peso de um enorme cesto cheio de qualquer coisa, incapaz de ver fosse quem fosse que se metesse no seu caminho. No momento seguinte já desaparecera. Eu estava encostada à parede de uma casa com Stoyan entre mim e a rua, agarrando-me pelos braços, mas já com menos força, gentilmente até, e a olhar para mim, preocupado. As suas feições severas estavam mais suaves.

— Machuquei-a, *kyria* Paula?

Senti-me corar.

— Não — murmurei, afastando-me e tentando recuperar o fôlego. Olhei na direção da árvore. Os olhares tinham-se aguçado. — É melhor continuarmos. Não gosto da maneira como aquela gente está olhando para nós.

O meu guarda-costas olhou para os homens em questão, imperturbável.

— Comigo está segura, *kyria* — disse ele. — Acho que a casa que procuramos não deve estar longe. Aquelas altas, além, estão de acordo com a descrição que me fizeram.

De fato eram altas: três andares, o de cima mais projetado para a rua do que o de baixo e assim sucessivamente. Cada um deles tinha uma fila de janelas decoradas com vidros coloridos: vermelhos, verdes e vários tons de azul. Alguns deles eram martelados, indicando, talvez, os alojamentos de uma mulher. Eu crescera num castelo bastante excêntrico. No entanto estava impressionada.

Passamos por duas filas delas. A sua sombra escurecia a rua. Um homem com um macaco ao ombro passou por nós. O animal virou vivamente a cabeça. Pouco depois uma mulher, toda vestida de negro, desapareceu apressadamente numa viela.

— Acho que aquela é que é a casa da senhora grega, *kyria* Paula — disse Stoyan, apontando para uma longa sebe, por cima da qual se via a folhagem de umas oliveiras. A casa era baixa e pintada de branco. Entre os imponentes edifícios de três andares parecia graciosa, fresca e agradável.

Identificamo-nos ao guarda do portão. Momentos depois, Murat saiu da casa e cumprimentou-nos polidamente. Olhei melhor para ele e reparei numa coisa que não vira antes. Os seus olhos eram azul-claros indicando, quase com certeza, que a sua ascendência provinha de fora da Anatólia. Perguntei a mim mesma se, por baixo do turbante, o seu cabelo não seria louro.

O eunuco conduziu-nos até um claustro pavimentado a mosaico, com aberturas em arco para o jardim, arcos que estavam decorados com trabalhos de filigrana em madeira e gesso. No outro lado do jardim, as fontes emitiam uma música suave, sussurrante. Os passarinhos pousavam e levantavam vôo por entre cortinas de água tocadas pela luz do Sol. Que me dissera o meu pai sobre das fontes de Istambul? Que o seu som não só suavizava o coração, como permitia a troca de informações confidenciais. Talvez, por tal razão, todos os jardins tivessem uma ou duas. Os pessegueiros estendiam os seus ramos carregados de folhas novas e as oliveiras, um pouco mais longe, formavam um fundo mais escuro. Mais perto da casa havia ciprestes e canteiros de flores, azuis e brancas. O relvado, logo a seguir, parecia cor de esmeralda.

— Ah, Paula! Ainda bem que pôde vir! — exclamou a minha anfitriã, saindo da casa com os brilhantes cabelos escuros presos no alto da cabeça, vestindo uma túnica e uma saia de seda adamascada cor-de-rosa, bordada a ouro. Os brincos condiziam com o traje: quartzo rosa e ouro. Não eram tão valiosos como os que usara no dia anterior, mas o seu desenho, no qual cada pedra tinha a forma da carapaça de um escaravelho, dava-lhe encanto. A minha irmã mais nova, Stela, teria gostado deles.

Os olhos de Irene fixaram-se no meu companheiro, avaliando-o da mesma maneira que eu em relação aos seus brincos.

— Este é Stoyan, o meu guarda-costas.

— Pode esperar nos alojamentos dos criados, jovem. Murat mostrará onde é.

Stoyan olhou para mim. Discutíramos o assunto antes de sairmos do *han* e eu sabia que se não lhe fosse permitido ficar perto de mim, teríamos que voltar imediatamente para casa.

— Stoyan pode ficar à minha vista, Irene? — perguntei, esperando que a minha anfitriã não se sentisse ofendida. Eu me sentia profundamente impressionada por ela ter oferecido a sua casa para que as mulheres pudessem se encontrar e ao mesmo tempo embaraçada por lhe pedir que violasse as suas próprias regras.

Murat pareceu ficar triste e eu o compreendi. Era o mesmo que dizer que a casa onde ele era criado não era um local seguro.

— O meu pai insistiu — acrescentei. — Lamento.

— Muito bem — disse Irene. — Murat, arranje-nos uns refrescos. Vamos tomá-los no claustro. — Murat derreteu-se como a neve na Primavera. Pareceu-me que ele já estava se mexendo antes

mesmo dela ter feito o pedido, como se a conhecesse a ponto de ler seu pensamento. — E depois a biblioteca. Hoje está praticamente vazia. Vai ter paz e sossego para poder ler o que quiser. O seu guarda pode esperar ali — acrescentou ela, apontando para uma área à sombra, junto da parede. Stoyan, impassível, encaminhou-se para ela.

Uma garota apareceu com bebidas geladas que eu nunca provara, um néctar de frutas muito doce, juntamente com uma tigela de frutos secos e um prato de pequenos bolos de mel. Stoyan ficou onde estava enquanto nós partilhávamos aquele festim delicado. Sabia que não podia dizer para se juntar a nós, mas sentia-me desconfortável. No *han* nunca nos passara pela cabeça, a mim e ao meu pai, tratá-lo daquela maneira.

— Será possível dar água ao meu guarda-costas, Irene? — perguntei.

— Claro — disse ela, batendo palmas e fazendo aparecer outra criada que se aproximou silenciosamente para lhe satisfazer o pedido.

— Se o seu grande guarda-costas a deixasse sozinha por algum tempo, o suficiente para poder ir até à cozinha — disse Irene em voz baixa e sorrindo manhosamente — poderia tomar qualquer coisa mais substancial. Ele é muito sério a respeito dos seus deveres, não é?

— É bom no que faz — disse eu, consciente de que não gostaria de ouvir uma conversa semelhante a meu respeito.

— Verdade? — por baixo do tom leve e do pequeno sorriso jazia o fato inegável de que Salem bin Afazi morrera nas ruas da cidade, pouco tempo antes.

Mudei de assunto.

— Obrigada por me convidar — disse eu, bebendo um gole de néctar. — Para dizer a verdade, estava desesperada para sair um pouco. E estou ansiosa para ver os seus livros.

— Não tem de quê, Paula. Assim que ouvi dizer que você era erudita, senti que deveria convidá-la. Inverti, em minha casa, a política das grandes bibliotecas dos *medreses*, que só estão abertas aos homens. A minha coleção destina-se exclusivamente ao sexo feminino. Qualquer mulher que me visite pode consultá-la. Eu sei que é frustrante estar perto de tal riqueza e não poder tocá-la. Ser mulher e erudita em Istambul é quase uma contradição. Mas é possível. Ficaria surpreendida.

— Devo agradecer-lhe por outra razão, também — disse eu. — A sua intervenção, ontem.

A conversa estava se tornando embaraçosa.

— Com Duarte Aguiar? Sim, pareceu-me que sim.

— Conhece-o bem?

— Todo mundo conhece Duarte. Ele é uma das personagens mais pitorescas de Istambul — disse Irene com uma expressão pensativa e com os belos olhos subitamente distantes, como se estivesse a recordar qualquer coisa. — Sabia que o português não é apenas um mercador? Que também é pirata?

— O meu pai me disse.

— Suponho que ele tenciona visitá-lo.

— Suponho que sim — disse eu cuidadosamente.

— É melhor ter cuidado com Duarte Aguiar, Paula. Ele tem um grande encanto superficial como, sem dúvida, já reparou. As

mulheres andam todas atrás dele. Porém, abaixo da superfície vive uma determinação sombria. E você é nova. Não deve envolver-se com um homem como ele.

— Fico avisada — disse eu com um sorriso, expressando uma confiança que não sentia. Apesar do pouco que sabia do português ser mau, de certo modo gostara do nosso encontro embaraçoso, o meu dia ficara mais excitante.

Terminados os frescos, caminhamos ao longo da colunata até uma entrada em arco com painéis de azulejos coloridos de cada lado, vermelhos e azuis. Irene frisou que Stoyan não poderia entrar na biblioteca. Sem fazer qualquer comentário, o guarda-costas colocou-se à entrada da porta.

A coleção de Irene estava instalada numa vasta câmara arejada, com dois níveis. O de cima estava mobiliado com divãs carmesins e sutis estantes de latão que permitiam uma leitura conveniente. No inferior, um degrau mais abaixo, havia prateleiras com inúmeros livros encadernados uns em cima dos outros. Também existiam mesas baixas com material de escrita e baús de cedro para guardar pergaminhos e outros documentos.

A um canto estavam sentadas, de pernas cruzadas e véu na cabeça, duas mulheres turcas, debruçadas sobre um manuscrito desvanecido aberto na sua frente, em cima de uma mesa baixa. Os seus rostos estavam descobertos e quando nos viram entrar levantaram as cabeças, inclinando as cabeças num cumprimento.

— Iniciamos um catálogo — disse Irene, indicando uma agenda encadernada aberta numa estante. — Se quiser pode dar uma olhada, mas talvez prefira procurar algo mais interessante?

Hesitei. Na noite anterior ocorrera-me que podia aproveitar a oportunidade para procurar informações sobre Cibele, algo que pudesse dar ao meu pai e a mim mesma alguma vantagem nas nossas negociações. Eu acreditava que o conhecimento era a arma mais forte em qualquer batalha e um leilão era uma verdadeira guerra. Se eu encontrasse qualquer coisa sobre a lenda de Cibele, ou sobre a misteriosa inscrição no artefato, talvez pudéssemos usá-la para convencer Barsam, *o Elusivo*, de que éramos os compradores ideais, mesmo que outro mercador qualquer fizesse uma oferta igual. Mas não ia revelar os segredos do negócio a Irene, por mais amigável que ela fosse.

— Gosto de mitos e lendas — disse eu. — Tem alguma coisa relacionada com o folclore local? O problema é que, apesar de saber grego, latim e francês, tenho problemas com a escrita árabe. Aprendi um pouco de turco quando estava em Brasov, mas não sei ler, apenas falar.

Os encantadores olhos de Irene esbugalharam-se.

— A sua educação deve ter sido notável. Somos capazes de ter qualquer coisa do gênero. Recentemente tivemos algumas doações e eu ainda não as vi como deve ser. Suponho que sabe que a língua dos Otomanos, usada nos documentos eruditos é uma peculiar mistura de árabe, turco e persa? Se quiser prosseguir os seus estudos aqui, em Istambul, precisará de ajuda na tradução.

— Sei — disse eu, perguntando a mim mesma quanto tempo seria preciso para aprender a ler o árabe.

— Pedirei a Ariadne que veja o que consegue encontrar — disse Irene, acenando a uma garota de vestido verde que estava trabalhando noutra mesa. — Entretanto, talvez queira folhear o catálogo enquanto espera.

Instalei-me onde Stoyan pudesse me ver, enquanto Irene falava com as mulheres turcas. Uns minutos depois, Ariadne regressou com uma expressão de pesar no rosto.

— *Kyria*, não consigo localizar nada daquilo que procura — disse ela. — O que não quer dizer que não exista em algum lugar na coleção. Muito do nosso material ainda não está selecionado. O nosso armazém está cheio de papéis soltos, folhas individuais de manuscritos, etc.

— Talvez possa ver alguns desses papéis? — perguntei-lhe. — Posso anotar o que são à medida que for andando. Até pode ser útil para o seu catálogo. Tenho experiência nesse tipo de trabalho. — Olhei em volta à procura de Irene, sem saber ao certo se seria

apropriado fazer tal sugestão, mas parecia que ela saíra. Avistei Stoyan, de olhos fixos em mim.

Ariadne não me convidou a ir ao armazém, mas trouxe-me uma caixa grande cheia de folhas de papel e de pergaminho, nenhuma das quais parecia pertencer ao mesmo manuscrito original.

— Há inúmeras caixas iguais a esta — disse a garota. — Muitas das doações que a *kyria* Irene recebe vêm assim. Com o tempo são catalogadas e registradas. Espero que encontre alguma coisa de interesse — concluiu Ariadne, colocando a caixa ao lado da minha mesa.

Para uma estudiosa como eu, aquilo era uma autêntica arca do tesouro. Explorei o conteúdo da caixa, pegando cuidadosamente em cada folha. A maior parte estava escrita em árabe. Algumas eram ilustradas, talvez fossem poesias ou histórias. Consegui ler outras. Havia uma que pertencia a uma peça de teatro grega, talvez arrancada de um livro qualquer e uma outra de imagens com anotações em latim. Coloquei cada uma cuidadosamente em cima da mesa e continuei a vasculhar a caixa.

A certa altura, um fragmento chamou-me a atenção. Tirei-o com extremo cuidado porque era antigo e frágil. A escrita era elaborada e regular. Parti do princípio que era persa porque vira algumas vezes, ao longo dos anos, documentos com aqueles caracteres nas mãos do meu pai e reconheci o estilo de decoração: ilustrações minúsculas e vívidas, as orlas elaboradamente desenhadas, cheias de espirais e cornucópias. As imagens eram estranhas. Não se percebia bem se eram homens, mulheres ou animais. Lembravam-me vividamente o Outro Reino, o reino encantado que as minhas irmãs e eu visitáramos a cada lua cheia ao longo dos anos das nossas infâncias. Enquanto as minhas irmãs dançavam, eu passava a maior parte das noites na companhia de um grupo de eruditos incomuns e eles tinham-me ensinado a ver para além do óbvio. Ou aquelas imagens eram de um mundo igualmente mágico ou estavam carregadas de simbolismo. Via-se perfeitamente um guerreiro com cabeça de cão, um gato com uma capa de capuz, uma mulher de olhos tapados com um lobo, alguém pendurado numa corda...

As pequenas pinturas estavam tão maravilhosamente pormenorizadas que precisei pôr as lunetas que guardava numa corrente pendurada ao pescoço, usadas geralmente para trabalhos minuciosos. Depois de olhar para a folha durante alguns minutos, comecei a ver um padrão por trás do desenho regular da orla decorativa. Quase escondida na confusão de movimentos havia uma seqüência de minúsculos quadrados todos diferentes, cada um deles mostrando uma grande quantidade de linhas retas, curvas e borrões, executados num estilo contrastante, quase como se fossem um pensamento posterior. Pareciam-me familiares, instigavam-me a memória.

Levantei os olhos. Ariadne estava sentada a uma mesa no nível inferior, escrevendo. Irene não regressara. Ao canto sombrio da biblioteca estava sentada outra mulher vestida de negro, completamente velada, com uma agulha numa mão e um pedaço de pano esfarrapado na outra. Apesar de estar na obscuridade, senti que estava olhando para mim. Estremeci, recordando a figura estranha que vira ou pensara ver no convés do *Esperança*.

Virei a minha atenção para o manuscrito. Por que razão aqueles pequenos quadrados me pareciam tão familiares? Pareciam deslocados, como se desenhados para atrair a atenção do leitor. Um código? Uma mensagem secreta? Franzindo o cenho, virei a página e vi algo em que não reparara antes: palavras escritas em letra minúscula entre a orla da página e o texto. A língua não era persa e também não era grega, latim ou qualquer outra que eu conhecesse. No entanto compreendia-a. *Procura o coração, escreveu alguém, porque é lá que está a sabedoria. A coroa é o destino.* Tive uma sensação de frio, como que um aviso de perigo. Senti-me possuída por um sentimento perturbador de que aquela mensagem, escrita por alguém que não conhecia, estava destinada a mim. Era uma informação, uma ordem.

Levantei novamente os olhos, abanando a cabeça para afastar uma noção que me parecia ridícula. No outro lado da biblioteca, a mulher de negro desdobrou o farrapo bordado e eu vi nele, executado com cores ricas e imaculadas, a imagem de uma bailarina: uma garota com cabelos negros ondulados e olhos azuis violeta, iguais aos da minha irmã Tati. A mulher acenou-me com a cabeça e dobrou novamente o seu trabalho.

Era uma loucura, estava perdendo o controle da imaginação. Se alguém quisesse enviar-me mensagens cifradas relacionadas com uma demanda ou missão, não o faria, certamente, na biblioteca de Irene. Respirei fundo e virei de novo a minha atenção para o manuscrito. Descobriria o que significavam aqueles quadrados antes de ir para casa.

Só me apercebi da hora quando ouvi a voz da minha anfitriã. Irene estava junto da mesa seguinte, olhando zombeteiramente para mim.

— O seu poder de concentração é extraordinário, Paula — observou ela.

— Peço desculpas — disse eu, levantando-me desajeitadamente por ter as pernas dormentes. Olhei na direção da porta. Aparentemente, Stoyan continuava na mesma posição. O seu olhar era intenso, vigilante. — Costumo me esquecer das horas quando leio. — Senti-me tentada a mostrar-lhe o manuscrito e a perguntar-lhe se também via o padrão que eu tentara decifrar sem resultado, mas hesitei. Havia algo de estranho naquele local e eu não podia explicar sem revelar que estava familiarizada com assuntos mágicos e do outro mundo, coisas de que as minhas irmãs e eu não falávamos, salvo entre nós. Peguei o fragmento para colocá-lo na caixa, hesitei, olhei de novo para ele e onde, alguns momentos antes, vira algumas palavras nitidamente escritas com uma caligrafia comprimida, no espaço estreito entre o texto e a orla da página, agora não havia nada.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou a minha anfitriã, franzindo ligeiramente o cenho.

Meti o manuscrito na caixa, colocando-o por baixo da pilha de documentos.

— Nada — disse eu. — Não fui tão longe como pensava, simplesmente, uma frustração comum a todos os estudiosos.

— Está cansada — disse Irene com um sorriso. — Tem trabalhado muito.

Olhei em volta. Havia várias pessoas sentadas lendo ou escrevendo, mulheres discretamente vestidas, provavelmente para poderem passar despercebidas pelas ruas a caminho do refúgio de Irene. Estivera tão absorta que não as vira entrar. A mulher de negro com o bordado desaparecera.

— Diga-me se precisar de uma tradução — continuou a minha anfitriã. — Ajudaremos no que pudermos. Mas agora precisa descansar. Ariadne, vai dizer a Murat que vamos tomar café no *camekan* depois de tomarmos banho.

A garota de verde fez uma vênica e deixou-nos. Não sabia ao certo se ela era uma espécie qualquer de criada superior ou uma

estudiosa em fase de treino. Gostava do seu nome, que reconhecia da lenda de Teseu.

— Imagino que gostaria de fazer uso do *hamam*, Paula — disse Irene. — Tenho uma mulher que faz massagens maravilhosas, o ideal para quem esteve tanto tempo sentada lendo.

— Obrigada. — Ainda estava pensando na mulher de negro e na escrita desaparecida, perguntando a mim mesma se não teria imaginado as duas coisas. Não me parecia que estivesse cansada a tal ponto.

Os banhos eram num edifício à parte, ao fundo da longa colunata que abrigava a casa de Irene do sol do meio-dia. Percebi, pelo olhar tenso de Stoyan, que queria que eu recusasse polidamente a oferta de Irene e que fôssemos para casa, mas fiz-lhe ver que não queria perder aquela oportunidade e ele resignou-se mais uma vez e foi para o jardim, para junto da entrada do *hamam*. A minha anfitriã e eu entramos numa câmara arejada, com pavimento de mármore e mobiliada com prateleiras e bancos, bem iluminada, tranqüila. As aberturas no telhado abobadado deixavam entrar a luz do Sol, ao mesmo tempo que as janelas estavam cobertas com painéis que tinham um padrão de aberturas em forma de flor. Na parede havia cabides onde se podia pendurar a roupa.

Uma mulher, vestida com uma túnica até os pés e com uma pele extremamente escura, tão escura que eu nunca vira nada assim, ofereceu-nos uns panos dobrados. Eu peguei num, esperando adivinhar para que servia sem ter que perguntar.

— Imagino que a sua infância terá sido restritiva. Não deve estar acostumada a despir-se em frente de outras pessoas — murmurou a minha anfitriã enquanto outra assistente fechava a porta. — Eu estou tão habituada que já nem ligo.

— Eu tenho quatro irmãs. Todas nós partilhávamos o mesmo quarto. — Segui Irene, tirando o vestido, a camisa, a roupa interior e enrolando-me no tecido. Não pude deixar de reparar que, enquanto este me cobria das axilas às coxas, com uma das pontas se sobrepondo à outra uns bons dois palmos, as curvas generosas da minha anfitriã mal continham um tecido com as mesmas dimensões. A pele cor de azeitona de Irene resplandecia em contraste com o branco do linho. A seu lado sentia-me como uma criatura invernal, uma coisa pálida que raramente via o Sol.

— Dê as suas coisas a Nashwa; ela olhará por elas. Este pequeno tecido chama-se *pestamal*. Mais uma palavra turca para o seu vocabulário. Trouxe roupa lavada?

— Não. Pensei...

— Tenho certeza que lhe arranharemos qualquer coisa. É tão refrescante vestir roupa lavada depois de um banho — disse ela, falando em turco para a assistente.

— Não é preciso... — sentia-me embaraçada. Istambul estava cheia de banhos públicos, poços, fontes e cisternas. As orações islâmicas eram sempre precedidas por abluções rituais. Como tal, não era de admirar que fossem tantos os estabelecimentos do gênero na cidade. Perguntei a mim mesma se Irene me acharia porca ou rústica.

— Venha, Paula. Calce um destes pares de chinelos; impedem-na de escorregar no pavimento molhado do *hamam*.

Tirei um par de uma prateleira, junto da porta interior e reparei que a sola, de madeira, deixava meus pés a um palmo do chão, o que era perigoso. Entrei atrás de minha anfitriã numa câmara cujo calor me atingiu como um murro. O suor começou, instantaneamente, a cobrir-me o corpo. Havia bacias a intervalos regulares, ao redor das paredes, ligadas por tubos de cobre e cada uma delas tinha uma torneira. O teto também era abobadado, mas muito mais alto do que o da câmara anterior. Os buracos na pedra deixavam entrar a luz do Sol e nos cantos havia lamparinas penduradas em intrincados suportes de latão. Ao centro encontrava-se uma grande laje de mármore, úmida de condensação. Sentadas em bancos, várias mulheres conversavam, todas nuas e, aparentemente, à vontade. Numa das bacias, uma garota acabava de lavar os cabelos cor de ébano que lhe chegavam aos joelhos. No outro extremo da laje, uma mulher pequena, de ar competente, vestida com uma espécie de camisa e sandálias, fazia uma massagem numa senhora deitada de barriga para baixo, de olhos fechados.

— Aqui nos sentamos um pouco e suamos — disse Irene, sentando-se num banco e tirando o *pestamal* num único movimento, expondo o corpo maduro, voluptuoso, cor de bronze. Os seus olhos escuros encontraram os meus, senti neles um desafio e fiz o mesmo antes de me sentar a seu lado.

— Nunca estive num *hamam*? — perguntou-me ela.

— Não.

— O *hamam* significa muito para as mulheres turcas, Paula. Não se trata apenas de um banho, é um acontecimento social, o ponto alto da semana. Nos banhos, as mulheres podem trocar novidades, examinar prováveis noras, gozar a companhia de um grande círculo de amigas e conhecidas. Algumas ficam o dia todo.

— Verdade? — era evidente que perdera muita coisa devido às preocupações do meu pai com a minha segurança.

— Depois de suarmos, lavamo-nos na sala quente e, se quiser, Olena lhe faz uma massagem — disse Irene. — As mãos dela são mágicas. Recomendo. Na câmara seguinte, que não é tão quente, há uma pequena piscina, profunda. Eu gosto de me meter nela antes de me secar. Nos *hamams* públicos não existem. Trata-se de um requinte que eu decidi acrescentar. Quando criança costumava nadar no mar e tenho saudades dessa liberdade. Depois de secas,

tomamos uns refrescos e conversamos um pouco. Se gostar da experiência, volte quando quiser.

— É muito generosa.

— De todo. Defendo que as mulheres também devem ter oportunidades, o que me torna defasada da cultura em que vivo.

»Delícia-me encontrar uma jovem com tanta sede de conhecimento. Você merece todos os encorajamentos possíveis, Paula. Em tempos fui como você — disse ela, suspirando, pondo as mãos na nuca e estendendo as longas pernas, de pés cruzados, expondo totalmente o corpo voluptuoso. Olhei para a laje de mármore, onde a massagista terminara o seu trabalho e arrumava os óleos, os sabonetes e as esponjas. — Imagino que, na Transilvânia, as garotas também devem ter poucas oportunidades — acrescentou Irene.

— É preciso aproveitá-las ao máximo, quando as há — disse eu com alguma secura. — Felizmente, o nosso pai percebeu que era

importante nos educar.

— O seu nível de conhecimento e amplitude de interesses parecem-me superiores ao que seria de esperar, mesmo num rapaz da sua classe — observou Irene. — As suas irmãs são todas estudiosas?

— Não exatamente. Jena estudou matemática e ajuda o marido no negócio da sua família. Quando estou em casa, ensino Stela, que só tem onze anos. Ela é muito inteligente. Estou começando a lhe ensinar grego.

— Uma irmã mais nova. Que encantador. Ela fica em casa com a sua mãe quando você acompanha o seu pai?

— A minha mãe morreu.

— Oh, lamento.

— Morreu há tanto tempo que não me lembro dela. Quando o meu pai e eu nos ausentamos, ela vai para casa de Jena e de Costi, que são nossos vizinhos. A palavra vizinhos é relativa porque a distância é grande através da floresta.

— E as outras? Você falou em quatro.

— Iulia é casada e tem dois filhos. E Tati... — era sempre difícil, apesar das minhas irmãs e eu termos ensaiado a meia verdade vezes sem conta. — ...vive muito longe. Raramente a vemos.

— Casou com um homem de outro país? Um mercador? Um viajante?

— Algo parecido — respondi, respirando fundo. Estava mesmo quente, ali dentro. — Posso perguntar-lhe qualquer coisa sobre a sua família?

— Claro.

— Parece-me muito... independente. Falou no seu marido. Tem filhos?

Irene atirou a cabeça para trás e riu.

— Você é muito direta, Paula. Não, não, não estou ofendida. O meu marido é bem mais velho do que eu. Já era viúvo, com filhos crescidos, quando olhou para mim. Um bom casamento, disseram-me as minhas amigas e eu acabei concordando com elas pelas minhas próprias razões. Os seus deveres obrigam-no a estar ausente muito tempo, o que me permite levar a cabo alguns projetos. Os meus filhos, por assim dizer. Não sei se reparou nas mulheres que estavam estudando na biblioteca. Uma judia, uma cristã e uma muçulmana.

— As autoridades não franzem o cenho ao fato de permitir que as mulheres muçulmanas venham aqui com tal propósito?

— Ah — disse ela — essa é uma das razões pelas quais eu não permito visitantes masculinos. — Irene olhou na direção do jardim com um sorriso triste. — Excetuando os poucos maçadores que não aceitam um não como resposta. O meu desejo é que as mulheres se sintam seguras em minha casa. Como isto é conhecido como um espaço exclusivamente feminino, os maridos das minhas convidadas vêm-no como um local adequado para as suas mulheres. Eles sabem que tenho um *hamam* e desconfio que passam o dia tomando banho e a pairar, só que num ambiente mais sadio do que nos banhos públicos. E, claro, alguns maridos não se opõem a que as suas mulheres estudem desde que em privado, num ambiente totalmente feminino e a minha biblioteca é ideal para isso porque exijo discrição; peço a todas as minhas convidadas que não digam a ninguém com quem se encontram aqui.

— É evidente. — Pensei na estranha mulher de negro e decidi não lhe perguntar quem era. — Admiro muito o que está fazendo aqui, Irene. Se mais mulheres instruídas seguissem o seu exemplo...

Irene ergueu uma mão para me silenciar, nitidamente embaraçada.

— Faço-o porque gosto, Paula. As mulheres têm tanto para oferecer. É lamentável que os costumes sociais e as restrições religiosas limitem tais possibilidades. E pode ser perigoso ofender as pessoas erradas. Istambul é uma cidade muito culta e refinada, mas também pode ser súbita e mortalmente violenta. Vamos tomar banho? Deixe que Olena a ajude. Ela faz maravilhas ao cabelo. Digame, as suas irmãs são todas como você, esbeltas como salgueiros e pálidas como a neve?

Senti-me corar.

— Jena é como eu — disse, enquanto nos encaminhávamos para as bacias, onde Olena começou a inundar-me o corpo suado com a água quente que corria pelos canos, girando uma pequena torneira. — As outras são mais bonitas.

— Diz isso sem rancor.

— Não me interessa muito por essas coisas — disse eu. — A saúde e o intelecto são mais importantes do que a beleza. — Olena aplicara-me sabonete no corpo e estava me esfregando com uma esponja áspera. Parecia que queria me arrancar a pele.

— Mas você é muito bonita, à sua própria maneira — disse Irene, jogando água quente sobre os ombros com uma concha de cabo comprido. — Nunca ninguém lhe disse? Um jovem na sua terra, talvez?

— Não — disse eu com uma careta. — Os rapazes gostam de curvas, sorrisos, rubores e palavras simples. Ainda não descobri nenhum de acordo com as minhas expectativas.

— Tenho a certeza de que mudará de opinião com o tempo, *kyria* — disse uma das outras mulheres, sentada bem ao lado.

— Espere até encontrar o rapaz certo. Ou é muito estudiosa? — O seu grego era bom. Não podia localizá-la porque estávamos todas nuas. Só podia me guiar pela aparência geral e todas elas eram diferentes umas das outras.

Irene aproveitou a oportunidade para me apresentar. Os nomes eram turcos, gregos, venezianos, etc. Inclinei a cabeça e sorri, ainda pouco à vontade sem roupa. Algumas não falavam grego e eu tropecei nalgumas frases básicas em turco, tentando entender as suas perguntas, ao mesmo tempo que Olena me esfregava cada centímetro de pele, me enxaguava com um dilúvio de água fresca, me lavava e penteava os cabelos e me deitava em cima da laje, onde começou a me esmurrar e a amassar até eu deixar de sentir os ossos. Durante o processo vi-me incapaz de falar, arrastada para um estado de semi-inconsciência, ao mesmo tempo que as outras continuavam falando entre si. Só me recuperei por completo quando ouvi a palavra Cibebe.

Estavam falando em turco, qualquer coisa sobre uma história fascinante ou um rumor, sobre perigo. Tentei apreender o mais possível.

— Estão falando de quê? — perguntei a Irene, em grego.

— Gül ouviu um rumor escandaloso, Paula — disse Irene na mesma língua, enquanto Olena me deitava de barriga para baixo e recomeçava. — Uma religião secreta aqui mesmo, em Istambul. Tudo muito chocante. Os imãs ter-se-ão sentido ultrajados.

— Uma religião secreta? — murmurei, sentindo os punhos nas costelas. — Que espécie de religião?

— Um culto pagão — disse uma das mulheres gregas. — Baseado na adoração de uma antiga deusa. O marido de Gül ouviu dizer que o próprio xeque ul-Islão está investigando o caso.

— O xeque é o *mufti* de Istambul, Paula — explicou Irene. — O principal consultor do Sultão para a lei religiosa. Um homem muito

influyente, um homem que eu não gostaria de ter como inimigo. Mas talvez esta história do culto não seja verdadeira.

Seguiu-se um momento de silêncio, como se aquelas mulheres estivessem esperando que eu dissesse qualquer coisa.

— Ouvi qualquer coisa do gênero — disse eu. Parecia-me seguro porque elas já estavam a par do assunto e talvez conseguisse reunir algumas informações para o meu pai. — Que fará esse tal xeque se descobrir quem está à frente do culto?

— As conseqüências podem ser terríveis — disse Irene. — Não é como um daqueles cultos místicos dervixes associados ao Islão, como os Bektasi, cujos devotos combinam a aderência às crenças muçulmanas com certas liberdades. Por exemplo, nesse grupo, os homens e as mulheres praticam o culto como iguais e existe um certo grau de glorificação, música, dança, etc. Porém, os Bektasi são reconhecidos pelas autoridades religiosas, apesar dos seus membros mais conservadores lhes franzirem o cenho. Isto, o culto de Cibele, suponho que podemos chamar assim, não é aceito pelos Muçulmanos, pelos Cristãos ou pelos Judeus porque se baseia em antigos costumes pagãos, incluindo a idolatria e o sacrifício. As suas práticas são selvagens.

Olena terminara. Levantei-me muito lentamente, tonta da massagem e do calor e outra mulher tomou o meu lugar na laje.

— Está pronta para uma sesta, Paula — disse Irene. — Venha, vamos até à piscina e depois pode ir descansar. Deixemos estas senhoras com os seus mexericos emocionantes. Atrevo-me a dizer que não passa de um boato falso, talvez lançado por qualquer razão política que se tornará evidente com o tempo.

Um pouco mais tarde dei comigo num *camekan*, ou câmara de descanso, com Murat a servir-me um café enquanto Irene fazia o mesmo com um prato de cobre martelado cheio de frutos de mel. A minha anfitriã dera-me um pedaço de seda verde para envolver o corpo e eu considerei-o totalmente inadequado na presença de um criado, mas Irene parecia totalmente à vontade envolta no seu. Assim, certifiquei-me de que os meus receios não se notavam, se bem que outras partes do meu corpo não pudessem dizer o mesmo. Nenhuma das outras mulheres nos acompanhara. Talvez ainda estivessem absorvidas na conversa.

Murat já desaparecera quando me lembrei do meu guarda-costas.

— Stoyan — disse, com a xícara a meio caminho da boca. — Está à espera há tanto tempo. Talvez... — não podia sair dali meia nua para lhe levar qualquer coisa.

— Murat não gostou de ser criticado, há pouco — disse Irene com um sorriso — o que não o impedirá de oferecer um refresco ao seu homem.

— Lamento se ficou ofendido. Stoyan só estava tentando fazer o seu trabalho.

— Murat é um pouco sensível em relação a certas coisas — disse a minha anfitriã, estendendo a mão para se servir outra vez de café de um recipiente elaboradamente decorado cuja asa era de filigrana de prata com um padrão de folhas de videira. — O compramos do Palácio Topkapi. Você não sabe, mas é muito incomum um eunuco treinado na corte ocupar uma posição longe do

controle do Sultão e dos seus poderosos conselheiros. A aquisição de uma jóia tão rara exige dinheiro, influência e contatos. Felizmente, o meu marido possui os três e fez bom uso deles na ocasião. Na sua posição anterior, Murat fez um inimigo poderoso, estava morto para mudar e nós pudemos ajudá-lo.

— Deve ter sido difícil e até perigoso. — Eu sabia que o palácio era cenário de intrigas políticas de arrepiar.

— Uma certa quantidade de dinheiro mudou de mãos — disse Irene, como que por acaso. — Uma soma que faria corar até a filha de um mercador. A troca foi feita habilmente e em segredo.

— E Murat ficou contente por passar a ser um camareiro?

— Oh, esse não é o seu título oficial — disse Irene. — Murat é muito mais do que um simples camareiro. Os seus talentos são inúmeros, assim como os seus conhecimentos. Nunca o considere um escravo, se bem que os tenha em minha casa: Nashwa e Olena, por exemplo, que você conheceu no *hamam*. — O seu tom era

casual. — Estou vendo que ficou chocada, Paula, mas acontece que não conhece este país. Se não tivesse me responsabilizado por elas, provavelmente teriam sido vendidas e neste momento levariam uma existência de total privação e degradação. Aqui pertencem à casa, têm a minha confiança e tudo aquilo de que necessitam. Ariadne, a garota que ajuda na biblioteca, não é escrava, é mais uma protegida, alguém que eu achei digna de ser educada.

— Lamento se lhe pareceu que estava a criticá-la — disse eu. — O que está fazendo aqui é admirável, faz com que a ambição de minha vida pareça insignificante.

Irene inclinou-se para mim com os olhos brilhando de interesse.

— Conte-me!

Sentindo-me um pouco embaraçada, falei-lhe do negócio de compra e venda de livros que, eventualmente, incluiria, mais tarde, uma prensa para poder publicar textos eruditos.

— É uma bela ambição, Paula — disse a minha anfitriã, não parecendo de todo paternalista, o que me agradou. — Em teoria é praticável. Pelo menos não me disse que esperava casar com um príncipe e viver num castelo.

— De fato, eu vivo num castelo! — repliquei eu, sentindo-me na obrigação de mencioná-lo. — Mas não há nenhum príncipe lá, o telhado tem buracos e os assoalhos estão desmoronando. Como Murat, de certa maneira é uma jóia, único.

Irene sorriu preguiçosamente.

— Acredito. Bem — disse ela, pondo-se elegantemente de pé — é melhor arranjarmos roupa decente para você e mandá-la para casa antes que aquele jovem feroz entre por aqui adentro e exija saber o que lhe fiz. E... Olha! Bem a tempo! Aqui vem Ariadne com umas roupas para você. Lembrei-me de vesti-la ao estilo grego. Acho que lhe ficará bem, Paula. A linha da saia e do casaco são ideais para uma figura esbelta como a sua.

Os meus protestos caíram em orelhas moucas. As roupas, assegurou-me ela, não fariam falta a ninguém, haviam pertencido a uma pessoa da casa que se mudara. Se gostasse, podia ficar com elas. Ariadne deu-me roupa de baixo, uma camisa, uma saia estreita com pequenas pregas de lado e uma blusa com as bainhas bordadas. Finalmente um colete comprido feito de um tecido que parecia azul-cobalto ou cor de bronze vivo conforme o ângulo de luz, que se fixava por intermédio de umas fivelas de prata em forma de tulipa. Por cima de tudo um casaco azul-claro pelo joelho, com mangas compridas e uma bainha de seda multicolorida, que se usava aberto na frente. Ariadne fez-me um carrapito nos cabelos encaracolados, enfiou-me na cabeça um pequeno chapéu que mais parecia uma caixa redonda e cobriu o conjunto com um lenço transparente preso por alfinetes de cabelo.

Vi o meu reflexo num espelho de bronze e fiquei espantada. O traje servia-me na perfeição. No entanto parecia desenhado para atrair as atenções: para fazer com que os homens olhassem para mim. Não sabia se seria apropriado para um passeio pelas ruas de Istambul.

— Obrigada — disse, sentindo um desejo súbito de regressar ao *han*, para junto do meu pai. — Se lhe puder devolver a amabilidade,

seja de que maneira for, por favor diga-me.

— Direi, Paula. Volte em breve. Acha que pode ser amanhã?

— Se o meu pai não precisar de mim, aceito. — Esperava que não. A casa de Irene era um local muito especial. Rodeada de mulheres que partilhavam comigo os mesmos interesses, percebera que estava cheia de saudades de minhas irmãs. Não era apenas por estar em Istambul, tão longe de casa, era por três delas se terem ido embora: Tati para o Outro Reino e Jena e Iulia por terem se casado, separadas de mim pela profunda diferença que o casamento e os filhos criam. Stela ainda era uma criança. Adorava a minha irmã mais nova, mas não podia me comunicar com ela como me comunicava com Jena, por exemplo.

Além do mais, a biblioteca de Irene estava cheia de segredos: os símbolos que reconhecera sem saber porquê, a escrita que aparecera e desaparecera, a mulher e o bordado com uma imagem de Tati, ou assim parecia. Um quebra-cabeças e eu era boa para resolver quebra-cabeças. Com um pouco mais de tempo, encontraria a resposta. Lembrei-me das palavras que ouvira na doca, quando vira a mulher de negro pela primeira vez: *Chegou a hora da sua demanda*. Talvez alguém estivesse me mostrando pistas, indicando-me o caminho. O povo do Outro Reino também impusera uma tarefa

ao amado de Tati e Jena e Costi tinham tido a sua própria missão no mesmo Inverno. Talvez fosse a minha vez. Tão longe de casa?

— Como vão os negócios do seu pai? — perguntou Irene. — Bons ao ponto de poder dispensá-la outra vez?

— Perguntarei a ele — disse eu. Percebi, pela sua expressão, que sabia que eu estava sendo cautelosa como qualquer mercador e pareceu-me, quanto mais não fosse, divertida.

— Quanto a Duarte Aguiar — disse ela em tom delicado — talvez queira avisar o seu pai em relação a ele. Esse português é um concorrente muito sério e não joga pelas mesmas regras.

— Não acho que ele possa fazer negócio conosco — disse eu. — Creio que ele não comercializa as mesmas coisas que nós.

— Ele esteve no seu *han* e quebrou todas as regras para falar com você — disse Irene. — Se eu fosse mercadora, seria o suficiente para fazer a mim mesma algumas perguntas. Falo como amiga. Eu conheço o homem, Paula, sei que não é de confiança.

— Passarei a informação ao meu pai. Acho que ele, provavelmente, já sabe. Há muitos anos que vem aqui negociar.

Sáímos. Stoyan continuava na porta do *hamam*.

— Já podemos ir — disse eu sem olhar para ele. Com as roupas encantadoras, a pele ainda a formigar e os membros pesados por causa da massagem de Olena, sentia-me curiosamente corada e exposta ao seu olhar.

— Sim, *kyria* Paula.

A caminho de casa vimos um bando de músicos vestidos de vermelho com tambores, címbalos e trompas e um malabarista atirando pratos ao ar. A chamada à oração do meio-dia soou por toda a cidade quando estávamos a meio caminho do *han*. Fizemos uma pausa à sombra de uma árvore frondosa, esperando não chamar a atenção já que as ruas estavam meio vazias.

— Esperamos aqui um pouco e depois continuamos — disse Stoyan.

Sentei-me num banco e ele ficou ao meu lado, de pé, particularmente sério. Uns momentos depois arrisquei:

— Fiz alguma coisa para que esteja zangado, Stoyan?

— Não, *kyria*. Estava só preocupado. Esteve longe da minha vista durante muito tempo.

— É despropositado. Você e o meu pai podem ir onde lhes apetecer, mas assim que eu tenho oportunidade, ainda por cima num *hamam* privado, levanta objeções.

— Contratou-me como guarda-costas, *kyria* Paula e como guarda-costas acho que não poderei protegê-la se ficar longe da minha vista em tais lugares. — O seu tom calmo não melhorou a minha disposição.

— Se seguisse as suas regras, não iria a lugar nenhum — disse eu, cruzando beligerantemente os braços. — Não sabe como estava desesperada por um passeio, para sair, só para ver um pouco da cidade. E livros. Estava cheia de saudades de livros; só havia mulheres lá e a única coisa que fizemos foi tomar banho e ler. Estive sempre perfeitamente segura.

— Deve estar comigo ou com o seu pai sempre que sair do *han*. Não está acostumada a uma cidade como esta, a um lugar onde a morte está em cada esquina.

As suas palavras provocaram-me um arrepio. Compreendia por que razão ele acreditava no que dizia: Salem bin Afazi. Porém, a minha situação era muito diferente.

— Acho que está enganado a respeito de Irene — disse eu. — Ela faz coisas maravilhosas, Stoyan, dá oportunidades a pessoas que não as têm.

O búlgaro ficou calado por uns instantes e depois disse:

— Sim, *kyria*. E qual foi a oportunidade que ela lhe ofereceu que já não tenha?

— Acesso a uma biblioteca — disse eu. — A possibilidade de expandir os meus conhecimentos. Espero descobrir mais alguma coisa sobre a *Dádiva de Cibele*.

— Chhhh! — exclamou ele, furioso e eu me calei, mortificada por meu guarda-costas precisar me lembrar que aquele tópico em particular não era para ser discutido na via pública.

— Desculpe — disse eu contra a minha vontade. — Como te disse, pareceu-me perfeitamente seguro.

— Acreditou que não estava em perigo só porque estava numa casa privada, ou num jardim? Isso só demonstra que ignora tudo sobre esta cidade e os perigos que esperam os incautos.

— Não me chame de ignorante! — exclamei. Como era possível ele se atrever daquela maneira? O meu saber era a minha única força e rejeitá-la daquela maneira era o mesmo que me chamar de imprestável. E o que sabia ele? Stoyan era incapaz de perceber a que ponto o conhecimento podia levar uma pessoa. — Um homem que ganha a vida com os punhos não devia rejeitar as opiniões de uma mulher instruída — acrescentei. A frase pareceu-me terrivelmente pomposa e senti-me imediatamente envergonhada,

mas era muito tarde para voltar atrás. O silêncio que se instalou entre nós quase vibrava de tensão. Após uns minutos, quando as devoções terminaram e as ruas começaram outra vez a encher-se de gente, continuamos em direção ao *han* afastados um do outro, mudos.

A decorative horizontal border with a repeating floral and vine pattern. The text "CAPÍTULO QUATRO" is centered within the border.

CAPÍTULO QUATRO

Fuja! O meu coração deu um salto e um suor frio, de terror, cobriu-me a pele. Para onde? Havia várias aberturas para a esquerda e a direita da passagem escura. Fiquei gelada por um momento, até que escolhi uma à sorte e desatei a correr. As teias de aranha colavam-se aos cabelos e umas coisas pequenas roçavam-me nos tornozelos e esmagavam-se debaixo dos pés. *Fuja! Fuja!* Uma mão forte agarrou na minha, puxando-me. Atrás de mim ouviam-se os passos pesados dos perseguidores, ganhando-nos terreno. *Fuja!* Mas eu não podia mais. Dobrei-me, arquejante e perdi a mão do meu guardião. A escuridão aumentou. As sombras eram cada vez maiores. Para onde era para a frente e para onde era para trás? Pensei sentir a respiração do inimigo na nuca. Os seus passos tinham abrandado. O homem movia-se com a cautela de uma fera prestes a lançar-se...

— Pai! — gritei. — Stoyan! — sentei-me abruptamente com o coração a bater com toda a força. Nada se mexia no lado de fora do meu minúsculo quarto. Talvez tivesse gritado apenas no sonho. Uma coisa era certa: não ia ficar ali nem mais um minuto.

Pus uma capa por cima da camisola e saí para a galeria aos tropeções, indo quase de encontro a Stoyan, que estava junto do corrimão totalmente vestido.

— *Kyria* — murmurou ele, abrindo os braços para me deter. — Está sonhando em pé. Venha, sente-se aqui.

Obedeci. Sentada numa das pequenas cadeiras, a olhar para o pátio escuro e vazio, não conseguia parar de tremer. Fora tudo tão real — as sombras, a fuga, a presença ameaçadora...

Stoyan acocorou-se na minha frente, tal como fizera no dia em que me conhecera e agarrou-me as mãos para me acalmar. Gradualmente, os tremores desapareceram e a minha respiração abrandou.

— *Kyria* — disse ele com a sua voz profunda, suave e tranquilizadora —, o guarda tem uma pequena braseira e um bule lá em baixo. Vou lá buscar chá. Quer que acorde mestre Teodor?

— Não, por favor não o preocupe ainda mais. Eu estou bem. Tive um pesadelo, mais nada. Não quero ficar sozinha neste momento, está bem? Eu gritei?

— Não, *kyria*, ou teria acordado mais gente. Fique aí sentada. Não me demoro. Pode ver o homem daqui. E o fogo também.

— Obrigada. Um pouco de chá vai me cair bem.

O que ele trouxe parecia mais xarope de açúcar do que a outra coisa qualquer, mas bebi, agradecida. O copo tremia em minhas mãos. Stoyan voltou a enchê-lo sem uma palavra. Finalmente disse:

— Isso acontece muitas vezes? Terrors noturnos, sonambulismo?

— Terrors noturnos não, mas as minhas irmãs costumavam dizer que eu andava dormindo e fechavam sempre a porta à chave para eu não sair do quarto. Em Piscul Dracului há muitas escadas e algumas delas são bastante perigosas.

— Piscul Dracului. Que nome estranho para uma casa.

— É um velho castelo na floresta. O nome pode ser traduzido para *Pico do Dragão* ou *Pico do Diabo*. É isolado, cheio de surpresas estranhas.

Stoyan anuiu, evitando pedir-me mais explicações.

— O sonho foi horrível — disse eu. — Um homem me perseguia num subterrâneo, um lugar escuro, profundo, com muitas passagens e eu não sabia qual era a melhor. Sabia que me matariam assim que me apanhassem.

Stoyan agarrou novamente minha mão. Ali, na escuridão, com a cidade dormindo à nossa volta, as regras de bons costumes que

teriam tornado aquela situação imprópria não se aplicavam. O contato aqueceu-me.

— Gritou o meu nome — disse o búlgaro. — Primeiro chamou o seu pai e depois a mim. No seu sonho.

— Quando gritei já estava acordada. Nunca me senti tão contente por acordar.

— Juraria que ainda estava dormindo quando saiu do seu quarto. Por pouco não passava por cima do corrimão.

— Pareceu-me tão real. Alguém agarrando minha mão e me puxando. E vinha alguém atrás de nós...

Stoyan levantou-se, foi buscar o seu cobertor e o pôs sobre meus ombros, por cima da capa.

— Melhor? — perguntou.

— Muito melhor, Stoyan, obrigada. Desculpe tê-lo acordado. Geralmente não me descontrolo assim, sou suficientemente forte. — A sua opinião sobre mim devia ter sofrido um grande revés. Primeiro a minha observação desagradável a caminho de casa e agora aquilo.

— Eu sei que é forte, *kyria*.

— Stoyan? — chegara a hora de engolir o orgulho.

— Sim, *kyria*?

— Desculpe ter sido tão desagradável, quando vínhamos para cá. O que eu disse foi impróprio e ofensivo.

— Está desculpada, mas eu sou apenas o seu guarda-costas. Pode dizer o que quiser.

— Não é desculpa. Eu não estou habituada a ter empregados, Stoyan. Senti-me embaraçada na casa de Irene quando ela me disse que algumas das pessoas, lá, eram escravas. Em minha casa, o casal que toma conta de nós é como se fosse da família. Por vezes, quando se sentem pouco à vontade com qualquer coisa, tratam-me por menina Paula, mas de resto tratam-me por você e me chamam simplesmente de Paula.

— Parece ser um lugar agradável, esse tal Pico do Dragão.

— É um lugar interessante. Tanto o castelo, como os bosques que o circundam, são muito antigos.

— Tem sorte por ter tantas irmãs ainda vivas. E algumas têm maridos e filhos, segundo me disse mestre Teodor. O seu pai é um homem abençoado.

Fiquei pensando naquilo. O meu pai sofrera muito: a morte da minha mãe por ocasião do nascimento de Stela, o acidente trágico que vitimara tio Nicolae, a ida de minha irmã Tati para um reino de onde poderia nunca mais voltar. Mas o que Stoyan dissera era verdade, mesmo assim. Os filhos de Jena e de Iulia tinham trazido uma nova riqueza à vida do meu pai.

— Nós éramos muito unidas. Vivemos tempos excitantes. Aventuras. — Não ia falar das nossas visitas ao Outro Reino, guardávamos cuidadosamente, com medo de sermos mal interpretadas. — Tem irmãos ou irmãs, Stoyan?

— Talvez seja melhor tentar dormir, *kyria*. É muito tarde.

— Não quero dormir. Tenho medo que o pesadelo volte. Mas você não precisa ficar acordado comigo.

— Não faz mal.

O meu guarda-costas encostou-se à parede, ao lado da minha cadeira, de braços cruzados e uns momentos depois disse:

— Tinha dois irmãos. Um deles morreu quando tinha cinco anos, num acidente e o outro foi levado pelo *devshirme*, o coletor. Sabe o que é?

Abanei a cabeça.

— Conte-me.

— O Sultão manda um janízaro, um oficial superior do seu exército, como seu representante, a certas terras sob o seu domínio com o propósito de fazer um levantamento dos rapazes que ainda não atingiram a virilidade. É assim que o sultanato tem sempre uma certa quantidade de escravos puros, saudáveis e dóceis. Alguns vão diretamente para o palácio e outros para casa de famílias ricas até lhes encontrarem uma posição, geralmente como soldados. Outros são castrados e passam a ser eunucos, incapazes de fazer filhos, sem desejo físico. Um eunuco é a pessoa ideal para guardar as mulheres do Sultão ou para educar os seus filhos. — Stoyan viu-me estremecer e continuou: — A minha mãe tentou esconder-nos, a mim e ao meu irmão mais novo, mas eles nos encontraram. Como nunca privam uma viúva de todos os seus filhos, eu fiquei em casa, mas Taidjut foi levado.

Tentei encontrar palavras, imaginando o que aquilo teria custado ao jovem Stoyan. Que fardo para um rapaz — não só a dor e a responsabilidade para com a família, como também, provavelmente, algum sentimento de culpa.

— Deve ter sido terrível para você e para a sua mãe — disse eu, finalmente. — Foi quando?

— Taidjut tinha dez anos. Hoje tem dezoito. Eu era muito novo para ir atrás dele sozinho. Esperei muito tempo para fazê-lo. As coisas na fazenda começaram a correr melhor e a minha mãe deixou de precisar tanto de mim. Assim que tive certeza de que ela tinha quem a ajudasse, vim para Istambul e quando não estava de serviço, por conta de Salem bin Afazi ou de outros antes dele, procurava o meu irmão. Mas há lugares, em Istambul, onde um não crente, um infiel, não pode ir, casas onde não é admitido, segredos que nunca pode partilhar. Existem registros, mas não estão ao meu alcance. Creio que nunca mais encontrarei Taidjut e, mesmo que o encontre, é provável que ele não queira me ver.

— Mas você é irmão dele! Certamente...

— Eles tiveram oito anos para educá-lo, Paula, o suficiente para lhe meterem na cabeça que já não é um camponês búlgaro a correr

pelos campos afora com o seu cão, ou a rachar lenha para a sua mãe. Provavelmente está em algum lugar no exército do Sultão, grato pela oportunidade.

A tristeza e a resignação na sua voz deram-me vontade de chorar.

— Que história tão triste — disse. — Quando nós perdemos Tati, a minha irmã mais velha, pelo menos sabíamos que ela iria ser feliz, apesar de, provavelmente, nunca mais a vermos. Tenciona voltar para casa um dia, Stoyan? Voltar para a sua fazenda?

— Não sei. Seria perder a esperança de encontrar Taidjut. Prometi à minha mãe que não voltaria sem notícias, pelo menos. Estou mudado, Paula, já não vejo o futuro com os olhos da infância.

— O que é que a sua mãe cultiva na fazenda?

Finalmente Stoyan sorriu.

— Muitos frutos: pêssegos, ameixas, damascos e cerejas. Devia provar as nossas cerejas. O frio do Inverno torna-as tão doces como o mel. Mais tarde temos peras e maçãs. E criamos cães.

— Verdade? Que espécie de cães?

— *Bugarski goran*, cães pastores, animais maciços, de força formidável, grande coragem e lealdade exemplar. Os *bugarski goran* são tratados como se fossem da família. Na nossa terra há muitos lobos. A minha esperança é criar um cão mais puro, fiel às antigas linhagens. Isso se voltar.

Apesar de estar escuro, conseguia ver-lhe os olhos brilhantes de entusiasmo e o modo como usava as mãos, com uma graça surpreendente, para ilustrar o que dizia. Por baixo da sua aparência

impassível havia uma alma doce, como que fechada numa concha dura, um fogo vivo oculto por uma rocha.

— Estou te aborrecendo, *kyria* — disse ele subitamente.

— Não, de modo nenhum. O que diz é muito interessante.

— Você também tem uma história interessante — disse o búlgaro, surpreendendo-me. — Para onde foi essa sua irmã? Tati, não é? Fala dela como se ela estivesse morta!

Engoli em seco.

— Lamento, mas não posso dizer.

Seguiu-se um silêncio embaraçoso. Stoyan olhou para o céu. Para lá dos contornos complicados dos telhados de Istambul, das torres, das abóbadas e dos minaretes, a Lua brilhava palidamente sobre a cidade, deixando-me ver as feições viris do meu guarda-costas num padrão de luz e sombra.

— Lamenta — disse ele suavemente. — Quer dizer que não confia em mim.

— Não é isso. Trata-se de uma história que não contamos a ninguém, mais nada.

— Não precisa se desculpar, *kyria*. Eu é que não devia ter perguntado. Foi uma presunção.

Levantei-me, debrucei-me no corrimão e olhei para a pequena luz emitida pela braseira do guarda, colocada no centro do pátio, bem afastada das divisões onde estavam armazenadas cargas preciosas.

— Alguns segredos são muito perigosos para serem partilhados — disse eu.

— Não espero nada de você, *kyria* — disse Stoyan — mas posso dizer-lhe que é a primeira vez que falo de Taidjut sem ser com a minha família e com aqueles que achei que deviam saber qualquer coisa sobre os rapazes levados naquele ano. Este assunto tem estado sempre escondido no meu coração. Quanto à fazenda e às minhas esperanças para o futuro, é a primeira vez que falo delas desde que vim embora.

Stoyan confiava em mim, portanto, ao passo que eu não. Mas eu tinha medo que, se falasse das escapadelas mágicas da minha infância, as pessoas as achassem uma fantasia própria de garotas. No entanto, ali, em Istambul, o Outro Reino manifestara-se, não havia dúvida. O pesadelo, com a sua escuridão e terror, parecia fazer parte das outras coisas estranhas que estavam acontecendo: a mulher de negro com o seu bordado, as palavras misteriosas e até o padrão que vira no manuscrito. Porém, sentia que precisava de

alguém com quem falar, alguém que não risse nem ficasse perturbado por me ouvir dizer tais coisas.

Perguntei a mim mesma se me atreveria a tentar e como reagiria Stoyan. Lembrei-me do modo como ele falara de Cibele. Enquanto o debate continuava, intimamente, ele foi buscar outro cobertor para me cobrir os joelhos e desceu ao pátio para me trazer mais chá. A Lua pairava por cima de nós, pura e delicada no meio das estrelas. O silêncio do búlgaro e a sua bondade ajudaram-me a tomar uma decisão. Contaria a história de Tati. Seria um teste.

— Perguntou-me sobre a minha irmã Tati, a minha irmã mais velha — disse eu. — Passou por um portal e foi para outro lugar, um lugar que não faz parte do mundo humano; apaixonou-se por um homem que fora levado para lá quando criança e que não podia regressar. Tati queria ir e nós a ajudamos, as minhas irmãs e eu. Isto é apenas uma pequena parte de uma história muito longa que nós nunca contamos a ninguém, nem sequer ao meu pai, porque ele ainda não se recompôs totalmente da partida dela. Algumas pessoas, se a ouvissem, poderiam pensar que eu a inventara, partiriam do princípio que eu era uma jovem tola com uma grande imaginação.

Stoyan anuiu solenemente.

— Achei que devia ser qualquer coisa do gênero — disse ele. — Uma decisão difícil para você. Dizem que a terra do Sultão está cheia de gigantes, *paris* e *djinns*. Acho que deve ter muitos portais como esse. O problema é encontrá-los.

O meu guarda-costas aceitara a história, assim, sem mais nem menos. Sem perguntas, sem reservas. Notável. Percebi, deliciosamente aliviada, que encontrara um amigo naquela parte do mundo.

Ficamos na galeria até o alvorecer. A primeira chamada à oração ouviu-se através do *mahalle* de Gaiata. Gradualmente, o *han* começou a acordar, as pessoas abriram as persianas, foram à água e o vendedor de chá preparou-se para servir os seus primeiros clientes. Era hora de me preparar para outro dia.

Naquela manhã não fui à biblioteca de Irene, nem nas seguintes. Estávamos ocupados vendendo e a comprando. Tive muitas oportunidades para ajudar o meu pai e começou a correr pelo bairro que eu era quase tão dura como ele. Era bom sentir-me genuinamente útil. Porém, o mistério com que me deparara na biblioteca nunca estava longe dos meus pensamentos. A necessidade perturbadora de encontrar respostas perturbava-me o sono.

Precisava fazer alguma coisa antes de voltar a casa de Irene. Abordei o assunto uma noite, ao jantar. Stoyan pusera-nos a comida na pequena mesa: um prato com pão, uma tigela de cebolas e pepinos cortados aos pedacinhos, azeitonas escuras e uma pasta de ervilhas temperada com alho. O meu pai e eu sentamo-nos nas duas cadeiras, ao mesmo tempo que Stoyan se encostava à parede. O búlgaro disse que se sentia mais confortável daquela maneira; que as cadeiras tinham sido feitas para pessoas mais baixas.

— Pai, quero pedir-lhe um favor.

— Hum?

— Gostaria de ir outra vez à biblioteca de Irene. Talvez consiga algumas informações, qualquer coisa sobre Cibele que possa nos ajudar na compra. Também quero visitar o *hamam* dela, mas preciso de roupas novas. Os vestidos que trouxe de casa não servem para Istambul. Senti-me embaraçada quando Irene me deu aquelas coisas. Podemos ir ao mercado comprar alguns tecidos? Maria disse que me ajudaria a costurar.

O meu pai olhou para Stoyan.

— Poucas mulheres se aventuram no *çarsi* — disse o búlgaro. — É capaz de atrair muita atenção, *kyria*.

— Porque não dá uma lista a Stoyan? — perguntou o meu pai, juntando as ervilhas com um pedaço de pão.

Suprimi um suspiro.

— Acho que *kyria* Paula quer ver as coisas pessoalmente, mestre Teodor. — Parecia que o meu guarda-costas compreendera os meus pensamentos perfeitamente.

— É um desapontamento muito grande vir a Istambul e não ir aos mercados cobertos, pai — disse eu. — E não disse que precisava de Stoyan durante alguns dias para tentar descobrir os outros prováveis compradores da *Dádiva de Cibele*? — falara-lhe do boato sobre o xeque ul-Islão e o culto secreto e, resumidamente, da conversa que tivera com Duarte Aguiar, o que não o desencorajara de continuar as suas visitas. — Se eu estiver costurando com Maria, estarei em segurança enquanto estiverem fora.

O meu pai sorriu.

— Argumentando dessa maneira tão convincente, só posso capitular. Vamos todos. O *çarsi* é uma verdadeira colmeia. Se fizermos a perguntas certas, poderemos conseguir algumas informações muito úteis.

Na manhã seguinte descemos à beira-mar. Ali, o Corno Dourado estava ladeado de pequenos cafés e áreas de descanso. Descemos um lance de degraus até chegar a um molhe de madeira raquítico cheio de gente. Stoyan iniciou uma conversa rápida e intensa em turco com um funcionário de turbante verde. Assim que o preço foi acordado, o homem serviu-se do seu bordão com castão de prata para indicar um pequeno *caique* atracado entre vários outros barcos maiores. As embarcações chegavam e partiam, acompanhadas por gritos e quase colisões. Havia outros molhes iguais àquele ao longo da margem. Àquela hora matinal todos eles estavam cheios de gente, homens e mulheres, à espera de embarque. Os barcos maiores tinham seções separadas na popa para os passageiros femininos.

Eu usava um vestido de lã azul muito simples e muito leve e um lenço branco na cabeça. O meu pai tinha um ar muito distinto com a sua túnica vermelha-escura de mercador e um chapéu baixo combinando. As pessoas olhavam para nós e se não era por causa

do nosso ar de estrangeiros era, certamente, por causa da altura e dos ombros largos de Stoyan, mas como havia pessoas de todas as raças entrando e saindo dos barcos, desviavam rapidamente a sua atenção. Stoyan ajudou-me a entrar no *caique* balançante e sentei-me à popa. O meu pai instalou-se ao meu lado e Stoyan um pouco mais à frente.

O barqueiro, com um único par de remos, meteu-se por entre a confusão geral de embarcações e iniciamos a travessia, rápida e sacudida, por entre o tráfego intenso do Corno Dourado. A água cintilava à nossa volta. As velas encarnadas, castanhas e cremes passavam por nós como borboletas exóticas. Olhando para trás, avistei o *Stea de Mare* ancorado na doca dos mercadores e, por trás dele, a forma maior do *Esperança*. De cada lado do canal, as torres de Istambul erguiam-se contra o azul perfeito do céu.

A meio da travessia, um enorme *caique* de proa alta passou por nós velozmente, propulsionado por uma tripulação de dezoito remadores em uniformes vermelhos e brancos. À popa, sob um dossel ornamentado com borlas, ia sentado uma grande personagem com uma túnica cheia de incrustações douradas. A esteira quase nos inundou. Agarrei-me a meu banco, imaginando o que seria tentar nadar num canal tão congestionado como aquele. Encontrei os olhos de Stoyan e forcei um sorriso.

— Não se preocupe, *kyria* — disse ele calmamente. — O nosso barqueiro é muito experiente.

— Hum — murmurei, preocupada em não mostrar que estava preocupada com o calado do *caique* e o movimento balançante. Afinal de contas, fora eu que pedira aquela saída.

— Sabe nadar? — perguntou o búlgaro para iniciar conversa.

— Consigo não afundar — disse eu. — Mas preferia não pôr as minhas capacidades à prova vestida e calçada.

O meu pai emitiu um comentário qualquer que eu não entendi. À proa de um barco maior que seguia perto de nós seguiam várias mulheres vestidas de branco. O fato, em si, não tinha nada de incomum; a maior parte dos passageiros femininos que vira da doca estavam vestidos daquela cor. Porém, uma delas estava olhando para mim. Das mãos pendia-lhe um bordado esfarrapado, como um

pequeno animal morto. Pareceu-me ver uma segunda garota no tecido. De fato, depois da bailarina de cabelos negros havia outra, esguia, com uma nuvem de cabelos encaracolados castanhos e um sapo equilibrado no ombro. A minha irmã Jena. Estremeci. O que significava aquilo?

— Paula?

O meu pai parecia perplexo. Virei a minha atenção para ele.

— Desculpe — disse. — Pensei ver alguém que conhecia, mas devo ter-me enganado. — De fato, quando voltei a olhar para o barco maior, as mulheres pareceram-me todas iguais. Fosse como fosse, como era possível ter visto os pormenores do seu trabalho manual àquela distância? A minha imaginação estava, outra vez, a pregar-me peças. Virei os meus pensamentos para as tonalidades dos tecidos que queria comprar.

O *çarsi* era um labirinto de becos estreitos coberto de abóbadas apoiadas em pilares. Aqui e ali, algumas aberturas deixavam entrar a

luz do dia.

— Está tão escuro — resmunguei, enquanto percorríamos uma rua minúscula cheia de gente. — Por que razão não há mais lâmpadas?

— Fogo — disse o meu pai. — Este lugar está cheio de peles, tecidos, papéis. Ao menor descuido, todo o *mahalle* pode arder como um archote.

As ruas estavam ladeadas por pequenas lojas, cada uma com o seu proprietário sentado à porta num banco. Havia uma rua só para os lenços e para os bordados, explicou-me o meu pai, outra para os curtidores de peles, etc. Perguntei a mim mesma onde estariam os vendedores de livros, os que Duarte mencionara. Parecia que aquilo não acabava mais. Cheirava a especiarias, carneiro assado e café acabado de fazer. Agora que já saíra do *caique*, estava ansiosa por começar.

— Assim que encontrarmos a rua dos vendedores de tecidos — disse eu — começo as compras imediatamente. E se não se importa, pai, quero ser eu a negociar.

— Acha que sou capaz de interferir? — o meu pai sorria. — Só não quero que se afaste. Este lugar é um labirinto, é fácil nos perdermos uns dos outros. Stoyan, é capaz de ir por mim ao estabelecimento do mercador de papel? Ele já deve ter a minha encomenda empacotada. O preço foi acordado antecipadamente. Quando voltar, a minha filha já deverá ter concluído o negócio.

Durante alguns momentos vimos a cabeça escura do búlgaro por entre a multidão, até que desapareceu.

Entramos numa rua de mercadores de tecidos. O meu pai ficou olhando a multidão a passar, deixando-me a exercitar o meu turco hesitante. Estava decidida a não lhe pedir ajuda. Bebi muito chá e fiz muitas perguntas relacionadas com a família dos diversos mercadores. Tais passos eram necessários se queria que os vendedores me deixassem inspecionar as suas mercadorias: rolos de linho, lã, gaze, musselina para turbantes, tecidos delicados para véus e feltro espesso para chapéus e capas de Inverno.

Na terceira loja vi linho de que gostei, mas o preço era exorbitante e parecia que não conseguia fazê-lo baixar. O homem agitava as mãos, falando muito depressa e eu não o entendia.

— Linho encarnado muito caro — disse-lhe eu, esperando que o meu turco não fosse tão ruim como a sua falta de entendimento parecia indicar. — Vou a outro lugar. Bom dia.

Continuamos. À medida que cada comerciante inflacionava os seus preços, atingindo preços ridículos, recusando-se a negociar comigo como o fazia com um cliente masculino, fui-me apercebendo de que nenhum deles me considerava uma compradora séria.

Desconfiei que as suas mercadorias melhores nem sequer estavam expostas. Enquanto isso, o meu pai falava com diversas pessoas na rua. Parecia que todo mundo o conhecia. Não lhe levava a mal o fato de não estar me ajudando visto que eu mesma insistira que queria fazer tudo sozinha.

Fui-me sentindo cada vez mais frustrada e ansiosa pelo regresso de Stoyan para lhe pedir que se colocasse a meu lado e se mostrasse ameaçador. Estava decidida a não sair dali de mãos vazias; não queria admitir a derrota.

Cheguei a uma pequena loja com uma porta estreita que dava para uma sala sombria, onde se viam alguns rolos de seda: um deles cor de ameixa e um outro cor de musgo. Para avaliar a qualidade, precisava passar os dedos pelo tecido e inspecionar a tecelagem sob uma luz adequada.

— Trazer essas sedas aqui — disse eu, apontando. — Por favor.

Mais abaixo, na rua, o meu pai parara para cumprimentar dois mercadores que, pelo estilo da roupa, deviam ser napolitanos. As respectivas mulheres estavam com eles, usando vestidos modestos e véus na cabeça.

O vendedor dizia que eu não estava interessada naquelas sedas. O homem agitava as mãos, dizendo que mandaria um rapaz buscar outras no armazém.

— Não! Não mandar rapaz. — Adotei uma abordagem mais enérgica, franzindo o cenho e gesticulando. — *Essas sedas. Trazer aqui. Eu ver!*

O vendedor mudou o peso do corpo de um pé para o outro e resmungou, recusando-se a olhar para mim. Preparava-me para lhe dizer qualquer coisa extremamente indelicada quando uma voz familiar disse atrás de mim, em grego:

— Posso ajudá-la?

Virei-me e vi uma figura alta, ferosa, vestida ao estilo turco, com um dólman e um cinto largo por cima de uma camisa e calças largas, brancas. Um par de olhos escuros, por cima de um nariz aristocrata, olhou zombeteiramente para mim. O meu lenço continuava atado ao seu pescoço.

— É muito educada — disse Duarte. — Tem que bater o pé no chão, guinchar de fúria e ameaçar arruinar-lhe o negócio.

— Eu não sou uma criança mimada, sou uma mulher crescida — repliquei, sentindo a irritação alimentada pela frustração. — E não preciso da sua ajuda.

O pirata sorriu. Suas feições aquilinas adquiriram um ar conspiratório.

— Afinal somos amigos ou não somos, menina Paula? Além disso devo-lhe um favor. — Os seus dedos subiram e tocaram o lenço. — Deixe-me ajudá-la, por favor.

Sem esperar por uma resposta, o português dirigiu-se ao vendedor de tecidos num turco fluente. Não entendi tudo, mas pareceu-me ouvi-lo dizer que eu era filha de um homem imensamente poderoso e seu amigo pessoal, que eu precisava, imediatamente, ver tudo o que ele tinha na loja, ou cairia em cima dele e de toda a sua família uma pestilência terrível não especificada. Em seguida, menos dramaticamente, Aguiar acrescentou que o vendedor podia considerar-se afortunado por eu ainda não ter espalhado pelo *çarsi* que ele insultara uma senhora.

O efeito foi espantoso. O mercador apresentou um banco almofadado, convidou-me a sentar e em seguida foi buscar os copos de chá. Expliquei em grego o que queria ver e Duarte, com um sorriso feroz, transmitiu os meus desejos ao lojista, que me apresentou os tecidos. Inspecionei-os e confirmei-lhes a qualidade. Em seguida disse a palavra *sapatos*. O vendedor respondeu que o seu rapaz nos mostraria o melhor lugar para comprar chinelos de pele da melhor qualidade. Depois pronunciei a palavra *galão* e logo a seguir ornamentos. O vendedor nos disse onde era o estabelecimento do seu primo, na rua dos vendedores de lenços. Bastaria mencionar o seu nome para nos assegurar um serviço atencioso, acrescentou ele, olhando nervosamente para Duarte.

Regateei o preço das sedas. Entretanto tínhamos espectadores: o meu pai, os mercadores napolitanos e as respectivas mulheres e um bando de rapazes. O meu turco era suficiente para a conclusão do negócio, mas Duarte continuou a intrometer-se, ameaçando o infeliz comerciante com vários destinos alarmantes se lhe passasse pela cabeça me enganar. Acabei ficando com o tecido cor de ameixa e o verde por um preço que sabia ser justo para aquele tipo de seda, de qualidade média. No entanto não me sentia satisfeita, tal era o meu desejo de conseguir o negócio sozinha.

Seguimos para o vendedor de sapatos e depois para a rua dos lenços, onde fiz mais algumas compras. O nosso séquito nos seguiu. O meu pai vigiava Duarte de perto mas sem intervir, permanentemente alerta para tudo o que lhe pudesse dar alguma vantagem comercial, por menor que fosse. Eu percebera que ele decidira ser discreto, limitando-se a manter os ouvidos abertos, já que eu parecia controlar a situação. Os outros observavam tudo com interesse indisfarçado. Eu não gostava da idéia de ter a minha visita ao mercado na boca de todo mundo, nos *hamam* ou nas reuniões dos mercadores napolitanos. No entanto, a oportunidade era muito boa para perdê-la.

Comprei um par de chinelos vermelho-escuros de pele suave com um padrão de flores em volta da parte superior, um galão que ligaria com a seda cor de musgo, uma série de véus de várias cores e alguma musselina para a roupa de baixo.

Duarte continuava por perto, acrescentando uma palavra sempre que achava necessário. Eu estava dividida entre a irritação e a curiosidade. Não havia necessidade nenhuma dele fazer aquilo, ia muito além da compensação pelo lenço barato, apesar de ser o meu preferido.

Quando o vendedor me entregava a musselina envolta num tecido protetor, Stoyan apareceu com um pacote debaixo do braço. A multidão afastou-se para deixá-lo passar.

— O seu cão de guarda está quase latindo — murmurou Duarte ao meu ouvido. Através da seda fina do meu lenço, senti o calor de sua respiração.

Um momento depois, sem eu perceber bem como, o nosso guarda-costas estava entre mim e o português.

— Eu a escoltarei, *kyria* — disse ele, como se o outro homem fosse invisível.

Espreitando em volta do volumoso corpo de Stoyan, vi Duarte encostado a um pilar, como se não fosse nada com ele.

— Ah — disse ele em tom arrastado —, bem a tempo. A menina Paula tem uma série de embrulhos para você levar.

Stoyan cerrou o punho direito, mas conteve-se. Como guarda-costas, sabia que não podia se exaltar.

— Acabou, Paula? — perguntou o meu pai da rua em tom calmo. — Os meus colegas napolitanos sugeriram que fôssemos descansar um pouco em um dos cafés à beira-mar antes de voltarmos a Gaiata.

— Sim, pai, já acabei. Stoyan, eu levo alguns dos embrulhos. São muitos.

— Eu levo, *kyria* — disse o búlgaro, aliviando-me os braços. Perguntei a mim mesma se Duarte Aguiar também teria sido convidado, mas quando levantei os olhos ele já desaparecera no meio da multidão do *çarsi*, tão subitamente como aparecera.

Só percebi que estava cansada quando me sentei. Os napolitanos e suas mulheres sentaram-se numas almofadas e apresentaram-se, ao mesmo tempo que Stoyan pousava os embrulhos e ia buscar bebidas para nós.

Uma das mulheres, Fiorella, fez-me algumas perguntas sobre Duarte Aguiar, surpreendida por eu conhecê-lo tão bem.

— Não conheço — disse-lhe. — O homem apareceu e ofereceu-se para me ajudar, simplesmente.

— Ele é bonito, de certo modo — disse a outra mulher, Gemma.
— Aqueles olhos de fazer derreter o coração e aquele perfil...

O meu pai clareou a garganta.

— Um homem com aquela reputação não se oferece para ajudar assim, sem mais nem menos. O seu comportamento foi estranho.

Seguiu-se um breve silêncio e então, um dos mercadores, um homem chamado Antônio, disse:

— É possível que estejamos todos em Istambul pelo mesmo motivo, Teodor: você, Duarte Aguiar e eu. Foi convidado a visitar

Barsam, *o Elusivo*, na sua casa azul? — A sua voz transformara-se num murmúrio. Todo mundo estava falando em grego, a língua dos mercadores o que, por si só, não era garantia de confidencialidade naquela cidade de múltiplas línguas.

As feições barbudas do meu pai assumiram a expressão neutra usada nas negociações; sabe-se lá no que estaria pensando. Tratava-se de um truque que eu praticava, por vezes, em frente ao espelho e que era muito mais difícil do que parecia.

— Sim, já me encontrei com o armênio — disse ele prudentemente.

— Eu também o visitei — disse Antônio em voz baixa, apesar de estarmos todos sentados a alguma distância dos outros clientes do café devido ao fato de haver três mulheres no grupo.

— Espera ser chamado de novo? — perguntou o meu pai.

— Suponho que, quando o vendedor estiver pronto, fará um convite formal para vermos o objeto. Talvez, então, saibamos quantos somos.

Stoyan aproximou-se de nós com um tabuleiro de pequenas xícaras de café. Enquanto o pousava na mesa baixa a que estávamos sentados, Aguiar apareceu na rua, subiu os degraus e acocorou-se graciosamente a meu lado.

— Desculpe — murmurou ele em grego —, mas esqueceu-se disto! — Aguiar colocou um pequeno pacote embrulhado em tecido em cima da mesa, junto da minha mão. — Os meus cumprimentos, mestre Teodor, mestre Antônio, mestre Enzo. Pergunto a mim mesmo se terão recebido um convite para jantar na casa de certo mercador armênio?

Seguiu-se um silêncio gelado. O meu pai foi o primeiro a recuperar a compostura.

— Importa-se de se juntar a nós, senhor Aguiar? — perguntou ele.

— Obrigado, aceito — disse Duarte, instalando-se ao estilo turco, um joelho levantado e a outra perna dobrada ao longo da mesa. O português inclinou a cabeça na minha direção e na direção de Gemma e Fiorella. As duas mulheres coraram e sorriram, enquanto eu tentei não imitá-las. Seguiu-se uma série de preâmbulos embaraçosos.

— Suponho que a minha filha lhe deve um agradecimento — disse o meu pai —, se bem que não me parece que tenha apreciado o seu auxílio. Paula não aceita ajuda de bom grado. Eu mesmo só a ofereço em determinadas circunstâncias.

Apressei-me a defender a minha dignidade.

— Se é seu desejo discutir sobre mim, por favor lembrem-se de que estou presente — disse eu com as faces a corar.

— As minhas desculpas, Paula — disse o meu pai. — Senhor Duarte, o senhor mencionou um convite. Podemos concluir que também recebeu um?

— A minha mensagem só chegou esta manhã — disse Duarte, aceitando uma xícara de café e olhando para mim pelo canto do olho. — Um jantar daqui a cinco dias para discutir a compra de um determinado objeto. Talvez haja uma mensagem igual à sua espera nos seus alojamentos, quando voltar.

— Quem sabe? — exclamou Antônio em tom ligeiro.

— Ouvi dizer que coleciona antigüidades, senhor Aguiar — disse o meu pai — entre outras coisas.

O pirata curvou os lábios num sorriso indiferente.

— Partilho certos interesses com você, não o nego — disse ele.
— Algumas peças têm histórias extremamente interessantes. Não concorda, menina Paula?

— Ouvi dizer que é um negociante altamente competitivo, senhor Aguiar — disse eu. Os seus modos despreocupadamente confiantes irritavam-me. O homem se comportava como se fosse superior a qualquer mercador respeitável e intrigava-me. Aguiar era como um quebra-cabeças fascinante, cheio de segredos. Naquele momento merecia que alguém o desafiasse. — E provou-o no mercado com a sua atuação. Sou obrigada a admitir que a minha expedição correu bastante melhor após a sua intervenção. — Obriguei-me a fixá-lo. O português tinha uns belos olhos escuros, provocantes, de longas pestanas. — No entanto, suponho que não pode ser considerado um mercador como o meu pai e os seus colegas aqui presentes.

Seguiu-se um pequeno silêncio. Eu sabia que fora rude, mas o homem irritava-me. Mais perturbador ainda era o fato de lhe admirar um pouco o estilo. E ninguém merecia ser tão bonito. Os olhos de Gemma e Fiorella brilhavam de admiração.

O sorriso de Duarte desvanecera-se. O português olhou solenemente para mim.

— Não é a primeira vez que faz essa insinuação, menina Paula — disse ele. — É verdade que os meus métodos não são muito ortodoxos, admito. Talvez estejam para além da compreensão de uma jovem como a menina. A sua educação deve ter sido muito protegida. Tem muitos anos para aprender que o mundo não está cheio de homens como o seu pai. Se ficar uns tempos em Istambul, essa lição começará a deixar marcas em você. De certo modo, espero que não. O ideal seria que mestre Teodor a mandasse para casa antes que a sua frescura seja destruída pela experiência.

O meu pai levantou-se.

— As suas observações não são apropriadas, senhor Aguiar — disse ele e eu vi aparecer-lhe no rosto uma expressão rara, uma ira profunda, contida. — Acho que não temos mais nada a dizer um ao outro. Stoyan, este senhor vai embora. Por favor, escolte-o até a rua.

Stoyan aproximou-se. O pirata continuou sentado, numa pose perfeitamente descontraída.

— Isso não é necessário — disse eu rapidamente. — Pai, por favor, os comentários foram dirigidos a mim e eu posso muito bem lidar com eles. Prefiro responder aos insultos com a razão. Abomino a violência. Por favor, Stoyan, espere. — Virei-me para Duarte, que bebia calmamente o seu café. — O senhor foi muito apressado a julgar-me; viu a minha aparente incapacidade no *çarsi* e chegou rapidamente à conclusão de que sou uma criança mimada. É uma tolice fazer juízos apressados. Um homem maduro como o senhor devia sabê-lo.

O meu pai clareou a garganta e, decidindo não interferir mais, sentou-se, murmurando qualquer coisa aos mercadores napolitanos, que começaram tranquilamente a falar de qualquer coisa no outro extremo da mesa. Não percebi se ele estava chocado ou divertido. Os olhos de Stoyan continuaram fixos em mim e no português.

— Sim — disse Duarte suavemente — mas não é verdade que, por sua vez, também fez um juízo apressado do meu caráter? Admita. Já me chamou de homem sem princípios, ganancioso e imoral, se bem que com um certo encanto. Verdade ou mentira?

— Não me guiei apenas pelas aparências, senhor. O senhor deve saber que tem uma certa reputação.

— Confia em mexericos e boatos? — as suas sobrancelhas levantaram-se, desdenhosas.

— Sou uma menina ignorante, não sou? Como posso saber a diferença entre um boato e um fato?

Duarte sorriu, levantando a pequena taça de café com uma das mãos elegantes. Os seus olhos dançavam de prazer — parecia ter

apreciado a minha tentativa para irritá-lo.

— Fazemos uma trégua? — murmurou ele. — Nunca achei que fosse ignorante, menina Paula. O seu grego é extremamente fluente. O seu pai tem andado a treiná-la desde a infância para o *mister* de mercadora?

— De fato, não. Eu estudo línguas por interesse. Também falo outras, além do grego. Quando estou em casa, passo a maior parte do tempo lendo.

— Evidentemente, já que é uma estudiosa! Como pude me esquecer? Infelizmente, apesar de Istambul ser uma cidade extremamente culta, as suas bibliotecas não são acessíveis aos infiéis, o que é frustrante. A não ser que me converta, o conhecimento que a cidade encerra fica fora do meu alcance — disse ele com um sorriso. — A palavra foi mal escolhida. Sabe, eu não quero tais obras eruditas para roubá-las, quero-as para lê-las. — Aguiar virou-se ligeiramente, estalando os dedos na direção da braseira onde o vendedor de café estava trabalhando.

— Gosta de livros? — perguntei, estudando-lhe o rosto, tentando entender se ele estava brincando comigo.

— Não fique com esse ar surpreendido, menina Paula. Como me recordou amavelmente, sou um homem maduro, pelo menos em comparação a você e tive muito tempo para me instruir. Sim, gosto de livros. Gosto de tudo o que tenha história interessante por trás. Mitos, fábulas, histórias populares, relatos estranhos e heróicos.

A observação ficou entre nós, cheia de significado. Eu tinha certeza de que ele estava se referindo à *Dádiva de Cibele*, mas sabia o suficiente para me calar.

— A viagem de Perséfone ao Mundo Subterrâneo — disse eu, com a imagem de Tati a dançar-me na mente. — Atalanta, capaz de correr mais do que todos os seus pretendentes. Gosto muito desses, mas prefiro os dramas gregos, particularmente Sófocles. As peças referem-se a figuras lendárias, mas na verdade são sobre a natureza humana e as suas fraquezas. Histórias muito fortes.

— Algumas pessoas diriam que são muito fortes para uma jovem — disse Duarte, sorrindo. — Édipo, Antígona. Os seus destinos foram terríveis.

— Na vida real acontecem coisas terríveis — disse eu, aquecendo. Pensei no irmão de Stoyan e nos acontecimentos estranhos acontecidos na minha família ao longo dos seis anos anteriores. — Acho que tais peças foram escritas para ajudar as pessoas a pensarem nelas.

— Corrijo a minha opinião, menina Paula. Vejo que é uma mulher culta e erudita.

— Espero que não esteja troçando de mim. — Senti um sorriso nos lábios, apesar das minhas melhores intenções.

— Nunca me atrevera com os olhos extremamente intimidatórios do seu guarda-costas pregados em mim. Onde o

arranjou? O homem tem um ar duro.

Não tencionava deixar-me levar para uma conversa sobre Stoyan ou o seu patrão anterior.

— Gostaria de lhe perguntar uma coisa — disse eu.

— Pergunte.

— Usou a palavra *libertar*, há pouco. Estava se referindo a adquirir coisas sem ter intenção de pagá-las?

Infelizmente, as minhas palavras foram pronunciadas durante um intervalo da conversa que o meu pai estava travando com os napolitanos. Subitamente todo mundo olhou para mim.

— Ouvirá muitas vezes me chamarem de pirata — disse Duarte.
— Entre outras coisas. Algumas das coisas que as pessoas dizem são verdadeiras, mas outras não. Percorro estas águas há muito tempo, menina Paula. Um homem serve-se dos métodos que forem necessários para sobreviver.

— Mesmo assim — disse eu, deliciada por ele ter decidido entrar numa discussão a sério comigo —, nem o mais admirável dos fins deve ser servido por meios desonestos.

— Paula — disse o meu pai em tom suave. Um aviso.

— Desonestos? Eu sou mais honesto do que um homem que alega integridade enquanto coloca uma corda no pescoço do seu rival. — O tom de Duarte mudou; era evidente que o irritei. — Nunca menti sobre o que sou ou o que faço. Sou conhecido por me manter calado quando me fazem perguntas e admito que, uma ou duas vezes, isso me foi conveniente.

O momento embaraçoso terminou com a chegada de outro tabuleiro de café, transportado pelo próprio vendedor, seguido por um outro de frutos cristalizados. Duarte conseguira o último sem precisar dizer uma palavra.

— As pessoas correm para fazer o que lhes pede — observei. — Porque será? Por medo?

— Não esqueça o meu encanto natural, menina Paula — disse ele, olhando para mim e antes de desviar o olhar ainda lhe vi os dentes brancos. O homem era perigoso, sim; perigoso e irresistível.

— Obrigado pela sua informação sobre o jantar, senhor Aguiar — disse polidamente o meu pai. — Desejamos-lhe um bom dia.

— Deduzo daí que me demorei mais do que devia — disse Duarte, olhando para os degraus que davam para a rua, onde um homem que eu reconheci o esperava: o indivíduo baixo e forte que vira a bordo do *Esperança*. — Talvez nos encontremos dentro de cinco dias — disse o português. — Se assim for, talvez possamos continuar a nossa interessante conversa. Bom proveito — concluiu ele, levantando-se graciosamente sem o menor esforço, como um animal selvagem, desaparecendo logo a seguir.

— Tipo estranho — observou Antônio, servindo-se de um damasco seco.

O meu pai e eu trocamos olhares. Ambos sabíamos que a conversa nos fornecera informações úteis e que não tencionávamos discuti-las na frente dos napolitanos.

— É um pouco perturbador — disse o meu pai suavemente. — Mais café, Paula?

Enquanto atravessávamos de novo o Corno Dourado, tive uma súbita sensação de bem-estar. O *caique* balançava demais para o meu gosto e as coisas não tinham corrido como eu esperava no *çarst*, mas comprara dois tecidos de boa seda e os ornamentos suficientes para fazer um par de bons trajes, tudo por um preço excelente. Melhor ainda, acabara de ter uma discussão do meu agrado, na qual o meu oponente se mostrara à minha altura. Não sabia ao certo se gostava de Duarte Aguiar, mas esperava poder falar outra vez com ele. Já no meu minúsculo quarto do *han*, desembrulhei as compras que Stoyan transportara o caminho todo. Seda cor de ameixa, seda cor de musgo, galão, musselina, véus e sapatos — gostava do acabamento dos últimos. Talvez, por um daqueles dias, mandasse Stoyan comprar um par para Stela. Ah, e o pequeno embrulho que Duarte colocara polidamente em cima da mesa, a coisa que eu esquecera.

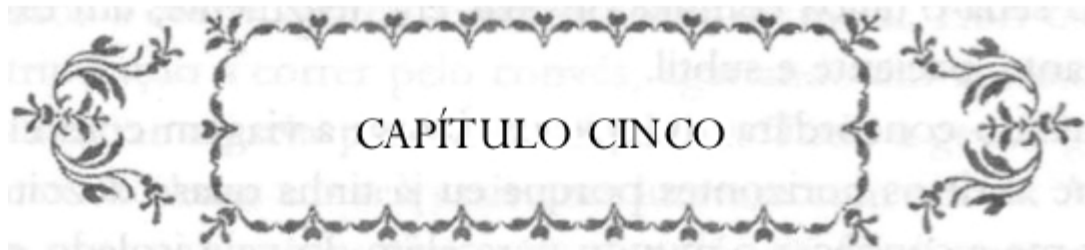
Desapertei o cordão, o que não foi fácil porque o nó era de marinheiro, abri o pacote e vi um pedaço de pano vermelho-arroxeadado, uma versão mais escura da seda cor de ameixa que comprara. Quando peguei nele, ouvi um ligeiro som tilintante. Agitei-o, o tecido abriu-se e vi que era o mesmo tipo de lenço que tanto admirara em Irene de Volos: suavemente ondulante e orlado com uma fila de medalhas minúsculas. Os objetos, porém, não eram de ouro. Os véus como o de Irene ficavam geralmente guardados, só saíam das arcas em ocasiões especiais para ostentar a riqueza de uma família inteira. Aqueles eram conchas polidas, cada uma delas um pequeno milagre, um turbilhão de tons, desde o mais claro ao mais escuro, uma peça digna de um conto de princesas, delicado, exótico, único. O seu valor não podia ser medido em termos de moeda. A pessoa que o escolhera, porém, tinha, indubitavelmente, um gosto especial por coisas incomuns. Adorei-o instantaneamente.

Decidi que não diria ao meu pai que não deixara nada no *çarsi*, deixaria que acreditasse que comprara mesmo aquele véu maravilhoso. Seria uma compensação pelo meu lenço vermelho? Não podia ser outra coisa.

Coloquei-o na cabeça de modo que as conchas me caíssem sobre a testa. Não tinha nenhum espelho, mas imaginei-me com ele e senti-me bela. *Qual é o seu objetivo?*, pensei. *O que quer de mim?*

— Paula? — chamou o meu pai do quarto ao lado. — Depois de comermos, importa-se de comparar o *stock* restante com o inventário, ou tenciona lançar-se já na costura?

— Não me importo, pai. — Tirei o lenço com um suspiro e meti-o na arca, onde caiu como uma onda vermelha, sedosa; longe da vista, mas perto do coração.

A decorative rectangular frame with ornate floral and scrollwork patterns on the sides and top/bottom edges. The text "CAPÍTULO CINCO" is centered within the frame.

CAPÍTULO CINCO

Era urgente que o meu pai contactasse os outros mercadores que poderiam estar interessados na compra da *Dádiva de Cibele* porque pouco depois de regressarmos do mercado recebemos o convite para jantar na casa de Barsam, o *Elusivo*. O convite incluía-me, desde que levasse uma *chaperone*, o que melhorou consideravelmente a minha disposição e no dia seguinte acenei

bem-disposta quando o meu pai e Stoyan saíram para uma ronda de visitas. Em seguida dirigi-me a casa de Maria e comecei a costurar.

Eu era uma boa modista. Todas nós éramos, minhas irmãs e eu. Na infância, as nossas visitas mensais ao Outro Reino exigiam vestidos de baile. Assim, tornamo-nos especialistas em criar trajes deslumbrantes com materiais limitados. As sedas novas, suaves como penas e de cores sutis, eram um convite sedutor, o suficiente para me fazer esquecer a biblioteca de Irene, o manuscrito e a mulher de negro. Ou quase.

Maria e a sua amiga Claudia também eram excelentes modistas. Talvez se devesse ao fato de estarem casadas com mercadores, constantemente rodeadas de tecidos maravilhosos. Passaram-se dois dias num redemoinho de atividade criativa e na manhã do terceiro as minhas roupas novas estavam prontas. Estava morta para sair.

O meu pai e Stoyan haviam se ausentado cedo na intenção de subirem o Bósforo para ver Antônio, um dos mercadores napolitanos que eu conhecera no *çarsi*, e só regressariam à hora do jantar.

Nos dois dias anteriores haviam contatado quatro interessados na *Dádiva de Cibele*. O meu pai descobrira que nenhum deles estava preparado para entrar em qualquer negociação antes de verem o objeto. Também formara uma opinião quanto à seriedade de cada um e quanto tencionavam oferecer pelo artefato. Quando regressava, à noite, reprimia o entusiasmo, como se estivesse adorando o desafio da competição. Stoyan, pelo contrário, chegava nervoso. Vi-o muitas vezes a perscrutar o pátio, a galeria, os cantos escuros do *han*, como se estivesse à espera de ver o perigo a qualquer momento. No dia seguinte, antes de sair, tinha sempre uma longa conversa com o guarda do *han* a propósito, suspeitava eu, de minha segurança. Poderia dizer-lhe que não precisava se preocupar, não corria perigo nenhum fechada ali, costurando!

Terminado o meu projeto, passei pela galeria com o meu vestido cor de musgo, frustrada por não poder ir a casa de Irene sem escolta. Sabia o caminho e chegaria lá com facilidade. Poderia pedir novamente a mesma caixa de papéis e ver se havia outras páginas que condissessem com a que estudara. Poderia copiar as pequenas imagens misteriosas. Poderia procurar informações sobre Cibele. E também queria ver a mulher de negro. Se ela estivesse lá, pediria para ver o bordado.

Mas não podia ir. Prometera não dar um único passo fora do *han* sem a companhia de meu pai ou de Stoyan. Era irritante. Só faltavam dois dias para o jantar de Barsam e o meu instinto dizia-me

que havia um quebra-cabeças para resolver e que as pistas estavam na biblioteca. Tinha que ir até lá.

A manhã passou e a minha disposição não melhorou. Entreguei uma pequena bolsa ao ajudante do vendedor de chá e mandei-o às compras com a recomendação de não dizer nada a ninguém. Em seguida escrevi uma carta a Stela, que despacharia por ocasião da partida do *Stea de Mare*, que zarparia sem nós. A compra da *Dádiva de Cibele* estava demorando mais tempo do que o meu pai pensara e só iríamos para casa quando o nosso navio voltasse, cerca de um mês depois, na sua viagem seguinte. Joguei xadrez comigo mesma, servindo-me do tabuleiro e das peças que pedira emprestados a Maria. O Sol subia no horizonte e o vento empurrava pequenas nuvens pelo céu afora. Estava um dia maravilhoso para um passeio. O rapaz regressou. Agradei-lhe e guardei as coisas que ele fora comprar.

Mais ou menos uma hora antes da chamada para a oração do meio-dia, o camareiro de Irene, Murat, apareceu no pátio do *han*. O homem olhou para mim e indicou por meio de gestos que viera falar comigo. Fiz-lhe sinal para subir à galeria e suprimi o desejo de me ajoelhar a seus pés num gesto de gratidão quando ele disse que viera me buscar para passar o resto do dia na casa de Irene. Se fosse da minha vontade, claro, acrescentou ele polidamente.

Fui buscar as coisas de que necessitava para o *hamam* e entreguei uma mensagem ao vendedor de chá, na qual dizia a Stoyan para ir me buscar antes do jantar. Em seguida, contente por estar usando a roupa nova, fui a caminho da casa de Irene. Até *Stoyan concordaria, pensei, que não correria perigo na rua na companhia de Murat*. O eunuco tinha uma faca na faixa e fazia uma bela figura com o seu dólman verde e o turbante muito bem enrolado, apertado com um pequeno alfinete que parecia ter uma esmeralda incrustada.

Murat intrigava-me. Os seus modos eram extremamente corteses, mas havia algo nele que era o oposto do servil. Intrigava-me seu porte ereto mas descontraído, os olhos azuis penetrantes, a impressão de que era capaz de desempenhar os seus deveres de camareiro mais ou menos de olhos fechados. Havia muitas coisas que gostaria de descobrir sobre o seu passado, todas elas estranhas, a ponto de não poderem ser postas em palavras. Mas podia falar de outras. Enquanto percorríamos uma rua estreita, disse-lhe:

— Posso perguntar uma coisa, Murat?

— Claro, *kyria*. — A sua voz era muito alta para um homem. O meu pai dissera-me que era normal para um eunuco.

— Ouvi falar do *devshirme*, quando eles vão buscar rapazes para o serviço do Sultão. As pessoas nunca aparecem por aqui à procura de seus filhos ou irmãos? E se aparecem, qual é a chance de algum deles ser encontrado?

Murat manteve o passo firme à minha direita, um passo mais atrás.

— É possível — disse ele —, mas pouco provável. As famílias que perdem os seus filhos no *devshirme* não são ricas. Poucas têm os meios necessários para iniciar uma busca. Além do mais, apesar da dor a curto prazo, pode ser um benefício. Para uma família pobre, é menos uma boca para comer e para o rapaz é a oportunidade de ser alguém.

— Mas... — repliquei, prestes a dizer-lhe que a maior parte dos rapazes, provavelmente, prefeririam ser camponeses livres a

escravos bem alimentados e altamente treinados, mas parei a tempo. Provavelmente, Murat era produto do *devshirme*. — E os registros? — perguntei-lhe, tentando parecer casual. — Quantos rapazes em determinado ano, etc?

— Não sei dizer, *kyria*. Tais registros, se existem, estão nos arquivos do Palácio Topkapi, acessíveis apenas aos bibliotecários do Sultão. A sua disponibilidade depende, imagino, de quem pede para vê-los.

Não podia continuar. O segredo não era meu, era de Stoyan e se eu pensara na possibilidade do eunuco poder ajudar, com ele podia ter acontecido o mesmo.

— Obrigada, Murat — disse-lhe. — Peço desculpas pela minha curiosidade. Esta cultura é muito diferente da minha.

— Tem muitos segredos, *kyria*, camadas e camadas. Se ficasse em Istambul, com o tempo eles começariam a revelar-se por si mesmos.

Naquele dia a biblioteca estava quase vazia. Depois de me cumprimentar calorosamente e de dizer que Ariadne me daria o que eu quisesse, Irene saiu. A mulher de negro não se via em lugar nenhum. Pedi a Ariadne que fosse buscar a caixa que eu estudara na minha última visita e instalei-me para vê-la.

A primeira coisa em que reparei foi que a folha que eu passara tanto tempo examinando estava no alto da pilha. Eu sabia que a colocara mais abaixo na esperança, talvez disparatada, de esconder a natureza do meu interesse.

— Ariadne?

— Sim, *kyria*?

— Mais alguém está trabalhando nestes papéis? Detestaria desfazer as pesquisas de outra estudiosa...

— Ninguém os tocou desde a sua última visita, *kyria*. Infelizmente tenho andado muito ocupada e não tenho podido tratar do catálogo, mas mais ninguém os pediu. Porque pergunta?

— Não me lembro onde meti a folha que estava estudando. Não faz mal; não deve ser difícil de encontrar. Obrigada, Ariadne.

Era estranho. A garota não tinha razão para mentir, mas eu não podia deixar de chegar à conclusão de que alguém colocara a folha no alto da pilha, à minha espera. Senti-me pouco à vontade. Não me parecia bem estar naquela casa sem Stoyan apesar de, na vez anterior, ele não ter feito outra coisa senão ficar à porta. Virei a página, pensando em fazer uma cópia dos símbolos antes de regressar para casa. A escrita minúscula e cifrada que aparecera e desaparecera perante os meus olhos, não estava visível. Não tinha nada que me dissesse que a vira mesmo.

Senti-me desapontada. Esperava encontrar uma nova mensagem, algo que desse algum sentido às pistas que me estavam a aparecer constantemente pela frente. Não importava. Talvez, assim, fosse fácil de mais. Na minha visita anterior não pesquisara a caixa toda. Vasculharia o conteúdo todo para ver se haveria outras folhas que condissessem com aquela. Mais imagens, talvez mais pistas. Para resolver o quebra-cabeças, precisava de mais informações.

Como a maior parte dos papéis eram velhos e frágeis, foi um trabalho lento. O tempo foi passando e eu fui-os colocando em cima da mesa, primeiro as folhas que vira anteriormente e depois as novas. Quando estava quase a decidir que era um esforço inútil, encontrei-a — outra folha com as orlas iguais e a mesma caligrafia segura, cheia de enfeites, com as letras reviradas, decorativas, cada uma delas uma obra-prima de controle e movimento. Aquela página tinha uma única imagem. O meu coração deu um salto, reconhecendo imediatamente o que estava a ver. Não podia ser coincidência. Fosse quem fosse que me estava a dar pistas, sabia o que era a *Dádiva de Cibele*. A mulher e o seu bordado, as palavras misteriosas sobre uma demanda, os símbolos cifrados. Estava tudo ligado aos negócios do meu pai em Istambul, tinha a certeza.

A miniatura não era maior do que o meu polegar, mas estava vividamente pintada. A mulher, cor de ocre, era gorda, atarracada e o seu rosto era uma máscara de nariz achatado, boca larga e buracos escuros no lugar dos olhos; tinha as mãos nas ancas e estava sentada de pernas cruzadas. Nas orelhas tinha umas argolas

douradas e os cabelos caíam-lhe pelos ombros como um conjunto emaranhado de serpentes. Em redor dos caracóis exuberantes, o artista pusera-lhe um enxame de abelhas. Olhei para os olhos cavernosos e ouvi uma voz profunda a dizer: *Estou apenas no começo. Completa-me.* Entrei em estado de choque. Quando levantei os olhos, pensando que mais alguém ouvira as mesmas palavras, a mulher de negro estava sentada na mesma mesa a olhar fixamente para mim através da estreita abertura do véu.

— Quem é você? — murmurei, baixando os olhos para o bordado que jazia meio aberto em cima do tampo da mesa, suficientemente perto para me deixar ver uma terceira bailarina, curvilínea e graciosa, com uns cabelos negros artisticamente penteados e uns olhos azuis vivos. A minha irmã Iulia. A próxima seria eu. E depois Stela. Precisaria de mais dois encontros com aquela mulher para resolver o mistério? — Diga-me! O que quer de mim? — olhei mais uma vez para o rosto velado. Só lhe via os olhos, belos, de um incomum tom azul-violeta e as pestanas escuras, longas. Iguais aos de minha irmã Tati. Subitamente fiquei arrepiada por todo o corpo.

— Tati? — murmurei, não me atrevendo a acreditar.

A mulher não respondeu, mas ouvi na mente a voz da minha irmã dizendo: *Os sinais! Tem que olhar para os sinais, Paula. E não te resta muito tempo.* Então vi-me de novo sozinha com os lábios ainda a formar a pergunta que não seria respondida porque, no lugar onde Tati estivera, não havia ninguém. No outro lado da biblioteca, Ariadne continuava trabalhando, alheia ao que acontecera.

Estava cheia de frio, em estado de choque. Tati, que nem uma única vez regressara do Outro Reino, ao longo de seis anos, desde que fora para lá com o seu amado, Tristeza. Que significava aquilo?

Que eu tinha uma demanda pela frente, assim como a minha irmã? Na nossa floresta, o Outro Reino era igual ao mundo humano, tinha os mesmos montes, as mesmas depressões, os mesmos lagos, os mesmos ribeiros e estavam ambos ligados por portais secretos, entradas guardadas pela magia. Aplicar-se-ia o mesmo a outros lugares quaisquer? Haveria um Outro Reino na Bulgária, em Portugal? Lembrei-me da missão de Tristeza, imposta por Ileana, a Rainha da Floresta, para conseguir a mão de Tati. O amado da minha irmã fizera uma viagem extraordinária, fora a lugares do nosso mundo e do outro. Portanto, talvez fosse verdade. Talvez, escondidas nas ruas, jardins e palácios de Istambul, houvesse entradas secretas para outro mundo, o mesmo que as minhas irmãs e eu descobríamos na floresta e no castelo de Piscul Dracului, na nossa infância.

Pense, Paula. A cabeça andava-me à roda. Eu tinha orgulho na minha erudição, na minha capacidade de descobrir coisas baseada no que aprendera. Tinha de haver uma maneira lógica de abordar aquilo. Tinha de pôr de lado a emoção de ver a minha irmã perdida e o desapontamento amargo que sentira quando ela desaparecera sem se despedir de mim. Passo-a-passo — era a única maneira de resolver as coisas. Procederia como planeado, começaria por fazer uma cópia dos pequenos padrões desenhados no primeiro manuscrito. Examiná-los-ia à vontade quando regressasse ao *han*.

Meti-os no bloco-de-notas pela mesma ordem, para o caso de o seu significado ser uma pista. Os quadrados eram trinta, cada um com a sua própria decoração. Enquanto copiava perseverantemente a seqüência, a minúscula escrita voltou a aparecer. *Procura o coração porque é lá que está a sabedoria. A coroa é o destino.* Olhei para ela, desviei o olhar e voltei a fixá-la, à espera de vê-la desaparecer. Porém, as letras continuavam ali. Copiei mais alguns quadrados. Vinte e cinco, vinte e seis... Quanto mais copiava, mais familiares me pareciam. Talvez fossem uma seqüência matemática qualquer. Tentei várias possibilidades durante algum tempo, mas não cheguei a conclusão nenhuma. Talvez fossem um código relacionado com palavras de outro manuscrito ou livro conhecido. Se fosse o caso a obra, provavelmente, estaria escrita em persa e teria de confiar em alguém para me ajudar. Imaginei os quadrados em várias posições e tentei compará-los com as letras do texto do manuscrito.

— Pronta para tomar um café, Paula? Ou para ir até o *hamam*?
— perguntou-me Irene, atravessando a biblioteca a sorrir. — Está muito pálida. Não posso permitir que desfaleça por excesso de trabalho.

Meti as páginas do manuscrito na caixa e fechei a tampa. Ao fazê-lo, vi que a escrita minúscula desaparecera.

Nem sequer o *hamam* conseguiu descontrair-me. As idéias passavam-me a correr pela cabeça, conjecturas quanto ao que devia fazer e ao porquê do envolvimento de Tati. Devia garantir que o meu pai comprasse a *Dádiva de Cibele*? Impedir Duarte Aguiar de a «libertar»? Ou a demanda era inteiramente diferente, relacionada com corações e coroas? Eu era uma estudiosa, era ótima com quebra-cabeças, mas começava a odiar-me por ser tão estúpida, por não conseguir resolver aquele.

— Hoje parece muito tensa, Paula — observou Irene, quando nos sentamos no *camekan* após o banho. — Encontrou o que

procurava?

— Não estou à procura de nada em especial — menti. — Sinto-me é frustrada por não saber persa.

— Ouvi dizer que teve outra confrontação com o impetuoso senhor Aguiar — disse Irene.

A mudança de assunto apanhou-me desprevenida. Senti-me corar e baixei o olhar. Por dentro, dei um pontapé em mim mesma. Se quisesse dar a Irene a imagem de uma tacanha menina do campo, não teria feito melhor.

— Vi-o por instantes no mercado — disse eu, tentando dar a entender que não estava minimamente interessada no fogoso senhor Aguiar.

Irene riu.

— Paula, Istambul é uma grande cidade, mas em certos círculos as notícias viajam depressa e os boatos ainda mais. Ouvi dizer que ele estava muito interessado em você. Disseram-me que o belo senhor e o seu cão de guarda trocaram olhares que mais pareciam espadas, ao mesmo tempo que você intimidava os desafortunados mercadores do *çarsi*. Quem me dera ter estado lá para ver. Senti-me mortificada.

— Que exagero — disse eu apressadamente. — Estava apenas fazendo compras normais. Não faço idéia por que razão Duarte Aguiar decidiu me ajudar. Mal o conheço. Ele me roubou um lenço. Foi assim que tudo começou.

— Verdade?

A história da quase colisão no mar, o lenço, o aparecimento de Duarte no mercado e o seu presente extravagante encantaram-na.

Depois de recompensar a minha narrativa com uma risada, Irene ficou subitamente muito séria.

— Uma história excelente que melhora à medida que vai sendo contada — disse ela. — No entanto, é melhor afastar-se de Aguiar, tal como a aconselhei. O seu passado está assombrado por centenas de histórias de heroicidade duvidosa. Aguiar é um homem que não olha meios para conseguir o que quer.

— Eu sei — disse eu. — Também sei que os seus modos são, por vezes, impróprios, como tive ocasião de lhe dizer, aliás. Mas é interessante falar com ele. Tivemos uma discussão sobre livros. O meu pai estava presente — acrescentei às pressas.

— Um homem como ele não oferece presentes a uma garota sem alguma razão — disse Irene com um sorriso retorcido. — Duarte tem uma bela figura e as mulheres admiram-no. Um homem de reputação duvidosa tem mais encanto do que um indivíduo íntegro, sem mancha. E, claro, as garotas adoram a noção de que um homem mau pode tornar-se bom desde que tenha a seu lado uma mulher capaz de ajudá-lo.

— Parece muito cínica.

— O seu pai concede-lhe muita liberdade, Paula. Respeito-o por isso. Mas deve ter em conta o meu aviso a respeito de Duarte. Se ele achar que pode usá-la para atingir um objetivo, o fará sem escrúpulos. Se ele continuar a prestar-lhe atenção, questione-lhe os motivos.

Não disse nada. As suas palavras deixaram-me abalada. Aparentemente não era possível um homem como Duarte Aguiar admirar-me simplesmente pela minha intelectualidade, ou apenas por ser mulher.

— Pensa vê-lo novamente? — perguntou Irene casualmente, levantando-se para se desfazer do tecido que lhe envolvia o corpo, espreguiçando-se como uma gata e enfiando a sua delicada roupa de baixo, bordada.

— Talvez — respondi. — O meu pai foi convidado para um jantar e é provável que Duarte esteja lá. Serei cuidadosa, mas acontece que gostei de falar com ele, senti-me... viva. — Sentira-me tão viva como outrora no Outro Reino, discutindo a noite toda com outros eruditos, feiticeiros e sábios, nada preocupados com quem gostava de quem ou se alguém tinha motivos escondidos. Todos eles gostavam de idéias, todos eles ficavam excitados com teorias e argumentos. Pensei em Tati, que fizera daquele mundo o seu lar. Por que razão se mostrara e desaparecera logo a seguir sem esperar que eu lhe dissesse qualquer coisa?

— Parece triste — disse Irene suavemente. — O que a perturba, Paula?

— Nada — disse eu, deixando cair o meu próprio lençol e vestindo a roupa lavada que levara comigo: o vestido cinzento e o lenço branco. Estava guardando o de cor de ameixa para o jantar na casa de Barsam.

— Venha amanhã também — disse a minha anfitriã. — Você precisa de companhia, livros, estímulo.

— Obrigada. Venho se Stoyan puder me trazer. O meu pai pode precisar dele outra vez.

— Quando é o jantar?

— Daqui a dois dias.

— Se quiser, Murat vai buscá-la, basta enviar uma mensagem — disse Irene. — Não quero que fique sozinha no *han* e infeliz, Paula. Além do mais, aqui estará salva de predadores como Duarte Aguiar.

Ouvi a voz de Murat e a de Stoyan a responder-lhe. Senti um grande alívio quando ouvi o búlgaro.

— É o jantar que está a preocupá-la? — perguntou delicadamente a minha anfitriã. — Uma casa muçulmana, talvez?

— Não me parece, ou não teria sido convidada — disse eu.

— Tudo o que me disseram foi para levar uma *chaperone*. É provável que Maria vá conosco. Quem me dera compreender um pouco melhor as regras que governam o comportamento das mulheres em Istambul.

— Se a casa fosse muçulmana, Paula, você poderia ir com o seu pai, mas não passaria do *haremlik*, o alojamento das mulheres. Se o objetivo do jantar é uma transação comercial, suponho que deve ser o caso devido à ocupação do seu pai, quaisquer mercadores islâmicos presentes se afastarão se você estiver presente. Pode considerar tais regras grosseiramente injustas, mas é assim que as coisas acontecem nesta parte do mundo. As mulheres que vivem aqui descobrem as suas próprias formas de liberdade, como será o seu caso se ficar entre nós durante algum tempo.

Não respondi. Não podia fazê-lo sem revelar a natureza do nosso negócio ou o propósito do jantar de Barsam.

— Hesita em dizer mais... — Irene estava apertando uma fila de minúsculos colchetes na parte da frente de sua túnica plissada.

— Acho que chegou a hora de ser completamente honesta, Paula. Não deve haver segredos entre amigas.

Abri a boca para dizer que o segredo era do meu pai e não meu, mas a minha anfitriã adiantou-se.

— Direi o que sei e você confirma se é falso ou verdadeiro. Recentemente recebi certas informações a respeito de um artefato raro que está à venda em Istambul. Disseram-me que o vendedor vive perto da mesquita dos Árabes e que a competição pelo objeto é feroz. Vários mercadores estão na cidade com o propósito de licitar por ele. Também ouvi dizer que a transação decorrerá no maior segredo.

— Segredo? — repeti, espantada. — Se você ouviu falar dela, não pode ser segredo.

— Ainda sei mais. Duarte Aguiar é um dos interessados e Teodor de Brasov é outro. Estou vendo que está chocada. Mas não devia estar. Só estou demonstrando que uma mulher pode ser mais capaz de somar dois mais dois do que um homem. Conheço muita gente nesta cidade, Paula, e sou boa ouvinte. Neste caso em particular, pode ser que o seu pai fique mais descansado se lhe disser que tomei conhecimento de tudo através de um antigo conhecimento de Murat no Palácio Topkapi. Prometo-lhe que a informação não sairá daqui. O fato de não ter mencionado antes prova que sei manter a boca fechada. Os segredos comerciais do seu pai estão perfeitamente seguros comigo. A minha coleção é unicamente constituída por livros e manuscritos, nenhum dos quais é particularmente raro. Não estou minimamente interessada em artefatos religiosos. E agora diga-me: esse jantar é na casa de um armênio?

Era verdade que me sentia chocada, mas não me parecia que valesse a pena calar o que ela já sabia.

— Barsam, *o Elusivo* — disse eu, anuindo.

— Estou vendo que tudo isto é muito excitante para você. Estar envolvida na compra de um tal artefato deve acelerar a pulsação de qualquer mercador. Porém, é meu desejo avisar o seu pai. Pode dizer-lhe o que acabo de lhe transmitir em particular, claro, e acrescentar que a fonte de Murat acredita que, não demora muito, os representantes do *mufti* assaltarão as instalações de todos os potenciais compradores do objeto por causa do assunto que as mulheres estavam discutindo aqui, por ocasião da sua primeira visita... o renascimento de um culto antigo aqui, em Istambul. O culto de Cibele. O xeque ul-Islão, claro, está ultrajado com a possibilidade dos rituais pagãos se apoderarem desta devota cidade muçulmana e quererá acabar com eles. Em relação a esta questão, os seus concorrentes cristãos e judeus concordam com ele, provavelmente. Os seus homens procurarão qualquer prova que lhes permita encontrar o artefato e através dele os chefes desse suposto culto os quais, supõe-se, estão tão ansiosos por adquirir a *Dádiva de Cibele* quanto os restantes. Diga a mestre Teodor que é melhor esconder qualquer documentação relacionada a essa compra. As visitas dos homens do *mufti* não serão amigáveis.

— Obrigada — disse eu, chocada por ela saber tanto e horrorizada por, sem o seu aviso, o meu pai poder ser apanhado desprevenido pelos homens do *mufti*. — Direi a ele, certamente. E agora tenho que ir, estou ouvindo Stoyan.

— Claro, Paula. Espero vê-la outra vez amanhã.

Stoyan parecia particularmente impenetrável. Já era tarde. As sombras estendiam-se ao longo das ruas e, nos telhados, pássaros negros soltavam gritos agudos, defendendo os seus territórios antes do anoitecer. Caminhávamos apressadamente.

— Obrigada por ter vindo me buscar — arrisquei. Um aceno de cabeça como resposta.

— Está tudo bem? Houve algum problema com o mercador napolitano?

— Foi complicado, *kyria*. O seu pai explicará.

— Complicado?

— Mestre Teodor lhe contará. A reunião não correu como ele esperava. Depois, quando regressamos ao *han*, ficou preocupado por não encontrá-la.

— Eu deixei uma mensagem. Deve tê-la recebido, ou não estaria aqui.

Stoyan olhou para mim, mas não abrandou o passo.

— A casa de Irene de Volos foi o primeiro lugar onde me lembrei de procurá-la, *kyria* Paula. Pense! Estava desaparecida e eu não poderia ficar no *han* sem fazer nada! — o búlgaro não parecia nada calmo.

— Peço desculpas se assustei todo mundo. Foi uma manhã longa e Murat veio me buscar. Não sou totalmente irresponsável. — Não lhe disse que mandei o ajudante do vendedor de chá comprar-me umas túnicas negras iguais às que as mulheres de idade usavam e que escondiam o corpo todo e também não lhe disse que estive quase a vesti-las e a sair sozinha.

Continuamos a caminhar em silêncio. Atravessamos a praça da árvore frondosa, à sombra da qual o contador de histórias costumava se sentar. O homem fechara o negócio e fora para casa. Era quase hora da chamada para a oração da tarde.

— Eu sei — disse calmamente Stoyan. — O seu pai recebeu a sua mensagem, mas eu estava preocupado com você, *kyria*. E agora apressemo-nos. É melhor estar sã e salva em casa antes do anoitecer.

Apressei o passo. Passamos por um café com muitos clientes sentados ou de pé ao redor de uma braseira. As brasas brilhavam, cor de âmbar. A noite estava caindo. Os olhares viraram-se para nós. Stoyan colocou-se entre mim e os mirones.

— Mexe-se bem, apesar do tamanho — observou ele, passado o perigo.

— Cresci nas montanhas — repliquei.

— Portanto — disse Stoyan enquanto percorríamos a rua estreita e sombria que ia dar no *han* — sabe andar depressa, escalar e flutuar com as botas calçadas. Uma mulher de muitos talentos.

O sorriso na sua voz surpreendeu-me.

— Não faz graça muitas vezes, Stoyan — disse eu.

— Ofendi-a?

— De modo nenhum. Gostei.

Um grupo de homens passou por nós e Stoyan passou-me ligeiramente a mão pelas costas, como que a tranquilizar-me, a dizer-me que tinha nele um protetor. Foi agradável, melhor do que devia ser para uma mulher como eu, que achava sempre que era capaz de olhar por si mesma. Assim que os homens desapareceram, o búlgaro tirou-a.

— Posso fazer uma pergunta, Stoyan?

— Claro.

— Ouvi uns rumores perturbadores sobre o senhor Duarte. Você está em Istambul há algum tempo. O que sabe dele?

— Esse homem não é adequado para você. Fiquei preocupado quando ele se interessou por você no *çarsi*.

Não consegui encontrar uma resposta adequada.

— A escolha não foi minha — disse eu com pouca convicção. — Ele apareceu e tomou conta das compras. Não podia dizer-lhe para ir embora; teria sido indelicado.

— Esses homens, se lhes oferecerem uma pitada de sal, roubam um balde cheio dele, *kyria*. Você é uma mulher independente, siga o

seu próprio caminho. Estamos chegando. O seu pai lhe falará da reunião. Ouça-o. Ele está preocupado.

Eu também, e confusa com o que ele dissera.

— Fique tranqüilo. E obrigada por ter ido me buscar.

No *han*, o meu pai andava de um lado para o outro da galeria, de rosto tenso e cansado. Não devia ser unicamente por eu ter saído sem autorização porque não era a primeira vez que ia à casa de Irene. Pousei o embrulho com as minhas roupas na minha cama e regressei ao quarto central, enquanto Stoyan ia comprar o jantar.

— O que aconteceu? — perguntei. — Venha, sente-se, pai. Parece exausto. Stoyan não quis me explicar. Aconteceu alguma coisa?

— Não exatamente. — O meu pai suspirou e sentou-se na almofada de frente para mim. — Suponho que pode ser interpretado como uma boa notícia. Antônio de Nápoles retira-se da compra da *Dádiva de Cibele*, já não está interessado em licitar.

— Subornou-o?

— Nem sequer tentei. Antônio recebeu um aviso. Estava junto dele quando a carta chegou. Fosse o que fosse que vinha na mensagem, ele atirou-a no fogo depois de ler. Foi o suficiente para lhe tirar as cores do rosto. Antônio me disse logo a seguir que desistia. Isto reduz a competição. Mesmo assim, fiquei perturbado.

Não era o único.

— Acha que a carta era uma ameaça? — perguntei-lhe.

— Não sei. — Um certo tom na voz do meu pai disse-me que não me ia contar a história toda. — Salem bin Afaze não foi morto há tanto tempo assim, Paula — disse ele, estendendo o braço e pegando-me a mão. — Começo a pensar que fui tolamente ingênuo quando decidi que poderia trazê-la a Istambul e envolvê-la neste negócio em especial. Quando voltamos e não te vi, fiquei alarmado.

— Eu deixei uma...

— Sim, sim, eu sei. Fez bem. Mas as circunstâncias alteraram-se. Estou preocupado com o seu bem-estar.

Estava vendo. A seguir viria a decisão de não me deixar ir ao jantar de Barsam. Se alguém oferecesse mais do que o meu pai, nunca poria os olhos na *Dádiva de Cibele*. Reprimi um protesto infantil: *Não é justo!* Tinha de pensar no que era melhor para o meu pai, para Tati, para mim e, possivelmente, também para o Outro Reino. Antes de pensar na *Dádiva de Cibele*, tinha que resolver o mistério do manuscrito e das aparições de Tati. Tinha de resolver o quebra-cabeças. Quanto ao meu pai, tinha que lhe passar a informação que me fora dada, sem demora.

Stoyan subiu as escadas com um prato de arroz fumegante e espetos de carneiro assado. Cheirou-me a limão, pimenta e especiarias.

— Obrigado, Stoyan — disse o meu pai quando o búlgaro pousou a comida na mesa baixa entre nós. — Paula, você sabe que eu preciso deste negócio. Você trabalhou muito para me ajudar e provou ser uma assistente capaz, mas não gosto de expô-la neste mundo de poder e esquemas, nem me sinto confortável com a sua situação nesta terra de homens. É vulnerável, quer goste ou não. O português olhou para você de uma certa maneira, tal como, tenho certeza, Alonso di Parma no dia em que acordou o negócio com ele e eu não me preocupei.

— Talvez seja verdade — disse eu — mas para você é uma vantagem, exatamente por eu ser mulher e ainda por cima jovem. Os homens tendem a supor que uma garota é incapaz de compreender totalmente uma conversa sobre comércio ou assuntos semelhantes. Eu ouço coisas que o pai não ouve. A propósito, tenho uma informação para você que penso ser importante! — contei-lhe o que Irene me dissera, que havia iminentes rusgas nos centros de comércio e que talvez fosse melhor refazer certos documentos. Que o *mufti* estava interessado na *Dádiva de Cibele* e em quem licitasse por ele. — Irene disse que os seus métodos podem ser bastante duros — acrescentei. — Parece que isto não é tão secreto como o pai pensava. Eu tenho tido o cuidado de não falar na *Dádiva de*

Cibele, mesmo quando as mulheres do *hamam* estavam falando sobre esse culto ilegal. Não revelei quaisquer segredos. Porém, Irene sabe muito sobre o que está acontecendo através dos contatos do seu camareiro no Topkapi.

O meu pai assobiou por entre dentes.

— Parece que estamos em dívida para com a sua amiga grega — disse ele. — É possível que os agentes do xeque ul-Islão venham aqui amanhã de manhã. Assim que acabarmos de comer, vou me preparar para a sua visita. Tive o cuidado de não pôr certas informações por escrito. No entanto há papéis, incluindo uma nota promissória de um banco de Veneza que é melhor esconder. E tenho as cartas de Salem. Vamos comer rapidamente, isto me pôs nervoso.

Stoyan sentou-se junto de nós e eu passei em volta as pequenas tigelas que tínhamos no apartamento.

— Paula — começou o meu pai e eu pressenti que ele ia aflorar o tópico do jantar.

— A propósito do jantar — antecipei-me. — Eu sei que o pai está preocupado, mas Duarte Aguiar parece gostar de mim por alguma razão. Não seria melhor eu falar mais algumas vezes com ele? Quanto a Alonso di Parma, gosta tanto de namorar que é capaz de deixar cair toda a espécie de segredos sem sequer pensar.

— Um homem decente não usa a própria filha como ferramenta para essas coisas, Paula. — O meu pai parecia cansado e preocupado. — Acho que é melhor contar-lhe a história toda sobre Antônio.

Senti um arrepio na espinha ao ouvir o seu tom de voz.

— O quê? — perguntei. — Pai, acha que sabe quem lhe enviou a mensagem? — Com o coração aos pulos, lembrei-me dos avisos de Irene em relação a Duarte Aguiar.

— Não, Paula — disse pesadamente o meu pai. — Há, pelo menos, sete pessoas interessadas na *Dádiva de Cibele* e eu suponho que a mensagem pode ter vindo de qualquer uma delas. Quanto às tais buscas por parte do *mufti*, esse tipo de interferência nos assuntos dos mercadores estabelecidos é altamente incomum. Geralmente, os Muçulmanos são tolerantes com os «povos do livro», isto é, os Cristãos e os Judeus. Nós não somos vistos como homens sem deus visto que temos as nossas próprias escrituras sagradas e vivemos de acordo com as suas leis. É por isso que o Sultão permite as nossas casas de oração, apesar de as maiores terem sido transformadas em mesquitas. O caso é diferente com aqueles que são vistos como pagãos, adoradores de divindades primitivas.

— Como Cibele — disse eu.

— Exatamente. Esta visita pode vir a ser um pouco estranha. Preferia que se ausentasse do *han* até os representantes do *mufti* irem embora. Poderá não ser necessário mentir, mas será necessário reter algumas informações. Não tenciono ser o primeiro a divulgar o paradeiro da *Dádiva de Cibele* a alguém que quer destruí-lo.

— Irene convidou-me para ir outra vez a casa dela. Se puder dispensar Stoyan, ele me leva até lá. Pai, ia me falar de Antônio. Da ameaça.

— Antônio me disse o que estava na carta antes de queimá-la. A ameaça não foi a ele, foi à mulher dele; conheceu-a no outro dia, no mercado... e aos filhos; precisa, inventiva e feia. O homem que a enviou vai estar, provavelmente, no jantar. Acho que é melhor não ir, Paula. É melhor passar aqui a noite com a Maria.

Engoli a minha primeira resposta.

— Estou vendo. Acha que a Maria pode me proteger melhor do que Stoyan?

— Tenciono deixar Stoyan contigo. Ele não foi contratado para mim, foi contratado para você.

O búlgaro fez menção de se levantar.

— Não, mestre Teodor — protestou ele. — Ir a esse jantar sem a minha proteção é uma loucura...

— Não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo — disse o meu pai, com uma certa razão.

— Acho que é melhor irmos os três, mestre Teodor — disse Stoyan. O seu tom era respeitoso. — A sua filha é uma mulher adulta, tem a cabeça bem assentada nos ombros, é desembaraçada e corajosa. Se ela acompanhá-lo, posso proteger os dois. De fato, acredito que será melhor do que deixar *kyria* Paula aqui depois do anoitecer, sozinha. Os guardas do *han* não são nada de especial.

— Além do mais — acrescentei, lisonjeada com a descrição da minha pessoa feita por Stoyan, sem comparação com os cumprimentos vazios feitos por outros rapazes no passado — não

devemos ceder a fanfarronices. Seria um sinal de fraqueza. Se as pessoas me ameaçam, eu não me escondo, respondo. É o que devemos fazer.



CAPÍTULO SEIS

Estava sendo seguida por alguma coisa. Os seus passos eram suaves como flocos de neve, o seu rugido subterrâneo, ameaçador, ganhando sempre terreno. Tentei fugir. Os meus pés escorregavam na superfície irregular do túnel, ao mesmo tempo que algo se agarrava aos meus tornozelos, retardando-me. Olhei para baixo e fiquei toda arrepiada. Duas longas mãos cinzentas, de unhas

compridas, prendiam-me as pernas. Gritei e tentei sacudi-las. A criatura agarrou-se com mais força, rasgando-me a camisa e a pele com suas garras afiadas. Uma gargalhada cacarejante encheu a passagem sombria. *Os sinais*, murmurou alguém com a voz de minha irmã. *Porque não decifrou os sinais? Você que é a erudita, a inteligente. Não os decifrou porquê?* Ouvei nas minhas costas um som sussurrante de asas, cada vez mais alto. Um exército de pequenas coisas passou por cima dos meus pés. Escorreguei e estendi-me ao comprido. As suas carapaças esmagavam-se por baixo da minha barriga, estalavam de encontro às pedras. Em seguida senti um enxame de insetos ao redor da cabeça, aterrissando e rastejando onde podiam, entrando-me nos ouvidos e nas narinas. Ergui as mãos para proteger os olhos e senti imediatamente as pernas rastejantes nos dedos. Tentei gritar e eles entraram-me pela boca dentro. Não conseguia respirar; ia morrer... — Paula! Paula, acorde!

Sentei-me a tremer, emaranhada nos cobertores, com as mãos ainda agarradas à boca, balbuciando, aterrorizada, aliviada, com a face cheia de lágrimas. Estava no meu pequeno quarto do *han* e Stoyan, acorocado junto da enxerga, rodeava-me os ombros com um braço. Estava muito longe dali para me sentir chocada. O sonho fora tão real que ainda sentia os insetos subirem por mim acima, ouvia-lhes as carapaças se esmagando por baixo de mim, sentia-os na boca, na garganta...

— Ponha a minha capa, Paula. — Apesar de ainda estar meio sonhando, notei que ele me tratara apenas pelo nome. O búlgaro passou-me a capa pelos ombros. — Respire devagar... isso. —

Indistintamente senti-o pegando na barra da blusa interior para me limpar os olhos, senti seus dedos suavemente na face e acordei por completo.

— Oh, meu Deus — murmurei. — Foi horrível. Desculpe tê-lo acordado. — O meu guarda-costas estava descalço, vestido apenas com a blusa interior e as calças leves. Os longos cabelos escuros caíam-lhe pelos ombros.

— É melhor não ficar aqui sozinha no escuro. Fique com a capa. Vamos nos sentar na galeria. Não está muito frio, esta noite. Fico com você até se recuperar.

— Obrigada. Se for buscar chá, vou com você. — Não queria ficar sozinha, nem sequer por um minuto ou dois, o tempo necessário para ele ir ao pátio e subir outra vez.

Um pouco mais tarde, com o chá e uma pequena lanterna, regressamos à galeria. Com a enorme capa por cima da camisola, sentia-me quente e decentemente coberta. Stoyan tinha uma pele

de ovelha por cima da blusa interior e metera os pés nus nas botas. Eu sabia, tal como na outra noite, em que ele ficara comigo até de madrugada, que a situação era pouco decente, mas a sua presença fazia-me sentir segura. E não podia acordar o meu pai, que já tinha preocupações de sobra. Além do mais não acreditava que o guarda desse com a língua nos dentes. Todos os trabalhadores do *han* tinham medo de Stoyan.

Nossos olhos encontraram-se à luz da lanterna no momento em que ele me pôs um copo de chá nas mãos. O búlgaro estava calmo como sempre, mas havia algo diferente na sua expressão, uma atenção que nunca lhe vira antes. Não tentei interpretá-la porque me sentia intensamente feliz por estar ali sentada com ele, ajudando-me a afastar o pesadelo da cabeça.

— Não quero falar do sonho — disse. — Quero esquecê-lo. Não sei o que se passa comigo. Odeio descontrolar-me desta maneira. Acho que alguém está querendo me avisar, me mostrar o que pode acontecer se me enganar, se não conseguir.

— Conseguir o quê, Paula?

Subitamente tomei uma decisão.

— Quero te mostrar uma coisa. Preciso do seu conselho. Segure aqui — disse eu, entregando-lhe o copo e entrando no meu quarto para buscar o meu bloco-de-notas. Quando voltei, o meu guarda-costas declarou:

— Não posso ajudá-la — disse ele, olhando para o livro.

— Pode sim — repliquei, procurando a página onde desenhara os pequenos símbolos. — Tenho certeza que isto é um quebra-cabeças, qualquer coisa relacionada com a *Dádiva de Cibele*. Se olhar bem... — levantei os olhos e fiquei chocada com a expressão do seu rosto, fechada, como se fôssemos dois estranhos. — O que é? — perguntei.

— Tenho vergonha de lhe dizer, *kyria*, mas não sei ler. No seu mundo todos os homens são eruditos. Eu não faço parte dele. —

Percebi que ele fizera um grande esforço para me dizer aquilo e senti um aperto no coração.

— Não é preciso ler, Stoyan — disse-lhe, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Basta olhar. A maior parte das pessoas não sabe ler! Não tiveram oportunidade.

— Prefiro não falar do assunto.

Ofendera-o.

— Stoyan — disse eu em tom diferente —, nós somos amigos, não somos? Esqueça que o contratei como guarda-costas, fale comigo com o coração.

Seus lábios se torceram num sorriso de troça, mas o tom da voz era quente.

— Somos amigos.

— Ótimo — retorqui. — Não é difícil aprender a ler, desde que tenha um pouco de tempo e um bom professor. Eu sou boa professora. Ensinei a minha irmã mais nova e ela já sabe muita coisa. Se quiser, posso ajudá-lo.

Stoyan meteu a cabeça nos ombros e olhou para os pés.

— Não consigo aprender — resmungou ele.

— Não consegue? Não acredito.

— Eu sou um homem do campo, *kyria*. Na minha aldeia nem sequer os anciãos têm essa capacidade. Só o padre é que conhece as letras.

— Que tal uma aposta? Aposto o que quiser em como te ensino a ler.

Seus lábios abriram-se num sorriso doce, apanhando-me de surpresa.

— Não tenho nada para apostar — disse o búlgaro. — A não ser que precise de uma faca afiada ou de um par de botas grandes demais.

— Disse que gostaria de criar cães, um dia. Quero um cachorro da primeira ninhada, um que não queira como reprodutor. Um...

bugarskigoran. É assim que se diz?

— Um cão desses é mais valioso do que pensa, Paula.

— Faço uma idéia, se for como os que temos em nossa casa.

— E se falhar? O que me dá se falhar?

— Não falho.

— Mesmo assim, tem que apostar alguma coisa do mesmo valor, Paula.

Pensei um pouco. Só tinha uma coisa para lhe dar, uma coisa de que ele precisava verdadeiramente.

— Suponho que, quando o meu pai e eu formos para casa, você vai continuar a procurar o seu irmão. Se tivesse dinheiro, estaria a fazê-lo neste exato momento, sem ter que continuar trabalhando como guarda-costas. Assim que comprarmos a *Dádiva de Cibele*, acho que posso pedir algum dinheiro a meu pai...

— Não! — exclamou Stoyan, sem me deixar acabar, com o rosto tenso e os olhos sem o calor anterior. — Não aceito a sua caridade, Paula. Encontrar Taidjut é a minha demanda, a minha missão e para tal devo conseguir os meios necessários com o meu trabalho. Insulta-me com a sua oferta.

— Insulto? — era evidente que me enganara. Não me passara pela cabeça que ele se sentisse ofendido com a sugestão, que me parecia perfeitamente prática. — O orgulho é uma coisa muito bonita, Stoyan, mas por vezes devemos ser práticos...

— Não quero discutir o assunto com você — disse o búlgaro em tom pouco seguro. Não havia dúvida de que o incomodara. — Não pode compreender.

Era a minha vez de me sentir insultada.

— Não posso? Pensei que tinha dito que eu era uma... uma mulher adulta, com a cabeça bem firme em cima dos ombros.

— E disse a verdade — confirmou Stoyan, mais calmo e mais à vontade. A sua capacidade para controlar o temperamento era melhor do que a minha. — Mas este assunto está além de sua compreensão. Talvez de qualquer mulher.

— Estou vendo — disse eu, depois de um momento. O meu coração batia com toda a força, dando-me a entender que não queria discutir com ele. — De qualquer maneira é irrelevante porque tenciono ganhar a aposta.

— Pelo que mestre Teodor me disse, dentro de um mês voltará à Transilvânia. Vai me ensinar o quê, num mês?

— Muito — disse eu. — As letras todas. Vai ter que ser em grego porque não conheço a sua língua nativa e você não conhece a minha. Vai aprender a escrever o seu nome e mais algumas coisas, o suficiente para começar. O suficiente para escrever uma pequena carta à sua mãe, que o padre pode ler.

Stoyan não disse nada. Nos seus olhos cor de âmbar vi a imagem de sua mãe recebendo a missiva, talvez com notícias do filho perdido, Taidjut. O silêncio prolongou-se.

— Desculpe se te magoei — disse eu, finalmente. — Detesto discutir contigo. — Ainda tinha um nó no estômago.

— Eu também, Paula. Diga-me: começamos quando? O seu pai me paga para guardar a filha, não para ser recipiente de sua sabedoria.

— Arranjaremos tempo, já que isto é importante.

— Por quê? Porque quer provar que tem razão? Porque quer ganhar a aposta? Gosta tanto assim de cães?

— Não tem nada a ver com cães, quero provar que você consegue. Você pensa que saber ler e escrever é um grande mistério, mas não é.

— Eu não tenho a convicção de um erudito, Paula. O que é fácil para você pode ser muito difícil para mim.

— Talvez possamos esquecer a aposta e você me ensinar qualquer coisa que eu não saiba. Algo que seja fácil para você e difícil para mim.

Um sorriso lento espalhou-se pelo rosto de Stoyan, iluminando-lhe os olhos estranhos. Perguntei a mim mesma o que dissera para provocar aquela reação.

— Gosto mais dessa idéia, Paula — disse ele.

— Está combinado — disse eu, pensando que preferia que ele me chamasse apenas assim, mas sem poder dizer.

— E agora, se é esse o seu desejo, deixe-me olhar para o bloco — disse o meu guarda-costas —, se bem que não saiba como poderei ajudá-la. Amanhã começarei a ensiná-la a defender-se de um atacante qualquer. Um combate sem armas. Sou especialista nisso.

Levantei o queixo e tentei arvorar um olhar confiante.

— Está bem — repliquei, como se as lições de autodefesa fossem uma coisa que eu fazia todos os dias. — Suponho que me pode vir a ser útil.

Mostrei-lhe a página do manuscrito persa.

— Creio que é um código ou um quebra-cabeça — disse-lhe —, mas não consigo resolvê-lo. Ainda pensei em letras ou algarismos, uma seqüência numérica qualquer ou até uma referência cifrada a outro livro, mas não me lembro de qual.

— O Corão? — sugeriu Stoyan, surpreendendo-me. — Não, talvez não. Um devoto não usa o livro sagrado dessa maneira. Por que razão acredita que esse quebra-cabeças foi feito para você?

Como é que alguém saberia que você iria a essa biblioteca, com exceção da senhora grega?

Hesitei. Poderia confiar nele, a ponto de lhe falar das estranhas palavras que apareciam e desapareciam? A ponto de lhe dizer que vira Tati? Olhei para o búlgaro, ele olhou para mim com a luz da lanterna a iluminar-lhe o rosto pálido marcado por cicatrizes e os cabelos compridos espalhados pelos ombros poderosos e vi-lhe confiança e honestidade nos olhos, além de mais alguma coisa, algo que me atraía, mas que me forçava a desviar o olhar.

— Não é só isto. Há mais qualquer coisa — disse eu em voz baixa. — Uma mulher vestida de negro. Vi-a várias vezes: nas docas, num barco, na biblioteca. É ela que está me guiando nesta demanda. Pelo menos é o que acho que é. Na minha terra, as pessoas do Outro Reino estavam sempre a nos pôr à prova. Geralmente tinham razões para isso, mas também era uma maneira dos humanos aprenderem a lição e tornarem-se pessoas melhores. Conosco foi no sentido de guardarmos a floresta, o lugar onde elas viviam, de arranjarem alguém honesto e justo que respeitasse o Outro Reino e que tomasse conta dele. Essa missão caiu sobre o nosso segundo primo, Costi, e a minha irmã Jena. E também de ajudarmos a nossa irmã mais velha, Tati, e o seu amado. A mulher... Quando ouvi sua voz e vi seus olhos, era Tati, Stoyan. A minha irmã que foi embora há muitos anos e que nunca mais voltou.

— Notável — replicou ele, respirando fundo. — E qual é a natureza dessa demanda?

De certo modo não fiquei surpreendida por ele aceitar as minhas palavras sem as observações que outra pessoa qualquer faria nas mesmas circunstâncias: *Isso é impossível* ou *Como é que a sua irmã pode estar aqui em Istambul?* Stoyan era diferente. Sabia-o desde o primeiro instante

— Não sei, mas acho que tem a ver com a *Dádiva de Cibele*. É por isso que é urgente descobrir as pistas. O manuscrito tinha umas palavras escritas que apareciam e desapareciam. *Procura o coração porque é nele que está a sabedoria. A coroa é o destino*. Depois, na segunda vez que fui à biblioteca, vi a imagem de Cibele noutra página do mesmo manuscrito.

Stoyan estudou as pequenas imagens de testa franzida durante alguns momentos e disse:

— Você falou de um quebra-cabeças. Talvez seja menos complexo do que imagina. Juntos, estes fragmentos podem formar a imagem de uma árvore cheia de folhas e flores, com pequenas criaturas na base e pássaros e insetos nos ramos. Uma árvore tem coração, que existe no centro da floresta e uma coroa, ou copa. O que acha? — a sua voz era hesitante.

— Mas porque decompor a imagem, torná-la tão oculta? — perguntei em voz alta.

— Não sei — disse o búlgaro calmamente. — A não ser que seja alguma coisa secreta. Se a demanda é mesmo para você, Paula, talvez a mensagem esteja de modo que só você possa decifrá-la.

Não respondi. Tentara durante horas resolver aquele quebra-cabeças sem sucesso e Stoyan o resolvia com uma perna nas costas, assim, sem mais nem menos?

— Podemos experimentar — sugeriu ele. — Um pedaço de areia onde possamos recriar essa árvore, ou uns pedaços de papel... Eu

sei que a reserva de material de escrita do seu pai não é para desperdiçar, mas...

— Vamos precisar de um tabuleiro de areia para praticar as nossas letras gregas — disse eu.

— No lugar onde ficam os camelos há areia limpa. — Uma pausa. — Não quero deixá-la aqui sozinha, Paula.

— Fico bem se me deixar a lanterna. — Não me parecia bem deixar que os pesadelos e as aparições tomassem conta de mim. Sempre quisera ser dona de mim mesma, independente e corajosa. — Mas não se demore. Stoyan? — chamei, quando ele já se afastava. O meu guarda-costas se virou. — Gosto quando me chama de Paula — disse eu contra a minha vontade. — E, por favor, não diga que não é apropriado.

— Só à noite — disse ele num murmúrio, desaparecendo logo a seguir.

Era uma coisa estranha para se dizer e eu perguntei a mim mesma se teria ouvido bem. Concentrei-me nas imagens, juntando-as na cabeça para formar uma imagem estilizada, tentando imaginar que árvore seria — folhas grandes, nada de agulhas; flores; sempre cheia de pequenos animais de várias espécies. Quanto mais a imaginava, mais me aparecia a imagem da deusa das abelhas com folhas substituindo-lhes os cabelos, raízes substituindo-lhe os pés, o tronco e os ramos a substituírem o corpo. *Complete-me*, murmurou sua voz espectral. Tentei não olhar para o fundo da galeria, para os seus cantos mais escuros, onde qualquer coisa pudesse estar escondida.

Stoyan voltou correndo com um tabuleiro cheio de areia úmida. A luz da lanterna não era o ideal para um trabalho de qualidade, mas pousamos o recipiente em cima da pequena mesa e enquanto eu segurava o bloco-de-notas, ele desenhava na areia uma grelha com trinta quadrados e copiava as imagens com um pau, enchendo cada um com os pequenos padrões, tentando colocá-los de maneira a parecerem o tronco, os ramos e as folhas de uma árvore. Tentei anotar os que ele copiara para que não os repetisse. Murmuramos mutuamente instruções e sugestões durante muito tempo. Stoyan desenhava uma linha aqui, outra ali, apagava outra além, tentando desvendar o mistério.

— Se a teoria estiver certa — disse o búlgaro, apagando várias imagens com um suspiro e examinando de novo o bloco-de-notas —, o quê faremos?

— Não sei. Tropecei no manuscrito quando estava vasculhando uma caixa cheia de papéis soltos. Foi uma coincidência encontrar estes dois, a não ser que seja uma pista para eu seguir. Tenho certeza de que nem Irene nem a sua assistente sabiam o que estava na caixa. Nenhuma delas mostrou interesse pelo que eu estava estudando. Stoyan, quando olhei para a pequena imagem de Cibele... — as minhas palavras morreram porque ele acabava de completar as peças do quebra-cabeças. O meu guarda-costas tinha razão. Na minha frente estava uma árvore frondosa cheia de flores, frutos, animais de todas as espécies voando à sua volta, empoleirados nos ramos, alimentando-se ao redor das raízes. Uma árvore com coração, porque era a imagem que o seu tronco nos dava, e uma coroa verdejante.

— Como é possível você ter visto tudo tão rapidamente — perguntei-lhe —, quando eu passei dias pensando sem conseguir nada?

— Talvez estivesse procurando uma solução mais complexa. Um homem simples procura sempre a resposta mais simples.

— Simples? Você? Duvido.

— Não acabou o que estava dizendo — disse ele, olhando solenemente para mim. — Quando encontrou a imagem da antiga deusa, aconteceu alguma coisa.

— Ouvi uma voz. Não a de Tati. Outra, profunda. Como que dando uma ordem: *Eu sou o começo. Complete-me*. Havia outra garota na biblioteca e ela não parece ter ouvido ou visto Tati quando ela apareceu e desapareceu. Pergunto a mim mesma se você será capaz de vê-la?

— Não sei. Paula, o seu passado faz de você a pessoa ideal para guardar este segredo. Não me surpreende que as pistas tenham sido colocadas para que as siga. Você é erudita, já visitou esse reino das sombras... É evidente que alguém a escolheu para ser a guardiã do conhecimento, mas eu fico preocupado porque sei que quer ir, logo de manhã, à biblioteca de *kyria* Irene. Desta vez não posso esperar por você na rua.

— Temos que arranjar uma maneira — disse eu, impressionada com o seu raciocínio. — Quero te mostrar o manuscrito. Talvez consigamos rodear as ordens de Irene. Deixe-me pensar no assunto.

— Não acha que devia falar destas manifestações a mestre Teodor? Ele receia ataques de alguns comerciantes rivais, mas não sabe que há outras forças desconhecidas em movimento.

— É melhor ele não saber — disse eu. — Nós não lhe contamos a verdade toda sobre Tati quando ele voltou para casa, naquele Inverno. Não dissemos que ela e Jena tinham conhecido o Povo da Noite e que... bem, é uma longa história. Um dia eu conto. Se o meu pai souber que Tati está aqui e que eu posso ter uma demanda pela frente, é capaz de me mandar para casa. Ele não percebe que eu sou capaz de lidar com estas coisas.

— Acredito — disse Stoyan. — Parece que você cresceu envolta em mistérios e que tem menos medo deles do que a maior parte das pessoas. Os perigos deste mundo é que me preocupam.

— Pensei que ia me ensinar a lutar sem armas — disse eu com um sorriso.

— Só para começar, tal como você vai fazer comigo em relação às letras — disse ele. — Não basta para me tirar o medo.

— Não precisa se preocupar comigo, Stoyan.

— Você é uma mulher de caráter, independente e corajosa. Quem me dera poder dizer que tem razão. E quando acorda subitamente e eu ouço terror em sua voz? Corta-me o coração não poder estar a seu lado nos seus sonhos, não poder protegê-la.

Não encontrei palavras para responder. A última observação fora profundamente pessoal, perfeitamente imprópria para um guarda-

costas. Fiquei contente pela falta de luz não lhe permitir ver minhas faces em brasa.

— São só pesadelos — disse eu, por fim. Talvez não tivesse entendido bem o que ele dissera. Provavelmente estava exagerando.

— A minha mãe dizia que os sonhos são as chaves dos mistérios do mundo.

— Você aceita muito bem o sobrenatural — disse eu, satisfeita por poder mudar de assunto. A conversa estava enveredando por caminhos perigosos. — Não parece nada chocada com o que te disse. A não ser que esteja fazendo pouco de mim.

— Nunca o faria, respeito-a muito.

— Essa abertura vem de sua mãe? Na minha terra, as pessoas da montanha desconfiam e temem o Outro Reino, põem talismãs nas árvores e erguem crucifixos para afastar, não só os agentes do Diabo, mas também as fadas, os duendes e o Povo da Noite. Não é que não acreditem, é mais porque esperam que tais forças se mantenham longe de suas famílias, dos seus entes queridos.

— A mãe de minha mãe era uma *naharka*, uma... qual é a palavra? Uma mulher sábia, uma mulher que lidava com feitiços e mezinhas. Ela nos ensinou a respeitar o que não era comum, incutiu-nos o amor pelas verdades profundas e sábias da terra. Foi assim que soube de Cibele. Acho que a diferença entre os seres de que falou, os habitantes do seu Outro Reino, e uma divindade como a deusa das abelhas, não é grande.

A idéia era interessante. Pensaria nela.

— Quero estudar a segunda página mais de perto, amanhã, a que tem a imagem de Cibele — disse eu, bocejando. — Talvez encontre mais pistas. Acho que é importante descobri-las antes do jantar. — Olhei para os telhados e pareceu-me ver uma réstia de luz. — Isto se conseguirmos ficar acordados — acrescentei.

— Ainda tem tempo para dormir um pouco, antes do seu pai acordar — disse Stoyan. — Que faremos com esta pequena obra de arte? Guardamos?

Olhei para o pequeno tabuleiro com a imagem nítida na areia, para as linhas sinuosas isoladas que tinham se transformado num tronco e em ramos, linhas que eu pensara serem apenas borrões, manchas, e que eram, obviamente, folhas, insetos, pássaros, animais. Perguntei a mim mesma se o conhecimento não teria me cegado para a verdade e a evidência.

— Não creio que seja prático — disse-lhe. — De qualquer maneira é melhor tentarmos memorizá-la. Tem que haver uma razão para o fato de a termos decifrado.

— Vou estudá-la melhor até amanhecer, para metê-la na cabeça.

— Deveria dormir, Stoyan. Esteve acordado quase a noite toda por minha causa.

— Não se preocupe. Você é que deve descansar porque tem uma tarefa difícil pela frente.

— Está falando das pistas que podem não existir? — levantei-me, aconchegando-me na capa e perguntando a mim mesma se me atreveria a adormecer. O pesadelo não estava longe.

— Estou falando das lições para um rapaz do campo. Acho que vou ter mais sucesso como professor do que você.

— Transformar uma garota estudiosa numa guerreira feroz? Duvido. Stoyan, já que não vai se deitar, importa-se de não apagar já a lanterna?

— Eu fico junto do seu quarto, onde possa vê-la. Durma bem, Paula. Vai ver que os seus sonhos, desta vez, serão agradáveis.

Deitei-me na cama olhando para ele através da porta meio fechada. A luz da lanterna iluminava-lhe as feições largas e fazia-lhe cintilar os olhos de longas pestanas. Sentado de pernas cruzadas e com o tabuleiro no colo, os cabelos escuros caíam-lhe para a frente e emaranhavam-se nos ombros. O búlgaro levantou uma ou duas vezes os olhos da pequena árvore e olhou na minha direção, regressando depois à sua tarefa. A sua concentração era exemplar. Ensiná-lo-ia a escrever o nome num abrir e fechar de olhos. Provavelmente, porém, não lhe ensinaria mais nada porque dentro de um mês, quando o *Stea de Mare* chegasse, partiríamos e nunca mais o veria. Quase adormecendo, percebi que seria como descobrir um livro novo cheio de surpresas e tirarem-me depois de profundamente absorvida na história.

Quando acordei, descobri que dormira até a hora da oração da manhã e que não me lembrava de ter tido um único sonho.

Maria estava com dor de cabeça. Não era provável que se recuperasse a tempo de nos acompanhar a casa de Barsam. Antecipando a visita matinal, o meu pai andava de um lado para o outro, nervoso, de cabeça perdida. Eu não poderia ir ao jantar sem uma *chaperone*. Claudia estaria cuidando de Maria e Stoyan não queria que eu ficasse sozinha no *han*, à noite, nem que o meu pai fosse à casa azul sem a sua proteção. Os dois homens estavam quase tendo uma discussão quando os interrompi com o que me pareceu ser a solução óbvia.

— Acho que consigo que Irene vá como minha *chaperone*. Ela é muito respeitada na cidade, é minha amiga e já sabe da *Dádiva de Cibele* e do jantar. Por isso, o problema da confidencialidade não existe. E se ela levar Murat, teremos dois guarda-costas. Peço a ela?

O meu pai, que ainda não me dissera onde guardara os papéis sobre à *Dádiva de Cibele*, anuiu, com a cabeça noutro lugar qualquer. Eu o conhecia suficientemente bem para saber que deviam estar muito bem escondidos. Mesmo assim, a perspectiva dos homens do *mufti* revistando os alojamentos era perturbadora.

Chegaram enquanto estávamos tomando o desjejum, acompanhados por homens que, pelas túnicas e chapéus, eram imãs, chefes religiosos, formando uma pequena força de janízaros. Lembrei-me do comentário de Irene sobre a natureza das visitas que o xeque ul-Islão andava fazendo e comecei a ficar preocupada com o meu pai. Giacomo já estava no pátio, dando as boas-vindas à delegação.

— Os janízaros são só para amedrontar — murmurou o meu pai, pondo o chapéu para receber os visitantes. — Para nos intimidar, para nos levar a entregar o que o *mufti* procura. Não se preocupe, Paula. Eu posso com eles. Estou habituado a dar informações sem revelar o que não quero que se saiba. Eles vão falar primeiro com Giacomo. Stoyan, desapareça daqui com Paula assim que eles entrarem.

Chovera durante a noite. Stoyan e eu dirigimo-nos para a casa de Irene por entre poças d'água, quase sempre em silêncio. Havia

um certo constrangimento entre nós naquela manhã; fizéramos algumas observações nada convencionais durante a noite. O búlgaro estava distante porque, provavelmente, estava arrependido por ter permitido que isso acontecesse.

— Deve estar cansado, Stoyan — observei quando as paredes da casa de Irene apareceram, mais abaixo.

— Não a ponto de não poder cumprir o meu dever, *kyria*.

Suspirei. O meu guarda-costas voltara ao estilo patroa-servo.

— Não estava me referindo a isso — disse eu, mas era provável que ele tivesse razão. Naquele momento éramos oficialmente patroa e servo e seria mais fácil se a nossa relação continuasse assim. Talvez deixasse de ter pesadelos depois do jantar do dia seguinte. Talvez não voltasse a precisar de um amigo para me segurar a mão no meio da noite e para me ouvir, como se soubesse tudo.

Algum tempo depois estava sentada com Irene a olhar para o seu jardim encharcado, com uma bebida gelada na mão. Assim que mencionara a doença de Maria, a minha anfitriã oferecera-se para me acompanhar ao jantar, desobrigando-me de pedir. Irene expressou a opinião de que, pelo menos, impediria que Duarte Aguiar me estragasse a noite com as suas impertinências. Combinamos que ela e Murat iriam se encontrar comigo no *han*, de onde seguiríamos para a casa azul.

Então, fiz-lhe uma pergunta mais embaraçosa.

— Gostaria de ficar aqui trabalhando na colunata, se não se importa. Terei que pedir que me tragam a caixa que tenho estado a estudar. A luz é melhor, aqui. Precisarei de uma mesa, claro. Não se preocupe, deixo tudo limpo e arrumado.

Irene pensou por uns instantes.

— E pode ficar mais perto do seu jovem — observou ela com as sobrancelhas erguidas. Stoyan não estava longe.

— Do meu guarda-costas — corrigi-a. — Essa é uma das razões do meu pedido, sim. Quando saímos, os homens do *mufti* estavam chegando. O meu pai preocupa-se muito com a minha segurança. A propósito, ele agradece o aviso.

— Paula — disse Irene, baixando a voz —, faria bem se não se aproximasse tanto desse seu guarda-costas.

Fiquei tão espantada que não encontrei palavras para responder.

— Ainda não reparou na maneira como ele olha para você? — murmurou a minha anfitriã.

— O trabalho de Stoyan é olhar por mim — disse-lhe. — Tenho absoluta confiança nele. Está questionando a minha escolha?

— De modo nenhum, Paula, apenas as suas prováveis conseqüências. Você ainda é nova e ele é um belo espécime, uma gema por polir, por assim dizer. Mas não para você. Eu vejo uma certa afinidade entre os dois, a maneira como salta rapidamente em defesa dele. Sabe que ele trabalhava para Salem bin Afazi, não sabe? O mercador que foi assassinado na rua, há pouco tempo?

— Salem era amigo de meu pai. Sabemos o que aconteceu. Stoyan estava de folga quando o crime foi cometido e ficou devastado quando regressou e encontrou o patrão morto.

— Discute essas questões pessoais com ele?

Estava ficando preocupada com o fato de Stoyan estar a pouca distância de nós e de poder nos ouvir. O seu rosto, porém, olhava na direção oposta.

— Porque não? — perguntei em voz baixa.

— Lá está você a saltar em defesa dele. Ele não é seu igual, Paula, e nunca será. Pergunte a si mesma se um homem como ele poderá, um dia, conduzir uma conversa com você sobre livros, música ou filosofia, se conseguirá partilhar com você os objetivos que você persegue, as idéias que tanto adora? Além do mais, não sabe nada dele. Já lhe ocorreu que a sua ausência por ocasião da morte de seu patrão pode não ter sido uma coincidência? E se, digamos, um rival quisesse afastar Salem bin Afazi de cena? Só precisaria oferecer uma soma respeitável a esse seu rapaz grande para que ele se afastasse no momento crítico.

Sentia-me chocada.

— Sei que não foi o que aconteceu. Quero dizer, é provável que a morte de Salem seja da responsabilidade de um rival, mas Stoyan nunca arriscaria a segurança de seu patrão por dinheiro. O conhecemos o suficiente para termos certeza.

— Verdade? Suponho que a família dele, esteja onde estiver, deve ser pobre. E há outra questão, Paula. Ouvi falar do envolvimento de seu guarda-costas em certas coisas desagradáveis, antes de trabalhar para Salem bin Afazi. Confusões de rua e atividades semelhantes.

— Ele tem razões para estar em Istambul e razões para precisar de dinheiro — disse eu, um pouco na defesa. Os comentários de minha anfitriã aborreciam-me. Era verdade que, em relação aos nossos antecedentes, havia um enorme hiato entre Stoyan e eu. Porém, não havia razão para apontá-lo, especialmente quando ele podia ouvir. Além do mais não havia nada entre nós.

— E lhe disse quais são — replicou Irene em voz suave. Não permitiria que ela continuasse.

— Irene, eu sei que deve estar muito ocupada. E eu quero continuar com o meu trabalho.

— Estou vendo que as minhas críticas a magoaram — disse ela calmamente. — Desculpe. Você é nova e as jovens, muitas vezes, deixam-se levar pelo coração, por um excesso de simpatia pelos que, aparentemente, estão metidos em problemas ou pelos todopoderosos anseios do corpo. Sem que percebam, podem se dar conta em águas profundas demais.

Stoyan afastara-se um pouco e estava ajustando a arma que tinha nas costas. Sua boca era uma linha, apenas.

— Não precisa me avisar — disse eu. — Eu não sou crédula a esse ponto. Além do mais estou em Istambul para ajudar meu pai. Não tenciono apaixonar-me.

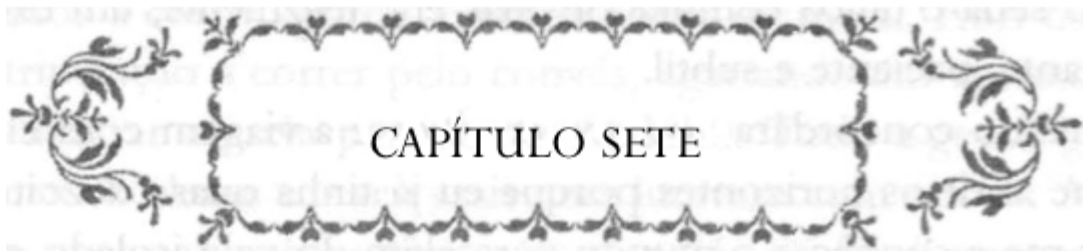
Irene sorriu.

— Não, suponho que o seu primeiro amor será sempre a erudição. É uma pena a maior parte de nós, mulheres, não termos tantas oportunidades. Se fosse um rapaz já seria, provavelmente, um erudito famoso, um professor, um escritor. Assim, imagino que, apesar de lhe dar toda a liberdade possível, o seu pai há de querer que se case com um homem respeitável e que tenha um rancho de filhos. Que desperdício — disse ela, invulgarmente apaixonada, como se a hipótese a enfurecesse.

— Não será exatamente assim — disse eu, sentindo que devia defender meu pai. — O meu pai ficou encantado por ver as minhas duas irmãs casadas, claro, mas sabe que eu quero vir a ser uma comerciante especializada em livros. Suponho que também gostaria que eu me casasse. As minhas irmãs estão sempre falando no assunto, dizem que, se eu escolher um marido, será com base na quantidade de línguas que ele falar ou na sua capacidade para sustentar uma discussão sobre determinados pontos obscuros da filosofia. De fato, chego à conclusão de que uma mulher não pode ter sucesso nas duas coisas, quero dizer, ter uma carreira e ao mesmo tempo ser mãe e mulher. A minha irmã Jena é uma exceção à regra, mas também casou com um homem excepcional. Não deve haver muitos homens como Costi.

Irene sorriu.

— Estou convencida de que uma mulher forte e capaz não precisa de marido, precisa apenas da coragem de suas convicções — disse ela. — O papel de mulher e mãe pode ser desempenhado por centenas de garotas, mas poucas são as que têm capacidade para ser extraordinárias. Você pode ser uma delas, Paula, pense nisso. E agora vou pedir a Ariadne que lhe traga os manuscritos. Pode trabalhar aqui, mas tenha cuidado. O vento pode atirar os papéis para o jardim, que está todo molhado.



Stoyan não estava feliz. Fechara-se sobre si mesmo, provavelmente por causa do que ouvira. Acenei-lhe para que se aproximasse e se sentasse a meu lado, mas ele foi lento a responder. A nossa anfitriã afastara-se e estava falando com um grupo de mulheres.

— Por favor, Stoyan — murmurei.

Relutantemente, o búlgaro sentou-se, olhando para o fragmento de manuscrito.

— Esta é a deusa das abelhas — disse eu, mostrando-lhe a minúscula imagem. — Parece mesmo uma árvore, com os cabelos todos emaranhados a fazerem de copa.

— Não me sinto bem aqui. Sou um guarda-costas, não sou um erudito — disse ele num murmúrio irritado.

— Não se preocupe — murmurei-lhe em resposta. — Diga-me o que vê.

— Imagens, *kyria*. Não sei ler as palavras. Não me disse para vir aqui dizer-lhe o que já sabe.

— Eu também não sei ler. São persas. Olhe com atenção. Quero saber se vê alguma coisa fora do comum. — Quando ele não fez qualquer comentário, acrescentei: — Desculpe se te irritei. Não posso fazer isto sem você, Stoyan.

Enquanto ele examinava as páginas decoradas, peguei no meu material de escrita e fiz outra cópia dos símbolos, dessa vez numa

folha de papel que eu mesma dividira em trinta quadrados. Não tentei formar uma árvore, limitei-me a copiá-los fielmente. De volta ao *han*, cortaria um a um e os juntaria para formar uma versão mais completa do nosso quebra-cabeças. Precisava do tabuleiro de areia para as lições de Stoyan. Estava decidida a fazer com que ele se convencesse de que era capaz de aprender a ler e a escrever. O búlgaro já tinha tristezas de sobra na sua vida, não precisava da amargura e da indignação da ignorância. A solução era fácil.

A atenção de Stoyan fora atraída para as miniaturas do outro fragmento, o primeiro que eu encontrara.

— Isto parece um combate — murmurou ele, indicando uma das imagens. — Este ser, que parece meio-chacal meio-homem, atira este outro, que tem cabeça de cavalo, ao chão, por cima do ombro. E estes aqui... homens vestidos de mulher?... aplaudem. E esta figura tem uma coroa de louros para o vencedor.

— O ritual de Primavera de Cibele — murmurei. — Encenavam-no todos os anos quando o amante dela renascia. Eles costumavam... bem, os pormenores não interessam.

— Se reparar, consegue ver figuras iguais na margem, aqui e aqui.

Esta estava complexamente pintada. As espirais, curvas e cornucópias embelezavam, não só os pequenos quadrados que constituíam o quebra-cabeças da árvore, mas também as imagens dos homens e dos animais. As cores eram vivas: azuis-fortes, vermelhos-vibrantes, um toque dourado aqui e outro ali, verde-escuros, cor de azeitona.

— Nesta imagem — disse Stoyan — uma mulher conversa com um gato. O animal tem um olho azul e outro amarelo. Na seguinte, um homem com cabeça de falcão está pendurado numa corda e um outro, com cabeça de cão, está a segurá-lo.

— Talvez o ritual da Primavera envolva uma série de testes — disse eu, olhando para a minúscula imagem. — Força, agilidade, engenho.

— Pergunto-me se...

As palavras pareceram gelar-lhe nos lábios. Quando levantei a cabeça, Stoyan fixava-me com tal horror que olhei por cima do ombro para ver se não haveria um monstro nas minhas costas, pronto para atacar. Irene e o seu grupo tinham desaparecido no interior da casa, deixando apenas duas mulheres sentadas a ler. O meu guarda-costas ficara pálido como a morte, de olhos esbugalhados.

— O que...? — comecei eu e um momento depois senti-me a flutuar, como que num sonho, a olhar do ar para o meu corpo e para o do meu companheiro. Porém, a pessoa não era eu com o meu vestido modesto e o meu lenço, era uma mulher vestida de negro, sentada exatamente no mesmo lugar, fixando os seus belos olhos azul-violeta em Stoyan, com o bordado no colo, no qual as garotas dançavam umas ao lado das outras. A quarta era magra e pálida, tinha cabelos castanhos ondulados e lunetas penduradas ao pescoço: eu mesma, perfeitamente bordada. Quanto à verdadeira Paula, já não fazia parte do mundo da casa de Irene, estava noutra domínio qualquer, isolada, até fazer o que Tati queria que ela fizesse.

— Onde está Paula? — a voz de Stoyan era um murmúrio estrangulado. — O que fez com ela? — continuou ele, levando a

mão à faca que tinha na cintura. — Responda!

Gelada, suspensa, eu não conseguia falar, não podia dizer para se acalmar e esperar.

— Ouça o que digo! — disse minha irmã, ao mesmo tempo que Stoyan tirava a faca da bainha e se levantava, pronto para atacar. Foi um dos piores momentos da minha vida. Toda eu gritava, desejosa de intervir, impedi-lo de fazer qualquer coisa terrível, avisar Tati... No entanto sabia que não podia. O feitiço que me mantinha imóvel só me libertaria quando aquilo tudo terminasse. Mais ao fundo, na colunata, as duas mulheres olhavam, petrificadas. Uma delas tinha o livro encostado ao peito numa atitude defensiva.

— O que é isto? — sibilou Stoyan em voz trêmula, mas segurando firmemente na arma. — O que quer de nós?

— Tem que me ouvir, Stoyan — disse Tati, tirando o véu do rosto para que ele visse que era nova, bela e pálida. — Não posso me demorar e não posso falar com Paula. É uma das regras. Cada um

de nós tem uma demanda: você, Paula e eu. Se conseguir, terá três recompensas: uma pela coragem, outra pela perseverança e outra pela franqueza. Lute por elas, use-as bem. E, por favor, proteja a minha irmã.

— A sua... — começou Stoyan a dizer, baixando lentamente a faca e um momento depois me senti descer, a sentir outra vez o corpo e o sangue, e me vi sentada novamente à mesa olhando para seu rosto e tentando controlar as mãos trêmulas.

— Eu... eu a vi — gaguejei. — A ouvi. Mas não estava aqui... Stoyan, sente-se ou vai desmaiar.

— Paula! — exclamou ele, estendendo as mãos e tocando-me no braço, nos cabelos, tão chocado quanto eu. — Você está bem? Não está ferida? Por todos os santos... Não sei o que dizer — acrescentou ele, embainhando a faca, olhando em volta para as duas mulheres, as quais falavam excitadamente uma com a outra. Imaginei-as contando a Irene e a Murat que o meu guarda-costas estivera brandindo uma arma no interior da casa. Eu não sabia exatamente o que elas tinham visto, mas tinha que tranquilizá-las, ou a situação se tornaria muito desagradável.

— Desculpem — gritei, pondo-me de pé com dificuldade, sentindo as pernas trêmulas. — O meu guarda-costas pensou ter visto um intruso o jardim. Por favor, não se assustem.

As mulheres não pareceram ficar convencidas.

— Tem certeza de que está bem, *kyria*? — perguntou uma delas num grego hesitante. — Pareceu-me... — a mulher olhou para Stoyan. — Pensei que o jovem queria machucá-la. Pelo menos foi o que me pareceu. Quer que chame *kyria* Irene?

Stoyan recuperou a compostura, fez uma vênua respeitosa e disse-lhes qualquer coisa em turco num tom conciliatório.

— Estamos ótimos — acrescentei. — Stoyan — disse, eu baixando a voz, ao mesmo tempo que as duas mulheres se

sentavam —, aquela era a minha irmã. Tatiana. Cheguei a pensar que ia matá-la. — Subitamente ocorreu-me uma coisa muito estranha. — Que língua ela estava falando? — perguntei. Era evidente que o búlgaro, tal como eu, entendera o que ela dissera. Como Tati nunca aprendera grego, a única língua que Stoyan e eu tínhamos em comum estava fora de questão. Teria falado na língua do Outro Reino, universalmente conhecida, se bem que de maneira tão efêmera que não podíamos reconhecê-la no nosso mundo? Chocava-me reconhecer que a minha irmã mais velha se afastara para tão longe da sua antiga vida.

— Não interessa, Paula. É melhor irmos embora. Isto é perigoso. E se não tivesse voltado? Se estas forças a arrastarem para outro mundo, um domínio que não é humano nem terreno, eu não posso segui-la.

— Pareceu-me que Tati quer que faça exatamente isso. Ela estava lhe dando uma missão. Quer queira, quer não, está envolvido. O fato de conseguir vê-la, e aquelas mulheres não, prova. Se elas tivessem me visto desaparecer, sendo substituída por uma pessoa completamente diferente, não estariam sentadas ali.

— A minha missão é protegê-la enquanto está em Istambul. As minhas instruções não incluem estas manifestações. Não tenho

armas para combatê-las.

— Acho que sim, pelas palavras de Tati. Coragem, perseverança, franqueza; as armas de que necessita.

— Para quê? Por que sua irmã não diz simplesmente o que quer de nós?

Pensei em Drăguța, a *Feiticeira da Floresta*.

— Pode não saber — disse eu. — As pessoas do Outro Reino são complicadas. Se ela pudesse encontrar-se normalmente conosco, não teria que aparecer e desaparecer, ou afastar-me para falar contigo. Talvez ainda não seja boa nessas manifestações. Há seis anos ela era uma garota humana normal, como eu. Quanto mais tempo estiver no outro mundo, mais parecida fica com os seus habitantes. É por isso que o amado dela, Tristeza, não pode voltar; foi levado pelo Povo da Noite quando tinha apenas dez anos e agora é... diferente. A missão de que o encarregaram era extremamente difícil. É assim que as coisas funcionam: quanto maior a

recompensa, mais difícil a missão. As pessoas podem conquistar a felicidade, a paz, o conhecimento e as paradas são altas porque afetam muitas vidas, podem alterar o curso da História. No processo, as pessoas podem magoar-se e até morrer.

— Está dizendo que os nossos destinos são traçados por esses seres? — Stoyan parecia profundamente perturbado. — Parecem-me gente caprichosa. Custa-me a acreditar que o meu destino esteja nas mãos de criaturas tão instáveis. E Deus? Ou os deuses em geral, incluindo Cibele? Essas forças trabalham em conjunto ou andam sempre em guerra com as almas dos humanos como recompensa?

— Não sei responder a isso. Tudo o que sei é que você e eu temos cada um uma missão. E Tati também, mas não sei se estão interligadas. Talvez as coisas só façam sentido no fim.

— E se nós não entrarmos no jogo?

Estremeci.

— Conosco, se Jena não tivesse entrado, teríamos perdido tudo. Não sei onde isto vai nos levar, Stoyan, mas eu tenho que ir. Não posso ignorar Tati. Ela é a minha irmã mais velha.

— Paula — disse Stoyan com uma nova nota na voz, olhando para a miniatura de Cibele com os olhos semicerrados.

— O quê?

— Repare — murmurou ele, apontando. — A sua deusa tem alguma coisa escrita na pele.

A figura atarracada olhava para nós com um sorriso enigmático, olhos sem expressão, mãos nas ancas e pernas cruzadas por baixo do seu corpo generoso. Stoyan tinha razão. De perto, com a ajuda de minhas lunetas, o que parecia ser uma trepadeira ou um cordel

em redor da barriga e das ancas era, de fato, uma série de palavras minúsculas.

— Pergunto a mim mesma o que quererá dizer — murmurei. — Não reconheço a língua. Deve ser uma coisa muito antiga. Ou um código qualquer. Que frustração! Bocados de pistas, meios sinais, insinuações, sugestões, mas nada que os ligue entre si.

— A sua irmã disse que não podia lhe explicar. Por que, Paula?

— É típico do Outro Reino. Há alguns anos, uma feiticeira lançou um feitiço de silêncio sobre o nosso primo Costi, uma grande crueldade que o impediu de dizer a Jena quem era na realidade. Quando ele recuperou a voz, estavam tão zangados um com o outro que não se falavam, mas no fim as coisas se resolveram. Hoje são marido e mulher. Há sempre uma razão para os feitiços que eles lançam.

— E por que razão a sua irmã pode falar comigo e não com você?

— Pode haver várias: mostrar-lhe que faz parte disto tudo, que não pode se esconder por trás do seu estatuto de guarda-costas; tornar a minha missão mais difícil. E a de Tati também. As pessoas do Outro Reino fazem-nos sofrer para que aprendamos melhor a nossa lição, seja ela qual for. Espero descobrir brevemente tudo porque odeio quando as coisas não fazem sentido.

— Até quando quer ficar aqui? A gente do *mufti* já deve ter ido embora do *han*. — Stoyan parecia muito inquieto. Era evidente que não queria continuar ali.

— Temos que ficar um pouco mais, pelo menos. Seria indelicado para Irene se fôssemos embora às pressas e se aquelas mulheres contarem que tinha uma faca na mão, podemos ter que responder a perguntas embaraçosas. Stoyan, pergunto a mim mesma se Irene será capaz de traduzir esta escrita minúscula?

— Vai revelar o segredo? — perguntou o búlgaro com alguma timidez.

— O manuscrito lhe pertence — respondi. — Como ela me disse que sabia o que era a *Dádiva de Cibele*, não me parece que seja arriscado perguntar-lhe. Não lhe direi nada sobre a inscrição que desaparece... *Encontre o coração*, etc... porque acho que, provavelmente, é uma coisa que não devo partilhar com ninguém.

— Partilhou-a comigo.

— Contigo é diferente — disse eu.

Esperiei que Irene aparecesse para sugerir um café e mostrei-lhe o manuscrito. Stoyan afastou-se. A chuva parara. O meu guarda-costas colocou-se onde não poderia nos ouvir. A minha anfitriã debruçou-se sobre a mesa e examinou o manuscrito com seus olhos escuros. Ouvi-a prender a respiração.

— Espantoso — murmurou ela. — Uma peça destas na minha coleção e eu não sabia... Encontrou-a por acaso numa das caixas?

— Encontrei. — Era evidente, pela expressão, que nunca vira aquilo. — Tenho quase certeza de que se trata de Cibele, mas não consigo traduzir as palavras, esta parte da imagem e o texto principal do manuscrito. Esperava que pudesse me ajudar.

— Não reconheço o alfabeto, Paula. — Irene passou os graciosos dedos pela miniatura, mal tocando nas letras minúsculas. — Mas posso traduzir-lhe o texto principal, claro. E o nome da sua deusa certamente está aqui. Deixe-me ver...

Tratava-se do relato da morte do amante de Cibele, Attis, uma história emocionante. A voz de Irene tremia, como se as cenas de sangue e sofrimento estivessem se desenrolando em frente dos seus olhos. Eu tinha razão em relação à outra folha, a que tinha as imagens dos jogos estranhos; dizia respeito ao ritual da Primavera da deusa, que celebrava o renascimento do seu antigo amante. Irene chegou ao fim do fragmento quando o relator começava a descrever os pormenores da cerimônia.

— Fascinante! — exclamou a minha anfitriã. — Que descoberta notável, Paula! E que extraordinário ter sido você a tropeçar nela, quando o seu pai está em vias de adquirir o artefato... Fantástico.

Não podia dizer que não tinha dúvidas de que tinham sido as forças do Outro Reino a mostrar-me as pistas.

— Sim, é surpreendente — disse eu. — Para lhe dizer a verdade, esperava encontrar algumas informações sobre Cibele, algo que pudesse ser útil. Ainda bem que encontrei isto.

— Obrigada. Estou vendo que tenho que transformar a catalogação destes papéis numa prioridade. Se ficar mais algum tempo em Istambul, talvez possa me ajudar.

— Gostaria muito. — Apesar de me sentir lisonjeada, era pouco provável. Fosse qual fosse a demanda que as forças do Outro Reino tinham para mim, duvidava que incluísse catalogar manuscritos.

Enquanto tomávamos café, Irene perguntou-me o que tencionava usar no jantar, como iria penteada e sugeriu que prendesse os cabelos no alto da cabeça para parecer mais velha. Não consegui interessar-me pelo assunto. Stoyan parecia preocupado e eu me sentia confusa. As palavras de Tati sugeriam urgência e o jantar era naquela noite, mas eu não conseguia juntar as peças. Acreditava na missão, acreditava que tínhamos uma tarefa para cumprir e só queria descobrir qual o mais depressa possível.

Era quase hora da oração do meio-dia quando regressamos ao *han*. O grupo do *mufti* já tinha ido embora. Parecia que não haviam descoberto nada, apesar da busca ter sido minuciosa. O meu pai e Stoyan passaram uma boa parte da tarde restaurando a ordem na câmara onde o que restava das nossas mercadorias estava armazenado, ao mesmo tempo que eu limpava e arrumava os quartos, virados de pernas para o ar. Até a minha arca fora revistada. Não gostava de imaginar os guardas pegando minhas roupas e objetos pessoais, mas aparentemente não faltava nada. O meu pai não me disse onde guardara os papéis, mas eu sabia que estavam seguros. Após tantos anos de profissão, era natural que soubesse como se faziam as coisas.

O convite para o jantar na casa azul dizia que devíamos ir assim que nos conviesse, depois da oração da tarde. A noção de hora era essencial. Chegar muito cedo era sinal de indelicadeza e chegar muito tarde era dar vantagem aos outros mercadores porque quem chegasse primeiro à casa de Barsam teria oportunidade de falar confidencialmente com o armênio. No fim, como todos pensavam o mesmo, chegamos em massa, com exceção de Duarte Aguiar que, com o seu jeito habitual, conseguira chegar antes de todo mundo. O português estava sentado de pernas cruzadas numa almofada, no pátio, conversando com o nosso anfitrião na companhia das fontes murmurantes. Algumas lanternas lançavam uma luz quente sobre os pilares de pedra e a folhagem suave do espaço fechado. Criados discretos, todos homens, andavam silenciosamente de um lado para o outro. No lado de fora havia guardas armados que, antes de nos deixarem entrar, nos fizeram uma série de perguntas para se certificarem de nossas identidades.

Barsam levantou-se para nos receber. O homem usava um cafetã bordado de seda cor de pérola. O cabelo e a barba condiziam com o tecido. Quando o meu pai me apresentou, em grego, o armênio murmurou um cumprimento na mesma língua. Eu respondi delicadamente, agradecendo-lhe a hospitalidade. No momento em que Barsam se virou para Irene, Duarte pegou minha mão, inclinou-se sobre ela e, com um olhar cheio de malícia, afastou-me do grupo que, entretanto, trocava observações jocosas.

— Com essa cor — disse ele em voz baixa — parece uma borboleta exótica, menina Paula. Ou um fruto tentador, talvez,

vermelho por fora e creme por dentro.

Tentei encontrar uma resposta. Se o português era o homem que enviara a horrível ameaça a Antônio, não queria continuar falando com ele. No entanto, a sua adulação chocante me fez sorrir.

— Agradeço — disse eu friamente, ajustando o véu carmesim. A franja de conchas delicadas tilintou em minha testa. Perguntei a mim mesma se não teria sido um erro usá-lo.

Duarte estava simplesmente vestido com um traje de qualidade superior: calças azul-escuras, uma pálida camisa de linho que contrastava dramaticamente com a sua pele bronzeada e os seus cabelos escuros e uma túnica de linho azul-acinzentada com botões de osso. O cinto era a nota mais viva, uma faixa de várias cores exóticas.

— Foi uma maneira muito pessoal de me compensar pela perda do meu lenço — acrescentei. Pelo canto do olho vi Stoyan a nos observar. O búlgaro estava de guarda num dos extremos do pátio.

Naquela noite a cicatriz que tinha na face era mais perceptível e pareceu-me ver-lhe os dentes cerrados. No outro lado estava Murat, impassível como sempre, com os olhos azuis vigilantes. Olhei para Duarte, que levava a mão ao cinto para puxar o canto de alguma coisa encarnada.

— Não é engraçado? — murmurou o português. — Você está usando o meu e eu estou usando o seu.

Não havia dúvida de que o homem tinha um talento especial para a inconveniência.

— É assim tão supersticioso, senhor Aguiar? Ao ponto de acreditar que o meu lenço lhe dá sorte? — perguntei.

O sorriso devastador espalhou-se por suas feições esguias.

— É exatamente o contrário, menina Paula. Não tenho tempo para os medos e as fantasias que assaltam tantos homens do mar, para os encantos e os amuletos nascidos para afastar as forças malélicas, para as canções e as histórias de sereias e monstros que se escondem nas profundezas. Ando com isto para me recordar que tenho algo a provar.

— Ah? E o que é? — notei que o meu pai estava olhando para mim com uma expressão ilegível. Não acreditava que, se pudesse, me daria ordem para não falar mais com Duarte. Afinal de contas, oferecera-me para usar os meus encantos femininos no sentido de ajudar a nossa missão, se pudesse. Porém, mestre Teodor continuava olhando para mim, pronto para livrar-me de confusão se precisasse dele.

— Que, com bastante trabalho da minha parte, possa começar a ver que não sou o tratante que me pintam — disse Duarte. — Com tempo, acho que acabaremos sendo amigos.

O homem devia estar brincando.

— Os acontecimentos recentes sugerem-me que tal desenvolvimento não é possível — disse eu. No outro lado do pátio, Irene, com os seus olhos azuis sedutores, tinha a maior parte dos mercadores à sua volta. A mulher ergueu as sobrancelhas, nitidamente desagradada por eu não estar seguindo os seus conselhos em relação a Duarte. Encurralada pelos seus admiradores, não podia desempenhar o seu papel de *chaperone*. — Nunca poderei ser amiga de um homem que consegue o que quer por meio de ameaças.

— Ameaças? Eu? — exclamou ele, erguendo as sobrancelhas. — Menina Paula, acho que anda dando ouvidos a mexericos outra vez. Os meus métodos podem não ser ortodoxos, mas no seu conjunto são dignos de qualquer cavalheiro. A violência é o último recurso. E, geralmente, não é preciso ameaçar. Sou mais sutil do que isso.

Perscrutei-lhe as feições, tentando adivinhar se, por trás de todo o encanto, não estaria brincando de novo.

— Não sei se acredito — disse eu. — Não é sutileza nenhuma arrastar as mulheres e os filhos dos rivais para o perigo. — Talvez devesse manter a boca fechada, mas estava zangada por causa de

Antônio e de todos os mercadores honestos. E por minha causa: sentia-me fortemente inclinada a gostar daquele homem, mas se o que o meu pai suspeitava era verdade, não podia me dar ao luxo de me deixar cair.

— Não imagino o que as pessoas andam dizendo, menina Paula. Ah, parece que estão nos chamando. Sinto o olhar do seu cão de guarda. Receio que não confie em mim.

— Stoyan está fazendo o seu trabalho. Tive alguma dificuldade para convencer o meu pai de que não correria perigo aqui — disse eu, virando-me para me afastar.

— Espere — disse Duarte, subitamente muito sério. — O que quer dizer quando fala de ameaças? Ameaças a você, pessoalmente?

Pela primeira vez, perguntei a mim mesma se ele estaria a par da razão pela qual Antônio se afastara do negócio.

— Alguém enviou uma nota desagradável a um dos outros licitantes — disse eu. — Não posso dizer mais nada. Se não foi o responsável, peço desculpas. Se foi, não quero mais falar com você. Não posso ser mais específica.

— Estou vendo — replicou Duarte, ainda muito sério. — Este negócio é muito perigoso, menina Paula. Para todos, atrevo-me a dizer.

— Suponho que ninguém se atreve a ameaçá-lo, senhor. As pessoas e receiam. Ou o temem.

Duarte encolheu os ombros.

— As pessoas que pensem o que quiserem de mim. Quero lá saber! Em relação a você, porém, o caso muda de figura. Com o

tempo, espero merecer a sua boa opinião. Vamos? — perguntou ele, conduzindo-me na direção da entrada em arco. Enquanto avançávamos, Duarte murmurou-me ao ouvido: — Por favor, me chame de Duarte. A outra coisa me faz sentir mais velho.

Tentei um olhar dominador, destinado a gelar-lhe a familiaridade exagerada. Seus lábios se torceram e nos cantos da boca apareceram umas covinhas. Não consegui deixar de sorrir.

— Não posso fazer o que me pede — murmurei. — Chocaria todos os presentes neste jantar e embaraçaria o meu pai.

Numa câmara generosamente espaçosa, no interior da casa, os convidados de Barsam estavam sentados no chão ao redor de uma mesa baixa. As paredes eram de azulejos azuis e brancos e em cima mesa havia uma toalha azul com as orlas bordadas. Se o nosso anfitrião era casado, sua mulher não estava à vista. Irene e eu éramos as únicas mulheres. O meu pai esperou que eu chegasse junto dele para me indicar o lugar a seu lado. Irene sentou-se depois de mim e Duarte, com um encolher de ombros eloqüente, instalou-se a alguma distância, entre Alonso di Parma e um homem de solidéu. Stoyan colocou-se atrás de meu pai e de mim. Murat ficara no exterior.

Os criados trouxeram-nos tigelas de água aromatizada para lavarmos as mãos e imaculadas toalhas bordadas para limpá-las. Em seguida foram colocados na nossa frente diferentes pratos: *gulas*h, arroz perfumado, pepinos com pimenta e iogurte. Stoyan não comeria.

— Alonso — disse o meu pai alguns momentos depois — estou um pouco surpreendido por vê-lo aqui. Pensava que estava mais interessado em têxteis e tapetes. — Aparentemente a conversa, naquela noite, decorreria em grego, o que para mim era ótimo visto que poderia seguir o que se dizia.

— Eu também. — Se a tortuosidade tivesse voz, teria a do mercador veneziano, com quem eu fizera o meu primeiro negócio em Istambul. — Evidentemente, não foi tanto o objeto em exibição que me trouxe aqui esta noite, foi mais a perspectiva de encontrá-lo mais uma vez, a você e à sua encantadora filha. Tem trabalhado muito, Teodor. Na sua idade não devia exceder-se.

Abri a boca para lhe responder secamente, mas Irene deu-me uma cotovelada sutil e contive-me.

— Exceder? — perguntou o meu pai, aparentemente nada desconcertado. — Estou há muito tempo na profissão para cometer um erro tão básico. Suponho que, quando for um pouco mais velho, o meu amigo venha a ter um melhor conhecimento das coisas.

— Barsam, agradecemos a hospitalidade — disse Enzo de Nápoles. — Sei que deve estar ciente de quão ansiosos estamos para ver finalmente o artefato. Pode nos dizer um pouco mais sobre ele? Tem havido falatório sobre o modo como foi adquirido e a quem.

— Compreendemos — acrescentou Duarte em tom suave — que tais pormenores podem ser comercialmente sensíveis. Compete ao nosso anfitrião decidir o que pode nos revelar.

Seguiu-se um silêncio que eu interpretei como uma recusa dos outros mercadores em reconhecer o português como seu igual no

campo das transações mercantis.

— Evidentemente — disse alguém com delicadeza — cada um de nós fez suas investigações sobre a natureza e a história da *Dádiva de Cibele*. — Seguiu-se um respirar profundo coletivo, quase um suspiro, no seguimento da nomeação do objeto. — Eu estou interessado em descobrir se a informação que possuí, mestre Barsam, apóia ou contradiz o conhecimento insuficiente que temos do artefato.

— Senhores convidados, por favor gozem a refeição — disse Barsam num tom suavemente cortês. — Temos muito tempo para isso depois de terem comido. Dou a todos as boas-vindas à minha modesta residência. — Alguém começou a tocar música no pátio, um tema lamentoso num instrumento de cana, pontuado pelo entrecocar de pequenos címbalos. A noção de tempo fora impecável. Era como se Barsam o tivesse planejado.

— Falta-nos a paciência — observou o meu pai. — As minhas desculpas, mestre Barsam. A sua hospitalidade é excelente. Agradeço o fato de também ter convidado a minha filha que, como sabe, está em Istambul como minha assistente.

— O senhor não tem filhos, mestre Teodor? — perguntou Duarte. — Ninguém para continuar os seus negócios?

— Fui abençoado com meninas, senhor e todas elas, cinco, possuem a inteligência, a beleza e a erudição suficientes para fazer qualquer pai feliz. Sou suficientemente afortunado para ter também três netos, dois dos quais são meninos e tenho uma sociedade com o meu genro.

— Foi abençoado, sem dúvida, mestre Teodor — disse o nosso anfitrião. — Como pais, sabemos que não interessa se os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos são guerreiros, mercadores, dervixes ou administradores. Desejamos-lhes apenas saúde e boa sorte, que sejam amados pelas suas famílias, que respeitem os seus governantes e que sejam dedicados ao seu Deus. Seja qual for a nossa fé ou as nossas origens, estamos unidos nessa crença.

Seguiu-se um murmúrio geral de assentimento.

— Irene — murmurei.

— Sim, Paula?

— Eles vão nos deixar ver a *Dádiva de Cibele*, não vão? — Mal conseguia comer, tinha um nó no estômago e a presença de Duarte no outro lado da mesa, olhando de vez em quando na minha direção, maliciosamente, não fazia nada para me acalmar.

— Não se preocupe tanto, Paula, vai acabar ficando com a testa franzida para o resto da vida. Coma mais um pouco de *gulas*; está muito bom.

Os homens começaram a falar de tapetes de seda. A minha mente começou a flutuar: de Tati para Stoyan, para Duarte... Sentia-me envergonhada por ter cedido, de certo modo, aos cumprimentos

do pirata. A admiração de um homem escandalosamente bonito era perturbadora. O meu instinto dizia-me para gostar dele apesar de tudo o que me tinham dito. Uma reação assim só podia complicar as coisas. Pensei no assunto e petisquei a comida.

Algum tempo depois acordei para o presente quando Barsam mencionou a palavra Cibele.

— ...um erudito da Anatólia — dizia o armênio. — O homem me disse que o objeto viajou para Samarcanda na companhia de um homem que, quase com certeza, não tinha conhecimento de sua raridade. Segui a caravana que o tal viajante se juntara e apanhei-a a meio caminho de Tabriz. Consegui a *Dádiva de Cibele* mediante o pagamento de... bem, não entremos em pormenores. Sei que a peça é genuína; foi examinada e avaliada na maior confidencialidade por um especialista em antigüidades religiosas. É da idade correta, do estilo correto e as marcas que ostenta só existem naquela região em particular e naquele período. Acho que bastará um vislumbre do artefato para lhes convencer de sua autenticidade.

Esperava conseguir mais do que um vislumbre, tencionava ler a inscrição ou, pelo menos, memorizá-la para poder traduzi-la mais tarde e descobrir o que Cibele dissera antes de deixar o nosso mundo para sempre. As suas palavras eram o elemento que fazia

com que a *Dádiva de Cibele* fosse tão desejada; criavam a crença de que o objeto conferia longa vida e fortuna a quem o possuísse.

— Avaliado — repetiu o meu pai. — Gostaria de saber como é que esse especialista estabeleceu um valor a uma peça única tão antiga.

— Se se tratar da verdadeira *Dádiva de Cibele* — acrescentou Duarte —, diria que não se pode medir o valor, em prata ou em ouro.

— Seja como for — disse Alonso di Parma — não vale a pena fingir que estamos aqui esta noite para outra coisa que não licitar pela peça e imagino que cada um de nós já ofereceu um preço que pode ser medido, justamente, nesses termos.

— Eu mantenho o meu comentário — disse calmamente Duarte. — Seja qual for o valor que um mercador lhe dê, não pode ser tratado como um tapete de seda ou uma baixela de prata. Trata-se

de um símbolo genuíno de fé e a fé não pode ser comprada ou vendida.

Eram palavras espantosas para um homem como ele. Tive vontade de perguntar o que queria dizer, mas me senti intimidada pelos outros convidados cujas expressões, não fossem estar dissimuladas, seriam cínicas.

— Isso é verborrêia bombástica — disse um dos mercadores. — Este artefato é primitivo, senhor Aguiar. Não é a mesma coisa que tentar vender um pergaminho dedicado pelo Profeta ou o osso da coxa de um santo cristão. Ninguém mais acredita nessa deusa, não passa de uma figura da mitologia antiga. Evidentemente, há a superstição ligada ao objeto, mas isso todos nós sabemos. Não tenho dúvidas de que o meu cliente não o quer pela sua raridade, mas porque acredita que garante prosperidade a você e aos seus ao longo de gerações. Todos nós poderíamos dizer o mesmo, provavelmente.

— Onde quer chegar exatamente, senhor Aguiar? — perguntou o meu pai, calmo e seguro. — Presumo que está aqui como licitante? No entanto, diz que o objeto não devia ser comercializado. Para mim não faz sentido.

— Digamos que, se for o licitante vencedor, as minhas intenções em relação à *Dádiva de Cibele* não serão as mesmas que as suas ou as dos nossos amigos aqui presentes — disse Duarte, fazendo um gesto ao redor da mesa. — Cada um de vocês está aqui com um potencial comprador em mente, supostamente. O meu papel é, de certo modo, diferente. Pode se dizer que estou aqui em nome do guardião original do objeto. É em seu nome que tenciono adquiri-lo.

— Guardião original? O que quer dizer com isso? — perguntou Enzo de Nápoles. — A peça está sendo oferecida para venda legitimamente, ninguém a reclama como sua. A não ser que haja alguma coisa que Barsam não tenha nos dito — acrescentou ele, olhando desconfiado para o nosso anfitrião, que abanou a cabeça com um sorriso solene. — Além do mais — continuou o mercador napolitano — os seus comentários bem-intencionados não alteram o fato do senhor estar aqui com as algibeiras cheias de prata, tal como todos nós.

— Não sou louco a ponto de transportar pessoalmente os meus fundos — disse Duarte. — À noite, as ruas de Istambul podem ser bem perigosas. Mas sim, estou aqui para comprar e, quando o tiver feito, devolverei a peça às suas origens. Mestre Barsam, podemos ver agora o artefato?

O armênio se levantou. Os criados reapareceram imediatamente com novas tigelas de água e toalhas para que os convidados pudessem, mais uma vez, lavar as mãos.

— Regressemos ao pátio — disse Barsam. — Tenho músicos muito bons esta noite, incluindo um bom tocador de *tulum*. Estão familiarizados com o instrumento? Trata-se de uma espécie de gaita-de-foles. Verão que vão gostar. Em seguida tomaremos café e poderão ver o artefato que está cuidadosamente guardado e armazenado. Lamento não lhes ter dado oportunidade para isso antes, individualmente, mas havia certos perigos ligados a ele. Estou certo de que compreenderão.

Stoyan estava à espera junto da porta e acompanhou-me quando eu saí. Avistei, no outro lado do pátio, a figura em forma de barril do tripulante de Duarte, o que eu vira no mercado. Murat estava junto do portão falando com um dos guardas de Barsam. O eunuco parecia alerta, mas descontraído, como se antecipasse confusão, certo de que conseguiria lidar com eles.

O tocador de *tulum* era um artista, arrancava uma voz desesperadamente triste de seu instrumento. Não consegui ouvi-lo sem pensar em Tati e Tristeza. A música me deu vontade de chorar, mas contive-me. Sentei-me num banco, entre o meu pai e Irene, bebendo o meu café de uma xícara em forma de tulipa, com a asa de prata. Duarte estava empoleirado na borda da fonte, olhando para mim com as covinhas à mostra. Não tinha qualquer hipótese de falar com ele. Todos estavam nervosos. O rosto de Stoyan estava na sombra. Imaginei as imagens que a música agridoce estaria lhe provocando. Perder o único irmão aos doze anos devia ter sido terrível. Ter que esperar até ter idade suficiente para procurá-lo, sabendo que cada dia que passava o afastava ainda mais dele, se não em distância, pelo menos mentalmente, devia ter sido insuportável.

Após o que me pareceu um tempo interminável, o nosso anfitrião convidou-nos a entrar numa outra parte da casa ao fundo do pátio, além de portas duplas maciças com ferrolhos de ferro trabalhados. No lado de fora havia um guarda armado.

— Estas precauções são necessárias — disse Barsam. — Qualquer pessoa que queira comprar este artefato, deve estar preparado para protegê-lo. Nem todos os colecionadores possuem os seus escrúpulos, meus amigos. E como, sem dúvida, já sabem, existe um certo interesse oficial por este objeto. Fazê-lo sair da cidade exigirá engenho e segurança.

Havia um dos presentes, pelo menos, pensei, que não tinha quaisquer escrúpulos. Um deles, pelo menos, enviara a ameaça terrível a Antônio de Nápoles e matara, talvez, Salem bin Afazi. Olhei de relance para Stoyan e os seus olhos disseram-me que estava pensando na mesma coisa.

Entramos numa antecâmara com chão de pedra e vimos outra porta que dava para uma sala interior iluminada por lanternas. O único mobiliário era uma mesa com tampo de mármore ao centro, em cima do qual havia uma caixa de cedro, fechada com um pesado cadeado. Formamos um círculo em volta dela, ao mesmo tempo que Barsam tirava uma chave da cintura e a metia na fechadura. Junto da porta, Stoyan montava guarda num dos lados da ombreira, enquanto o homem de Duarte fazia o mesmo na outra. O ar quase zumbia de tensão. Esperáramos muito tempo por aquilo.

A arca, com as dobradiças bem oleadas, abriu-se sem ruído. Alguém emitiu um pequeno som de surpresa ao ver a *Dádiva de Cibele* exposta por baixo da luz de uma das lanternas, aninhada numa cama de palha. Ao redor do círculo, todos os olhos se abriram desmesuradamente. Não se tratava de uma tábua de mármore com frases antigas, de nenhuma laje de granito cinzelado com escrita. Sentada na arca do mercador armênio havia uma pequena estátua

de argila vermelho-acastanhada com a forma de uma mulher de proporções generosas. Os seus cabelos eram emaranhados, o nariz largo e achatado e a boca estava esticada num sorriso. Os seus olhos eram dois buracos negros e a sua orelha direita estava partida, mas a esquerda ainda usava um anel de ouro no lóbulo perfurado. Cibebe.

Duarte foi o primeiro a se recuperar.

— Que surpresa — disse ele, sugerindo pelo tom que, fosse qual fosse a sua reação, a surpresa não fazia parte dela. — Mestre Barsam, podemos pegar na peça?

O armênio entregou-lhe um par de finas luvas de algodão. Chegados àquele ponto, não havia dúvida de que todos os outros desejavam ter sido os primeiros a perguntar. Alonso de Parma franzia o cenho e Enzo de Nápoles tinha uma expressão que só podia ser descrita como de avidez. Até Irene tinha um brilho de excitação nos olhos.

— Menina Paula?

Precisei de um momento para perceber que Duarte estava me estendendo as luvas. Um desafio: sentira o frêmito de desaprovação de todos os outros ao ouvirem o português falar. Senti-me corar ao calçá-las, aterrorizada com a possibilidade de deixar Cibele cair e desfazê-la em pedaços.

— Será sensato...? — exclamou alguém, calando-se quando estendi as mãos para a palha e levantei a estátua por baixo com uma mão, ao mesmo tempo que a segurava pelo pescoço com a outra. O objeto era mais leve do que eu esperava e quando ela saiu da caixa percebi porquê. Ao passo que a Cibele da miniatura tinha uma barriga redonda, estava de pernas cruzadas e pés descalços, aquela estátua terminava abruptamente ao nível da cintura. *Complete-me.* Senti um arrepio na espinha.

— Onde está a inscrição? — perguntou um dos mercadores. — A tradição diz que Cibele escreveu a sua última mensagem na estátua. Não vejo nada.

— Porque isto é apenas metade da *Dádiva de Cibele* — disse eu, olhando para Barsam. — A mensagem está escrita ao redor da barriga e das ancas, ou devia estar. Esta peça está quebrada.

Seguiu-se um silêncio profundo. Quase conseguia ouvir os sete mercadores a pensar. Sabia que cada um deles estava reduzindo mentalmente o valor da licitação ou se retirando da competição. As negociações iam começar.



Pediram-me para substanciar a minha declaração e eu assenti, descrevendo a miniatura que vira na biblioteca de Irene e a sua espantosa semelhança com o artefato. Irene confirmou que a imagem mostrava a figura de uma mulher inteira. Encontrei um vestígio da antiga escrita junto da orla quebrada da estatueta: nada mais restava da inscrição. Devo ter sido convincente. A sala começou a esvaziar-se, com cada um dos mercadores se desculpando polidamente perante Barsam e partindo imediatamente. O nosso anfitrião permaneceu imperturbável, murmurando que não sabia que a *Dádiva de Cibele* era mais do que aquela meia mulher e que a inscrição era tão essencial para o seu valor.

Antes de deixarmos a câmara iluminada, o meu pai pegou a peça e examinou-a de perto.

— O lugar por onde ela se partiu é perfeitamente nítido — disse ele calmamente. — Se conseguisse encontrar a outra parte, não

seria difícil colá-la. Não concorda, Paula?

— Hum — murmurei, com a cabeça a zumbir. Teria sido aquela a intenção de Tati? A minha demanda, certamente, não era descobrir a outra metade da estatueta. Eu falara por instinto, chocada por ver que Cibele não estava inteira. Era evidente que a minha descoberta privara Barsam de negociar com a maior parte dos presentes. Os licitadores não queriam o artefato sem as últimas palavras da deusa e o amuleto da sorte que todos eles cobiçavam. Significaria que o meu pai também se retiraria? Tentei ler-lhe a expressão do rosto, mas não consegui porque ele estava usando a máscara de mercador.

Quando saímos para o pátio, a maior parte dos convidados já fora embora. Duarte estava junto da fonte falando com Irene e não parecia minimamente desconcertado com o que acontecera ou com o olhar gelado da dama.

— Deseja ir embora, mestre Teodor? — Stoyan fora buscar as nossas capas e estava com elas penduradas no braço.

O meu pai baixou a voz.

— Quero criar essa impressão. Antes de irmos embora quero ter uma palavra com Barsam. Bastam uns momentos. Paula, o português parece estar mergulhado numa longa conversa com a sua amiga. Pergunto a mim mesmo se será possível persuadi-lo a afastar-se um pouco? — definitivamente, acontecia qualquer coisa. O meu pai parecia estar reprimindo uma certa excitação.

— Com certeza, pai.

No jardim, os músicos continuavam a tocar, não para entreter os convidados, antes para seu próprio divertimento, reunidos em volta de um forno ao ar livre, com uma série de criados de Barsam a assistir. Ao *tulum* juntara-se um tambor e um instrumento de cordas. O ritmo fez-me bater o pé no chão.

Juntei-me a Irene e Duarte e anunciei-lhes que queria me aproximar mais para ouvir devidamente a música. Murat seguiu-nos a uma distância discreta. Atrás de mim o meu pai, com Stoyan na sua sombra, embrenhou-se numa conversa em voz baixa com o nosso anfitrião. Entre a fonte e o *tulum*, não conseguia entender o que diziam.

— Gosta de música? — perguntou Duarte.

— Quando é bem tocada, gosto.

— E de dançar?

— Não tenho muitas oportunidades, senhor. — Depois do portal do Outro Reino nos ter sido vedado, dançara apenas no casamento de Jena e no de Iulia.

— Claro — replicou ele discretamente, com os olhos escuros a dançarem nas órbitas. — Você é uma estudiosa, muito séria para passatempos tão frívolos. Como eu mesmo sou amante de livros, cumprimento-a. Por outro lado, acho que é muito cedo para virar as costas aos prazeres da juventude. Não tem medo de envelhecer antes do tempo?

— Está sendo desagradável, senhor Aguiar. — O tom de Irene era invulgarmente áspero. — Guarde os seus comentários farpados para os da sua laia.

— Obrigada, Irene, mas eu sei me defender! — disse eu, endireitando os ombros. — Senhor Duarte, eu sou uma mulher e passo o meu tempo como muito bem entendo. Por vezes, leio, por vezes danço, por vezes não faço nem uma coisa nem outra e o senhor é um homem muito velho para brincadeiras estúpidas.

— Mais uma vez, entendeu-me mal — disse Duarte e eu fiquei sem saber se ele estava brincando ou falando sério. — Tal como os outros, acredita que não sei o que significa a palavra ética.

— Só posso julgá-lo através das opiniões dos outros — disse eu.
— Das opiniões dos outros e das impressões breves com que fiquei durante os nossos encontros pouco comuns. Se conseguir provar que tais opiniões estão erradas, estou preparada para rever o meu julgamento.

— Paula, talvez seja melhor irmos — disse Irene. — O seu pai...
— hesitou ela, olhando na direção da fonte, mas a luz era tal que mal se via quem se encontrava junto dela.

A música atingia o clímax. Os espectadores reforçavam o ritmo do tambor com palmas vigorosas.

— Gostaria de ouvir mais um pouco de música, só até ele me chamar — disse eu.

— Talvez seja melhor...

— Acha que o seu pai perdeu o interesse, agora que sabe que a estatueta está incompleta? — perguntou Duarte.

Apressei-me a responder à pergunta inesperada.

— Suponho que sim — disse, apesar de não entender exatamente por que razão o português não se mostrava interessado em sair dali às pressas. — Seria diferente se soubéssemos onde está a outra parte. Se a encontrássemos em boas condições e pudéssemos reparar o conjunto, valeria a pena comprá-la. O valor seria mais baixo, claro, mesmo que a colagem fosse bem-feita. Mas parece que Barsam não sabe onde ela está. Seria uma tarefa árdua encontrá-la.

— Concordo.

Havia algo de interessante na expressão de Duarte e eu tentei interpretá-lo. Seria possível ele tencionar licitar, apesar de tudo? Até que ponto baixaria a oferta, consciente de que só metade do artefato estava à venda?

Seus lábios se torceram e os seus olhos cintilaram.

— Está tentar ler meus pensamentos? — perguntou ele.

— Não estou assim tão desesperada por divertimento — respondi-lhe com aspereza, irritada por ter sido apanhada olhando para ele.

Irene correu em meu socorro.

— De todos os presentes, senhor Aguiar, o senhor foi o que me pareceu menos surpreendido com a revelação de Paula. E noto que continua aqui conversando com as senhoras quando todos os outros já foram embora.

— Ah — replicou ele com um sorriso enigmático, mais dirigido a mim do que à minha companheira. Era como se ele quisesse partilhar um segredo e, contra a minha vontade, senti a mesma excitação que sentira ao ouvir a música bravia do *tulum*. — Eu não estou aqui apenas como comprador, senhora Irene. Também vim aqui para reavivar o meu conhecimento com a encantadora Paula. Como os homens e as mulheres não podem se reunir em Istambul, tenho que aproveitar as oportunidades que se me apresentam para falar com ela. — acrescentou ele, olhando para mim. — Está corando outra vez — murmurou ele. — Que encantador. Quando fica assim, compreendo por que razão precisa de uma *chaperone*.

— Acabou a conversa! — exclamou Irene, segurando-me pelo braço. — Já tem idade para ter juízo, senhor Aguiar.

— Não acho — disse eu. — Até agora ainda não me convenceu.

— Da minha idade ou do meu juízo, Paula?

— Não sei que idade tem e não estou particularmente interessada — respondi. — Mas tenho uma pergunta para você. O que quis dizer quando referiu que devolveria a *Dádiva de Cibele* às suas origens se o comprasse? Que origens? Pensei que só a região era conhecida, não o local.

O *tulum* continuava a tocar e a fonte acompanhava-o suavemente. Pareceu-me que tanto Duarte como Irene ficaram subitamente muito quietos, como se as minhas palavras tivessem tido um significado diferente daquele que eu queria dar. Entrara em águas profundas e não sabia como sair delas.

— O seu pai faz bem em tê-la como assistente — disse finalmente em tom uniforme. — Um homem desconcentra-se com tanta habilidade mental; começa a gostar das chicotadas da sua língua afiada e esquece-se que é filha de um mercador. Como a peça está partida, a sua pergunta já não é relevante, menina Paula.

Fiquei tão ofendida que não encontrei resposta. Eu estava consciente de que me prestara a obter informações do português e dos outros mercadores com a ajuda dos meus encantos limitados, mas aquela pergunta fora feita por pura curiosidade, nada mais. E tinha mesmo a língua afiada? Ouvi Irene respirar fundo, indignada, pronta para falar.

— *Kyria*. — Uma voz profunda nas minhas costas. Stoyan. Suspirei de alívio. — O seu pai vai embora.

— Desejo-lhe uma boa noite, menina Paula — disse Duarte, todo mesuras, mas olhando por cima da minha cabeça com olhos desafiadores.

— Boa noite, senhor Duarte — disse eu. — Foi... interessante... falar com você.

— Boa noite, senhora Irene.

Irene respondeu-lhe com um aceno de cabeça gelado e Stoyan conduziu-nos como um eficiente cão-pastor reunindo as ovelhas de um rebanho. Não via razão para voltarmos a ver Duarte da Costa Aguiar de novo. Deveria me sentir aliviada. O homem lisonjeou-me, insultou-me, divertiu-me, intrigou-me, confundiu-me e encolerizou-me, tudo na mesma noite. Falar com ele era como percorrer um caminho cheio de pedras. Porém, sentia-me desapontada.

Estava no armazém da biblioteca de Irene, sozinha, de pé, em frente de uma escrivaninha alta, olhando para outra folha do manuscrito persa com os cantos presos por figuras atarracadas de dedos inchados. A luz era incerta, não via a minúscula ilustração com nitidez. No interior da lanterna os pirilampos pululavam. Os

seus corpos brilhavam e eu estremecia quando eles batiam no vidro. Nunca gostara de insetos.

A miniatura. Tinha que me concentrar, estudá-la porque o tempo começava a fugir-me. Semicerrei os olhos, tentando focá-los. Seria uma figura em cima dos ombros de outra? Uma garota? De calças? Muito indecoroso. E tentava agarrar alguma coisa por cima de sua cabeça. Maçãs? O homem em cujas costas ela se apoiava também estava equilibrado em cima de alguma coisa. Parecia tudo muito precário. E havia mais alguma coisa... Tinha que levar a folha para onde houvesse mais luz. Mas com cuidado. Ninguém podia ver. A cortina cobria a passagem para a câmara principal e quando a afastei, um enxame de pequenas moscas levantou-se e pairou sobre a minha cabeça. Prendi a respiração, fechei os olhos com força e entrei de cabeça baixa na biblioteca propriamente dita.

Abri os olhos. Havia um erudito em cada mesa: um adivinho encapuzado, um feiticeiro com um chapéu cheio de estrelas, um gnomo minúsculo debruçado sobre um mapa e um velho a mergulhar uma pena de pavão num tinteiro de cristal facetado. A luz vinha de cima, uma luz do Outro Mundo tão pálida como a madrugada e tão pura como a água de uma nascente; não entrava pelos buracos feitos no estuque nem provinha de um archote ou de uma lanterna, antes de uma esfera flutuante, mágica, suspensa metro e meio acima dos eruditos. Avancei, mas ninguém me lançou, sequer, um olhar apressado. Abri a boca para cumprimentá-los porque me eram todos queridos e familiares, amigos do Outro Reino com quem discutira e debatera nas noites de lua cheia, ao longo dos

anos da minha infância. Um momento mais tarde tudo se deslocou e mudou e eu já não estava na biblioteca, antes na Clareira da Dança, cenário de folias que eu conhecera tão bem. Ileana, a Rainha da Floresta, estava sentada no seu trono de madeira de salgueiro e na sua frente ajoelhava-se a minha irmã Tati vestida de branco, com os cabelos negros a caírem-lhe pelas costas e o desespero a refletir-se nos olhos azul-violeta. A sua volta as mesmas pessoas que vira na biblioteca e muitas outras, desde anões a gigantes e salamandras a mochos observavam em silêncio. Eu estava no meio da multidão, mas não fisicamente, incapaz de falar ou de me mexer.

— Preciso vê-las! — clamava Tati. — Sabe que aceitei este estilo de vida, que fiz o possível para me tornar parte do seu reino. Foi o amor que me trouxe para o Outro Reino e é aqui que vou ficar para sempre. Não pretendo ser desleal para convosco ou para com os vossos súditos, mas o meu amor por Tristeza não anulou o que sinto pela minha família, majestade. É uma crueldade eu não poder regressar. Só quero abraçar as minhas irmãs, falar um pouco com elas. Preciso saber se estão bem e dizer ao meu pai que me sinto feliz.

Ileana, com o seu toucado de penas, ultrapassava a minha irmã em altura e o vestido girava à sua volta, com vida própria. Nas suas pregas dançavam nuvens de pequenas borboletas brilhantes. Os seus olhos eram frios.

— Porque não fala com aqueles que têm autorização para ir ao seu mundo? — perguntou ela. — Com Grigori, ou com os anões? Eles podem lhe dizer como estão as suas irmãs. Suponho que estão todas bem, Jena em particular, desde que nos encarregamos de sua educação. Não entendo por que razão está tão preocupada com elas.

— São minhas irmãs — disse simplesmente Tati. — Amo-as. Tenho saudades delas. Quero tanto vê-las que até me dói. Estes sentimentos são importantes para os humanos, majestade. Há alguma maneira de eu alcançar o direito de ir? Ou, se não posso atravessar, não pode conceder-lhes o privilégio de voltar, apenas por pouco tempo?

Ileana sorriu lentamente. Nas árvores ao redor do seu trono, as folhas estremeceram.

— Não sabe o que está pedindo, Tatiana — disse ela suavemente.

— Com o devido respeito, majestade, sei — disse Tati. — Falei com Tristeza e ele concorda. Estou preparada para aceitar uma demanda.

— Estou vendo. E se tivesse que escolher uma das suas irmãs para ver, qual escolheria? Jena, a quem deve tanto? A pequena Stela, que foi a que mais perdeu ao ser proibida de voltar ao Outro Reino já que era apenas uma criança quando o portal foi fechado? A inteligente Paula, de quem os nossos eruditos têm tantas saudades? Ou Iulia, que dançava como a luz do luar?

Os olhos de Tati esbugalharam-se.

— Só uma? — murmurou ela. — Não consigo escolher!

— Claro que não! — Ileana parecia divertida. O meu coração batia com toda a força, ao mesmo tempo que eu perguntava a mim mesma qual seria a escolha cruel que Tati seria forçada a fazer. —

Mas só precisa decidir essa parte — continuou a Rainha — depois de completar a sua demanda, ligada à missão de sua irmã Paula, que neste momento está exatamente onde precisamos dela. Alguém pediu ajuda a Drăguța, uma velha, velha amiga, noutra parte do mundo, precisa de ajuda humana para resolver uns assuntos. A missão pode dividir-se em três: ajudar a amiga de Drăguța, conceder-lhe o desejo e, ao mesmo tempo, ajudar três humanos a aprender e a crescer. Diga-me, a sua irmã é corajosa?

Então, antes de eu poder ouvir mais qualquer coisa, a cena dissolveu-se. Tati, Ileana e os eruditos do Outro Reino desvaneceram-se como se nunca tivessem existido e eu me vi deitada na minha cama do *han*, na escuridão, na companhia de minhas lágrimas.

Pobre Tati! Ao longo de todos aqueles saudosos anos, nunca supusera que ela também pudesse ser infeliz, tão certa do seu amor por Tristeza, tão certa de sua decisão de nos deixar. Se, pelo menos, eu fosse capaz de manter o sonho vivo durante mais algum tempo. Quis tanto falar com ela, abraçá-la, dizer-lhe que tínhamos tantas saudades dela quanto ela de nós. Quanto à coragem, esperava ter tanta quanta necessária.

Precisava ir ao banheiro. Stoyan estava dormindo do outro lado da porta, no chão. Tinha que passar por cima dele para ir ao fundo da galeria. Procurei a minha capa às apalpadelas, saí do pequeno quarto na ponta dos pés e atravessei o quarto maior descalça. O búlgaro estava deitado de costas com um braço por cima dos olhos e a outra ao longo do corpo coberto pelo cobertor. A sua pose era a de um garoto exausto de tanta brincadeira. Apesar da confusão que sentia, me fez sorrir. Pus uma mão na ombreira e passei por cima dele.

Uma mão poderosa agarrou-me o tornozelo. Vacilei e espalhei-me de comprido.

— Ahhh! — exclamei, quando senti uma dor no tornozelo. A mão me largou.

— Paula! — exclamou ele em voz áspera, de joelhos, passando-me uma mão pelos ombros e levantando-me. — Machuquei-a! O que está fazendo de pé? O que se passa...?

— Nada — disse eu com uma careta, apalpando a anca. — Levantei-me para ir ao banheiro, mais nada. Não queria acordá-lo. Estou bem, de verdade. — Tentei levantar-me e vi que a dor continuava. Manquei até uma das cadeiras junto à pequena mesa da galeria e sentei-me cuidadosamente. — Desloquei-o — disse.

Stoyan ficou devastado com o que fizera.

— Está chorando — disse ele, acocorando-se na minha frente e estendendo uma mão para me acariciar a face. — Machucou-se de verdade. É melhor acordar mestre Teodor...

— Não. Daqui a pouco já estou boa, Stoyan. Não são lágrimas de dor. Tive outro sonho. Não queria acordá-lo. Desculpe. Mas agora tenho que ir ao banheiro. Talvez precise de sua ajuda. Lá se vão as aulas de autodefesa.

Encostada a ele, fui, vltei e descobri que estava sem sono. A imagem de Tati e a missão não me saíam do pensamento.

— Não vou conseguir dormir — disse-lhe. — Não precisa ficar acordado por minha causa. Fico aqui sentada pensando.

— Vou ligar seu tornozelo — disse ele, olhando para o seu saco, arrumado numa prateleira à entrada dos nossos alojamentos. — Se me permitir. Isso vai inchar e isto vai deixá-la mais confortável.

Tinha dores demais para me preocupar com decências.

— Obrigada. Stoyan, preciso voltar à biblioteca logo de manhã. Sonhei outra vez com Tati. Ela está em Istambul tentando conquistar o direito de nos visitar. Quero dizer, a nós, irmãs. A recompensa da demanda é essa. E está ligada à minha. Stoyan, se formos à casa de Irene, talvez consiga vê-la outra vez e descubra algumas pistas para tentar descobrir o que temos que fazer. Arranja um tempo para me levar antes de acompanhar o meu pai à casa azul?

O fim da noite anterior fora interessante. O meu pai não dissera uma única palavra sobre a *Dádiva de Cibele* até nos separarmos de Irene e de Murat e regressarmos ao *han*. Só então me recordara calmamente que o nosso cliente era um colecionador erudito de idade avançada com uma grande paixão por antigüidades religiosas. O homem, solteirão e uma espécie de recluso, não queria saber das supostas capacidades da *Dádiva de Cibele* para proporcionar um futuro risonho ao seu proprietário. Provavelmente nem se importaria com o fato da estatueta estar partida, interessado apenas no seu valor histórico. Na verdade, dissera o meu pai, o nosso cliente ficaria muito satisfeito por conseguir o artefato por menos dinheiro. Um pouco menos. O meu pai não tinha intenção de permitir que alguém o ultrapassasse quando o sucesso estava ao seu alcance e antes de sairmos da casa azul dissera a Barsam que voltaria no dia seguinte com uma nova oferta, pedindo-lhe que guardasse a *Dádiva de Cibele* até à hora da oração do meio-dia.

— No entanto, temos um problema — acrescentara ele. — É provável que um ou dois dos licitantes regressem também com novas ofertas, mas não acredito que o façam já. Exceto Duarte Aguiar. Ele ainda estava lá quando saímos. Imagino que continua na corrida. E dizem que é muito determinado. Desconfio que vá estar lá amanhã, pronto para fazer uma oferta. Eu vou mais cedo, mas não a ponto de perturbar a casa de Barsam, arriscando-me a ofendê-lo. Acho que sou capaz de exceder a oferta do português. A bolsa do homem tem que ter fundo.

— Ele deve ser muito rico — dissera eu. — O *Esperança* não é um barco qualquer.

— Talvez seja de uma família rica — dissera o meu pai. — Stoyan, vou precisar de você de manhã, mas não logo depois do desjejum. Um pouco mais tarde.

Naquele momento, na obscuridade dos nossos alojamentos, o búlgaro encontrara o que procurava: uma faixa de linho e um pequeno recipiente com algo pungente.

— Uma pomada — explicou ele. — É capaz de reter o inchaço. Importa-se...?

Levantei a saia da minha camisola até o joelho e pus o pé em cima da outra cadeira. Fiz um esforço para respirar lentamente, sentindo as mãos de Stoyan no tornozelo, massageando-me gentilmente. A sensação era confusa: dor, certamente, mas também

outra coisa, algo de que gostava mais do que queria admitir. Eu dava muito valor à nossa amizade e sabia que ele também. Qualquer coisa mais — a espécie de relação a que Irene se referira — seria profundamente errada. Os argumentos contra eram tantos que nem sequer me atrevia a pensar neles.

Depois da massagem, Stoyan ligou-me o tornozelo.

— Esse tal Aguiar — murmurou ele, acorocado apertando as pontas da ligadura. — Gosta dele?

Uma pergunta assustadora.

— O que quer dizer com esse *gosta dele*?

— Falou muito com ele, ontem à noite. Como se ele fosse um amigo e não um conhecimento. E tinha um sorriso nos olhos. Pergunto a mim mesmo se terá prestado atenção ao meu aviso. Ele quer explorá-la, Paula, vejo no seu rosto.

Cautelosamente, pus o pé no chão.

— Sinto-me melhor com a ligadura — reconheci. — Obrigada, Stoyan. E não se preocupe com Duarte. Ele gosta de namorar. Se não for comigo, é com outra mulher qualquer. Não significa nada.

— Não respondeu à minha pergunta — retorquiu ele, enrolando o resto da ligadura e guardando-a no saco juntamente com a pomada.

Tentei arranjar uma resposta honesta.

— Parece-me errado dizer que gosto se foi ele quem enviou aquela mensagem ameaçadora a Antônio. Porém, quando o sugeri, ele ficou chocado. Posso estar enganada, portanto. E gosto de conversar com ele. Duarte é um homem cheio de surpresas, parece gostar das mesmas coisas que eu: livros e certas idéias em particular. Sinto-me lisonjeada por ele querer falar comigo, mas não confio nele. E talvez não devamos gostar de uma pessoa se não confiarmos nela. — O tópico era desconfortável, especialmente no meio da noite. — Devia ir dormir — conclui.

— Porque estava chorando? O que viu no seu sonho?

— Sonhei com Tati — respondi em voz baixa, desamparada, sem conseguir evitar. — Ela estava no Outro Reino dizendo que tinha saudades da família e que ia levar a cabo uma demanda para que a deixassem nos ver...

Subitamente fiquei cheia de saudades. Cobri o rosto com as mãos, incapaz de reter as lágrimas. Stoyan ajoelhou-se junto de minha cadeira e passou-me um braço pelos ombros, murmurando qualquer coisa indistinta. Desatei a chorar e só quando o fluxo começou a diminuir é que percebi que tinha a cabeça encostada ao ombro dele e que lhe ouvia palavras de conforto, murmuradas contra os meus cabelos. Lá se iam os meus próprios conselhos.

— Desculpe — murmurei, afastando-me. — Que vergonha. Não acredito que fiz isto. Pode não acreditar, mas não sou uma menina chorona. Mas parece que, contigo, está sempre acontecendo. Por favor, não diga nada ao pai, não quero que ele fique preocupado.

— Como queira. — Stoyan afastara-se um pouco e o seu rosto ficara na sombra. Não fazia idéia do que ele pensava do meu comportamento pouco apropriado ou do meu pedido de desculpas. — Mestre Teodor não é o único a se preocupar — continuou ele. — Com o tornozelo machucado, você fica ainda mais vulnerável. Não posso lhe ensinar o que tinha planejado, mas posso mostrar-lhe um truque que pode usar e que não exige muita força. Deixe-me lhe mostrar...

Assim aprendi, no meio da noite, a libertar-me do abraço de alguém com habilidade em vez de com força física. Até praticamos um pouco de maneira ligeiramente diferente para não esforçar o tornozelo, o que me manteve ocupada, a ponto de não pensar em mais nada. Quando a sessão de combate terminou, senti-me na obrigação de lhe dar uma lição também e à luz da candeia obriguei Stoyan a praticar as letras do alfabeto grego. O búlgaro tinha uma mão notavelmente firme; ao terceiro exercício já tinha reparado. Porém, os seus dedos tremiam enquanto escreviam no tabuleiro de

areia com um pau, como se a tarefa fosse uma coisa assustadora. Sentia que ele tinha medo de falhar e a perspectiva aterrorizava-o. Percebi que a aprendizagem teria que ser mais lenta do que planejara. Um mês seria suficiente para convencê-lo de que era capaz? Teria ele a força de vontade suficiente para continuar após a minha partida?

— Temos que tentar dormir um pouco — disse eu quando acabamos, já com os utensílios de escrita arrumados. — Amanhã vai ser um grande dia.

— Hoje — disse Stoyan. — Obrigado, Paula. Machuquei-a e respondeu com bondade. Não sei o que dizer.

Sorri. Era inacreditável, mas o búlgaro não percebia de que ele é que era um modelo de bondade.

— Deseje-me boa-noite e bons sonhos. Ou sem sonhos... talvez seja melhor. Nós somos amigos, Stoyan e os amigos fazem coisas uns pelos outros. Faz parte.

— Boa noite, Paula — disse ele em voz quase inaudível. — Tenho muita honra em ser seu amigo.

Estava na biblioteca, na verdadeira, com uma segunda caixa de manuscritos a meu lado e a mente a dardejear de uma coisa para outra. Estava sozinha. Talvez o rosto pálido e os olhos sombrios tivessem dito a Irene que precisava ficar só naquela manhã.

Não fosse o sonho, teria preferido um dia tranqüilo no *han*, à espera que o meu pai concluísse o negócio com Barsam, o *Elusivo* e regressasse com a *Dádiva de Cibele*. Tencionávamos fechá-lo à chave e só abrir a bordo do *Stea de Mare*, poucas semanas depois.

Porém, se queria tentar ver Tati outra vez para lhe dizer que faria o possível para ajudá-la a conquistar o direito de nos visitar, tinha que ficar na biblioteca à sua espera.

Comecei a separar o conteúdo da caixa, esperando que as mãos invisíveis que me guiavam na minha missão me providenciassem o documento que estivera estudando no meu sonho, o da menina apanhando maçãs. Oxalá Tati aparecesse com mais algumas pistas porque não tinha informações suficientes para desempenhar qualquer tipo de demanda. Além do mais a *Dádiva de Cibele* seria vendida naquele dia, muito provavelmente ao meu pai e depois só nos restaria a viagem de volta para casa. Não sabia o que o Outro Reino queria de mim! *Complete-me*, disse uma voz na minha cabeça, provocando-me um arrepio. Não queriam, certamente, que eu procurasse a outra metade da estatueta, que poderia estar em qualquer lugar. Necessitaria de recursos enormes e tempo ilimitado para tal busca, ainda por cima sem qualquer garantia de sucesso. Se era aquela a missão, escolheram a pessoa errada.

Não conseguia me concentrar. Os meus olhos fixavam-se nos papéis, mas os meus pensamentos regressavam sempre à noite anterior, à sensação das grandes mãos de Stoyan no meu tornozelo. Lembrei-me de abraçá-lo chorando e da sensação maravilhosa de lhe sentir os braços em volta dos ombros, ternos e reconfortantes. Não podia permitir que tal coisa acontecesse de novo. Os nossos mundos eram diferentes. Não valia a pena imaginar um futuro para ambos depois da próxima viagem do *Stea de Mare*.

— Esqueça, Paula — murmurei. — Não é propriamente uma especialista em matéria de homens.

O que era certamente verdade no caso de Duarte. Não sabia como lidar com um homem que violava todas as regras, mas sentia-me obrigada a admitir que era uma das coisas que me agradava no português. Sempre que punha os olhos nele, surpreendia-me. Não que, provavelmente, voltasse a fazê-lo já que a competição pela *Dádiva de Cibele* estava praticamente terminada. Subitamente dei comigo a imaginar o regresso a Piscul Dracului na companhia do impetuoso pirata e na recepção dramática que as minhas irmãs lhe fariam. Ordenei firmemente a mim mesma que parasse de pensar como uma menina tonta de treze anos. Precisava me concentrar naqueles papéis ou Irene pensaria que eu estava me servindo de sua biblioteca para me esconder e sentir pena de mim mesma.

Virei-me para a segunda caixa, mas nenhum dos papéis que encontrei se parecia com as duas páginas que tinha do manuscrito persa. Pura perda de tempo. Pior ainda, não havia meio de Tati aparecer. Estava sempre levantando os olhos na esperança de ver a sua figura vestida de negro sentada na minha frente com a imagem de Stela bordada no colo, mas nada. As mulheres entravam e saíam da biblioteca, falando em voz abafada, mas pareceu-me sentir uma

certa excitação no seu tom de voz. Mexericos, sem dúvida. Provavelmente nunca saberia o que diziam visto que não tencionava visitar o *hamam* sem a presença de Stoyan.

Mais tarde, na mesma manhã, Irene apareceu para me convidar para um café. Doía-me o pescoço devido à posição, e o tornozelo também. Foi um alívio acompanhá-la até à colunata, onde encontrei aperitivos à minha espera.

— Encontrou o que procurava, Paula? — perguntou Irene, servindo café em xícaras minúsculas enfeitadas com espirais coloridas e estendendo-me uma.

Abanei a cabeça.

— Não estou sendo nada eficiente, hoje. Estou cansada. Talvez noutra ocasião qualquer.

— Claro. — A minha anfitriã parecia calma, mas senti nela a mesma inquietação das outras mulheres, como se estivesse à espera de um divertimento muito interessante. Porém, tudo o que disse foi: — Parece preocupada, Paula. Aconteceu alguma coisa? Pode falar comigo, sou um poço de discrição.

— Não é nada. — Não ia contar a história de Tati. E se, depois de tudo aquilo, ela nunca mais voltasse a aparecer? E se os quebra-cabeças e as pistas não dessem em nada? — Torci o tornozelo e dói-me um pouco por causa da caminhada e por ter ficado este tempo todo imóvel.

— Pobrezinha — disse Irene. — Sabe, o *hamam* é o lugar ideal para descontrair um membro machucado e ajudar a curar outro tipo de dores. — Os seus olhos perscrutaram os meus, perspicazes. — Porque não pára de trabalhar e deixa que Olena trate de você? Evidentemente, ela não vai lhe dar a mesma massagem vigorosa, também é especialista noutras formas de tratamento mais gentis que lhe aliviarão a dor e a descontrairão ao mesmo tempo. Parece muito nervosa, esta manhã.

— Estou bem — retorqui, bebendo um gole de café. A xícara tremeu em minha mão.

— Não está, não — disse Irene, inclinando-se para mim em tom solícito. — Está tão tensa como um arco. Deixe-me adivinhar. O seu pai foi fazer outra visita e você está ansiosa para saber se ele teve sucesso! Tem medo que Duarte Aguiar chegue lá primeiro, ou que licite mais alto!

Olhei para ela. Irene riu.

— Só estou tentando adivinhar, Paula. Não foi extraordinário ter encontrado aqui, na minha biblioteca, a imagem exata do artefato? Mal pude acreditar nos meus olhos quando vi a peça. O seu pai ficou falando com Barsam depois de você anunciar que a *Dádiva de Cibele* não estava como devia ser. Deduzo daí que mestre Teodor não tenciona desistir do negócio, mas talvez tenha pedido mais tempo, talvez pense que é o único comprador e que pode conseguir a estatueta por um preço mais baixo. Não pude deixar de reparar que um dos convidados ficou na casa azul depois de sairmos: Duarte Aguiar.

— Provavelmente conhece-o melhor do que eu. Acha que ele ainda tenciona licitar? — parecia-me que não valia a pena fingir ignorância.

Os seus olhos gelaram-se.

— Acho. Duarte vai licitar. Diga-me: por que razão o seu pai está tão interessado na *Dádiva de Cibele*? O cliente não vai ficar desapontado? Ou tencionam os procurar a outra metade antes de voltarem para casa?

— Dificilmente. Não temos recursos para montar uma busca daqui até Tabriz. Isso supondo que o homem que o vendeu a Barsam tenha a outra metade.

— Eu tenho uma teoria, Paula.

— Ah sim?

— Lembra-se de Duarte dizer que tencionava devolver a peça às suas origens, fossem elas quais fossem? Acredito que, depois de obter a meia estatueta que vimos ontem à noite, ele vai atrás da outra metade. Se não sabe onde está, vai procurá-la. Se sabe, vai direto a ela. Aquele homem tem o instinto de uma ave migratória, voa direito ao seu destino.

— Só pode fazer isso se conseguir comprá-la — disse eu. — O meu pai é um mercador muito experiente. E saiu cedo. Tenho certeza de que vai trazer a peça. — Não era minha intenção dizer tão abertamente o que o meu pai tencionava fazer naquela manhã, mas já não fazia diferença. Provavelmente a transação já estava concluída e ele e Stoyan já deveriam estar a caminho de casa.

— Duarte não hesita perante nada, Paula. Eu a avisei. Você viu o comportamento dele ontem à noite: rude, presunçoso, com desprezo total pelas convenções sociais. Devia ter me deixado lidar com ele.

— É melhor voltar ao *han* — disse eu, não querendo continuar a discutir aquele tópico. De fato, sentia que lidara muito bem com Duarte. — Não sei a que horas Stoyan vem me buscar. Depende de como as coisas correram esta manhã. Acha que Murat pode me levar?

— Infelizmente, Murat não está em casa esta manhã, Paula. Porque não toma um banho e não deixa que Olena trate desse tornozelo? — Irene levantou-se. — Não posso permitir que continue trabalhando com dores e preocupada. Venha, se sentirá muito melhor depois de uma massagem.

Desisti. O tornozelo não agüentaria o resto do dia na biblioteca e eu não podia ir para casa sem Stoyan. Fazia sentido. Havia várias mulheres na sala quente, sentadas em bancos, deitadas na laje de mármore e lavando-se nas bacias. Quando entramos, todas falavam ao mesmo tempo em turco, mas a uma palavra de Irene calaram-se. Talvez a minha anfitriã tivesse lhes dito que eu estava cansada e que o barulho me perturbava. Era um pouco desconcer-tante, não entendera nada do que fora dito.

Irene e eu sentamo-nos no meio do vapor durante algum tempo, o suficiente para que eu começasse a ficar extremamente sono lenta. Então, Olena começou a tratar-me do tornozelo e quando acabou, todas as outras tinham desaparecido. Acordei com um mergulho na piscina. Em seguida instalamo-nos no *camekan*, onde Ariadne nos levou café fresco. Achei que devia ser hora da oração do meio-dia.

— Se quiser se deitar — disse Irene — pode fazê-lo aqui ou nos divãs. Acordo-a quando for horas de ir...

Ouvi passos no exterior e um momento depois a porta do *camekan*, que dava para o jardim, abriu-se e lá estava Stoyan totalmente vestido, armado e com uma expressão no rosto que me pôs de pé num salto, esquecendo-me por completo que estava vestida apenas com um fino lençol de seda. O búlgaro estava branco como cal e tinha os olhos pisados. A cicatriz destacava-se na palidez do rosto.

— O que foi? — exclamei, dando um passo em frente e agarrando na seda quando a senti a ficar para trás. — O que aconteceu?

— É melhor vir comigo, Paula. Imediatamente. Vista-se e venha.

— Fora! — ordenou Irene, de pé, com uma expressão de fúria no rosto. — Desvie o olhar e saia imediatamente por essa porta!

— Meu pai está bem? — gaguejei, estendendo o braço para as roupas.

— Está, mas agora venha — respondeu Stoyan, afastando-se. Deixei cair a seda e comecei a vasculhar as roupas que Ariadne pusera à minha disposição.

— Que atitude mais revoltante — resmungou Irene. — Onde estava o guarda do portão para permitir uma coisa destas? Paula, esse jovem não é bem-vindo a minha casa no futuro. Devia despedi-lo imediatamente...

Eu mal a ouvia, atirando as peças de roupa cedidas por Irene em todas as direções. As minhas estavam embrulhadas.

— Peço desculpas — disse. — Aconteceu alguma coisa ao meu pai, com certeza. Tenho que ir.

Do lado de fora da porta, Stoyan andava de um lado para o outro. Ao fundo do jardim avistei as mulheres do *hamam* totalmente vestidas, rindo, transportando embrulhos e caixas ao longo do carreiro.

— Jovem — disse severamente a minha anfitriã — explique-se! O que aconteceu para entrar assim, tão violentamente, no domínio privado das mulheres?

Stoyan não virou, sequer, a cabeça para ela. Os seus olhos estavam postos em mim e o seu rosto corou, suavizando a palidez anterior.

— Temos que ir — disse ele. — Pegou todas as suas coisas?

Anuí.

— O que aconteceu? Diga-me.

O búlgaro abanou a cabeça e estendeu o braço para a minha mão.

— Vamos.

— Peço desculpas, Irene — disse eu por cima do ombro, ao mesmo tempo que o meu guarda-costas me apressava ao longo da colunata em direção ao portão. — Explico depois. Obrigada pela sua hospitalidade.

Descemos a rua em direção à praça da árvore frondosa.

— Stoyan, diga alguma coisa! — exclamei.

O búlgaro continuou a andar rapidamente. O meu tornozelo, que pouco antes me parecia normal, começou outra vez a doer.

— Não consigo agüentar — arquejei. — Dói-me o tornozelo. Stoyan, por favor, diga-me. — Meus olhos encheram-se de dor e frustração.

— Mais tarde, onde ninguém possa nos ouvir. Além, na esquina da praça, junto do chafariz. — Estava tudo tranqüilo; a chamada para a oração começara, certamente, enquanto eu estava no *hamam*. Fizemos uma pausa onde o barulho da água abafava as nossas palavras. — Sente-se, Paula — disse Stoyan. — Desculpe, não sabia que estava com dores. Paula...

— Diga o que tem a dizer, Stoyan, seja o que for. O que a minha mente está inventando pode ser pior do que a verdade. O que lhe aconteceu?

— Quando saímos para a casa da senhora grega, chegou um guarda ao *han*, da parte de Barsam, o *Elusivo*, para escoltar o seu pai até à casa azul. Mestre Teodor devia ter esperado por mim.

Senti um arrepio. Salem bin Afazi morrera na rua.

— Mas você disse que não havia perigo — murmurei.

— Ele está são e salvo. Mestre Teodor está no *han*, mas ferido, Paula.

— Ferido? Muito? — quase me levantei da borda do chafariz e o meu tornozelo reagiu com uma facada de dor.

— Ainda não sei a que ponto. Mandeí chamar um médico, um judeu, para tratar dele. Mestre Giacomo e a mulher também estão lá. Bateram nele.

Estremeci. O meu pai já não era novo e a sua saúde era tudo menos robusta.

— O que é que ele te disse? — perguntei.

— Estava profundamente inconsciente quando o encontrei numa viela a alguma distância, quando devia estar no caminho que vai dar na casa azul. Perdi um tempo precioso à procura dele. Não havia sinal do guarda que foi buscá-lo no *han*. Fiquei preocupado contigo, Paula. Queria vir buscá-la, mas não podia. Assim que levei o seu pai para o *han*, fui buscar o médico, depois fui participar o caso às autoridades e enviar uma mensagem a Barsam, o *Elusivo*. Mestre Teodor ainda levou algum tempo para recuperar a consciência e, mesmo assim, não totalmente, mas disse uma coisa: que queria pedir mais tempo a Barsam. Enviei o ajudante do mercador de chá com o pedido.

— Oh, meu Deus. Portanto, foi atacado a caminho da casa de Barsam. — E só restava um licitante. O meu coração batia com toda a força. Não queria que tivesse sido Duarte, mas não havia outra explicação.

— Parece que sim. Se Barsam disser que não enviou nenhuma escolta, e acredito que o dirá, então parece que este guarda foi uma maneira de apanhar mestre Teodor desprevenido. Devia ter esperado por mim.

A desolação estava-lhe espelhada no rosto.

— Vamos — disse eu. — Tentarei andar o mais depressa possível. Fez o que devia, Stoyan. Sem você não o teríamos encontrado a tempo.

— Quando ele precisou, eu não estava lá — disse ele, como se não tivesse desculpa.

— Não estava lá porque tinha ido me levar para a casa de Irene, o que faz com que a culpa seja minha. Se não fosse eu, o teria protegido.

— A culpa não é sua, Paula.

— Não — concordei. — Mas também não é sua. Desconfio que é de Duarte Aguiar e, se for verdade, há de me pagar.



O meu pai estava noutro apartamento, ao lado do de Giacomo, encostado às almofadas, com o rosto pálido por baixo das equimoses e com uma ligadura na cabeça.

O médico, um homem novo com umas lunetas iguais às minhas, estava sentado na borda da cama com uma mão no pulso do paciente. Senti-me mais descansada quando notei sua atitude tranqüila.

— Paula! — exclamou debilmente o meu pai. — Está salva. Graças a Deus.

Pela sua reação e pela chegada precipitada de Stoyan ao *hamam*, deduzi que tanto ele como o búlgaro pensavam que quem atacara o meu pai tencionava fazer-me o mesmo.

— É claro que estou salva — disse-lhe. — Estava na casa de Irene e, ao contrário do senhor, esperei por Stoyan. Pai, o que lhe deu para sair sem ele? Certamente sabia... — parei devido à expressão dos seus olhos. — Está muito ferido? — perguntei-lhe, olhando para o médico.

— Mestre Teodor tem várias equimoses nas costas e nas pernas — disse calmamente o médico em grego, tal como eu e o meu pai.

— Não tem ossos quebrados. Pode se dizer que teve sorte.

— E a cabeça? Porque está ligada?

— Só me lembro de uma pancada na base do crânio — disse o meu pai. — Quando acordei, estava aqui e Stoyan estava olhando para mim, pálido de morte. Trouxe-me no colo o caminho todo. Não vi o meu atacante. Paula já recebemos alguma mensagem de Barsam? Já passa da hora. Preciso saber se houve ou não um alargamento do prazo.

— Vou ver se o rapaz já voltou — disse Stoyan. — Se não, eu mesmo vou à casa azul. Escreva a mensagem que quiser, que eu levo.

O rapaz, porém, regressara e trouxera uma mensagem. Perguntamos ao médico se não se importava de sair do quarto e li em voz alta. A voz faltou-me quando cheguei ao meio.

Já passou da hora que combinamos. Como tinha outra pessoa interessada, lamento informá-lo que o objeto foi vendido.

Desejo-lhe boa sorte nos seus negócios futuros...

Por baixo da ligadura, o rosto do meu pai era a imagem da desolação. Tentei encontrar palavras, ao mesmo tempo a raiva ia tomando conta de mim. Que maneira era aquela de conduzir uma transação? Usar de violência contra um homem de cinquenta anos para que ele não pudesse licitar por um determinado artigo? Num concurso justo e respeitável? O meu pai podia ter morrido.

— Duarte Aguiar não pode escapar incólume — resmunguei, tentando disfarçar a angústia.

— Como lhe disse, relatei o caso às autoridades — disse Stoyan.
— Perguntaram-me se desconfiava de alguém e disse-lhes que mestre Teodor estava envolvido num negócio muito sensível. Sem a sua autorização não podia dizer mais.

— Pai — disse eu num tom falsamente animador, mesmo para mim —, o que interessa é que está vivo. E não está gravemente ferido. Mais tarde, talvez possamos dar mais informações às autoridades e trazer o criminoso à justiça. Neste momento tem é que descansar e fazer o que o médico lhe diz. Stoyan, importa-se de lhe pedir para entrar?

O meu pai descansou a cabeça nas almofadas e fechou os olhos. O seu rosto era uma mescla de brancos e cinzentos. Senti uma fúria enorme. Interiormente, a minha determinação ficou ainda mais forte. Não deixaria passar aquilo em branco. Faria com que fosse feita justiça. E não seria através das autoridades, fossem elas quem fossem, sempre muito lentas. Aquele ato de traição necessitava de atenção imediata.

Perguntei ao médico até que horas poderia ficar e ele respondeu que até ao pôr do Sol. Maria se recuperara da doença do dia anterior e tanto ela como Giacomo estavam sempre entrando para tratar do meu pai. O mercador e a mulher ofereceram-se para ficar com ele por turnos, para que eu pudesse dormir e Stoyan ficaria de guarda à porta, certamente, pelo menos até à hora de eu me deitar.

Sentada, bebendo o chá que Maria me arranjara e vendo meu pai mergulhar num sono inquieto, a minha mente trabalhava rapidamente. Apostava uma moeda de prata contra uma colher de madeira em como o *Esperança* estava a ponto de partir com o comandante e a tripulação sãos e salvos a bordo. Segundo a opinião de Irene, devia ir em busca da outra metade da *Dádiva de Cibele*.

Barsam mencionara a cidade de Tabriz. Procurei na memória os meus conhecimentos de geografia. Por mar subia-se o Bósforo e depois seguia-se para leste ao longo do mar Negro, antes de se começar uma viagem difícil por terra. Mesmo que a teoria de Irene estivesse errada, Duarte queria deixar Istambul imediatamente. Era provável que tivesse comprado legalmente a *Dádiva de Cibele*, mas os meios de que se servira para conseguir vantagem eram criminosos. O homem sabia que tínhamos amigos na comunidade de mercadores da cidade e também devia saber que Giacomo, Alonso di Parma e Irene de Volos, pessoas influentes, se agrupariam ao redor de meu pai para exigir justiça. Se esperasse, o *Esperança* zarparia e Duarte Aguiar com ele.

Acabei o meu chá. O meu pai dormia. Inclinei-me e dei-lhe um beijo na face, sentindo-me uma traidora.

— Stoyan — disse eu em voz baixa —, dói-me o tornozelo. Vou me deitar um pouco.

O búlgaro anuiu.

— Claro — disse ele —, eu vigio mestre Teodor. Durma bem.

Nos nossos alojamentos, com a cortina escondendo o interior de olhares curiosos, vasculhei a minha arca até encontrar aquilo de que necessitava. O traje até os pés, negro, ia bem por cima das roupas de estilo grego que eu vestira às pressas no *hamam* de Irene.

Praticara a maneira de colocar as duas partes do véu até conseguir fazê-lo rapidamente e com perfeição: uma ao redor da testa e presa atrás e a outra por cima da cabeça, acabando apertada por baixo do queixo. Juntas escondiam o menor dos caracóis. Uma outra peça ia de um lado ao outro do rosto, escondendo-me o nariz e a boca, deixando apenas a pequena janela para os olhos. Vestida daquela maneira, podia ser uma mulher qualquer.

Saí do *han* com um grupo de pessoas que estivera falando com alguns comerciantes no andar de baixo. Tal como suspeitava, vestida de negro, daquela maneira, ficava mais ou menos invisível.

A raiva dava-me asas. Sabia mais ou menos a direção e uma vez fora do *han* comecei a andar rapidamente, seguindo o meu instinto, tentando não parecer perdida. Uma eventual ajuda teria sido útil, mas perguntar a direção a alguém revelaria a minha condição de mulher nova e estrangeira à solta nas ruas de Istambul. Desempenharia a minha missão e regressaria ao *han* antes que alguém desse pela minha falta.

Enganei-me, perdi tempo, andei para trás e em círculos. Mais valia ter dito a Stoyan onde ia e por que razão. Não, o búlgaro teria impedido. Se o tivesse consultado, não estaria ali agora à procura de Duarte Aguiar. Tinha que me apressar e esperar que o meu guarda-costas não decidisse ir bater à minha porta para me perguntar se me sentia melhor.

Vi-me numa viela estreita que já percorrera antes: gatos pelos cantos, janelas fechadas, sombras cada vez maiores, lembrando-me que a tarde passava rapidamente. Fechei os olhos e tentei orientar-me. Quando voltei a abri-los, descobri que não era a única mulher vestida de negro no beco deserto. Na minha frente estava alguém que podia, ou não, ser Tati. A mulher olhava para mim e acenava-me e quando avancei para ela, deu a volta numa esquina e desapareceu.

Corri atrás dela, ignorando a dor no tornozelo. A mulher, rápida, levou-me ao longo de ruas cheias de barracas de feira, através do pátio de uma mesquita cujos azulejos das paredes reverberavam a luz do Sol e por íngremes degraus de pedra abaixo. Virei numa esquina, arquejante e lá estava a extensão cintilante do Corno Dourado na minha frente, com as suas margens cheias de cais e ancoradouros. Não muito longe, entre uma confusão de mastros e velas, avistei o *Esperança*, ainda ancorado. O convés fervilhava de agitação. O navio estava quase pronto para zarpar. O caminho na minha frente também enxameava de gente: carregadores, carroceiros com carroças puxadas por bois ou por burros, capatazes fazendo estalar os chicotes, rapazes entrando e a saindo da multidão. A minha guia desaparecera. Respirei fundo e mergulhei na população, a caminho do *Esperança*. O meu coração batia com toda a força e eu sentia suores frios por todo o corpo que não tinham nada a ver com a minha corrida através da cidade para chegar ali. Ainda não pensara no que diria a Duarte quando chegasse ao navio. Seria muito ingênua e estúpida se imaginasse que ele me entregaria a *Dádiva de Cibele* se a pedisse. Tinha apenas algumas moedas de cobre na algibeira. Por que razão se daria ao trabalho de me escutar?

Na minha frente vi homens subindo aos mastros do barco pirata, preparando as velas. O portaló ainda estava descido e havia homens a subir e a descer, transportando mercadorias. Tinha que arranjar uma maneira de subir a bordo e encontrar Duarte. Pelo menos o confrontaria com o que fizera. Podia dar-lhe algo em que pensar durante a viagem, levando para longe o artefato que devia ter sido nosso. Podia lembrar-lhe que o meu pai era um homem de meia-idade com filhas e netos que o amavam e que podia ter morrido da pancada na cabeça. Podia apontar-lhe a diferença que a aquisição da *Dádiva de Cibele* teria feito à nossa família. Não que um homem como ele se preocupasse com tais coisas. Provavelmente, a sua deserdera-o muitos anos antes.

Acalme-se, Paula, ordenei a mim mesma enquanto me aproximava do barco. Até onde conseguiria ir antes de me deterem? Hesitei no seio da multidão, à espera do momento ideal de poder correr para o convés do três mastros. Não havia sinal de Duarte, apesar de haver muitos tripulantes. O homem atarracado que vira com Aguiar berrava ordens.

Três homens transportavam em conjunto qualquer coisa esquisita, uma espécie de grade de madeira. Galinhas? O barulho vindo do interior sugeria que era. A meio do portaló quase a

deixaram cair na água. Seguiu-se um coro de protestos ásperos e os marinheiros no convés desataram a rir. Eu estava na ponta dos pés, pronta para saltar a qualquer momento. Os homens subiram o resto do portaló com a grade e ficaram em volta dela de costas viradas para mim, ao mesmo tempo que o imediato se dirigia a eles em tom severo. Durante um momento, todos os olhos se pousaram nele. Rápida como um raio, subi o portaló, virei uma esquina, desci uns degraus até os aquartelamentos, supostamente, e em seguida vi-me num corredor com portas no lado direito. Uma delas estava aberta e havia pessoas no interior. Encostei-me à parede, tentando confundir-me com a sombra. Por baixo do traje negro tremia como vara verde.

Ouvi uma voz no interior da cabina e reconheci-a, apesar do tom ser áspero e duro, não o sotaque preguiçoso a que estava habituada. As palavras eram estrangeiras, talvez portuguesas.

Um homem saiu para o corredor. Não era Duarte, era um membro da tripulação. Mantive-me imóvel. O homem passou por mim e subiu os degraus como se eu não estivesse ali. Da cabina não saiu mais nenhum som. Duarte estaria sozinho? Os estalidos e os gritos vindos de cima sugeriam que não podia esperar. Fosse qual fosse a rota do *Esperança*, não tencionava ir com ele. No entanto, raciocinei, não partiria sem que o comandante estivesse no convés. Aproximei-me da porta e bati.

— Desculpe — disse estupidamente, como se estivesse fazendo uma visita social. Pigarreei quando Duarte Aguiar levantou os olhos do mapa que estava estudando e olhou para mim com espanto.

— Preciso falar com você.

O português levantou-se lentamente.

— Quem...? — começou ele, mas depois eu tirei o véu do rosto e os seus olhos se esbugalharam.

— Nós vamos zarpar — disse ele num tom incrédulo. — O que está fazendo a bordo do meu navio, Paula? Onde está o seu pai?

Foi como um pano encarnado para um touro.

— Como se atreve? — gritei, entrando na minúscula cabina. — Quando sabe perfeitamente o que fez hoje? Como se atreve a ficar aí fria e calmamente, como se não tivesse acontecido nada? Eu sei que o barco está pronto a zarpar e que a *Dádiva de Cibele* está a bordo! O senhor nos roubou!

Duarte abriu lentamente os lábios num sorriso e eu cerrei os punhos de raiva. Não só o homem fingia ignorância, como troçava de mim.

— Talvez seja melhor respirar fundo e contar até dez — disse ele alegremente. — E depois, comece pelo princípio. Mas depressa. Tenho uma viagem pela frente e tenho razões para não me demorar.

— Aposto que sim! — retorqui. — Como, por exemplo, ter medo de ser acusado de organizar um ataque a alguém que só estava tratando de negócios legítimos. O meu pai podia ter morrido!

Duarte afastou o mapa e sentou-se na borda da mesa.

— Paula — disse ele com uma calma desesperante — se aconteceu alguma coisa ao seu pai, lamento, mas eu não tive nada a ver com o assunto. Não devia estar no meu barco e não devia andar sozinha pelas ruas de Istambul. Onde está o seu guarda-costas? E como é que conseguiu entrar aqui sem que ninguém a visse?

— Diga-me a verdade — exigi, com as mãos nas ancas. — A tem com você, não tem? A *Dádiva de Cibele*. — Olhando em volta, avistei uma caixa familiar aos pés de uma tarimba estreita, instalada ao longo uma parede. O cadeado de ferro e as braçadeiras reforçadas eram inequívocos.

— Como vê.

— O meu pai teria feito uma licitação maior — disse eu. — O senhor sabia que ele ia regressar hoje de manhã; sabia que ele faria uma oferta maior, mas em vez de fazer as coisas como deve ser, como qualquer mercador respeitável, mandou o seu bando de malfeitores baterem nele no meio da rua, antes que ele chegasse à casa de Barsam. Só tenho uma palavra para um homem que faz tal espécie de coisas: cruel. O seu comportamento me enoja. O senhor já estava planejando isto, não estava, enquanto praticava os seus encantos em mim ontem à noite, ao jantar? O senhor é repugnante! — respirei fundo. Todo o meu corpo tremia de raiva.

Duarte levantou-se. O português era um homem alto; a cabina parecia muito pequena para ele.

— Paula... — começou ele, mas depois ouvi agitação no convés: gritos, coisas partidas. Duarte olhou rapidamente pela escotilha e um instante depois desaparecia, batendo a porta atrás de si. Lancei-me através da cabina e agarrei-me ao puxador da porta, que não se abriu. O português fechara-me à chave.

Bati e gritei, mas nada aconteceu. O barulho no exterior era suficientemente alto para abafar os meus esforços patéticos. No entanto continuei a tentar, até me doerem as mãos e a garganta. Amaldiçoei a minha estupidez. Não valera a pena. Duarte nunca me

ouviria. E porque o faria? O português era a espécie de homem que agarrava o que queria sem se preocupar com os que caíam borda afora.

Os sons vindos do exterior tornavam-se cada vez mais altos — a maior parte grunhidos, gritos e pragas em várias línguas. Percebi uma palavra claramente acima das outras: *Paula!* A voz era-me familiar.

Subi num banco e olhei pela escotilha. Na base do portaló desenrolava-se uma confusão: pontapés, murros, homens sangrando, voando e aterrissando com sons desagradáveis nas tábuas da prancha ou boiando nas águas do Corno Dourado. Não se tratava de uma coisa momentânea, mas sim de um combate sério e brutal. A alguma distância estava uma figura de aspecto oficial, um grande homem de turbante com um bordão na mão. O homem observava tudo muito divertido, sem fazer menção de intervir.

Estava errado. Estava tudo errado, era o combate mais desigual que se podia imaginar. O que via abaixo de mim, através da estreita visão oferecida pela escotilha, era um ataque da populaça a um único indivíduo e era espantoso como ele, no centro de tudo, conseguia se manter de pé, afastando a multidão com toda a perícia e força. Os seus olhos ardiam de determinação; a sua boca era um

esgar raivoso; as suas roupas estavam ensopadas de suor. O homem, de rosto branco e cabelos escuros, não conseguia pôr um pé no portaló que ia dar no convés do *Esperança*. Só havia uma razão para a sua presença naquele local e, se o matassem, a culpa seria minha.

— Stoyan! — guinchei. — Atrás de você! — porque vira o que ele não podia: uma faca na mão de um homem.

Porém, o búlgaro não me ouvia, não podia ouvir o grito que crescia em mim, à espera de vê-lo no chão, pisado pelas botas da população. Quando a arma se ergueu, pronta para ferir, algo voou através do ar e se esmagou nas cabeças de dois dos atacantes, estilhaçando-se com um efeito explosivo no meio da confusão. Seguiu-se uma chuva de mísseis semelhantes: *Venha, por aqui, pule! Solte-o, seus filhos de cães!* E depois novamente em tom de comando: *Pule! Pule!*

Eu batia com os punhos na parede ao lado da escotilha e gritava com eles.

— Cuidado! Abaixese. Olha à esquerda! — enquanto Stoyan rodopiava, se desviava e vacilava à beira da doca. Os seus assaltantes apertavam o cerco. Uma pedra atingiu-o na testa e um fio vermelho escorreu-lhe para um dos olhos, cegando-o. O búlgaro ergueu uma mão para tirar o sangue e alguém, num movimento rapidíssimo, atingiu-lhe o braço. Stoyan tropeçou.

— Não! — gritei. — Stoyan, não! — porque sabia o que se seguiria, fazendo-me gelar o coração.

O portaló estava sendo puxado para o convés. Duarte não queria aquela multidão no seu belo navio. Abriu-se um espaço de uns dois metros entre a prancha e a doca. No barco alguém, reconhecendo que Stoyan não compreendia os gritos da multidão, gritou em grego:

— Pule! Vamos lá, pule!

Com as mãos de vários atacantes a agarrarem o dolman e a faixa, Stoyan saltou e eu vi o pulo, mas não a aterrissagem. Não ouvi nenhum chapinhar. A multidão pedia o sangue de Stoyan e a tripulação do *Esperança* gritava-lhe imprecações. Não precisava saber português para interpretá-las, adivinhava-as. Então ouviu-se no convés uma voz de comando que reconheci. Um momento depois o barco estremecia, estalava e perante um coro de gritos de fúria em terra, começou a afastar-se do cais. Duarte da Costa Aguiar ia zarpar de Istambul comigo a bordo.

— O que pensa que está fazendo? — perguntei. O *Esperança* rumava a norte pelo Bósforo afora, de velas enfunadas. A tripulação passara às suas tarefas com a facilidade de uma máquina bem oleada e tendo, finalmente, sido libertada por um marinheiro mudo e tímido, subi ao convés e enfrentei Duarte com o vento a vergastar-me o longo traje negro e a atirar-me os cabelos nos olhos. — Porque não esperou que eu desembarcasse? E onde está Stoyan?

— Começando pela última pergunta — disse Duarte com uma expressão divertida e irritada ao mesmo tempo —, o seu amigo está a bordo sendo tratado por um dos meus homens. Não corre perigo de vida, não se preocupe; os ferimentos são mais espetaculares do que sérios. Porque não esperei? Não me basta ter uma garota estouvada no meu barco, para não falar do brigão do seu guarda-costas? Queria que eu deixasse entrar aquela multidão aos gritos? Que penso que estou fazendo? Estou levando o meu navio para uma viagem que sempre quis fazer por razões perfeitamente legítimas.

— Legítimas? Duvido. Porquê tanta pressa? Não podia ter se afastado do cais e esperar até a multidão dispersar? Podia ter-nos desembarcado depois. Caso não tenha percebido quando o mencionei, o meu pai foi atacado por rufiões esta manhã e ficou muito ferido. Preciso regressar antes que... — hesitei, apercebendo-me do ridículo.

— Antes que ele saiba que o deixou acamado para se meter em confusão? Antes que mestre Teodor descubra que não só ficou sem a filha, como também sem o guarda-costas porque o tipo teve que ir atrás da dita filha para lhe meter algum juízo na cabeça? Você está sempre pronta a fazer acusações. Se não queria que o seu pai se preocupasse, tivesse ficado em casa.

Engoli a resposta. Era evidente que, na questão do ataque ao meu pai, o perpetrante mais provável era o próprio Duarte ou um agente seu — não me parecia que ele fizesse coisas assim em pessoa. Não ouvira alguém dizer que ele tinha sempre o cuidado de não ser apanhado? O homem não admitiria e eu cometera um erro muito grave ao pensar que sim. E agora, Stoyan quase morrera por minha causa, apesar de não saber quem eram os homens e por que razão o tinham atacado. Não podia pôr a culpa em Duarte; a sua tripulação salvara a vida do meu guarda-costas. Era melhor contar as perdas, tentar sair do barco e regressar para junto do meu pai, que devia estar dormindo, o mais depressa possível. No fundo não precisava lhe dizer nada.

— Não respondeu à minha pergunta — disse eu enquanto Duarte se mexia, inquieto, atento às atividades de sua tripulação. — Ouça o que lhe digo! Eles são muito bem capazes de navegar o navio sem você. E agora diga-me: se não está fugindo para não ser punido pelo que fez, por que razão está com tanta pressa?

O português encostou-se à amurada. Por trás dele passavam as costas do Bósforo numa parada suave de margens verdes cobertas de folhagem, pontuada por residências de paredes brancas. Depois uma torre fortificada... Santo Deus, estavam passando pela Rumeli Hisari.

— Duarte — disse eu, tentando suprimir uma nota de histeria na voz — tem que acostar outra vez e deixar que eu e Stoyan desembarquemos. Precisamos regressar a Istambul.

— Não posso — disse o português com um olhar cansado.

— Tem que ser! — retorqui eu quase a guinchar, sem conseguir me conter. A cada momento que passava, mais difícil se tornava regressar à cidade antes do anoitecer. O meu pai poderia pensar que eu estava numa viela qualquer, abandonada, morrendo, tal como ele; poderia pensar que Stoyan e eu fugíramos juntos. Não, provavelmente não — conhecia-nos bastante bem, mas eu desconfiava que seria o que todo mundo pensaria. A notícia do nosso desaparecimento se espalharia como um incêndio pela comunidade de mercadores do bairro Gaiata. O meu pai ficaria desolado e preocupado. E se o choque lhe fosse fatal, no estado enfraquecido em que estava?

— Tem que ser — repeti. — Porque quer nos raptar? Não temos absolutamente nada para lhe dar.

A boca de Duarte abriu-se num sorriso genuinamente apologético, nada parecido com o sorriso malicioso que usava nos *flertes* ou com o rapace que dirigira aos mercadores do *çarsi*. O português encolheu os ombros e fez um gesto de impotência.

— Não posso, Paula — disse ele. — Tenho boas razões para isso, que explicarei a seu tempo, isto se parar de gritar e quiser me ouvir. Resumindo, é possível que estejamos sendo perseguidos. Temos que fugir a toda velocidade para não sermos alcançados. Espero estar longe deles quando chegarmos ao mar Negro.

— Perseguidos? — Não estava à espera daquilo. — Por quem? E porquê? — perguntei a mim mesma quem mais ele teria ferido, quem mais roubara, quem mais raptara.

— Mais tarde — disse Duarte. — Você tinha razão: a minha tripulação é capaz de fazer o trabalho sem a minha interferência.

Porém, quando a ponho sob uma tensão excepcional, acho que devo partilhar a responsabilidade, não só na questão da navegação, que é sempre arriscada, como também na dos passageiros. Espero que esteja entendendo o que estou dizendo.

Olhei para ele, incapaz de interpretar suas palavras.

— Se tudo o que tem para dar é insultos e acusações falsas — disse o português friamente — é melhor calar a boca. Os meus homens são leais, não aceitam de ânimo leve uma barragem de injúrias.

— Não as direi em português — disse eu. — Mais alguma coisa?

— A minha cabina está à sua disposição. Porei as minhas coisas noutra lugar qualquer. Tenha cuidado com a porta, tem tendência para encravar. Não vá a mais lugar nenhum. Não pode usar as instalações da tripulação para se lavar e... quer dizer...

— Se parar e me desembarcar, não precisará se preocupar com tais pormenores embaraçosos, senhor. — O meu coração falhou um batimento perante a perspectiva de passar uma noite a bordo enquanto o *Esperança* rumava a norte.

— O que está usando por baixo disso?

Senti-me corar. A pergunta parecia-me grosseiramente imprópria.

— Deixe pra lá — disse Duarte, mostrando sinais de exasperação. — Sem o vestido ficará com frio. E com ele não consegue subir as escadas. Pero, o meu imediato, arranjará outras roupas. Quando ele as trouxer, não discuta, vista-as. E agora vá para a cabina e fique lá muito caladinha até eu lhe dizer. Não me atrase, Paula, ou atiro-a borda afora para dar de comer aos peixinhos.

— Quero ver Stoyan — disse eu após um momento.

— O encontrará na cabina seguinte, que é a de Pero. Bem no jeito. Vá encontrá-lo e não quero vê-los outra vez no convés, a não ser que os chame.

Stoyan tinha um curativo na testa e outro no braço esquerdo, o qual estava metido numa tipóia. Um marinheiro com uma tatuagem no queixo estava atando-a ao pescoço quando entrei. O homem sorriu-me e disse qualquer coisa em português. Assim que o nó foi dado, Stoyan levantou-se, bateu com a cabeça no teto e disse que queríamos ficar sozinhos.

— Como foi capaz de me fazer uma coisa destas? — perguntou ele assim que o homem saiu, com a fúria na voz. — O que deu em você? — Um momento mais tarde, o búlgaro acrescentou: — *Kyria*.

Esperava que ele estivesse zangado, mas não que eu mesma estivesse tão incomodada. Talvez por saber que estava errada.

— Sente-se bem? — perguntei-lhe. — Quem eram aqueles homens?

— Não importa. O que andou fazendo, Paula? Como foi capaz de sair do *han* sozinha?

Respirei fundo.

— Desculpe — disse eu. — Sinceramente. Se eu soubesse que viria atrás de mim e que quase se deixaria matar, teria... — fiz uma pausa. Provavelmente nem a chance me teria impedido. Parecera-me tão importante fazer com que Duarte visse o erro do seu comportamento antes de partir com a *Dádiva de Cibele*. — Tinha que falar com o senhor Aguiar — disse eu. — E não tem nada a ver com a probabilidade de ceder aos seus encantos. Ele deve ser o responsável pelo ataque ao meu pai. Além do mais tem a *Dádiva de Cibele* a bordo, na cabina ao lado e não fez qualquer tentativa para

negá-lo. O meu pai levou uma surra para que não pudesse chegar na hora à casa azul, foi atacado porque Duarte sabia que ele acabaria ficando com o artefato se lhe fosse permitido competir honestamente.

O búlgaro olhava para mim de lábios cerrados.

— Não pude evitar, Stoyan. Não podia deixar que Duarte fosse embora sem ajustar contas com ele. Tinha que lhe dizer o que isto significava para o meu pai e para mim. Esperava fazê-lo reconsiderar.

— E ele reconsiderou? — o tom do búlgaro era cético.

— Não. Negou ter a ver fosse o que fosse com o espancamento.

— E aqui estamos nós no barco dele.

— Mas há pior — disse eu, relutante em dar-lhe mais razões para estar zangado comigo.

— Diga. O que pode ser pior do que fazer isto a mestre Teodor quando ele já está fraco e abatido?

— Pare com isso! Já me sinto suficientemente culpada. Pedi a Duarte que nos deixasse num dos ancoradouros do Bósforo para que pudéssemos regressar a Istambul por terra, mas ele disse que não podia. Qualquer coisa sobre uns perseguidores e a necessidade de chegar ao mar Negro antes de o apanharem. Não faço idéia de quem possa estar interessado em segui-lo.

Stoyan sentou-se abruptamente na beira do catre de Pero e levantou a mão para tocar na ligadura ao redor da testa.

— É só uma ligeira dor de cabeça — disse ele, talvez por ver qualquer mudança na minha expressão. — Paula, eu já sei essa parte. O homem que estava aqui sabia o suficiente de turco para me dizer. Você está a par das rusgas aos centros comerciais feitas pelos representantes do xeque ul-Islão. Aguiar desconfia que são esses que o seguem, o que faz sentido. Quem mais teria os recursos para montar uma perseguição por mar?

— O *mufti*? Mas porquê? Ele não está só interessado em acabar com o culto em Istambul, se ele existe?

— Terá que perguntar isso a Aguiar. Eu sei que a tripulação dele está à espera de um ataque para lhe tirarem a *Dádiva de Cibele*, ou no mar ou no lugar para onde ele vai, seja ele onde for. Eles acham que são capazes de deixar os atacantes para trás se o barco não sair da cidade logo a depois que o *Esperança*. Porém, não podem fazer quaisquer paradas. Parece que vamos ter que ficar com eles até o fim.

Olhei para ele, espantada por ele saber tanta coisa quando eu não conseguira arrancar nada de Duarte.

Um momento depois, Stoyan ofereceu-me um sorriso.

— O homem pediu que lhe ensinasse alguns dos truques que usei na doca — disse ele. — Técnicas que eu uso quando a luta é desigual. Trocamos informações. Acho que a tripulação é amigável. No fim das contas livraram-me de uma encrenca. Mas não gosto de que você esteja a bordo. Uma mulher, numa viagem longa... Não quero que saia daqui, Paula, tem de me deixar protegê-la. Não quero mais aventuras arriscadas da sua parte.

Suas palavras tinham-me deixado gelada.

— Como é que sabe que a viagem vai ser longa? — perguntei-lhe. — E longa quer dizer o quê? — tinha certeza de que ia durar mais do que uma noite.

— Depende do vento. A não ser que as condições sejam invulgarmente boas, quer dizer seis dias ou mais, disse o tipo. — Quando eu abri a boca de espanto, o meu guarda-costas acrescentou: — E o dobro na viagem de volta.

O meu pai sem notícias durante quase duas semanas. O meu pai desesperadamente à minha procura, o meu pai doente e angustiado, talvez achando-me morta. Abracei-me a mim mesma e virei-me, temporariamente sem palavras.

— Paula. — A ira desaparecera da voz de Stoyan. — Vai correr tudo bem. Não chore, por favor.

— Não estou chorando! — disse eu, furiosa. — Maldito Duarte Aguiar! A culpa é toda dele!

Mas não era. Duarte podia ter feito uma maldade ou duas, pelo menos, pondo a cadeia em movimento, mas eu era forçada a reconhecer que uma grande parte da responsabilidade era minha.

A decorative horizontal banner with a repeating floral and vine pattern. The text "CAPÍTULO DEZ" is centered within the banner in a serif font.

CAPÍTULO DEZ

Eu queria explicações, mas as que consegui não me satisfizeram. Com o céu a escurecer e o *Esperança* a caminho do norte aos baldões, Duarte desceu à minha cabina. Stoyan estava sentado no

chão logo à entrada e eu estava de pernas cruzadas em cima do catre com as lunetas postas, lendo em voz alta. Encontrara uma pequena coleção de livros, alguns em português e outros em grego. Se o meu guarda-costas gostaria ou não de ouvir poesia clássica nas circunstâncias presentes, era discutível. Eu pensara, simplesmente, que nos ajudaria a passar o tempo.

— Muito atraente — comentou Duarte, dobrando a cabeça para entrar. O português referia-se à roupa que eu estava usando. As calças, a camisa e as botas tinham pertencido a um tripulante de pequeno tamanho, dissera-me Pero num grego cauteloso, um rapaz que tivera pouca sorte numa viagem anterior e que já não fazia parte da tripulação do *Esperança*. O rapaz podia ter sido pequeno, mas as roupas estavam largas e o tecido da camisa era de má qualidade, quase transparente. Depois de experimentar tudo enquanto Stoyan esperava no lado de fora, fizera uma busca na arca de Duarte e encontrara o material necessário para fazer os ajustamentos exigidos pela modéstia, se bem que pouco convencional. Não tencionava passar as duas semanas da viagem fechada naquela caixa por falta de roupa apropriada.

— Isso não é meu? — perguntou Duarte olhando de alto a baixo para a túnica com cinto que eu tinha por cima das coisas que Pero me arranjara. A peça, de boa lã e em tons azuis e cinzentos, cobria-me do pescoço aos joelhos. A cinta dava-me duas voltas à cintura.

— Como o senhor disse, faz frio no convés. Precisava disto — disse eu. — Se não quer partilhar, não devia fechar estranhos na sua cabina.

— Fica melhor em você do que em mim. — Duarte olhou na direção da caixa fechada à chave, aos pés do catre. — Andou mexendo no magro guarda-roupa e assaltou minha biblioteca, mas não se preocupou com a *Dádiva de Cibele* — disse ele. — A chave está em cima da mesa — concluiu ele, apontando.

— Não valia a pena — retorqui num tom polidamente frio. — Imagina que eu faria o quê? Esmagá-lo e atirá-lo borda afora só para irritá-lo? Eu não sou vingativa, senhor. Queria que se fizesse justiça, mais nada. Mas imagino que o senhor não conhece o conceito.

— Nesse caso a sua imaginação é tristemente limitada — replicou ele. — Eu tencionava esclarecê-la, já que está tão ansiosa, mas começo a perceber que não vale a pena. A menina já me julgou e, por mais que lhe diga, não muda de opinião.

Stoyan levantara-se, deselegante com a tipóia e fixava o pirata com um olhar que faria tremer qualquer outro homem.

— Nenhum de nós quer estar aqui, senhor e é evidente que o senhor gostaria que nós tivéssemos ficado em Istambul. Estou grato à sua tripulação por terem me arranjado alojamento. Porém, não posso tolerar as suas maneiras para com Paula. Ela agiu de boa-fé, numa tentativa para ajudar o seu pai. Não dá valor à lealdade familiar?

Duarte suspirou.

— Talvez seja melhor começarmos de novo. Fiz uns ajustes, de modo a poder aliviar alguma ansiedade. Paula, a tripulação concordou em dar-lhe acesso à nossa área de abluções três vezes por dia, não a perturbarão enquanto fizer uso dela. Se sentir-se mal, Stoyan pode montar guarda porque as instalações não são exatamente privadas. Será difícil habituar-se à vida a bordo. Nós nos lavamos pouco e não cozinhamos. Temos comida seca, azeitonas,

pão duro. Gostará de ouvir que embarcamos água fresca em Istambul. — O português olhou para Stoyan. — Assim que esse braço voltar ao normal, pode nos ser útil. Um homem com a sua força é uma grande valia para a tripulação.

— Eu sou guarda-costas de Paula.

— Paula não precisa de você o dia todo e a noite toda. Eu comando um barco fechado. Ela estará perfeitamente segura.

— Não preciso ficar aqui, então? — arrisquei, sem olhar para Stoyan. Sentia-me espantada pelo fato de ambos me chamarem de Paula, mesmo quando falavam um com o outro. Desconfiei que era a primeira de muitas mudanças.

— Eu direi quando pode subir ao convés e onde pode se sentar para não atrapalhar os homens — disse Duarte. — Vai precisar de uma capa. Pero arranjará uma. Lembre-se que estamos com pressa. Não espere conversas fascinantes nem diversão a toda a hora.

Lancei-lhe um olhar mordaz.

— Nós nos divertimos sozinhos — disse. — Desde que possamos ter acesso aos seus livros. E a algum material de escrita, se o tiver.

— Tenciona escrever para casa se queixando de que está cativa num navio pirata? E depois meter a carta numa garrafa, talvez, e atirá-la borda afora com uma oração de esperança?

Não dignifiquei a sugestão com uma resposta.

— Continuaremos a navegar de noite? — perguntou Stoyan. Duarte abanou a cabeça.

— Lançamos âncora numa baía qualquer e continuamos assim que o dia nascer. A navegação à noite é muito arriscada e suponho que os perseguidores vão adotar a mesma cautela. Tenciono despistá-los no mar Negro e no fim da viagem levo a *Dádiva de Cibele* para terra. Se puder, quero desembarcar incógnito. Uma perseguição através da montanha não é coisa que me agrade.

Stoyan e eu olhamos um para o outro. Duarte parecia estar à espera de que disséssemos alguma coisa.

— Está bem — disse eu, pousando o livro de poesia. — Diga-nos exatamente o que vai fazer. Para onde leva a *Dádiva de Cibele* e por que razão? E aliás, quem são os homens que atacaram Stoyan na doca? Não são seus, presumo, porque a sua tripulação socorreu-o.

Duarte sentou-se no catre a meu lado. Afastei-me um pouco, consciente de que não podia seguir as regras normais de decoro num lugar como aquele, mas preocupada mesmo assim. Stoyan continuou de pé, de olhos semicerrados.

— Sinto que não estou preparado para confiar em você — disse o português, olhando para mim e virando a cabeça logo a seguir. Pela primeira vez, o tom de sua voz soou-me menos confiante, o que me surpreendeu. — Há muita coisa em jogo. Isto é um risco pessoal que não pode ser medido em termos de ouro ou prata. Há algum tempo tomei consciência de que, juntamente com os mercadores que estavam a licitar pela *Dádiva de Cibele*, uma outra pessoa queria o artefato por razões próprias. A princípio, o interesse das autoridades religiosas de Istambul foi um segredo muito bem guardado, mas tornou-se do domínio público quando as rusgas começaram.

— Continue — disse eu.

— Deve saber, certamente, que estou falando do xeque ul-Islão — disse solenemente Duarte —, um homem implacável, com um braço muito comprido. *A posteriori*, suspeitei de sua mão no assassinato do colega turco de seu pai. Salem bin Afazi era um muçulmano devoto, mas cometeu o erro de colocar a sua amizade pessoal à frente da observância rigorosa da sua fé ao dar a mestre Teodor a notícia da chegada deste artefato à cidade. Só isso, acredito, bastou para atrair a atenção do *mufti*. Sendo as autoridades religiosas o que são, o seu gesto pode ter sido

interpretado como um interesse pessoal em idolatria pagã. Não sei como o xeque ul-Islão conseguiu a informação, mas o castigo foi rápido e mortal.

Era forçada a admitir que estava chocada. Era perfeitamente possível. Stoyan abordara a mesma idéia quando da nossa discussão sobre a *Dádiva de Cibele*. E se Duarte estava dizendo a verdade, era possível que também não tivesse sido o autor do ataque a meu pai. Se fosse o caso, portara-me extremamente mal com ele.

— Tem alguma prova que apóie a sua teoria? — perguntou Stoyan.

— Tenho. Os licitantes foram seguidos por toda a cidade — disse Duarte, olhando para Stoyan. — Até aparecer a bordo do meu barco a acusar-me de atacar mestre Teodor, Paula, eu acreditava que o seu pai era o único concorrente, além de mim, a conseguir andar pela cidade sem ser seguido. Pero e eu discutimos o assunto e atribuímos à sua cabeça fria, à sua experiência e à presença de Stoyan. Então, fiquei espantado quando soube que mestre Teodor foi atacado esta manhã. A ocasião pareceu-me fora de tempo porque era evidente que a atenção do *mufti* estava presa em mim. O homem soube, finalmente, do meu interesse na *Dádiva de Cibele*. Pero reconheceu vários dos homens que se atiraram a Stoyan. O

nosso amigo aqui apareceu no lugar errado na hora errada. Os homens do *mufti* estavam tentando entrar a bordo do *Esperança* para efetuar uma busca antes de zarparmos. Stoyan atravessou-lhes o caminho. No meio da confusão, teve sorte em não ter perdido a vida. Pero tem uma teoria: assim que começa uma confusão num lugar público, os passantes têm tendência para se juntar sem outro motivo que não o divertimento. Por esse motivo, havia gente empurrando em todos os sentidos, quando uma pequena cooperação teria bastado para que os homens do *mufti* nos abordassem com toda a facilidade. Você nos fez um favor, Stoyan.

— Que a sua tripulação retribuiu — disse o búlgaro. — Eu não sabia por que razão todos aqueles homens estavam na doca, mas sabia que, se Paula conseguisse chegar ao seu barco, não os queria por perto.

— Uma busca? — a teoria de Duarte me deixava confusa. — Mas por que razão o *mufti* não enviou janízaros uniformizados? Ou funcionários? Aquilo parecia um bando de rufiões.

O português sorriu levemente.

— Os funcionários fazem inspeções, entrevistas, visitas. Neste caso, desconfio que o objetivo era o roubo desavergonhado, apoiado na violência. A luz do dia, numa doca cheia de gente, com uma tripulação como a minha, não podia ser de outra maneira. Daí os rufiões: não identificáveis pelos passantes, com nada que os ligasse ao xeque ul-Islão. Mas sabemos quem os enviou. Pero está extremamente bem informado sobre quem os contrata para determinado tipo de atividades.

— Como é que o senhor chama de roubo — desafiei-o —, quando o artefato já é roubado?

Duarte suspirou, exasperado.

— Paula, o meu dinheiro é tão bom quanto o do seu pai. Eu paguei um preço justo. Barsam ficou contente. A *Dádiva de Cibele* é legitimamente minha. Durante algum tempo.

— Durante algum tempo — disse eu mordazmente. — Até quando exatamente? Para onde ela vai? — recordei a viagem anterior e os momentos em que a perspectiva de sermos abordados e atacados tinham me parecido muito reais.

Duarte hesitou.

— O senhor — disse Stoyan de cenho franzido — deixou bem claro que não tenciona nos desembarcar ao longo da viagem, o que significa que Paula e eu teremos de acompanhá-lo até o seu destino. Não me parece que haja razão para nos esconder o seu nome.

— Paula é filha de mercador — disse o português. — Entrou no meu barco disfarçada. É provável que esteja no *Esperança* pelas razões que me deu, por mais incoerentes que possam parecer, mas também é provável que esteja ressentida por ter perdido o negócio, juntamente com a preocupação pelo estado do seu pai. E também é provável que seja por outra coisa qualquer. Até ter certeza, não tenciono confiar-lhe quaisquer segredos. Nem a ela nem a você porque é evidente que é capaz de pôr as mãos no fogo por ela.

Um músculo retorceu-se na têmpora de Stoyan e eu o ouvi respirar fundo, como que fazendo um esforço para não responder desabridamente.

— Portanto, senhor Duarte, não confia em nós — disse eu rapidamente. — O sentimento é mútuo. Tornarei as coisas mais fáceis. Reparei numa certa falta de surpresa em seu rosto quando viu o artefato pela primeira vez e permaneceu frio e tranqüilo quando anunciei que lhe faltava metade. Responda-me uma pergunta. Já sabia que a estatueta estava partida? Sabe onde está a outra metade?

— Duas perguntas — respondeu Duarte, sorrindo. O homem era capaz de encanto, mesmo quando não estava bem-disposto. — Se responder sim e sim acredita em mim?

Portanto, Irene adivinhara.

— Como é que descobriu? A documentação sobre a *Dádiva de Cibele* é tão escassa como os dentes em galinhas. — Excetuando, claro, os papéis que eu encontrara, apesar de desconfiar que uma mão misteriosa os pusera lá de propósito para eu ver.

— Não é a única erudita do mundo, Paula — disse suavemente Duarte. Era evidente que o português estava escondendo alguma coisa.

— O senhor falou em devolver o artefato aos seus legítimos donos. Quem são? Pagaram-lhe para que o adquirisse?

Duarte riu, apesar de eu não ver onde estava a graça.

— Eles não estão em posição de fazer isso. Digamos, simplesmente, que tenho uma dívida para com eles e que estou a pagá-la. Estou cumprindo uma missão e não tenciono fornecer-lhe quaisquer pormenores. Pelo menos por enquanto. Vai ter que merecer primeiro a minha confiança.

Uma missão. A minha missão, a missão de Stoyan, a missão de Tati. A Rainha da Floresta não falara em Duarte. Mesmo assim soava-me a verdade. Lembrei-me que Tati me ajudara a chegar ao barco. De fato, Tati estivera *no* barco. Vira-a, toda de negro, à chegada a Istambul no *Stea de Mare*.

— Porque não vai até lá em cima esticar as pernas? — perguntou Duarte a Stoyan, sem qualquer rodeio. — Isto aqui é acanhado, especialmente para um homem do seu tamanho. Arranje qualquer coisa para a sua patroa comer. Pergunte por Cristiano. Ele está encarregado pelas rações.

Stoyan olhou para mim. Por baixo da ligadura, o seu rosto estava mais pálido do que habitualmente.

— Eu fico com Paula até você voltar — acrescentou o português. — Não tenho intenção de lhe fazer mal, se bem que tenha vontade de lhe arrancar alguns preconceitos, confesso. Não olhe assim para mim. Fique descansado que não a tocarei; juro. Com você a guardá-

la, ninguém, no *Esperança*, se atreve a olhar para ela de modo diferente, incluindo o comandante.

— Vá, Stoyan — disse eu. — Vamos ter que experimentar essa tal carne salgada. Não lhes pergunte de que é, prefiro não saber.

Stoyan ficou alguns momentos a pesar os prós e os contras: deixar-me ali com Duarte ou levar-me para o convés, onde ficaria à vista de toda a tripulação do *Esperança* e finalmente saiu de má vontade.

— Ora bem — disse o pirata, sentando-se à pequena mesa com os mapas em cima do tampo —, vamos continuar a discutir ou declaramos trégua?

— Ainda não respondeu a algumas perguntas... — comecei, mas Duarte levantou uma mão, calando-me.

— Agora não. Acabamos a discutir e eu estou cansado disso. Assim que ancorarmos para passar a noite, apagaremos todas as luzes para permanecermos invisíveis a certos olhos. Até lá, talvez possamos exercer outra atividade qualquer, uma que não exija que nos atiremos à garganta um do outro.

Senti um arrepio de mal-estar.

— Que atividade? — perguntei, tentando encontrar o tom que Irene teria empregado numa situação semelhante.

— Posso ensinar-lhe um jogo — sugeriu o português com uma expressão que só podia ser descrita como perversa, todo ele covinhas e olhos escuros impertinentes.

Sentindo-me fora do meu elemento, tentei não mostrar os meus receios.

— Não sei se gosto da sua espécie de jogos, senhor.

— Me chame de Duarte. Não seria a primeira vez. Esqueça o meu jogo, então. Diga-me os que conhece e tentaremos um deles.

— Xadrez? — vira um tabuleiro quando andava à caça de roupas.

Duarte sorriu, o mesmo sorriso feroz, combativo, que lhe vira no *çarsi*.

— Está bem — disse ele, acocorando-se para tirar o tabuleiro da pequena arca onde estava guardado. — Mas aviso-a: sou bom. Jogo desde bebê, quando ainda usava cueiros.

— Nesse caso, suponho que é capaz de me vencer antes de Stoyan voltar com o nosso jantar — disse eu, recatada. — Vem a calhar. Peço desculpas se não for uma adversária à sua altura.

— Talvez seja melhor assim, ou acabamos nos engalfinhando a pancadas.

— Oh, eu não me emociono quando jogo — disse eu. — É essencial ter a cabeça fria.

Vi o brilho de seus dentes.

— Acho que vou derrotá-la, Paula. Você não é capaz de controlar o seu temperamento por mais de alguns minutos.

Recusei-me a morder a isca.

— Pretas ou brancas? — perguntei calmamente.

— Para um vilão como Duarte da Costa Aguiar, as pretas, claro. Para uma donzela inocente, cativa num navio pirata, as brancas, evidentemente.

Estávamos começando quando Stoyan voltou com um tabuleiro de comida. Eu estava jogando cautelosamente, desejosa de mostrar que era capaz de manter o português interessado, mas evitando qualquer demonstração de qualidade. Tencionava encurralá-lo mais tarde, assegurando, assim, a vitória. Duarte era bom, experiente, tal como dissera, mas longe daqueles com quem eu aprendera no Outro Reino, os eruditos que tinham me ensinado uma série de estratégias e truques, a ver antecipadamente e a ler os gestos sutis dos meus adversários, os seus suspiros mais débeis.

— Você joga bem — disse Duarte de má vontade. — Devíamos fazer uma pausa para comer. Há o que chegue para três aí?

Stoyan pousou o tabuleiro sem qualquer comentário. Exercitei os dentes nas fatias de carne e no pão duro. As azeitonas eram a única coisa que valia a pena comer. Acabei indecorosamente a minha parte às pressas porque não comia nada desde os frutos cristalizados oferecidos por Irene. O que ela pensaria da minha atual situação, se soubesse? Ficaria chocada, certamente, e diria que a culpa era minha por não aceitar os avisos contra o encantador Duarte Aguiar.

O português comeu normalmente, habituado sem dúvida à ração de marinheiro.

— Não está comendo, Stoyan — disse eu, reparando que o búlgaro continuava muito pálido. — Tem certeza que está bem?

— Tenho, *kyria*. O tal Cristiano disse-me que ancoraremos em breve para passar a noite. Vai precisar de privacidade para dormir.

— Ainda não — disse Duarte. — Preciso ganhar este primeiro jogo.

— Não me parece que vá demorar muito — disse eu com um sorriso doce que o fez desconfiar. — Stoyan, pode deitar-se na cabina ao lado. Ver um jogo de xadrez é aborrecido se não souber jogar.

As feições do búlgaro retesaram-se.

— E u fico — disse ele, sentando-se outra vez no chão. O tamanho da cabina não lhe permitia estender as pernas. Stoyan parecia desconfortável, mas decidi não dizer nada.

À medida que o jogo foi avançando, fui ficando cada vez mais absorvida. E o meu adversário também, aparentemente. Os cavalos, as torres, os bispos e os peões foram caindo e sendo retirados do tabuleiro. As estratégias eram delineadas e contra-atacadas. Tomei consciência, uma vez ou duas, de Stoyan perguntar se ainda faltava muito e de Duarte murmurar qualquer coisa em resposta. Em determinado ponto, quando estava me preparando para a estocada final, o búlgaro observou que o barco deixara de se mover e que deveríamos apagar a lanterna visto que lhe tinham dito que todas as luzes deveriam ser apagadas assim que ancorássemos.

— Ainda não — murmurei, movendo uma peça crítica. Um pouco mais tarde, Pero apareceu à porta, disse qualquer coisa em português e, a uma palavra de Duarte, foi embora.

Pouco depois venci o jogo. E foi então que, levantando os olhos com um sorriso de triunfo e surpreendendo um sorriso indisfarçado de puro deleite nas feições aquilinas de Duarte, percebi que estava tudo muito calmo. Stoyan tinha a cabeça encostada à parede, meio dormindo. O *Esperança* estava ancorado e tudo o que se ouvia para lá da porta, era o gentil estalar das pranchas e o débil bater da água no costado. A última vez que me deixara mergulhar num desafio

intelectual como aquele fora seis anos antes, na noite em que me despedira do Outro Reino.

Sentia-me cada vez mais culpada a cada dia que passava a bordo do *Esperança*. Olhando para trás, não conseguia acreditar que me portara tão imprudentemente. O meu pai devia estar preocupadíssimo. Imaginei-o usando todos os nossos lucros numa busca inútil, e enfraquecendo. Ao mesmo tempo me vi olhando para os cantos do barco, perguntando a mim mesma quando Tati iria se dignar a aparecer novamente e a dar-me instruções claras sobre o que, supostamente, eu devia fazer. Porque, apesar do meu sentimento de culpa e da minha ansiedade, tinha certeza absoluta de que Stoyan e eu estávamos exatamente onde as forças do Outro Reino queriam que estivéssemos. A nossa demanda começara.

Duarte abrandou as regras. Eu podia subir ao convés, exceto quando a tripulação estava sob pressão e não podia se distrair. O português mostrou-me onde podia me sentar ou ficar de pé, desde que não atrapalhasse ninguém. Obedeci às suas instruções, consciente de que, num navio, a palavra do capitão é lei e que seria imprudente desobedecer. Eu não entendia nada de navios. Tentei aprender, vendo como funcionavam as coisas: as velas em particular com o seu complexo conjunto de cabos e o seu desdobramento de acordo com as diferentes condições climáticas.

Muitos dos tripulantes falavam grego, turco ou francês e juntavam as diversas línguas para responder às minhas perguntas, para me ensinarem um determinado nó ou para ajudá-los a puxar um determinado cabo. Neste último aspecto eram extremamente benevolentes. A minha força era insignificante em comparação com o mais fraco deles, mas davam-me os parabéns e um dia ou dois depois começaram a cantar uma canção enquanto trabalhavam:

Paula, de brancura singela

Faz corar uma rosa

Gaivota graciosa, do navio

Marinheira mais bela!¹

Mais tarde ouvi Stoyan e Duarte discutindo por causa dela. O português tentava convencer o meu guarda-costas de que não havia nada de mal, que era o tipo de canção que qualquer homem dedicaria à sua irmã mais nova, que nunca permitiria comentários

ordinários sobre uma senhora como a menina Paula a bordo do *Esperança*. A tripulação sabia que estaria metida em encrenca se atrevessem.

Não pude deixar de reparar que Duarte andava sempre à minha procura, o que me surpreendia. Aparentemente conseguíramos despistar o navio perseguidor, tal como era intenção do nosso comandante, porque até ali não fora avistado. Porém, tratava-se de uma espécie de corrida. Duarte estava morto para chegar a terra e afastar-se antes que a tripulação do *mufti* visse para onde ele ia. Uma passagem na montanha, dissera ele. Parecia-me difícil. Eu sabia, pelos meus estudos de geografia, que havia montanhas altas perto da costa, no extremo leste do mar Negro e parecia-me que ainda estávamos longe. Devido à urgência, era um pouco esquisito o fato de Duarte arranjar tempo para ficar junto de mim no convés, explicando-me a rota percorrida e ensinando-me os nomes dos pontos de referência à medida que passávamos por eles e acabei perguntando uma coisa que me deixava confusa.

— Supostamente uma mulher a bordo não dá azar? No *Stea de Mare* estavam sempre olhando de lado para mim, mas os seus homens me receberam bem.

Duarte sorriu.

— Tivemos uma mulher na tripulação durante alguns anos memoráveis. Hoje, Carlota tem o seu próprio navio. O seu nome é temido em todo o Mediterrâneo. Os meus homens nunca mais se esqueceram das lições que ela lhes deu. Além do mais, eles sabem que você é minha convidada.

Após o escurecer, o português adquiriu o hábito de descer à cabina para um jogo de xadrez ou para falar de política, filosofia ou literatura. Duarte gostava muito dos clássicos e o seu conhecimento de assuntos científicos era superior ao meu, mas não era forte em mitologia e folclore, o que me surpreendia visto que o objetivo de sua missão era uma estátua de Cibele. À medida que o fui conhecendo melhor, percebi que não era tão malfeitor como o pintara. Duarte falava do meu pai com um respeito tão genuíno que eu me convenci de que não era responsável pelo ataque. Fora a sorte, e não a violência, que lhe permitira adquirir a *Dádiva de Cibele* naquela manhã. Gaguejei uma desculpa por tê-lo julgado mal e ele me disse para não pensar mais no assunto. Passou-me pela cabeça falar-lhe de Tati e das mensagens misteriosas que recebera desde o dia em que chegara a Istambul, mas calei-me. Era possível que houvesse um sentimento genuíno de amizade por baixo de suas lisonjas, mas era evidente que não confiava em mim; ainda não me dissera para onde ia; ainda não me dissera porquê. Depois de ter pago uma boa soma pela *Dádiva de Cibele*, tencionava, aparentemente, dá-lo.

Evidentemente, havia ocasiões em que a tripulação do *Esperança*, apesar de competente, precisava da orientação do seu comandante, para passar o tempo, me virava para Stoyan e continuava a ensiná-lo a ler e escrever. Como o meu tornozelo e o seu braço estavam completamente recuperados, o búlgaro, por seu lado, continuou a ensinar-me técnicas de combate sem arma, aulas mais facilitadas pelo meu traje mais prático, constituído pelas calças e pela túnica. Eu tinha certeza de que o meu guarda-costas não teria aprovado uma coisa ou outra não fosse por não gostar do interesse que Duarte mostrava por mim. Um interesse inocente, evidentemente, uma coisa que Duarte fazia sem pensar. Para ele eu não significava absolutamente nada. Tentei explicar isso a Stoyan, mas não consegui encontrar as palavras exatas.

— Ele gosta de livros — disse eu —, gosta de falar de idéias. Suponho que não deve haver muitos homens, entre a tripulação, com os mesmos gostos. Provavelmente estão tão cansados depois do fim do turno que só querem aquela miserável carne seca e algumas horas de sono. Duarte gosta de jogos e eu também.

— Os motivos dele podem não ser assim tão simples. — O tom de Stoyan era sinistramente crítico. — Ele quer alguma coisa de você, Paula.

— Eu só estou aqui e entretenho-me com ele, mais nada. Assim que a viagem terminar, ele me esquecerá, Stoyan.

— Não lê o que vai em seus olhos.

— E você lê? — perguntei, exasperada com o seu constante mau humor. Queria dizer-lhe para desaparecer da minha frente e que fosse ajudar a tripulação.

Stoyan não respondeu e, quando olhei para ele, vi-lhe uma expressão tão fechada e ameaçadora nas feições fortes que desviei rapidamente o olhar. Lembrei-me de Duarte dizer: *Você é capaz de pôr as mãos no fogo por ela*. Na ocasião achara as suas palavras um exagero floreado tipicamente português, mas naquele momento fiquei com dúvidas.

Na tarde do terceiro dia, Stoyan já decorara o alfabeto grego e era capaz de escrever todas as letras. Improvisamos um tabuleiro de areia visto que havia alguma a bordo como primeira precaução contra incêndios. Escrevemos, apagamos e voltamos a escrever. Geralmente fazíamos isso na cabina porque ventava demais no convés para uma atividade tão delicada.

A princípio éramos freqüentemente interrompidos. Quando Duarte viu o que fazíamos, ergueu as sobrancelhas num espanto aparente, fazendo aparecer pontos rosados nas faces de Stoyan. Pero ficou fascinado e também quis aprender. Seguiram-se outros: não fosse a escassez de tempo, teria proporcionado ao navio pirata português a tripulação mais letrada entre Istambul e Lisboa. A cabina era pequena e eu sabia que Stoyan se sentia particularmente desconfortável quando alguns marinheiros o observavam fazendo os trabalhos e eu os enxotava com a promessa de que a sua vez chegaria.

Depois havia as lições em que o aluno era eu. Aperfeiçoei a técnica de escapar de um assaltante que me atacasse por trás, aprendi um movimento desagradável que envolvia um pontapé em uma determinada parte da anatomia masculina, mas recusei-me a praticá-la em Stoyan e comecei a perceber que a força relativa de dois adversários não determinava, por si só, o vencedor. O búlgaro ensinou-me a usar o tamanho superior do meu adversário a meu favor.

— Isto é mais complicado do que eu pensava — disse eu, arquejando, com o corpo todo doendo do esforço após uma tentativa para derrubar Stoyan, desequilibrando-o ligeiramente de modo a obrigá-lo a cair com uma pancada sutil na curva da perna, combinada com um puxão do punho. — Pensei que isto era apenas uma questão de força bruta, não esperava ter de calcular a posição exata ou onde empurrar exatamente.

— Você aprende depressa — disse Stoyan, dobrando-se para apanhar minha faixa, que se desatara durante o combate. — A assistência não a desconcentra?

Segui seu olhar e avistei seis ou sete marinheiros nos observando. As nossas atividades deviam constituir uma distração após um longo trabalho diário. Embaraçada, desviei o olhar enquanto enrolava a faixa em volta da cintura, por cima da túnica de Duarte, a qual estava ficando bastante suja.

— Pelo menos não estão cantando — disse eu.

— Tenho ouvido essa tal canção, mas não a entendo. Espero que as palavras não sejam ofensivas.

Senti-me embaraçada.

— *Paula, de brancura singela, faz corar uma rosa* — murmurei, sem olhar para ele. — *Gaivota graciosa, do navio marinheira mais bela.* Duarte traduziu-me.

— Estou vendo — disse Stoyan. — Bem, é exata. Mas estes marinheiros só vêem a sua beleza. Os versos não falam da sua coragem, Paula, nem da sua honestidade ou da sua força, uma beleza mais profunda do que o rubor de uma rosa. — Sem mais uma palavra, o búlgaro virou-se e dirigiu-se para a cabina, deixando-me sem voz.

Ao anoitecer, um dos membros da tripulação avistou as velas de um três mastros atrás de nós, uma mancha cor de ferrugem contra o cinzento carregado do céu e chamou Pero, que praguejou e foi buscar Duarte. Stoyan e eu não entendíamos o que eles diziam, mas era evidente que o nosso perseguidor estava em nossos calcanhares.

Ouviram-se vozes de comando e os marinheiros obedeceram eficientemente subindo aos mastros, desfraldando velas, fazendo o possível para que o barco ganhasse velocidade antes que a noite caísse por completo. Mandaram-me descer e obedeci. Stoyan ficou no convés, já que era uma mão adicional. Sozinha na cabina, sentei-me no catre enquanto o barco começava firmemente a acelerar. O que aconteceria se nos abordassem? Stoyan desceria para me proteger ou não resistiria a um recontro sangrento, deixando-me à mercê dos atacantes? Olhei para a caixa-forte que albergava a *Dádiva de Cibele* e, subitamente, tudo aquilo me pareceu um rebuliço muito grande para uma estatueta tão pequena.

— E se eles morrerem? — murmurei, falando ao mesmo tempo com a deusa e comigo mesma. Pensei nos homens da tripulação e na sua canção, em Pero a perguntar-me ansiosamente se podia ensiná-lo a ler também, em Duarte com as suas deliciosas covinhas e a sua inteligência viva, em Stoyan no *han*, à noite, com os dedos a acariciarem-me gentilmente o rosto, murmurando palavras de consolo, tentando afastar-me o terror do coração. — Isto é um engano — murmurei. — Não é o que quer, certamente.

O céu estava carregado de nuvens. Com a Lua encoberta, a navegação noturna estava fora de questão. Felizmente, se não podíamos continuar, o navio de velas vermelhas também não, a não ser que fosse tripulado por morcegos ou corujas. Stoyan desceu à cabina para me dizer que os marinheiros estavam levando o *Esperança* para uma enseada estreita para passar a noite. Duarte ordenara que as luzes se apagassem logo que possível. Naquela noite não haveria jogos. Levantaríamos ferro assim que o céu começasse a clarear. Todo mundo rezava por ventos favoráveis. Duarte, disse Stoyan, estava consultando um mapa com Pero e mais dois tripulantes.

Depois de me passar a informação, o búlgaro caiu em silêncio. Quanto a mim, ainda pensava na observação que ele fizera antes, sobre a beleza interior. As suas palavras tinham-me feito corar. O que queria significar? O português e Irene tinham, ambos, insinuado que Stoyan sentia alguma coisa por mim além da lealdade de um guarda-costas para com a sua patroa. Reconheci que havia um laço entre nós que ultrapassava a amizade que sentia, digamos, pelos meus dois cunhados. As noites que passara com ele no *han* pertenciam a uma fração diferente de todas as outras da minha vida: uma coisa secreta, privada, especial.

Recordei a mim mesma que estávamos num navio pirata a caminho de um destino desconhecido e com alguém perigoso nos nossos calcanhares. Em tais circunstâncias não podia me dar ao luxo de passar o tempo pensando no que Stoyan pensaria ou não de mim e se era ou não apropriado. Não precisava de mais complicações, além das que arranjara.

Stoyan sentou-se no chão, no local habitual, às escuras, e eu me sentei na cama.

— E se eles nos apanharem? — devaneei. — Irão nos abordar? Tenho certeza de que a tripulação vai dar o seu melhor. Eles podem estar pouco se importando com a *Dádiva de Cibele*, mas adoram Duarte. São capazes de morrer por ele até ao último. Preferia não morrer agora, Stoyan. Tenho tantas coisas que gostaria de fazer. Pergunto a mim mesma se conseguiremos fugir?

Não recebi resposta.

— Pensei que Tati voltaria — continuei. — Sempre que ela se manifesta, há mais uma irmã no bordado e ainda não me mostrou Stela, a mais nova. Se a víssemos a bordo, confirmaria que isto faz parte da missão de que fomos encarregados.

— Fomos?

— Você e eu. E Duarte, suponho. Quem me dera que ele nos dissesse exatamente para onde vamos.

— E digo — disse o português. Um momento depois, o comandante do *Esperança* passava por cima das pernas de Stoyan, entrava na cabina e sentava-se na borda do catre. Não me afastei. — Temos que tomar uma decisão sobre amanhã. Chegou a hora de explicar à vocês, além de outros assuntos. Depois podem descansar.

— Amanhã o quê? — perguntei nervosamente. — Seremos capazes de deixá-los para trás, Duarte?

— Temos de ser capazes. — Sua voz era sombria. A sua intensidade assustou-me. — O navio deles é do mesmo tamanho e do mesmo calado do *Esperança*. No entanto, falta-lhes um elemento: uma tripulação igual à minha. Se a perseguição se mantiver, temos uma opção. Perigosa. Não vou mentir. Por volta do meio-dia estaremos perto de um lugar onde a terra entra pelo mar adentro, formando um grande promontório de onde se erguem umas falésias íngremes. Um pouco mais adiante, em terra, ergue-se uma montanha. Acredito que teremos certas condições quando chegarmos lá, que nos permitirão utilizar o vento que desce da montanha e que cria um efeito poderoso de funil ao redor do promontório. Uma coluna de vento, assim se chama o fenômeno. Quanto mais perto navegarmos dos escolhos, mais velocidade criamos. Desse modo podemos nos distanciar o suficiente para que o barco do *mufti* nos perca de vista até o anoitecer. À partir desse ponto, creio que conseguiremos fugir.

— Você disse que é perigoso — comentou Stoyan quando se tornou aparente que eu não ia fazer nenhum comentário. — Perigoso a que ponto? Que chances temos de sobreviver a essa manobra com o navio intacto e sem perdermos vidas?

Imaginei a expressão feroz de Duarte na escuridão.

— Melhores do que as do outro barco — disse o pirata. — E prefiro-as à perspectiva de uma batalha se o nosso perseguidor nos apanhar e nos abordar. Os meus homens não são guerreiros, são marinheiros. Sabem tomar conta de si com uma espada ou uma moça, mas eu preferiria que não tivessem de fazê-lo.

— Pode parecer uma pergunta tola — disse eu, tentando não parecer insegura — mas imagino que cair borda afora nessa área que mencionou, perto das falésias, significa não conseguir nadar para terra. Certo?

— Eu a protejerei, Paula. — O tom de Stoyan era firme como uma rocha e senti-me um pouco melhor, apesar de duvidar da sua capacidade para me salvar de águas profundas, ventos fortes e escarpas alcantiladas, tudo ao mesmo tempo.

— Ainda não está nada decidido — disse Duarte calmamente. — Eu queria avisá-los porque amanhã vai ser um dia muito agitado e

porque, se precisarmos tentar a manobra, não vai haver tempo para explicações.

— Disse que nos diria qual é o nosso destino quando chegasse a ocasião — disse Stoyan. — Já chegou?

Duarte clareou a garganta.

— Muito bem. Suponhamos que a manobra de amanhã seja bem-sucedida: deixamos o nosso perseguidor para trás e continuamos durante mais algum tempo para leste. Mais dois dias de viagem pelas estimativas de Pero. O nosso objetivo é uma aldeia tão pequena que não está registrada nos mapas. Desembarcarei com o artefato, ao mesmo tempo que o barco é levado para um lugar escondido, onde ficará à espera do meu regresso. Da aldeia parte um carreiro que sobe as montanhas... trata-se de uma região de grandes picos e vegetação densa, onde chove muito. Para levar a *Dádiva de Cibele* para casa tenho que atravessar um desfiladeiro. Uma subida árdua, muito íngreme. Levarei só um pequeno grupo comigo. No outro lado do desfiladeiro há uma aldeia remota e... pouco comum. É para lá que vai o artefato.

Stoyan e eu falamos ao mesmo tempo.

— É lá que...

— Um grupo, o que...

— Vocês perguntam: é lá que está a outra parte da *Dádiva de Cibele*? — a voz de Duarte era suave. — Foi o que me disseram, Paula. Talvez os boatos que atraíram a atenção do *mufti* estejam certos. Talvez alguém tenha ressuscitado o culto de Cibele no coração de Istambul. Porém, a sua verdadeira observância não pertence à grande cidade comercial, pertence à mais obscura das aldeias da montanha, onde uma comunidade que ama e guarda a estátua há gerações espera o seu regresso. Diz-se que a deusa Cibele retirou-se deste mundo há muito tempo, quando a humanidade começou a fazer ouvidos moucos às velhas mensagens da Terra, tão queridas à sua tradição. Esta montanha era o seu lugar mais sagrado e o povo que vive nos seus flancos guardou as suas últimas palavras de sabedoria inscritas numa pequena estátua à sua imagem. Há muitos anos, um homem sem escrúpulos descobriu a aldeia secreta e tentou roubar o artefato. Nesse ataque, a estátua partiu-se e metade desapareceu. A outra metade foi guardada pelo

povo da montanha em lugar seguro até a primeira regressar e Cibele poder ser consertada.

Tentei absorver aquilo tudo.

— Se isso é verdade — disse eu, pensando velozmente —, por que razão você é a única pessoa que sabe? Quais são as suas fontes?

— Esta missão me foi encomendada por um homem nascido e criado nessa aldeia, um homem que me salvou a vida à custa da sua. Foi ele que me disse tudo o que sei sobre da *Dádiva de Cibele*, incluindo os pormenores de sua aparência. Acredito que fui o único licitante a não ficar surpreendido quando a estatueta foi revelada na casa de Barsam, o *Elusivo*.

No silêncio que se seguiu, meditei na história. Então, Stoyan perguntou:

— Trata-se, então de uma dívida de honra para você?

— Adquirida quando era novo e me confrontava com o mundo — disse Duarte. — Sou oriundo de uma família de mercadores, respeitável e próspera, mas virei-lhe as costas num desejo louco de provar que não precisava de ninguém. Mustafá e eu fazíamos parte da tripulação de um navio de especiarias. Ele falava muito do seu local de nascimento. Com o tempo, esperava ganhar dinheiro suficiente para iniciar uma demanda especial. Mustafá esperava encontrar a parte que faltava da estátua, essencial para a fé de sua comunidade, e devolvê-la à aldeia e rezava todas as noites a Cibele para que ela o ajudasse a encontrar o que procurava e a entregá-la, sã e salva, aos seus legítimos proprietários. Houve um naufrágio. O meu amigo e eu vimo-nos atirados numa praia desconhecida. Fomos capturados por uma tribo e aprisionados numa pequena cabana, feridos e fracos. Acho que eles pensavam que éramos demônios. Espreitando pelas fendas da magra habitação, assisti aos preparativos de um ritual mortal, provavelmente para ser levado a cabo de madrugada. Descobrimos uma abertura por onde poderíamos fugir se quiséssemos arriscar a selva e seus animais selvagens. Mas a perna de Mustafá estava quebrada, o homem não podia andar. A princípio recusei-me a fugir sem ele. *Eu te levo*, dizia-lhe, consciente de que não chegaríamos longe. *Não*, replicava ele. *Vá. Viva.* E eu dizia-lhe: *Não vou sem você. E a sua missão? E a Dívida de Cibele?* Mustafá sorria, apesar das dores.

»*Encontre-a por mim*, disse-me ele. *É uma troca justa. Eu te dou a vida e você dá um futuro ao meu povo. Vá, Duarte. Eu falo ao longo da noite para te cobrir a fuga. Vá!* Espero, nunca mais na vida, ter que fazer uma coisa semelhante. Ainda hoje não sei se fiz bem ou mal. Escapei da cabana e fugi para a selva. Deixei Mustafá ao seu destino. O resto da história não interessa. Dessa desafortunada viagem só trouxe os farrapos que tinha vestido e a dívida de honra. A missão de Mustafá passou para mim. Procurei a *Dádiva de Cibele* durante muito tempo. Não permitirei que ninguém me impeça de devolvê-la. Nem sequer o xeque ul-Islão.

Recompensamos-lhe o relato com alguns momentos de silêncio respeitoso. Não tinha qualquer dúvida de que Duarte estava dizendo a verdade. Sua voz tremia de emoção. Em relação ao futuro da *Dádiva de Cibele*, percebi que teria de rever a minha atitude. Se havia, na verdade, um lugar onde as pessoas acreditavam na deusa das abelhas e punha as suas esperanças no regresso do seu símbolo, tornava-se difícil argumentar que o artefato pertencia a outra pessoa qualquer. Nem sequer o colecionador erudito e respeitável, para quem o meu pai trabalhara, tinha direito a reclamá-la. Com certa tristeza, senti desvanecer-se a convicção que tinha na missão que me levara, juntamente com o meu pai, a Istambul.

— Quantos homens tenciona levar com você? — perguntou Stoyan a Duarte. — Uma escalada pela montanha acima, você disse. Quanto tempo vai levar? E se o navio for atacado neste tempo?

— Levarei o menor número possível. Um grupo pequeno é mais rápido, mas têm que ser suficiente para podermos nos defender, se necessário. Pero ofereceu-se. O navio vai ficar escondido, não devemos ter problemas. Se o *Esperança* conseguir desembarcar o meu grupo e seguir para o local de espera sem ser visto, acho que o perseguidor não nos encontrará. A aldeia está num lugar pouco acessível, é isolada e pequena. Os que me querem tirar a *Dádiva de Cibele* só a encontrarão se me seguirem e quero fazer o possível para que não o façam.

À medida que o seu discurso prosseguia, eu ia ficando cada vez mais nervosa. Duarte não sabia que as forças do Outro Reino também tinham nos encarregado de uma missão, a Stoyan e a mim. Se havia uma velha amiga de Drăguța, a *Feiticeira da Floresta*, naquela parte do mundo, precisando de um favor, a aldeia da montanha de Mustafá parecia ser o local ideal para encontrá-la. Seria uma inconsciência da minha parte não avisar Duarte; tinha a impressão de que ele não levaria a sua demanda até o fim sem a nossa ajuda. Hesitei.

— Está muito calada, Paula — disse Duarte através de uma escuridão na qual senti os movimentos do barco e o som das vozes a diminuírem. O *Esperança* ancorara são e salvo. — Não acredita em mim?

— Acredito, Duarte — respondi, percebendo que tinha as mãos enclavinadas uma na outra e descontraindo-me. — Stoyan e eu temos uma coisa para lhe dizer. Ouvimos a sua história e agora acho que deve ouvir a nossa porque acredito que está ligada ao que tenciona fazer.

— Muito bem.

Contei-lhe tudo. Que a minha irmã, que vivia num mundo para lá do humano, viera nos encontrar para falar de uma demanda. Falei do seu aparecimento naquele mesmo navio, no dia em que chegamos a Istambul; sublinhei os estranhos acontecimentos na biblioteca de Irene, as páginas dos manuscritos que eu suspeitava terem sido colocados lá para que eu as encontrasse, os três quebra-cabeças, as miniaturas que pareciam ser pistas de uma tarefa que seríamos obrigados a desempenhar. Repeti as palavras crípticas: *Encontre o coração porque é nele que está a sabedoria. A coroa é o destino e Complete-me.*


Quando acabei, houve um momento de profundo silêncio e depois Duarte desatou a rir.

— Bem, Paula, você é uma contadora de histórias muito imaginativa. Eu não acredito no sobrenatural. Reconheço que certas crenças permanecem em locais isolados e entre aqueles que têm boas razões para aderir a elas, os marinheiros, por exemplo, que são gente simples. As pessoas agarram-se aos seus deuses e aos seus espíritos na esperança de encontrarem conforto e significado nas suas vidas difíceis e, em troca, os objetos como a *Dádiva de Cibele* dão a tais pessoas coragem e propósito. Porém, não esperava que uma jovem instruída tivesse a cabeça cheia de visões, sonhos e fantasias. Talvez tenha vocação para escritora de romances divertidos, para entretenimento de senhoras nobres e não para intelectual.

Meu coração encheu-se de um tumulto de emoções: fúria, amargura, desapontamento. Aquele homem, no qual eu começava a confiar e de quem tanto gostava, considerava o segredo precioso que acabava de lhe confiar uma perfeita bobagem. Fiquei sentada, muda, enquanto lágrimas furiosas me enchiam os olhos. Reprimi-as e encontrei as palavras necessárias.

— Você é um louco — disse rudemente. — Conheço tais fenômenos por experiência própria, não são sonhos nem visões, são reais. Durante a minha infância visitei regularmente um lugar para além do mundo humano. Foram tempos mágicos, os melhores da minha vida. Esse reino era tão real como o meu mundo de todos os dias. Os dois existem lado a lado. Não são um fato e o outro um produto da imaginação; são iguais, mas diferentes. Se não é capaz de aceitar, então acredito que a sua missão está condenada ao fracasso porque o que Stoyan e eu vimos me diz que não pode ser bem-sucedido sem nós. Vá por sua conta e risco.

— Paula tem razão. — A voz de Stoyan era profunda e determinada. — Eu não queria dizer-lhe isto porque a última coisa que quero é vê-la metida em mais perigos, mas acredito, senhor Duarte, que a não ser que ela o acompanhe por essa sua montanha acima, a sua demanda falhará. E onde ela for, eu irei. Não tem outra solução senão nos levar junto.

A decorative rectangular frame with ornate floral and scrollwork patterns on the sides and top/bottom edges. The text "CAPÍTULO ONZE" is centered within the frame.

CAPÍTULO ONZE

No dia seguinte zarpamos para leste logo às primeiras luzes do dia e quando o Sol começou a nos queimar as cabeças ainda não despistáramos as velas vermelhas do nosso perseguidor. Subi ao convés para usar a privada rudimentar e avistei o nosso comandante junto da amurada na companhia de Pero, com a mão em pala sobre os olhos. Segui-lhes o olhar e o meu coração deu um salto.

— Devem ser as falésias de que ele falou — disse Stoyan, aproximando-se de mim. Uma escarpa rochosa maciça erguia-se acima do mar a algumas milhas de distância. Era formidável, um verdadeiro bastião. Para além avistavam-se as silhuetas vermelho-acinzentadas de umas montanhas, as mais altas cobertas de neve. Pensei nas minhas roupas emprestadas, nas quais muitas vezes sentia frio quando subia ao convés. Se Duarte tencionava subir aquilo, não tinha certeza de que queria ir com ele.

— Eu já achava que ele era maluco — disse. — Agora tenho certeza.

— E ele acredita que nós também: você por ser uma garota com excesso de imaginação e eu porque...

— Porquê? Por excesso de dúvida?

Stoyan encolheu os ombros.

— Consigo imaginar o que ele pensa.

Não continuei porque Duarte encaminhava-se na nossa direção com uma expressão severa no rosto.

— Estamos quase chegando — disse ele. — É melhor ir para baixo, Paula. Assim que nos aproximarmos da escarpa, meta-se num espaço pequeno e agarre-se a qualquer coisa sólida. Se precisarmos virar de bordo para aproveitar o vento, as coisas podem ficar desconfortáveis para você. Certifique-se de que está tudo arrumado nas caixas ou nas arcas.

Acedi sem palavras e dirigi-me para os degraus que davam acesso às cabinas, com Stoyan logo atrás de mim.

— Você não — disse Duarte. — Precisamos de todas as mãos no convés. Não olhe assim para mim. Paula é capaz de se defender sozinha. Precisamos dos seus músculos.

Já na cabina, arrumei tudo e sentei-me a um canto, consciente de que a parede rochosa estava se aproximando cada vez mais. Atara a caixa-forte da *Dádiva de Cibele* aos pés do catre com uma corda. Com alguma sorte, talvez não se partisse se tivéssemos um acidente. Como aquilo tudo era por causa dela, parecera-me ser a primeira das prioridades.

— Sou a sua melhor chance — disse-lhe eu. — Salve-me e eu faço o mesmo por você. Quem me dera saber o que Stoyan e eu temos que fazer. Ajudar Duarte e passar a montanha são e salvo? Ou mais alguma coisa? — as demandas do Outro Reino tinham sempre como objetivo fazer com que os humanos aprendessem e levassem vidas melhores ao completar as tarefas de que eram encarregados. Acontecera com Jena e Costi, com Tati e Tristeza e quase com o meu primo Cezar, mas apenas quase. Para ele fora muito tarde. Cezar não conseguira aprender. — Porque não consigo descobrir? — murmurei.

Não esperava uma resposta, espectral ou não, e não a recebi. De repente o *Esperança* inclinou-se pesadamente para estibordo e eu fui empurrada contra a parede com o estômago a gemer de terror. Após alguns momentos, o navio endireitou-se outra vez. Levantei-me, cambaleei até à escotilha com o banco atrás de mim para subir em cima dele, olhei para fora e confrontei-me com uma parede de pedra. Em seguida uma vaga de água branca esmagou-se contra o vidro quando o navio se inclinou para o lado contrário.

Regressei ao catre, passei um cobertor pelos ombros e perguntei a mim mesma se Deus se zangaria se eu rezasse apesar de não ter posto os pés numa das igrejas ortodoxas de Istambul. Algumas delas tinham sido convertidas em mesquitas pelos Turcos, mas o Sultão permitira que várias delas permanecessem abertas para os cristãos residentes. Havia muito tempo que o meu pai e eu não assistíamos a um serviço religioso.

Murmurei uma oração desesperada, dizendo que lamentava muitas coisas, entre as quais perder as estribeiras, não pensar antes de falar e, em particular, por ter fugido de meu pai e provocar-lhe tanta dor. Pedi a Deus que o guardasse, que nos protegesse naquela viagem e que olhasse pelas minhas irmãs, as três que tinha em casa e a que fora para o Outro Reino.

— E olhe por Stoyan — disse. — Ele é neto de uma... de uma *naharka*, acho que é assim que se diz. Uma espécie de feiticeira boa da espécie humana. Algumas pessoas não gostam delas, acreditam que todas as manifestações do Outro Reino são demoníacas, que são o mesmo que o Diabo, mas eu não acho que seja verdade. Acho que todas as coisas existem juntas e que os seus destinos estão ligados, como um grande livro de histórias que se entrelaçam, fazendo dele a narrativa mais espantosa que se pode imaginar. Salve-nos, Santo Pai e por favor, por favor, ajude-me a descobrir que espécie de missão é esta. Preciso saber o que devo aprender com isto.

Senti-me ligeiramente melhor, mas apenas ligeiramente: o *Esperança* estalava e gemia como uma enorme criatura moribunda, e para lá da escotilha era quase noite. A que distância Duarte passaria da falésia? O homem seria assim tão temerário, ou estaria assim com tanta pressa, a ponto de arriscar a se desfazer o seu amado navio?

Ainda bem que não podia ver bem o que acontecia no exterior sem ter que me arrastar até à escotilha e subir no banco. Do lugar onde estava, pareceu-me, por um momento, que estava debaixo d'água. Os meus dentes batiam uns nos outros. Cerrei-os até me

doer a mandíbula e enterrei o rosto no cobertor, encostando-me o máximo possível à parede. Sentia o navio a avançar rapidamente, empurrado pela feroz coluna de vento. Vi mentalmente a cena: a embarcação tão perto da falésia que as velas raspavam nas rochas protuberantes e rasgavam-se, as ondas tão grandes que os homens no convés lutavam para não serem lançados borda afora, os mastros se dobrando sob a força de metros e metros de pano esticado pelo vento. Era uma loucura. Eu estava muito assustada para chorar.

O *Esperança* virou outra vez de bordo e o casco gemeu de protesto. Caí da cama e aterrissei no chão da cabina, machucando o cotovelo e ferindo o joelho. Ouvei gritos no convés, ordens de comando, as respectivas respostas e saltamos para a frente como uma casca de noz caindo por uma cascata abaixo, como se a manobra anterior não tivesse sido suficientemente rápida para o nosso comandante. Fiquei onde caíra com uma mão agarrada à cama para me impedir de escorregar pelo assoalho afora. Doía-me o braço e a perna. Vieram-me lágrimas aos olhos, estúpidas porque, se ia me afogar, que diferença fazia uma dor ou outra?

— Paula!

Ao nível dos meus olhos apareceu um par de grandes botas e em seguida dois braços fortes que me levantaram e me depositaram

gentilmente em cima da cama, sentada. Sem perder tempo pensando, agarrei-me a Stoyan como se ele fosse uma bóia salva-vidas e enterrei minha cabeça em seu peito.

— Está ferida? Caiu?

— Não é nada — murmurei, com a cabeça encostada à lã pouco limpa de sua túnica. — Estou bem. Ainda falta muito?

— Não. Ficarei aqui com você.

— Eles não precisam de você lá em cima? — perguntei, fungando, com as lágrimas a escorrerem pela face abaixo, sentindo-me melhor. Era espantoso como a diferença era grande pelo fato de já não estar só.

— Não quero saber. Ficarei aqui com você. — Suas palavras provocaram-me uma sensação estranha, como o tinir de uma campainha ou uma queda em águas profundas. Em seguida seus braços rodearam-me, mais hesitantes do que a sua voz. Não era a primeira vez que o fazia para me consolar e eu aceitara sem segundas intenções, grata. Porém, algo mudara entre nós naquela viagem e eu sabia que daquela vez era diferente. Com o rosto encostado ao seu coração e o seu corpo a aquecer-me, apareceu-me a imagem de minha irmã Iulia, a que entendia de homens, me dizendo de sobranceiras erguidas: *É uma coisa natural, Paula. Você é uma jovem saudável e ele um homem bonito. O que esperava? Mas que não passe disso. Ele é um camponês sem educação, sem um tostão e ainda por cima estrangeiro. Imagine o que diria a tia Bogdana!* Enquanto o vento nos empurrava por entre ondas enormes e espumosas, ao longo de escarpas assassinas e rochedos recortados, eu pensava naquelas palavras, abrigada nos braços de Stoyan. Finalmente, o *Esperança* entrou nas águas calmas de uma baía larga. Sobrevivêramos à corrida suicida e quando nos separamos, algo embaraçados e nos aventuramos no convés, não vimos as velas vermelhas.

Sáímos da baía em direção a leste. O navio foi inspecionado em busca de possíveis estragos — parecia que não havia — e todos foram até Cristiano, à sua vez. Sorri ao marinheiro e ele me deu uma concha adicional de azeitonas.

— Com que então sobreviveu — observou Duarte laconicamente quando Stoyan e eu passamos por ele em direção a um canto abrigado para comermos a nossa refeição.

— O que pensava? — perguntei-lhe, erguendo as sobrancelhas.
— Que morreria de um chilique? Sou mais forte do que pensa, Duarte. Dizem que perdemos o nosso perseguidor. Ganhou a aposta.

— Eu não jogo, pelo menos quando há vidas humanas envolvidas. Tinha certeza de que conseguiria, ou quase. E agora é sempre em frente. Espero chegar depois de amanhã por volta do meio-dia, se tivermos sorte. A Lua está aparecendo, talvez possamos prosseguir durante a noite, para o caso do nosso perseguidor fazer a mesma coisa.

— Os seus homens estão cansados.

— Não sou tão cruel como pensa. Eles dormem em turnos, algumas horas de cada vez. Assim que atracarmos não haverá descanso para os que continuarem a pé até a *Dádiva de Cibele* chegar ao seu destino. — Parecia haver uma pergunta nos seus olhos.

— Nesse caso, ainda bem que nós vamos com você — disse eu.
— De todos, nós é que dormimos mais graças à sua generosidade, ao permitir-nos que dormíssemos na sua cabina.

Duarte semicerrou os olhos.

— Ainda não tomei uma decisão em relação a isso — disse ele.
— A escalada é dura, não sei se será capaz de nos acompanhar.

— Estou vendo que está decidido a não me levar a sério — disse eu secamente. — Pensei que fosse mais sensato. Vamos, Stoyan, tenho a impressão de que o senhor Aguiar não nos quer aqui.

— De modo nenhum — disse a voz trocista de Duarte atrás de nós. — Gosto muito de vê-la irritada.

— Deixe-o, Stoyan — disse eu, vendo as faces coradas do meu companheiro. — Se ele decidir nos levar, vamos ter que cooperar, quer ele queira, quer não.

— Umas vezes elogia, outras insulta. Não entendo esse homem.

— Pura maldade — disse eu, sentando-me a seu lado numa prateleira de madeira, num lugar onde não atrapalharíamos ninguém, perguntando a mim mesma se seria melhor comer as

azeitonas naquele momento, já que estava com fome ou deixá-las para o fim. — Ou talvez ninguém lhe tenha ensinado boas maneiras. Quer umas azeitonas? Tenho bastante.

Chegamos ao nosso destino dois dias depois, ao meio-dia, tal como Duarte previra e foi então que percebi que tínhamos algumas possibilidades, apesar do nosso bem organizado comandante não tê-las incluído nos seus planos. Durante as últimas milhas navegáramos perto da linha de costa virada a sul e Stoyan e eu estivéramos sempre no convés embrulhados em capas emprestadas, vendo as montanhas se aproximarem cada vez mais da água, gigantescas, cheias de vegetação, até o arvoredo denso dar lugar a picos rochosos manchados de neve.

— Aldeia além — disse Pero atrás de nós, apontando. — Caminho alto. Nós ir em breve. — Estávamos quase chegando ao ponto de desembarque. Não que interessasse. Duarte dissera-nos que não iríamos com ele.

A aldeia era constituída por um conjunto de casas baixas e uma pequena mesquita de madeira com um só minarete. O *Esperança* entrou na baía, pronto para lançar âncora. Um barco a remos levaria Duarte para terra. Stoyan e eu ficaríamos no navio, escondidos, até o seu regresso. Não conseguira convencê-lo. A primeira vista, a sua decisão fazia sentido. Desejei que Tati aparecesse para lhe dizer que estava cometendo um erro terrível, mas ela não me fez a vontade. O mais cruel era que, se eu não cumprisse a minha missão, Tati também falharia a sua.

O barco a remos estava sendo descido quando Duarte deu uma ordem áspera numa só palavra. Os homens que estavam desapertando os cabos fizeram uma pausa.

Na aldeia estava sendo içada uma bandeira negra. Pero benzeu-se, murmurando qualquer coisa em português. Ouvi-o dizer *peste* e os homens a seu lado imitaram-no, ao mesmo tempo que empalideciam. Vimos um barco se aproximando do navio com dois homens a bordo. Quando chegaram à distância de um grito, levantaram os remos e chamaram por nós em turco. Duarte gritou-lhes uma pergunta na mesma língua e quando recebeu a resposta deu uma série de ordens rápidas à tripulação. As velas foram içadas. O *Esperança* estremeceu, estalou, virou e saímos da baía. *Peste*. Eu não sabia português, mas sabia latim. A palavra era semelhante.

Os mapas voltaram à mesa de Duarte. O comandante e Pero olharam para eles enquanto o navio prosseguia ao longo da costa para leste e as montanhas diminuíaam de tamanho a estibordo.

— Não vejo mais nenhum trilho — disse eu a Stoyan. — O que acha que ele vai fazer?

O búlgaro franziu o cenho.

— Para trás não volta — disse ele. — Homens como ele nunca desistem de uma missão. Além do mais tem que continuar para escapar dos perseguidores. Vai procurar outro caminho.

Olhamos para as encostas impossíveis onde as cabras, se fossem suficientemente ágeis, conseguiriam encontrar um trilho.

— Suponho que o problema já não é nosso — dizia eu, quando a vi pelo canto do olho: farrapos pretos contra o branco das velas enfunadas do *Esperança*. Mal me atrevia a desviar o olhar, caso ela fosse desaparecer. — Stoyan — sibilei.

— O que é? — respondeu ele em voz baixa, percebendo a mudança em minha voz.

— Ela está ali. Tati. Consigo vê-la entre as velas, Além, junto do mastro grande.

Um momento depois, enquanto fazíamos de conta que não estávamos olhando, Stoyan disse:

— Estou vendo, Paula. E agora?

— Ela está apontando — disse eu. — Naquela direção, na direção da terra, para lá daquele promontório rochoso, para leste. — Continuava a não me virar totalmente para ela, mas via-lhe a silhueta imprevisivelmente empoleirada, com os pés numa verga, agarrada ao mastro com uma mão e com a outra apontando confiantemente na direção que eu mencionara, como que a ordenar a rota do navio. Não sabia o que estava para lá do promontório; as montanhas pareciam-me tão intransponíveis como as que acabáramos de deixar para trás, mas talvez houvesse um trilho lá. No convés e no alto do mastro, os marinheiros continuavam suas tarefas como se não houvesse mulher nenhuma empoleirada no cordame do navio, como se fosse invisível para eles.

— Está desaparecendo — disse Stoyan. Perante os nossos olhos, a silhueta escura vacilou e desvaneceu-se. — Contamos a ele?

— Talvez não seja preciso — respondi, vendo Duarte atravessar o convés na nossa direção. Dirigi-me a ele com toda a confiança que consegui reunir:

— Pode haver peste ao longo de toda costa. Suponho que já pensou nisso? Atracar por aqui pode pôr em perigo as vidas de seus homens. Podemos ver os seus mapas?

Duarte parecia desorientado.

— Porque não? — exclamou ele sem expressão, como se já não estivesse interessado.

Pero mostrou-nos a nossa posição no mapa e o local da aldeia atacada pela peste. Estremeci ao pensar nela. A peste espalhara-se pela nossa região mais de uma vez e varrera cidades e distritos inteiros, indiscriminadamente, levando homens, mulheres, crianças, pobres, ricos, maus e bons. A aldeia parecera-me tão pequena! Imaginei os seus habitantes reunidos na mesquita rezando, cada vez menos a cada dia que passava. Imaginei mães vendo os seus filhos morrendo ou crianças sozinhas, confusas e impotentes. O pior era que não se podia fazer nada. Desembarcar seria o mesmo que assinar a nossa própria sentença de morte. No entanto sentira-me mal ao passar por ela.

Encontrei o que pensei ser o tal promontório e depois um par de baías estreitas, meras ranhuras. O mapa tinha poucos pormenores, não se percebia se podia haver um caminho em direção às montanhas, a partir de uma ou de outra.

— Poderia desembarcar aqui — disse eu, apontando com o dedo. — É provável que haja um caminho que vá dar ao que tencionava subir. E o navio pode ficar ancorado na segunda baía, escondido. Evidentemente, a aldeia do outro lado do desfiladeiro também pode estar contaminada. A peste pode estar espalhada pela região toda. O risco é seu. Suponho que tem de corrê-lo em nome de quem lhe encomendou a missão, mas também pode regressar a Istambul, tendo o cuidado de evitar o navio do *mufti*. Tem uma ótima tripulação. Eles são capazes de fazê-lo.

Duarte olhou para mim com olhos impenetráveis.

— Ponha-se no meu lugar — disse ele muito sério. — Qual seria a sua decisão?

Pestanejei, surpreendida.

— Não seria capaz de tomá-la assim tão depressa — disse. — Sei qual é a direção certa, mas... E sei o que significa uma missão. A minha cabeça e o meu coração entrariam em conflito. Precisaria de tempo para decidir.

— É coisa que não tenho. O outro navio nos encontrará, mais cedo ou mais tarde. Se decidirmos ir em frente, teremos que fazê-lo rapidamente.

Olhei intensamente para ele. Havia rugas no seu rosto que não vira antes, sulcos entre o nariz e os cantos da boca que o deixavam mais velho. Suas sobrancelhas escuras estavam franzidas.

— Tem algum — disse eu. — Tem tempo para rodear o promontório, entrar na baía e ver se há algum caminho. Pode falar com a sua tripulação.

Duarte anuiu, virou-me as costas e encostou-se à amurada, virado para a proa, enquanto o *Esperança* prosseguia na direção do promontório. Lembrei-me de ter dito que a tripulação morreria por ele. Era o que ele tinha que decidir naquele momento: se a poria ou não no caminho da morte.

Stoyan e eu descemos à cabina. Estava frio. Por vezes custava acreditar que estava quase no Verão. Enrolei-me na capa. O búlgaro olhava pela escotilha, suficientemente alto para não precisar de um banco, mas na ponta dos pés.

— Deve ser difícil para Duarte — disse eu. — Uma coisa é pedir aos seus homens que o defendam contra um bando de atacantes; suponho que o fazem com freqüência. Outra é esperar que eles entrem numa aldeia infestada pela peste. E se eles chegarem lá com a *Dádiva de Cibele* e encontrarem todos mortos? — imaginei a cena e senti um arrepio. Um triunfo transformado em cinzas. — Ele não pode tentar a escalada sozinho, seria uma loucura. E se regressar a Istambul, sacrificará a missão. E coloca-se à mercê do xeque ul-Islão.

— Qual seria a sua resposta, então?

— Não sei. Imagine um amigo seu morrendo de peste, consciente de que poderia ter evitado. Uma missão, seja ela qual for, é merecedora disso?

— Pergunto a mim mesmo — disse Stoyan solenemente — qual seria a minha decisão se tivesse que arriscar a vida dos meus companheiros, dos meus amigos, para encontrar o meu irmão. Há pouco tempo diria que sim, sem qualquer hesitação.

Esprei que ele continuasse.

— E agora? — perguntei, quando vi que ele não diria mais nada.

— Agora acredito, tal como você, que não. Não suportaria o resultado. O que me faz doer o coração. Como se não quisesse saber de Taidjut — disse ele com voz penosa.

— Ainda bem, então, que a decisão não é nossa — disse eu em voz baixa. — Pensa muito nele? Em Taidjut?

— Penso na dor que provoquei, nas vidas que se perderam na minha busca por ele. Em Salem bin Afazi, morto porque negligenciei o meu dever, porque lhe pedi um dia de folga para seguir uma informação. No seu pai, só e desprotegido em Istambul porque não fui capaz de tomar conta dele. E outros antes. Falhei miseravelmente, Paula.

Levantei-me e pousei-lhe uma mão nas costas para consolá-lo.

— Há de encontrá-lo, Stoyan — disse-lhe. — Tem um coração forte. E não falhou. Foi sempre muito corajoso. As coisas correram mal por minha culpa. Estamos nesta situação por minha culpa, exclusivamente.

Pensei no futuro. Se Duarte decidisse não arriscar a escalada, voltaríamos a Istambul mais cedo do que o previsto. Poderia acabar com a ansiedade de meu pai. Voltaríamos para casa e Stoyan poderia continuar a procurar o irmão perdido. Porém, sentia uma tristeza enorme: por aqueles que sofriam naquela pequena aldeia, por Stoyan, por Taidjut, por Duarte, dividido entre o dever de cumprir a promessa feita ao seu amigo moribundo e a responsabilidade para com a sua tripulação. E a *Dádiva de Cibele*? Não podia pôr a minha própria missão de lado! Não podia ignorar a minha irmã!

— Talvez a decisão seja tomada sem a nossa intervenção — disse eu, com a certeza de que o que acabava de dizer era verdade. — Talvez... — não, recusava-me a acreditar que a aldeia fora atacada pela peste para que atracássemos noutra baía, para que encontrássemos outro caminho, para cumprir a vontade do Outro Reino. A possibilidade era muito sombria.

— O que se passa, Paula? — Stoyan virou-se e pousou-me uma mão no ombro.

— Nada... Eu... Não, não é nada. — Estremeci e envolvi-me ainda mais na capa. — É que... — percebi que estava com medo. — Stoyan...

— O que é? Assusta-me, Paula, quando fica assim. Sente-se — disse ele, obrigando-me a sentar na cama, acocorando-se na minha frente e agarrando-me as mãos. — Diga o que tem a dizer.

Abanei a cabeça.

— Não é nada. Foi só um chlique. Mas não vá embora, por favor. — As suas mãos estavam quentes, afastavam um pouco o medo. Desconfiava que, em breve, nada teria aquele poder.

Duarte regressou à cabina. Tínhamos contornado o promontório e dirigíamo-nos para a primeira das estreitas enseadas. Stoyan levantava-se de vez em quando, olhava pela escotilha e dizia-me onde estávamos. Eu tentava ler em voz alta as *Fábulas de Esopo* e ele estava sentado no chão de costas contra a cama, ao lado de minhas pernas. Não conseguia me concentrar.

— Quero lhe fazer uma pergunta — disse o nosso comandante de pé à entrada, de mãos na ombreira, com uma expressão neutra no rosto.

— A ambos? — perguntei, fechando o livro e sentindo o coração bater com mais força.

— A Stoyan apenas. Se eu encontrar um caminho nesta baía ou na próxima, faz a escalada comigo?

Olhamos um para o outro, espantados.

— Não posso — disse Stoyan após alguns momentos. — O meu lugar é junto de Paula. Não espera que a coloque no caminho da peste, não é? E se ela tiver de ficar no navio, eu fico com ela.

— E se ela for também? — perguntou Duarte, olhando para mim.

Senti um frio gelado. Já percebia por que razão estava com medo. Até então, ao longo de toda a viagem, nunca me passara pela cabeça que pudesse morrer. Talvez não fosse inteiramente verdade. O redemoinho ao redor da escarpa tivera os seus momentos. Mas aquilo...

— Você disse que não nos levaria — disse eu, tentando parecer calma. — Porque mudou de idéia?

Duarte sorriu amargamente.

— Se pudesse ir sozinho, iria — disse ele — mas tenho que levar, pelo menos, dois homens. Um como guarda e o outro para vir buscar ajuda se um de nós se ferir. Pero ofereceu-se e Stoyan é o homem mais forte a bordo, um lutador sem igual.

— E os outros? — perguntei, consciente da resposta antes dele abrir a boca.

— Pero e eu nos compreendemos, somos grandes amigos. Não tenciono pedir aos outros que arrisquem as vidas por uma questão de lealdade pessoal. Acidentes, contratempos, bandidos, sim. Peste, não.

— Não pensou em ir sozinho? — perguntei-lhe, enclavinando as mãos uma na outra para que ele não as visse tremer. Porque, evidentemente, queria ir. Apesar da peste, do perigo, acreditava que devia ir.

— Não. Paula, liberta Stoyan da obrigação que tem para consigo? A minha tripulação tomará conta de você, a tratará com respeito. Tem a minha palavra...

— Já disse que não — respondeu Stoyan com voz pesada, definitiva. — Não vou e Paula também não. Paula fica e eu fico com ela. Leve a sua estátua e suba a montanha, seu pirata. E se o seu leal amigo perder a vida por causa dos bandidos, dos acidentes ou da peste, prossiga a sua vida com o devido sentimento de culpa. Paula não vai com você.

As sobrancelhas de Duarte levantaram-se. Por um momento, o português voltou a ser o homem que eu conhecera em Istambul.

— Mas Paula é uma mulher crescida — disse ele. — Pensei que já soubesse. Além do mais é sua patroa, a não ser que eu tenha percebido mal. Porque não a deixa responder?

Santo Deus, tinha que dizer que sim. Era evidente, por tudo o que me acontecera até então. Uma força do Além queria o regresso da *Dádiva de Cibele*. O meu instinto e as mensagens do Outro Reino diziam-me que seríamos nós três a fazer com que isso acontecesse. Eu estava preparada para ir. Aterrorizada, mas ansiosa. Porém, não sabia se estava preparada para colocar Stoyan no caminho da peste.

— Precisamos falar sobre o assunto — disse eu a Duarte. — Stoyan e eu.

— Não há tempo — disse o nosso comandante, olhando fixamente para mim.

— Não demora muito. Por favor.

O português saiu sem uma palavra e eu me levantei, assim como o meu guarda-costas, pálido à luz que entrava pela escotilha. A cicatriz sobressaía-lhe na face, lancinante e os seus lábios estavam cerrados.

— Não quero discutir contigo — disse-lhe. — Acredito que deve fazê-lo, mas não quero que o faça por sentido de dever, só porque o seu trabalho é olhar por mim e proteger-me. Não suportaria pô-lo em perigo por causa disso, Stoyan.

— Foi para isso que me contratou. Para ser seu guarda-costas.

— Nesse caso contrato outro, se isso torna as coisas mais fáceis. Considere-se despedido. É dono de si mesmo e pode tomar a sua decisão de acordo, apenas, com os seus desejos. É capaz, não como guarda-costas, sim como um... amigo. — A minha voz começara a tremer. Queria desesperadamente que ele fosse comigo, mas aterrorizava-me a idéia de vê-lo morrer pela peste, em combate, de frio ou de um ferimento qualquer e percebi, com um pulo do

coração, que não suportaria isso. Estendi o braço, toquei-lhe a mão e os seus dedos fecharam-se sobre os meus. Nunca o vira assim: Stoyan parecia atingido por um raio.

— Vou lhe fazer uma pergunta, Paula — disse ele.

— Faça, então.

— Você vai, já percebi, por mais que lhe diga o contrário. Conheço-a. Sei que está decidida. Quer que eu vá com você?

Anui, sentindo lágrimas de alívio e tristeza a picarem-me os olhos.

— Nesse caso, eu vou — disse ele com um suspiro.

— Duarte! — chamei e o português apareceu de novo à entrada da cabina. Provavelmente ouvira tudo. Lado a lado, Stoyan e eu o enfrentamos, ainda de mãos dadas.

— Vamos — disse eu. — Os dois. De livre vontade. Mas acabaram-se as brincadeiras. Não queremos mais observações trocistas. Faremos tudo para ajudá-lo e você nos tratará com respeito, como membros iguais do seu grupo. E agora peça a Pero que nos arranje roupas bem quentes. Parece que vamos subir o carreiro de noite.

Quatro remadores puseram-nos em terra e esperaram que nós procurássemos um caminho. A costa ali era rochosa, tinha apenas uma fina língua de terra. As árvores chegavam quase à água. A encosta era íngreme. Não havia qualquer caminho que fosse para cima. Estávamos quase desistindo e indo investigar a outra enseada quando Stoyan, que subira um pouco mais acima, gritou:

— Aqui!

Olhei para cima e vi uma árvore, um zimbro a rastejar pelo solo pedregoso, subindo pela parede rochosa com a tenacidade de uma mulher madura, forte. Os seus ramos nodosos estavam cheios de oferendas: fragmentos de roupa, lã colorida, trancas, contas, fios gastos e fivelas sem brilho. Logo a seguir uma pequeníssima vereda no meio da folhagem e depois um minúsculo regato a correr por entre as rochas, enchendo um espaço em forma de tigela antes de se precipitar no mar. Os olhos de Stoyan encontraram os meus numa pergunta e eu anuí. Tudo naquele lugar sugeria o Outro Reino. Quando Duarte e Pero chegaram junto de nós, disse-lhes:

— O caminho é este.

O português espreitou por entre as árvores, duvidoso, começou a dizer qualquer coisa e depois fechou a boca, lembrando-se talvez de que prometera não fazer observações jocosas.

— Está bem — disse ele. — Na falta de qualquer coisa melhor, tentemos este.

Um pouco depois subíamos a montanha, entrando numa floresta úmida e sombria e perdendo o mar de vista. O pequeno barco regressaria ao *Esperança* e este zarparia para a enseada vizinha, onde esperaria o nosso regresso. Dois dias depois da nossa partida voltaria ali à nossa procura e depois nos dias seguintes, até darmos sinal de vida.

Os homens levavam mochilas. Eu me oferecera para levar os meus mantimentos, pelo menos, mas Stoyan nem quisera ouvir falar do assunto. O meu cobertor, a minha água e as minhas rações seguiam com ele. Todos nós tínhamos armas. Stoyan dera-me uma das suas e eu metera-a no cinto: uma faca pequena, muito afiada, numa bainha de couro. Não me via a usá-la e não me fazia sentir mais segura. Duarte transportava uma trouxa adicional. Na sua

mochila, embrulhada em vários panos em vez de ir na caixa, viajava a *Dádiva de Cibele*.

Já era tarde. Eu sabia que o mais importante era chegar o mais longe possível enquanto fosse dia e encontrar, depois, um lugar para passarmos a noite. Não perdíamos tempo com conversas, limitávamo-nos simplesmente a andar, mantendo um passo o mais firme possível e, durante muito tempo, o trilho subiu sempre num terreno sempre igual: uma densa floresta de coníferas de solo lamacento, cheio de folhas e, aqui e ali, maciços rochosos que eram um verdadeiro teste para as nossas pernas curtas. Pela encosta abaixo desciam muitos regatos, resultado de uma Primavera chuvosa. Sempre que parávamos para avaliar o nosso progresso e recuperar o fôlego, Duarte olhava para mim com um espanto aparente.

— Não fique tão surpreendido — disse eu, finalmente. — Nasci e fui criada em encostas como esta, tal como Stoyan.

— Ainda bem que não está nos atrasando — disse ele, virando-se para Pero, dizendo-lhe qualquer coisa num português rápido e olhando de novo para nós. — Se conseguirmos chegar ao alto deste maciço antes do anoitecer, talvez possamos ver se este trilho se

encontra com o outro. Não vale a pena continuar a subir se não conseguirmos...

Subitamente, Duarte calou-se e olhou para as rochas que mencionara, uma formação estranha que fazia lembrar a cabeça de um gato.

— O que é? — perguntei. — Viu alguma coisa? Duarte franziu o cenho.

— Pensei... não, já não está lá. Alguma coisa qualquer flutuando. Uma bandeira, por cima das rochas. Devo ter-me enganado.

— De que cor? — perguntei. — Preta?

O português lançou-me um olhar inquiridor.

— Porquê?

— Por nada. — Não me esquecera do modo como ele rira das minhas visões, chamando-as de coisas de uma jovem impressionável. *Acabaria aprendendo*, pensei. Provavelmente era Tati, acenando-nos para que continuássemos a subir. Esperava que ela não nos obrigasse a subir aquela encosta toda de noite. Dentro de pouco tempo só a Lua nos daria luz e fazia um frio de morte.

— Está tremendo — disse Stoyan, pegando-me as mãos e massageando-as até aquecê-las. Ambos usávamos luvas de pele de ovelha. As minhas eram muito grandes e não podia usá-las nos espaços mais íngremes, onde precisava fincar os dedos nas rochas para conseguir me içar.

— Estou bem. — Os nossos bafos evaporavam-se logo à saída da boca. Pela encosta acima subia uma bruma fina, insinuando-se

por entre as árvores e enrolando-se nas nossas pernas. — É melhor continuarmos...

Quando chegamos ao alto do maciço, vimos que teríamos de passar a noite ali. A luz estava desaparecendo e com ela os últimos vestígios de calor do ar. Pero e Duarte continuaram a subir, tentando chegar a um espaço mais amplo enquanto pudessem. Stoyan e eu procuramos um lugar para acampar e encontramos uma pequena gruta com uma mancha de terreno aberto à frente. O búlgaro arranjou lenha para fazer uma fogueira. Desfiz a mochila, tirei nossos cobertores e as rações e encontrei uma pederneira e uma mecha seca embrulhadas num oleado.

— Stoyan, suponho que podemos acender uma fogueira, não? E o outro navio?

— Sem ela, congelamos — disse o búlgaro, arrastando um tronco maior para a pilha que fizera. — O seu amigo português pode estar obcecado com esta missão, mas não me parece que seja louco.

— Seja como for, pode ser que não tenha importância — disse eu, pensando em voz alta. — Estamos muito à frente dos homens do *mufti* e talvez não muito longe do tal lugar. — Não me atrevia a pensar na peste. — Talvez os dois trilhos se encontrem no alto e possamos atravessar o desfiladeiro, tal como era a intenção original de Duarte.

Quando os outros dois regressaram, a nossa fogueira estalava. Olhei para o rosto do português e disse antes dele:

— Sei que podem vê-la. Pensamos na possibilidade, mas sem ela podemos morrer de frio ou ficarmos muito entorpecidos para continuar amanhã. — O comandante ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada. — Duarte, o que viu lá de cima?

— Nada conclusivo. Vamos lá outra vez ao romper do dia. O trilho deve dar em algum lugar. Parece-me que é a única opção que temos, isto se não pudermos utilizar o caminho que parte da aldeia com peste. Só que...

O meu coração deu outro salto.

— O quê?

— O mapa está incompleto. Por isso tenho que confiar no que o meu camarada me disse. É a primeira vez que venho aqui. Nunca poria os pés aqui se não fosse a *Dádiva de Cibele*. Não me passou pela cabeça reconhecer o terreno, antecipar as dificuldades. Devia ter planejado isso melhor.

— Não poderíamos ter previsto a peste — salientei. — Nem que nos traria com você. O que o seu camarada disse?

— Não mencionou um segundo trilho. Na verdade, juraria que disse que a aldeia era tão isolada que só tinha um trilho para sair e para entrar.

— Nesse caso, por que razão está sugerindo que continuemos logo de manhã? — perguntou Stoyan, franzindo o cenho. — De que vale a pena, se acha que este caminho não nos levará ao nosso destino?

— Esperem um pouco — disse eu, pensando velozmente, estendendo as mãos para o fogo, tentando aquecer os dedos. — Talvez Mustafá não tenha lhe dito. Talvez este trilho seja secreto: um caminho que só se abre a quem traz a *Dádiva de Cibele*. — Senti instintivamente que era verdade. — Vocês viram a árvore no fundo — acrescentei. — Presentes para uma divindade qualquer, um deus da natureza, ou uma deusa. Habitualmente é onde as pessoas os deixam, uma árvore velha junto de uma fonte. Um lugar onde a terra se encontra com a água. O caminho de Cibele.

— Isso soa mais como um pulo da imaginação do que a uma dedução lógica — disse o português olhando para o fogo, como se estivesse pensando seriamente na idéia.

— Não, Duarte — disse eu. — É uma mistura de erudição e intuição. E experiência, mas não vou discutir com você já que me chamou mais ou menos de mentirosa quando falei disso da última vez. Eu conheço estas coisas, sei que o caminho certo é este. Só temos que segui-lo e procurar os sinais.

— Sinais?

— Acredite em mim — disse eu com uma confiança que não sentia. — E agora vamos tentar cozinhar qualquer coisa ou vamos comer carne seca?

Estava preocupada com a maneira como iríamos dormir. Uma coisa era ter Stoyan de guarda no outro lado da porta do *han* ou na cabina ao lado do *Esperança* e outra era, aos dezessete anos, partilhar uma pequena gruta com três homens adultos e ser obrigada a encostar-me a um deles, pelo menos, para me manter razoavelmente quente. Chegada a hora de nos deitarmos, vi-me subitamente despojada de toda a minha confiança e deixei-me ficar sentada à lareira, desejando estar em casa.

— Pronto — disse Pero num grego hesitante do interior da gruta, onde estivera dispendo as camas. — Senhora Paula, Stoyan, Pero, Duarte. Senhora mais perto da fogueira. Bom para dormir. Sim?

— Obrigada, Pero — disse eu, perguntando a mim mesma como teríamos nos arranjado se ele não tivesse se oferecido para vir conosco. — É muita delicadeza de sua parte.

O imediato de Duarte sorriu, mostrando várias falhas nos dentes.

— Pai de sete filhos, senhora. Sete crianças, duas camas. É a mesma coisa, sim?

— Não exatamente — observou o comandante. — Mas seria preciso um homem com muita força de vontade para se levantar com este frio. Bons sonhos, meus amigos.

Antes de se enrolar no cobertor ao lado de Pero, Duarte meteu a *Dádiva de Cibele* na gruta, num lugar onde ninguém pudesse estragá-la com um movimento súbito. Envolta como estava, a estatueta lançava uma sombra estranha sobre a parede da gruta, redonda e bojuda. *Complete-me*. Talvez no dia seguinte fizesse exatamente o que ela me sugeria.

Apesar do fogo na minha frente e da forma sólida de Stoyan nas minhas costas, custou-me adormecer por causa do frio. Passei o tempo a adormecer e a acordar assustada perante o silêncio da floresta, pontuado por chamados de aves noturnas e vagos guinchos e sussurros. À primeira vez, Stoyan ajustou o seu cobertor de modo a cobrir nós dois. À segunda murmurou qualquer coisa que me soou a poesia e que me levou a adormecer de novo. O tom era suave, se bem que não entendesse a língua. À terceira acordei tremendo de

frio e com o braço dele à minha volta, puxando-me para si e os arrepios começaram a abandonar-me.

— Obrigada — murmurei. O búlgaro não respondeu, mas senti-lhe o bafo nos cabelos.

Acordei na manhã seguinte tonta de cansaço e cheia de dores por ter dormido no chão. Quando me sentei e esfreguei os olhos, vi que tinha quatro cobertores, uma capa e um casaco dobrado por baixo da cabeça. A gruta estava vazia. Os homens já estavam de pé. A fogueira estava apagada e Duarte estava cobrindo as cinzas com terra. Pero metia coisas numa mochila.

— Ia acordá-la agora mesmo — disse Stoyan, sentado numa pedra perto de mim, com uma caneca nas mãos. — Beba isto, por favor. Precisa de qualquer coisa no estômago antes de continuarmos.

Obedeci. Tratava-se de uma mistura horrível de carne seca e pão duro ensopados em água. Oxalá não tivesse que voltar a comer

uma coisa daquelas na minha vida. No entanto era comida e estava quente. Deviam ter apagado a fogueira pouco antes. O Sol ainda nem sequer nascera.

— Vamos partir imediatamente — disse Duarte, ao mesmo tempo que Pero juntava os cobertores e os dobrava um a um. — Com sorte chegaremos à aldeia da montanha com o Sol ainda alto. Dormiremos debaixo de um teto logo à noite. Não quero que durma outra vez ao ar livre, se possível.

— Eu sou um membro da expedição como qualquer outro, lembra-se? — disse eu, tentando um sorriso. — Nada de privilégios, nada de concessões. Mas não recuso uma cama se me derem. Desculpe, preciso ir à floresta por um instante.

Estava acorada por baixo de uma árvore, tentando me certificar de que nenhum dos homens me via, quando uma mulher de negro se manifestou na sombra. Não era Tati, era uma velha e olhava para mim com olhos escuros encovados e um rosto tão pálido e enrugado como um pergaminho gasto. Podia ser irmã do antigo zimbro, à beira-mar, uma coisa da velha Terra, sobrevivente de muitas vidas humanas. Nunca me sentira tão exposta e tão vulnerável.


— Chegou a hora — disse ela e mais uma vez não entendi a língua, apenas a compreendi por instinto. — Aguce o seu engenho. Vai precisar dele antes do dia terminar. Encha-se de coragem. E não se descontrole.

Anuí, pensando para comigo se poderia fazer alguma pergunta ou se ela desapareceria assim que eu abrisse a boca.

— Lembre-se — disse ela. — Lembre-se do que em tempos foi a coisa mais importante de todas. E aprenda. Tenha cuidado, Paula. — E desapareceu. Não se desvaneceu, não se dirigiu para a floresta, não se esfumou no meio de um raio ou de um trovão. Desapareceu... simplesmente.

Não disse nada quando voltei, apesar de Duarte ter observado que eu estava mais pálida do que habitualmente e assobiado, muito sério, o primeiro verso de «*Paula, de brancura singela*». Os homens já tinham as mochilas nas costas e reiniciamos a subida da montanha, ao mesmo tempo que o Sol aparecia no horizonte, velado

pelas nuvens. A primeira parte era íngreme. Escalamos a parte lateral do maciço rochoso, fizemos uma pausa numa zona plana e olhamos para a paisagem que Stoyan e eu perdêramos no dia anterior: o mar Negro, com promontórios de ambos os lados. Mais abaixo, as encostas carregadas de árvores estavam perdendo a bruma. Víamos o *Esperança* na enseada seguinte com as velas arriadas e algumas ilhas pequenas, não muito longe da costa. Ao longe, para leste, via-se uma aldeia. E ancorado na primeira enseada, de onde iniciáramos o nosso assalto à montanha, pequeno como um brinquedo nas águas abrigadas, flutuava um imponente três mastros de velas vermelhas.

A decorative horizontal banner with a central rectangular frame containing the text 'CAPÍTULO DOZE'. The frame is adorned with intricate floral and vine patterns. The background of the banner features a faint, repeating pattern of the same floral design.

CAPÍTULO DOZE

Os nossos perseguidores deviam ter navegado de noite para nos apanharem. Era possível que tivessem chegado à enseada na escuridão e iniciado a subida quando estávamos dormindo. A escalada transformou-se numa corrida. Cerrei os dentes e concentrei-me, decidida a não atrasar os homens. Nascera nas

montanhas, mas as minhas pernas eram extremamente curtas e as mãos começavam a sangrar devido ao esforço.

Os homens não diziam nada e eu também não. Tentei não pensar no que aconteceria se fôssemos apanhados. Lembrei-me dos janízaros no *han*: grandes, bem armados, de rostos decididos. Nós éramos apenas quatro. Quantos seriam eles?

Para me distrair, pensei no que a velha me dissera. Parecia que tinha um trabalho pela frente e que era possível ser bem-sucedida se seguisse as suas instruções. Engenho: sim, não me faltava. Coragem: se não a tivesse, Stoyan teria por nós dois. *Controle: depende*, pensei, enquanto escalava a face do rochedo, estendendo o braço para me agarrar. Pero, mais acima, estendeu-me a mão, agarrou-me pelo pulso e puxou-me. Arquejei um agradecimento antes de continuar.

Lembre-se do que em tempos foi a coisa mais importante de todas. O que seria? A minha família? A minha casa? O Outro Reino? Tinha esperança de compreender o que a velha quisera dizer antes que fosse tarde demais. Quanto à palavra *aprende*, eu era uma estudiosa, não? Havia anos que aprendia. Imaginei a velha detendo os homens no nosso encalço e lhes dando os mesmos conselhos. Senti frio por baixo do suor que me cobria o corpo. Talvez, para ela,

fosse apenas um jogo, como o xadrez, pretas contra brancas e nós quatro uma equipe constituída por um rei, uma rainha, um cavalo e uma torre, jogando na montanha como quem joga num tabuleiro. Talvez a velha não estivesse interessada em quem ganhava. Talvez, para ela, não passasse tudo de um divertimento.

Fizemos uma pausa no flanco da montanha, ao lado de uma extensão de cascalho. Um passo em falso e iríamos parar na linha das árvores.

— Não vejo trilho nenhum a partir daqui — disse Duarte. — Vamos ter que encontrar um caminho qualquer de cabras ao redor daqueles penhascos. Mas não vejo como pode dar no lugar que queremos. A não ser que haja uma...

— Uma o quê? — perguntei, desejando que ele não tivesse parado porque, assim que deixava de andar, o meu corpo me recordava de que doía e que precisava de um bom descanso.

— Uma ponte — murmurou Duarte, olhando para longe. — Mustafá mencionou uma ponte, qualquer coisa relacionada com taxas e comércio.

— Não me parece provável — disse Stoyan. — Isto é muito isolado. Aqui em cima só deve haver aldeias isoladas. Imaginem o Inverno aqui.

— Talvez *haja* um caminho pela parte de trás — disse eu. — Há uma aldeia maior para leste, ao longo da costa. Nós a vimos. Se há um ancoradouro para navios comerciais lá e se é preciso pagar uma taxa antes das mercadorias partirem em caravana para o interior, esse caminho pode ser uma via de contrabando.

— Mesmo que a sua teoria esteja correta — disse Duarte — ou tentamos os penhascos ou nos retiramos e encontramos nossos perseguidores a subir. Acho que não temos outra hipótese. Espero que não tenha vertigens — concluiu ele, olhando muito sério para mim.

— Vamos — disse Stoyan —, toca a andar antes que os homens do *mufti* nos apanhem.

— É claro que — disse eu — se houver uma ponte, é mais lógico que ligue o caminho que vai dar à aldeia a leste, não a outra qualquer no outro lado das montanhas.

— Qual é a sua opinião, então? — perguntou Duarte de mãos nas ancas.

— A lógica me diz que este trilho não vai dar onde nós queremos e o instinto me diz que é o trilho certo. Pense o que quiser. — Enquanto falava, um grande corvo negro pousou nas rochas, bem acima de nós. As suas asas pareciam rasgadas e os seus olhos eram brilhantemente selvagens, intensos, perturbadores. — De fato, tenho certeza absoluta de que o caminho é este — acrescentei. *Siga o corvo*, disse eu mentalmente. Não queria que Duarte pensasse que estava completamente maluca. Do outro lado do penhasco havia um trilho, tão estreito que não me atrevi a olhar para baixo. A superfície do rochedo estava picada e desmoronava. Meus membros tremeram e a mente ficou dormente de terror. Não imaginava uma cabra, no seu juízo perfeito, que fosse por ali.

Duarte foi o primeiro e eu o segui. Dei várias vezes por mim sem fôlego. Stoyan vinha logo atrás de mim, estendendo de vez em quando um braço para me estabilizar ou para me dar instruções em voz calma. Pero era o último, persistente, em silêncio. Eu tinha a vantagem de ser menor do que qualquer um deles, mas as botas que trouxera do *Esperança* não me serviam e nunca me senti tão aliviada como no momento em que saí da minúscula saliência e pisei terra firme, caindo nos braços de Duarte. Stoyan e Pero chegaram, também, à segurança daquela larga concavidade arborizada.

— É uma garota muito corajosa, Paula — disse o pirata. Eu ainda estava em seus braços e parecia que ele não tinha intenção de me largar. Meu coração batia com toda a força, mas eu não sabia se de terror, alívio ou outra coisa completamente diferente. — Estou orgulhoso de você — acrescentou ele num murmúrio.

— O pensamento de que vou ter que fazer isto tudo outra vez é que me preocupa — disse eu com um sorriso trêmulo, afastando-me dele.

— Havemos de arranjar outro caminho — disse o português. — Confie em mim. E agora...

Ouviu-se um sussurro, depois um baque. Pero emitiu um grito estrangulado e caiu de joelhos ao nosso lado. Senti meus olhos se esbugalharem de terror. O português tinha algo espetado na barriga de uma das pernas e gemia agarrado a ele. O sangue corria-lhe pela perna das calças e caía-lhe na bota. Só tive tempo de identificar o objeto como uma flecha. Stoyan agarrou-me e atirou-me para trás de uns arbustos. O corvo, com um grasnido irônico, instalou-se num ramo por cima de minha cabeça.

Deixei-me ficar no lugar onde tinham me atirado, vendo Duarte e Stoyan se moverem como uma equipe, falando em voz baixa. Nenhum deles olhou para o trilho do penhasco. Espreitar seria porem-se no caminho de um segundo míssil. Não ouvia quaisquer sons de perseguição, queda de pedra ou vozes, mas sabia que não tínhamos muito tempo. O búlgaro levantou Pero do chão sem esforço aparente e mudou-o para uma posição mais abrigada. Duarte começou a tirar coisas de sua mochila. Em seguida os dois homens acoraram-se ao lado do ferido, muito ocupados. Reparei que o imediato tinha sangue no rosto. Era evidente que mordera o lábio para não gritar. Eu não queria continuar ali enquanto eles trabalhavam. Assim, saí do abrigo dos arbustos e comecei a entregar-lhes coisas enquanto Stoyan puxava a flecha com um desagradável som de sucção e Duarte pressionava o ferimento. Pero suportou a operação sem um gemido. Stoyan arrancou pedaços da própria camisa para improvisar uma ligadura.

— Onde estão eles? — murmurei assim que o nó foi feito. O sangue começava a manchar o linho. — Ainda estão longe?

— Muito perto — resmungou Duarte. — Devem ter subido durante a noite, ou não teriam nos apanhado. Devem estar no outro lado do penhasco, provavelmente à espera que continuemos. Assim que começarem a andar, ficam vulneráveis. E agora temos que ir. Pero... — disse ele, dirigindo-se ao amigo em português, num tom confiante e quente. O imediato, com o rosto cor de cinza, tentou sorrir. Olhei para Stoyan e este olhou para mim. O búlgaro estava transferindo coisas da mochila de Pero para a sua.

— Eu posso levá-la — disse eu. — Você já leva muita coisa.

— Eu levo, Paula. Pero vai precisar de ajuda. Quero que vá na frente e encontre o caminho.

Duarte indicou que concordava com um trejeito de cabeça. Não sabia se o olhar cansado e tenso do seu rosto se refletia no meu. A única coisa que sabia era que forçar Pero a continuar ia contra todas as regras em caso de ferimentos graves. Porém, como os nossos adversários acabavam de mostrar as suas verdadeiras cores, não tínhamos outra alternativa.

— E, Paula — acrescentou Stoyan enquanto ele e Duarte ajudavam Pero a levantar-se — se precisar usar a faca que lhe dei, não hesite. Prometa-me.

O caminho em volta do penhasco fizera-nos descer até o nível da extensão de cascalho e estávamos noutra área arborizada, onde se via uma passagem mais larga. Mantivemos um passo razoável graças às forças combinadas de Stoyan e Duarte, que ajudavam Pero à medida que iam avançando, mas pouco depois o carreiro começou a subir outra vez, serpenteando pela encosta acima por entre rochas cheias de arbustos espinhosos. O corvo continuava conosco, voando à nossa frente, pousando e esperando, fixando-nos com seus olhos impenetráveis.

Fiz uma pausa no alto de uma pequena elevação, olhei para trás e vi alguma coisa entre as árvores, mais abaixo: uma cor que não pertencia aos cinzentos, castanhos e verdes da encosta arborizada, um movimento que me pareceu humano.

— Estou vendo-os — murmurei, quando Stoyan chegou junto de mim. — Não me parece que consigamos fugir durante muito mais tempo.

— Onde está o pássaro?

— Reparou? Continua à nossa frente. Suponho que só podemos continuar e ter esperança. — Olhei outra vez e vi mais, cinco, seis homens, subindo decididamente a algumas centenas de metros mais atrás. Meu coração parecia uma pedra fria no peito.

— Continue, Paula — disse Stoyan. — Se o chão nivelar ali em cima, corra.

Duarte estava ajudando Pero a chegar ao alto da pequena elevação. O búlgaro estendeu uma mão forte e puxou o ferido para junto de nós. O imediato disse qualquer coisa em português, indicou com um gesto que podia andar e que nós devíamos continuar sem nos preocuparmos com ele. A ligadura da perna estava tingida de vermelho.

— Depressa — disse Duarte. — Fuja.

O chão nivelou-se e eu desatei a correr. O carreiro dava a volta em uma falésia e depois cortava por entre grandes paredes rochosas cheias de fendas onde cresciam algumas plantas montanhosas cujas flores minúsculas estavam viradas para o Sol coberto pelas nuvens. O corvo continuava à nossa frente, em silêncio, voando intencionalmente ao longo da passagem estreita. Minhas pernas doíam, estava tonta e arfava. Sabia intimamente que, mesmo com Stoyan do nosso lado, não prevaleceríamos contra tantos atacantes. Os arcos, provavelmente, eram o primeiro passo. Era muito possível que todos nós morrêssemos. Engenho, coragem, controle. Não era possível empregar qualquer um deles com o medo que sentia. Nem sequer conseguia pensar decentemente!

As paredes rochosas se abriram. Parei tão abruptamente que Duarte, que vinha logo atrás, quase me atirou no chão. Estávamos na orla de uma fratura profunda e estreita. Olhei a custo para baixo e vi uma fita azul-pálida: um rio, bem lá no fundo. Por cima dele os pássaros voavam, meros pontos contra o cinzento das rochas e o verde da floresta. Era uma queda terrível. A pouca distância, ao longo do caminho que circundava a ravina, via-se uma pequena cabana e a seu lado uma fogueira com a fumaça subindo preguiçosamente pelo desfiladeiro acima. E também se via uma ponte suspensa, decrépita, feita de cordas e tábuas, com um único cabo servindo de corrimão, transpondo o abismo. O carreiro recomeçava do outro lado, ziguezagueando por uma extensão de terreno a descoberto até uma grande parede rochosa. Uma folhagem escura escondia-lhe a base e uma formação estranha de nuvens, como que uma espécie de bruma localizada, agarrava-se ao topo, escondendo a montanha por trás. Entrando e saindo dela, bandos de pássaros escuros. Ouvia-lhes os gritos, como que avisos para não nos aproximarmos. Parecia um local mágico, estranho e misterioso. Ao olhar para ele, tive uma sensação estranha de reconhecimento. O corvo levantou vôo e atravessou o abismo; não precisava da ponte para nada.

— Além — disse eu, quando Pero se juntou a nós. Stoyan ainda não aparecera. — É para além, para aquelas escarpas, que temos que ir. — Após aquele primeiro vislumbre, tentei não olhar para a ponte.

Duarte resmungou qualquer coisa em português e continuamos pelo carreiro afora. Déramos apenas alguns passos quando uma voz de comando gritou em turco, ou pelo menos foi o que me pareceu:

— Alto! — do interior da pequena cabana saiu um homem com uma espada numa mão e um punhal na outra. O homem usava uma couraça de couro por cima de um traje de algodão acolchoado. Era um soldado. — O que fazem aqui? Não podem passar! — exclamou ele.

Duarte iniciou uma explicação num turco fluente, acompanhada por gestos das mãos muito mais eloqüentes. O guarda abanou a cabeça e apontou para o lugar de onde viéramos. Um momento depois um segundo homem e depois um terceiro emergiram da pequena habitação, todos eles armados até os dentes, todos eles com a mesma expressão implacável. Duarte recomeçou, mas dessa vez o primeiro guarda calou-o com uma única palavra, cortante.

— O que ele está dizendo? Diga-lhes que temos que passar! — disse eu, perguntando a mim mesma por que razão Stoyan não aparecia. Teria voltado para lutar sozinho com os nossos perseguidores? — Diga-lhes que estamos sendo perseguidos por homens com arcos!

— Eles dizem que ninguém passa aqui sem a autorização do administrador local — disse Duarte. — Qualquer coisa sobre taxas e contrabando e sugeriram uma busca nas nossas mochilas e em nossas pessoas.

— Não há tempo! — pensei ter ouvido barulho ao longo do carreiro, sons de botas ferradas e tentei no meu turco básico: — Por favor, deixem-nos passar!

O primeiro guarda olhou para mim.

— A ponte está fechada! — ladrou ele.

Um impasse. Iríamos ficar ali discutindo até o inimigo nos matar. Seria muito fácil na orla de um precipício. Aqueles guardas, provavelmente, se sentariam à lareira tomando chá e assistiriam a tudo, impávidos e serenos.

— Para trás — disse o primeiro guarda. — Saiam daqui.

— Suponho que poderíamos lutar com eles — disse Duarte calmamente em grego. — Mas...

Então, bem diante de nossos olhos, os olhares carrancudos dos guardas transformaram-se em expressões de choque, embaraço e servilismo. Os homens olhavam por cima do meu ombro, para o fundo do carreiro.

— Excelência! — exclamou o primeiro guarda. — Mil desculpas! Sentimo-nos muito honrados...

Virei-me perguntando a mim mesma se os nossos perseguidores já estavam junto de nós com um dignitário a acompanhá-los, mas só vi Stoyan, tão confuso como eu. O búlgaro abriu a boca para falar mas Duarte, rápido como um raio, falou primeiro.

— Sua excelência viaja incógnito. — Foi o que me pareceu ouvir. — Não devem falar disso, entenderam? E agora deixem-nos passar e depressa.

E eles assim fizeram, encaminhando-nos rapidamente na direção da ponte com muitas vênias e polidos pedidos de desculpa.

— Excelência, não sabíamos...

— Lamentamos profundamente... Só estávamos cumprindo ordens...

— Sim, sim — respondeu-lhe Duarte distraidamente. — Sua excelência compreende — concluiu o português, acrescentando mais alguma coisa, muito depressa para que eu conseguisse entender.

Stoyan não disse absolutamente nada. Ainda bem. Se, como parecia, fora confundido com alguém, assim que abrisse a boca e falasse com sotaque búlgaro, a nossa autorização para atravessar a ponte seria imediatamente cancelada.

— Paula — disse Duarte — Você é mais leve. Vá primeiro. Nós a seguiremos mais devagar.

Engoli em seco nervosamente, consciente de que devia obedecer e perguntando a mim mesma se não iria vomitar de puro terror.

— Uma mão na corda — continuou Duarte em voz calma. — Não olhe para baixo nem para trás. Continue, aconteça o que acontecer. Fixe o olhar no lado oposto e dirija-se para ele. Ande, Paula.

Stoyan estendeu um braço, calado. Seus dedos acariciaram meus cabelos. E em seguida lá estava eu em cima da trêmula estrutura, pisando uma tábua de cada vez com os dentes cerrados de terror, com o corpo encharcado de suor, sentindo a ponte balançar por baixo de mim.

Por vezes, não há nada a fazer senão continuar. Eu não gostava de alturas. O carreiro ao longo da falésia fora uma dura prova. Se viajasse sozinha, nunca tentaria fazer aquilo. Porém, sem saber bem como, consegui. Com uma mão agarrando a corda e a outra aberta para me equilibrar, atravessei o abismo com as minhas botas muito grandes, mantendo os olhos na parede rochosa com a sua bruma estranha, instintivamente consciente de que a chave do mistério estava lá no alto. *Encontre o coração porque nele é que está a sabedoria. A coroa é o destino.* Teria alguma coisa a ver com aquilo? Corações, coroas. Coisas de Reis e Rainhas. Talvez Cibele fosse uma espécie de Rainha. Imaginei a sua silhueta bojuda coroada de folhas e bagas. Também era parecida com uma árvore, recordei a mim

mesma enquanto ultrapassava um espaço sem uma tábua; provavelmente caíra no abismo. Hesitei e vislumbrei a fita de água, bem lá no fundo. *Concentre-se, Paula. Equilibre-se.* Coração de madeira, copa em forma de coroa. Fora o que Stoyan sugerira. E o padrão de azulejos era uma árvore. Qual era a ligação?

Os homens já estavam na ponte. Senti-a estremecer e oscilar sob o peso adicional e o movimento. Ia ser duro para Pero. Eu estava quase lá. Faltavam mais ou menos quatro passos...

Alguém gritou. *Não olhe para trás,* ordenei a mim mesma. Continuei — uma tábua, duas, três — e cheguei ao outro lado do abismo, onde o carreiro continuava a subir a encosta rochosa. Respirei aliviada. Conseguiu.

Outro grito. Virei-me e meu coração parou. A meio da ponte, Pero caíra. O português agarrava-se às tábuas com ambas as mãos. Suas pernas balançavam, suspensas no vazio. A seu lado, Duarte abaixava-se na estrutura violentamente oscilante, tentando equilibrar-se para poder ajudar o seu imediato com as duas mãos. Stoyan estava entre os dois e o outro extremo da ponte. Enquanto assistia, horrorizada, ouviram-se mais gritos — os nossos perseguidores tinham chegado ao posto de sentinela, onde se via

uma pequena multidão em animada discussão com os guardas. Alguém desembainhou uma cimitarra.

Na ponte, Duarte largara o corrimão de corda e estava deitado ao longo das tábuas, agarrando Pero pelos ombros, tentando puxá-lo. Stoyan estava imóvel; se tentasse se aproximar deles, faria oscilar a fraca estrutura e, provavelmente, os atiraria para as profundezas. No outro lado, os gritos aumentaram. As espadas cintilaram. Um momento depois ouviu-se um grito e alguém caiu do carreiro perto da cabana abaixo, desaparecendo no fundo da falésia como uma peça de roupa jogada fora. Stoyan olhou para trás. Entretanto, Duarte conseguia puxar Pero um pouco e o marinheiro ferido apoiou um joelho nas tábuas da ponte.

Gelada de terror, eu rezava com todas as fibras do meu ser. *Salve-os, não os deixe cair, por favor, por favor*, mas no outro extremo estava alguém com outras prioridades. Uma silhueta calma, de turbante impecável, dolman verde e faixa branca, de arco apontado ao lugar onde Duarte e Pero balançavam entre a vida e a morte.

— Não! — gritei. — Não dispare! — Mas o arqueiro não quis saber dos meus protestos. O arco estava pronto e disparou. Não na direção de Duarte, líder daquela expedição nem na direção da tola

Paula, que pensara que a sua presença podia estabelecer uma diferença naquele padrão de escuridão e morte. Nem sequer na direção de Stoyan, o homem mais forte e mais perigoso do nosso grupo. Não, a arma estava apontada ao mais fraco, ao homem cuja vida dependia da força e habilidade de outro. A flecha furou o peito de Pero. O marinheiro grunhiu e vacilou, meio fora meio dentro da ponte. Duarte continuava a segurá-lo. Eu não conseguia ver seu rosto.

— Parem! — gritei de novo. — Deixem-nos em paz!

— Deixe-o ir, Duarte — disse Stoyan calmamente, atravessando a ponte até onde o português estava deitado, agarrado ao corpo de seu imediato e amigo. — Tem que deixá-lo ir.

Vi Pero cair, cair, cair, num longo vôo para o esquecimento. Os sete filhos esperariam em vão pelo regresso de seu pai. Nunca mais lhes aconchegaria os cobertores, nunca mais lhes resolveria as pequenas disputas territoriais com eficiência benigna.

Stoyan abaixou-se para ajudar Duarte a levantar-se, guiando-lhe a mão para o corrimão de corda. O arco ergueu-se novamente, apontando na sua direção. Dessa vez consegui ver o rosto do arqueiro. Meu coração parou. Era Murat, o eunuco, a jóia de Irene. E por trás dele, impecável num traje que era uma combinação perfeita de moda grega e traje montanhês da Anatólia, calças muito buantes enfiadas nas botas, longa túnica de lã e colete bordado, estava a própria Irene com uma expressão tão fria como o Inverno. Ouvi perfeitamente sua voz no ar límpido da montanha.

— Deixe a garota, Murat — disse ela. — A cabeça dela é uma mina de informações. Pode nos ser útil e não faça mal ao português. É ele que tem o artefato e é ele quem sabe o caminho. Mate o cão de guarda.

Stoyan ajudava Duarte a levantar-se, tentando impedir que o português caísse ao recuperar o equilíbrio na ponte oscilante e era um alvo fácil. Murat apontou.

Não tinha tempo para pensar, para considerar a traição monstruosa. Voltei a entrar na ponte correndo, indiferente ao perigo. Vi o choque no rosto de Stoyan e o vi abrir a boca para gritar, mas o que me interessava era salvá-lo, salvar a todos nós. Cheguei junto de Duarte, que estava meio levantado. Murat tinha o arco retesado.

A ponte oscilava erráticamente. O eunuco recebera ordem para matar só um de nós.

Estendi a mão para a mochila de Duarte, abri-a e tirei um embrulho. Havia algo no meu corpo que me movia — não sei como consegui fazer tudo tão depressa. Dei um passo atrás e gritei na direção de Irene:

— Está vendo isso? Faça-nos mal, a qualquer um de nós e deixo-a cair. Ficaré desfeita em pedaços, tudo para nada! Pensa que dou mais valor a um pedaço de barro quebrado do que às vidas dos meus amigos?

A mulher olhou para mim e eu pensei ver em seus lábios um pequeno sorriso.

— O quê? Sacrificar a *Dádiva de Cibele*? — gritou ela sobre o abismo. — Não acho, Paula. Mate-o, Murat.

— Acha que não? Veja! — gritei eu, estendendo o braço para ponta da ponte com a estatueta na mão. Só quando vi os rostos horrorizados dos dois homens a meu lado é que me dei conta de que largara a corda. Cambaleei de braços abertos e o meu embrulho oscilou loucamente, quase caindo.

— Devagar — murmurou Stoyan. — Um passo de cada vez. Juntos.

Fiz o que ele dizia e recuei, seguida pelos dois. Esperei por um grito, pelo som de mais um míssil terrível, mas nada aconteceu. Parecia que, finalmente, Irene acreditara em mim. A *Dádiva de Cibele* valia mais para ela do que a possibilidade de matar outro dos protetores de Duarte.

Quando pisamos em chão sólido, não tivemos tempo para falar sobre o que acontecera. Duarte estava branco como cal. Suas mãos tremiam visivelmente. Minhas pernas pareciam de gelatina e tinha a cabeça girando. O nosso perseguidor não era o xeque ul-Islão, era

Irene de Volos. Irene, que fora tão amável comigo na sua biblioteca e no seu *hamam*. Irene, que mostrara tanto interesse nas minhas capacidades como mulher independente... Como era possível? E porquê? Os contatos anteriores de Murat com a casa do Sultão incluíam uma ligação ao xeque ul-Islão? Irene e seu camareiro estariam ali em nome do *mufti*? Não era possível: um clérigo islâmico nunca teria uma mulher infiel como agente. A perseguição, provavelmente, não tinha nada a ver com o *mufti*. Irene era rica, podia ter pago o navio e a tripulação. Teria me usado o tempo todo, cultivando a minha amizade para poder descobrir os planos de meu pai? Fora eu que a convidara para o jantar de Barsam, mas ela oferecera os seus serviços como *chaperone* antes... Como ela sabia que Maria estava doente naquele dia? Teria sido ela a causadora do mal-estar? Não me atrevia a pensar que sim, era muito chocante.

Stoyan assumiu calmamente o comando, com competência.

— Daqui a pouco estarão aqui. Mataram os guardas. Não temos tempo para cortar as cordas da ponte. Acha que o caminho é lá para cima, Paula?

Anuí.

— Vá primeiro. Corra e arranje-nos um esconderijo. Nós agüentamos aqui. Leve o artefato com você, ponha-o em segurança.

Olhei para Duarte. O português tirou a mochila, meteu a mão lá dentro, tirou um embrulho, devolvi-lhe a camisa enrolada e ele me deu a *Dádiva de Cibele*.

— Quer dizer...? — as sobrancelhas de Stoyan ergueram-se.

— O que as pessoas acreditam é o que interessa, não a verdade — disse eu. — Eles vêm aí, três homens já estão na ponte. Não podemos fugir todos? E se...?

— Vá, Paula — disse Duarte. — Não pense em nós. Corra o mais depressa que puder. Vá com Deus, pequena *marinheira*.

Assim, agarrada com as duas mãos à *Dádiva de Cibele*, desatei a correr. Disse a mim mesma que não olharia para trás, que conseguiria esconder o precioso artefato num arbusto qualquer, sem pensar em quem morrera e quantos amigos poderia perder naquele dia. Atrás de mim os homens gritavam, as flechas silvavam e as espadas entrechocavam-se. A bruma era bizarra, pairava em cordões sobre o espaço aberto. Quando, finalmente, olhei para trás, vislumbrei apenas o que estava acontecendo: Stoyan com a sua espada desembainhada e três assaltantes à sua volta; Duarte com uma faca em cada mão e uma expressão feroz no rosto. Envolta numa névoa de terror, tentei contar os opositores e falhei porque os lençóis de nevoeiro ora escondiam ou mostravam cinco guerreiros, sete, dez, um pequeno exército. Eram muitos, muitos mais do que nós. Duarte e Stoyan estavam costas com costas, grunhindo e brandindo suas armas, uma força terrível de dois homens. O corvo grasnou. Incapaz de afastar as lágrimas porque estava agarrada ao precioso embrulho que Duarte me confiara, virei-lhes as costas e dirigi-me para o penhasco.

O pássaro me guiou. A coberto dos arbustos, na semi-escuridão, parei para limpar os olhos. O grito agudo do corvo apressou-me ao longo da base do penhasco, por um carreiro serpenteante entre uma miríade de plantas que cresciam espessamente à frente daquele monstruoso edifício de pedra. Já não ouvia os sons do combate na encosta. A minha mente recusava-se a aceitar a possibilidade de estar tudo acabado, dos meus amigos jazerem cobertos de sangue enquanto seus inimigos prosseguiam em minha perseguição. Irene.

Continuava a não querer acreditar. A mulher descrevera-me Duarte como um homem obsessivo, um homem que faria tudo para ter o que queria. Mas ela é que era a obsessiva. Não só me explorara e mentira, como não se importava de ver homens inocentes morrendo só para pôr as mãos na *Dádiva de Cibele*. Não fazia sentido. Se ela tinha os recursos necessários para montar aquela operação, por que razão não licitara mais alto do que Duarte? Por que razão escondera o fato de que queria o artefato?

O corvo instalou-se no ramo de um pinheiro novo, perto da face da escarpa. Parei com o peito doendo.

— É aqui? — murmurei, olhando em volta. O vento suspirava nas árvores e eu ouvia o murmurejar de um regato, perto dali. A brisa apartou os arbustos e na parede de rocha, na minha frente, apareceu um brilhante conjunto de cores brancas, azuis, verdes e um vermelho muito particular à luz difusa do Sol que se filtrava através das folhas. Azulejos. Pestanejei e aproximei-me. Naquele lugar improvável, longe das mesquitas e dos palácios das grandes cidades, longe das grandes rotas comerciais, alguém criara uma pequena obra-prima. O padrão raramente se repetia, corria ao longo da rocha com vida própria: vinhas, frutos, folhagem, aqui e ali a figura maior de uma árvore. Meti Cibele debaixo do braço e estendi a mão para tocar a superfície suave, passando os dedos por ela, maravilhada por parecer incólume naquele canto esquecido, sem uma falha ou mancha, apenas uma patine brilhante, como se sua perfeição tivesse melhorado com o passar do tempo. O que seria? A parede de um templo? As ruínas de uma antiga casa real?

O pássaro grasnou outra vez e eu voltei novamente a mim. Fazer o quê? Os azulejos, o padrão, a árvore... Supostamente devia fazer alguma coisa com aquilo. Encontrar um caminho. Apressei-me ao longo da parede, seguindo o padrão até o fim, onde as cores vivas davam, mais uma vez, lugar à rocha nua. Voltei atrás: talvez houvesse uma abertura qualquer e eu não tivesse dado por ela. Porém, não encontrei nada, apenas aquele fresco suave, inteiro. Os azulejos tinham o dobro da altura de um homem e percorriam a parede ao longo de uns cinquenta passos.

Ouvi gritos além das árvores. A voz de Stoyan — graças a Deus estava vivo — e a de outros homens, mais perto, aproximando-se de mim. *Pense, Paula*. Tivera razão sobre os azulejos; a única maneira era ir até o fim da base do penhasco na esperança de encontrar uma gruta ou qualquer sinal de uma saída mais clara. Mas não tinha tempo. Eles estavam cada vez mais próximos. *Pense*.

Ouvi um estalar nos arbustos próximos. Apertei Cibele contra o peito e encostei-me aos azulejos. Um momento depois Stoyan irrompia deles com as roupas manchadas de sangue e suor, arquejante. Seus cabelos estavam soltos por cima dos ombros e dos olhos, como que uma nuvem escura, selvagem. Logo atrás Duarte,

ainda com as duas facas nas mãos. Os dois homens pararam na minha frente e olharam para os azulejos.

— Onde está o caminho? — perguntou o português, arquejante.
— Depressa, Paula!

Os sons de perseguição aproximavam-se. Meu coração parecia um martelo e minha mente encheu-se de terror. *Lembre-se, Paula, lembre-se. É uma erudita. Encontre aquilo de que necessita.* Olhei ansiosamente para o padrão na parede e algo que a velha me dissera, a parte que eu não compreendera, surgiu-me na mente. *Lembre-se do que em tempos foi o mais importante de tudo.*

— Paula — disse Stoyan subitamente com o olhar nos azulejos.
— Aquilo é a árvore. A árvore de Cibele.

Ficara muito confusa, deslumbrada, para distinguir uma árvore da outra na parede de azulejos. O búlgaro tinha razão. Cada ramo, cada folha e cada pequeno pássaro era igual à imagem que fizéramos no nosso tabuleiro de areia, a que fizéramos o possível

para memorizar. Os minúsculos padrões escondidos na orla decorada do manuscrito persa estavam ali numa ordem perfeita. A árvore de Cibele floria na parede, na nossa frente.

— Chegaram — disse Duarte. Dos arbustos saíram cinco ou seis dos homens de Irene, não correndo para nos atacar, avançando simplesmente para nós em semicírculo, de armas na mão. Meus dois companheiros viraram-se para eles.

— Paula — disse a voz de Irene, perfeitamente calma. Era como se estivesse me dando boas-vindas a mais uma visita de estudo, com o respectivo banho e um café. — Que esperteza de sua parte. Deve ser este o local. Ainda bem que você e o artefato chegaram aqui incólumes. Você tem muito potencial. Não gostaria nada de vê-lo terminado. Talvez seja o momento ideal de dispensar, finalmente, o guarda-costas de Paula, Murat. Sinto que não vai sair do nosso caminho. O pirata, não. Ele conhece o caminho. E tente poupar Paula. Ela é uma verdadeira erudita e é possível que venha a ser útil. Além do mais, vai mudar rapidamente de campo assim que perceber que somos pessoas sérias. Separe o búlgaro dos outros e deixe-a vê-lo morrer.

Estive quase pedindo a Duarte para lhe entregar a *Dádiva de Cibele*, mas teria sido errado. A demanda não podia acabar daquela

maneira, tão amarga. Tinha que cumprir a tarefa que me confiaram e esperar que Duarte e Stoyan cumprissem as suas. Enquanto ambos se moviam juntos, formando um escudo protetor entre mim e os atacantes, fiz um esforço e olhei para a árvore nos azulejos. Ouviu-se o tinir de metal e Stoyan emitiu um grito abafado. Precisei de toda a minha força de vontade para não me virar e lançar-me no conflito, num esforço fútil para ajudá-lo.

Um momento depois lembrei-me. *Lembre-se do que antes foi o mais importante de tudo.* O Outro Reino. A chave do novo portal. Tinham-me dado uma série de papéis e de manuscritos e sempre acreditara que, se Stela e eu trabalhássemos juntas, conseguiríamos encontrar outro portal e regressar. Porém, nunca conseguimos e após seis anos de tentativas, desistira. Porque nada neste mundo fora tão importante para mim como o tempo passado lá. *E fora onde vira o padrão.* Nos papéis, em algum lugar no complexo emaranhado de pistas, mapas e quebra-cabeças que os eruditos do Outro Reino me deram como presente de despedida, vira aquela árvore. Não admirava que tivesse me intrigado tanto na biblioteca de Irene.

— É uma porta — disse eu, ao mesmo tempo que Stoyan era forçado a recuar na direção das rochas por três atacantes. Duarte, tentando desesperadamente aproximar-se dele, estava sendo impedido por um Murat sem qualquer expressão no rosto. — Um portal secreto... — *Encontre o coração, porque é lá que está a sabedoria.* Estendi a mão para a árvore, imaginando que a sua forma redonda era Cibele, coloquei a mão exatamente onde seria, supostamente, o seu coração, fechei os olhos e rezei como nunca.

A porta se abriu. Todo o painel onde a árvore estava representada recuou, criando uma entrada suficiente para permitir a entrada de uma pessoa. Olhei para trás de mim. Stoyan perdera sua espada e estava de joelhos, defendendo-se dos três atacantes com a faca. Murat e Duarte lutavam pelo controle de um punhal.

— Agora! — gritei. — Agora, depressa! — mas meus companheiros não podiam me seguir. — Ajudem-nos! — acrescentei sem saber ao certo a quem estava me dirigindo, consciente apenas de que não poderia fazer aquilo sozinha.

O corvo levantou vôo da sua árvore com um vigoroso bater de asas e quando passou por mim transformou-se numa anciã vestida de negro, olhos intensos, rosto mortalmente pálido, braços estendidos na direção dos homens em luta, unhas compridas nos dedos longos, como garras de uma ave predadora. O pássaro guinchou com um som capaz de gelar o sangue do mais corajoso dos homens. Por um momento o choque paralisou-os. Os combatentes olharam para a velha, pálidos, e um deles benzeu-se.

— Agora! — repeti, apontando na direção da abertura escura revelada na parede rochosa. Stoyan levantou-se com um golpe rápido da faca e correu para mim. Duarte escapou de Murat e seguiu-o.

Sem uma palavra, passamos como raios pelo portal e entramos numa sombria passagem subterrânea. Um momento depois o corvo nos seguia, penetrando profundamente na montanha.

Em algum lugar, na nossa frente, vimos uma luz trêmula, talvez uma vela. Atrás de nós, no outro lado do portal, Irene dava ordens.

— Não pode fechá-la? — sibilou Duarte. — Não, esqueça. Continue correndo.

Corremos sem olhar para trás. Ouvi de novo a voz de Irene e também a de Murat e pouco depois ouvi um ranger, como se estivessem fechando a entrada, ou ela se fechando sozinha. O chão da passagem era de terra, o que abafava o som de nossos pés. A escuridão não era total, a tal luz trêmula continuava na nossa frente,

apesar de não vermos qualquer vela, lanterna ou archote. O caminho fez uma curva, subiu abruptamente, desceu e transformou-se numa escada íngreme que, chegada à base, se dividiu em três.

Parei abruptamente. Cada uma das vias estava iluminada pelo mesmo brilho estranho. Não sabia qual o caminho que o nosso guia, se é que podia chamar o corvo assim, tomara. *Use o seu engenho.* A minha mente recusava-se a cooperar. Não fazia a mínima idéia.

— Paula — disse Stoyan hesitantemente.

— Sim?

— A árvore. Acho que a árvore é o caminho.

— O quê?

— Um mapa. Colocou a mão num determinado ponto. Foi onde começamos: o coração. A árvore que desenhamos, a que está nos azulejos, é o mapa deste túnel subterrâneo. Estamos exatamente onde o tronco se dividia em três direções.

Lembrei-me dele me dizer, na noite em que desenháramos a imagem na areia, perscrutando o tabuleiro, que preferia ficar memorizando o padrão a dormir.

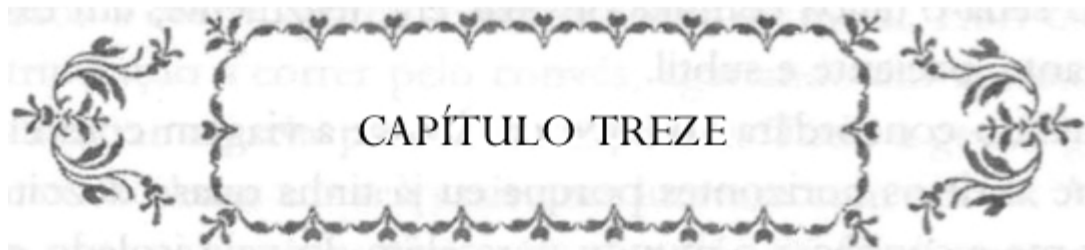
— *A coroa é o destino* — murmurei. — Temos que ir ao topo da árvore, ao ponto mais alto. Até que ponto se lembra da imagem?

— O suficiente, espero. Quer que eu vá na frente?

— Depressa — resmungou Duarte. — Eu só tenho uma faca e estou aqui atrás. Podemos correr?

Foi o que fizemos. As passagens foram ficando cada vez mais estreitas e o meu pesadelo engoliu-me mais uma vez. Stoyan corria na frente, agarrando-me a mão com força. Duarte vinha logo atrás. As paredes aproximavam-se e a luz diminuía. Quando fazíamos uma pausa para verificar uma curva, a segurança de uma escada desmoronada, o ruído de passos ou o murmúrio de vozes atrás de nós, lembrávamo-nos de que a morte estava apenas à distância de um batimento de coração.

Nossos perseguidores não se aproximavam, deixando-nos conduzi-los, talvez pelo som dos passos. Não sabia quantos nos seguiam. Subitamente lembrei-me de que fora Irene quem me dissera que Duarte iria em busca da segunda metade da *Dádiva de Cibele* assim que adquirisse a primeira. Devia ser o que ela queria: juntar as duas coisas, tal como ele. Talvez tivesse ido ao jantar de Barsam para tentar licitar, mas assim que soubera que a peça estava incompleta, deixara que fosse Duarte a fazer o trabalho por ela. Senti um arrepio na espinha. Irene quisera que fosse ele a comprar a *Dádiva de Cibele* para poder segui-lo e livrara-se do principal licitante na manhã em que o português fora à casa azul. Enquanto estava sentada bem na frente do seu nariz, os seus homens-de-mão atacavam meu pai na rua. Irene, em quem eu confiara. No meu pesadelo, meu inimigo era um monstro, uma coisa vinda das trevas. Ao recordar o olhar no rosto da grega, frio e implacável ao ordenar a morte de Pero, reconheci que aquele monstro humano era infinitamente mais assustador.

A decorative rectangular frame with ornate floral and scrollwork patterns on the sides and top and bottom edges. The text "CAPÍTULO TREZE" is centered within the frame.

CAPÍTULO TREZE

Emergimos, ofegantes, numa gruta, mais fria e mais escura do que as passagens que atravessáramos. Dei um passo em frente e Stoyan, com um grito súbito, agarrou-me por um braço e puxou-me.

— O que...? — protestei, mas vendo depois que no centro da câmara havia uma fenda profunda no chão de pedra, um abismo com três metros de largura e tão profundo que, quando me aproximei para espreitar por ele, vi apenas uma escuridão total. Do teto da gruta pendia uma corda grossa por cima do buraco, presa na parede bem junto de nós. Não, não era uma corda, era a raiz de uma árvore, talvez do tempo em que a própria Cibele andava na Terra porque só um ser gigante seria capaz de mergulhar tão fundo em busca de alimento. Estávamos num lugar muito velho; velho e poderoso.

— Santo Deus — murmurou Duarte. — Temos que nos agarrar a esta coisa para passarmos para o outro lado.

Os meus olhos começavam a habituar-se à escuridão e vi que, no outro lado, saíam três passagens da gruta. A meu lado, Stoyan olhava para elas e movia os lábios em silêncio, como se estivesse repetindo um padrão. Se a sua teoria estivesse correta, precisávamos nos lembrar de cada galho, de cada folha e de cada flor da árvore se quiséssemos percorrer aquelas grutas e aqueles túneis. Esperava que ele escolhesse o que nos permitisse chegar à aldeia da montanha com a *Dádiva de Cibele*; parecia-me que fora por essa razão que o corvo, a velha, nos guiara até ali.

Tentei não pensar muito no lugar onde estávamos. Descobria que não gostava muito de subterrâneos. Meus ossos sentiam o peso da Terra, respirava com dificuldade.

Ficamos em silêncio enquanto Stoyan tentava se lembrar do caminho certo. Para mim era o segundo da direita, mas decidi que só o diria quando ele fizesse a sua própria escolha. Parecia-me que o búlgaro tinha mais talento para aquele tipo de coisas e que, naquele caso, era provável que tivesse mais razão do que eu.

Stoyan clareou a garganta, mas foi mais alguém que falou, uma voz vinda de um canto particularmente escuro.

— Aqui não pode escolher — disse ela, lembrando-me uma tarde amena, a suavidade do creme, o cheiro da erva cortada recentemente. — Na minha câmara, a chave é o engenho. Qual de vocês vai tentar? Só um pode escolher.

Da sombra emergiu uma figura. Não era a velha vestida de negro que eu esperava, antes uma personagem menor envolta numa capa de pele pálida. O traje tinha um grande capuz e sob ele eu vi um par de olhos brilhantes, amendoados e misteriosos. As íris cintilavam, uma delas azul e a outra amarelo-dourada.

— Depressa — avisou a criatura. — Os outros vêm atrás de vocês. Se querem passar depressa, escolham o mais inteligente para fazer o teste.

Os dois homens olharam imediatamente para mim.

— Paula — disse Duarte — é a escolha óbvia. Ela fará, seja o que for. — Considerando a sua descrença confessa em tudo o que era sobrenatural, o português estava aceitando tudo muito bem, mas eu sentia seu nervosismo na voz. Sua descontração já não era tão evidente.

Lembrei-me das miniaturas: algumas eram gatos. Santo Deus, tínhamos que levar a cabo uma série de desafios antes de

continuarmos, fosse para onde fosse? As imagens dançavam-me em turbilhão na cabeça: uma figura pendurada em uma corda, outra a segurá-la, a menina que possivelmente não estava apanhando maçãs já que, assim parecia, estava num subterrâneo fazendo uma coisa muito mais difícil... Fixei-me na idéia de que meus companheiros tinham me escolhido como seu campeão e que respeitavam a minha inteligência, que confiavam em mim. Que os outros vinham atrás de nós e que, por isso, era melhor apressar-me.

— Estou pronta — disse eu à figura com aspecto felino, passando a *Dádiva de Cibele* a Duarte, para o caso de me acontecer alguma coisa. O português guardou-o na mochila.

— Muito bem — ronronou a criatura. — Três adivinhas, Paula, uma para cada viajante, mas é você que vai responder a todas. A cada resposta correta, um dos seus companheiros conquista a sua passagem. Eis a primeira:

Mais forte do que o ferro

Mais cruel do que a morte

Mais doce do que a Primavera

Vive para além do último suspiro.

— O amor — disse eu imediatamente, esperando que as outras fossem tão fáceis.

A criatura acenou na direção da raiz pendurada com uma mão cujos dedos humanos estavam envoltos numa luva de pele suave.

— O primeiro pode passar — disse ela solenemente. Esperamos e após um momento a figura felina repetiu o gesto.

— O primeiro tem que passar — disse ela.

Stoyan olhou por cima do ombro e emitiu um pequeno som. Seguindo-lhe o olhar, vi duas silhuetas emergindo da sombra do túnel. Um homem de turbante vestido de verde e uma figura estilizada de túnica e calças, com os cabelos presos no alto da cabeça. Dois, apenas. Bastaria ouvir as respostas para passarem para o outro lado num instante.

— Muito fácil — disse Irene, como se lesse meus pensamentos. A grega avançou com Murat logo atrás de si, como uma sombra.

— Alto! — a voz da criatura felina era autoritária. Irene ergueu as sobrancelhas. — Um de cada vez — disse ela, num tom que parecia mais um rugido baixo.

— Isso é tudo muito bonito — disse Irene, fria e senhora do seu nariz — mas... — subitamente a grega calou-se, olhando para o abismo e para a corda. — Espantoso — disse ela. — Tal e qual as miniaturas da biblioteca, as que a nossa pequena erudita descobriu misteriosamente... Que anda fazendo, Paula? O que é isto?

Ninguém respondeu. A criatura olhou para Duarte.

— Tem que passar — repetiu ela.

Duarte soltou a corda-raiz e testou-lhe a força. Seu olhar virou-se várias vezes para a nossa incomum mestre de adivinhas, mas não se demorou. Recordei a mim mesma que, dos três, só eu estava familiarizada com o Outro Reino. Sentia-me assustada e nervosa,

mas a criatura em si não me perturbava; vira coisas bem mais estranhas no meu tempo.

— Vá você primeiro, Stoyan — disse Duarte. — Eu levo a Paula.

— Eu a levarei — disse o búlgaro com um olhar obstinado, ao mesmo tempo que, tal como o português, lançava olhares furtivos à figura encapuzada. — Ela não conseguirá passar sozinha. É preciso ter muita força nos braços e nos ombros. Eu a seguro e passaremos juntos.

— Tem que ir agora ou perde a oportunidade — disse a criatura felina. — Um de cada vez. É a condição.

— Eu sou marinheiro — disse Duarte, entregando a corda a Stoyan. — De cordas entendo eu. Além do mais, como está o seu ombro? E tem que apanhá-la quando ela chegar lá. Vá.

— Ombro? — perguntei, alarmada. — Está ferido, Stoyan? — Suas roupas estavam tão manchadas de sangue como as de Duarte, de modo que era impossível dizer se algum dos dois, ou ambos, tinham sido feridos no combate. Como eram capazes de falar, correr e tomar decisões, achei que o sangue fosse dos inimigos.

— É só um arranhão — resmungou Stoyan. — Não é nada. — De dentes cerrados, o búlgaro agarrou a corda, recuou alguns passos para ganhar balanço, correu e saltou. Meu coração só voltou a bater quando ele chegou são e salvo ao outro lado e devolveu a corda.

Presente de um corvo

Cortante como uma lâmina

Negro é o seu fardo

A sabedoria é o seu ofício.

A criatura olhou para mim com seus estranhos olhos luminosos e eu fiz o mesmo, pensando intensamente. Corvo. Que coisas que os corvos davam?... Uma pena... *Negro é o seu fardo...* uma pena preta... Não, qualquer coisa transportada por uma pena, qualquer coisa usada para criar sabedoria...

— Uma pena para escrever — disse eu. As penas de corvo eram as mais usadas já que eram fortes e relativamente fáceis de conseguir. Tinta preta, palavras de sabedoria... As adivinhas eram

fáceis para uma erudita como eu. Talvez a criatura quisesse mesmo que eu acertasse.

— Muito bem — disse ela, olhando para Duarte. — Vá. Não se atrase. O tempo urge.

— Paula, tem que ir a seguir — disse o português, fazendo qualquer coisa na corda. — Não vou deixá-la ficar para o fim — acrescentou ele, olhando para Irene e Murat.

— Agora vai você — disse a criatura, desagradada. Sua voz já não era suave. — Quem responde às adivinhas é ela. Vocês a escolheram. Ela é a última. Vá!

— Não a deixarei aqui sozinha — protestou Duarte. — Aquela gente quer lhe fazer mal!

— Vá ou perde o direito de passagem. — A voz era implacável.

— Vá — murmurei.

A expressão do pirata era de aflição.

— Desculpe — disse ele. — Veja, fiz um laço aqui. Quando chegar a ocasião, ponha o pé aqui. Será mais fácil assim. Veja como eu faço. Quando chegar a sua vez, tente fazer o mesmo. Não tenha medo que nós a apanharemos — acrescentou ele, mais confiante do que parecia.

— Vá, Duarte. Vamos acabar com isto — disse eu sem me atrever a olhar para o outro lado, para Stoyan.

O português, tal como dissera, entendia de cordas. Recordei a sua primeira imagem no convés do *Esperança*, desprendido, inclinado sobre as águas turbulentas do mar Negro, segurando-se descuidadamente com uma mão e estendendo a outra para apanhar o meu lenço em pleno ar. Como se partilhássemos o mesmo pensamento, Duarte levou a mão ao tecido vermelho que lhe aparecia no cinto e sorriu-me, mostrando as covinhas. O pirata agarrou a raiz da árvore, recuou, correu, meteu o pé no laço e saltou com toda a facilidade, caindo agilmente ao lado de Stoyan e devolvendo-me a corda. Apanhei-a e preparei-me. Paula, a estudiosa. Paula, que não era ágil nem forte. Bem, se conseguira passar a ponte, também seria capaz de fazer aquilo.

— Diga-me qual é a última adivinha, por favor — disse, tentando não pensar no que me esperava. Imaginação demais podia ser uma desvantagem em tais situações, não queria pensar no que poderia haver naquele poço escuro.

Protege o marinheiro e a sua tripulação

Na mais terrível tempestade de Inverno

Atrai o viajante para casa

Ao lugar onde nasceu

Mantém o erudito sempre a trabalhar

Apesar da sabedoria ser difícil de encontrar

Consola os cansados, amaina a dor

E acalma a mente perturbada.

Irene caminhava na minha direção, decidida. Murat seguia-a com a faca na mão. A criatura felina parecia não ter intenção de impedi-los. Eu não sabia qual era a sua intenção. Certamente não era me matar. Irene não dissera que a minha cabeça era uma mina de informações? Mas talvez, após a terceira adivinha, já tivesse todas que precisava. Talvez, depois, me tornasse supérflua.

— Toque-a e a sua vida passa a ser medida em minutos e não em dias! — gritou Duarte do outro lado do buraco.

Stoyan não disse nada. Seus olhos cor de âmbar estavam fixos em Murat com uma expressão verdadeiramente assustadora. O búlgaro ergueu uma mão acima do ombro numa pose guerreira,

plena de propósito, mortal. Nela tinha uma pequena faca, pronta para voar.

— Espere, Murat — disse Irene sem erguer a voz, parando a três passos de mim. — Não vai responder à adivinha por nós, Paula? Deve saber a solução. Você sabe tudo, não sabe? — acrescentou a erudita grega.

Hesitei com o coração a bater como um martelo. Responder como? Era uma adivinha que podia ter várias respostas, qualquer uma delas errada. Um truque? Não perguntara o que aconteceria se não acertasse uma delas. Ficaria para trás? E se Irene adivinhasse no meu lugar? Clareei nervosamente a voz.

— Tem uma resposta para mim? — perguntou a criatura felina.
— O tempo urge. Tem outros desafios pela frente.

— Não me desaponte, Paula. — A voz de Irene era quase amigável. Quando olhei para ela, vi o sorriso astuto com o qual ela acompanhava geralmente os seus pequenos comentários sobre a

minha ingenuidade a respeito dos homens ou o meu desconhecimento sobre a moda. — É uma garota tão inteligente. Odeio vê-la desperdiçar os talentos e a frescura num tolo como Duarte Aguiar. Agora seria a altura ideal para mudar de aliança. Responda à adivinha e venha para junto de mim e de Murat. Deve saber por que razão estamos aqui. Com o seu talento para resolver enigmas, deve ter percebido rapidamente. Eu estive quase lhe confiando o segredo, sabe? Senti-me tão tentada na primeira vez que visitou o *hamam*! Convidá-la para se juntar à nossa irmandade, mas ainda era muito cedo... Você iria adorar, Paula. Eu preciso de uma assistente, de uma garota inteligente a quem possa ensinar os rituais... Alguém que possa partilhar comigo a rara e perigosa emoção de derrotar os mais poderosos dos homens... Alguém que, com o tempo, aprenda tanto a gostar de ser chefe como eu. O seu pai a deixaria ficar. Uma oportunidade para continuar em Istambul vivendo com uma matrona respeitável, estudando a cultura da Anatólia... Aceite, Paula. Largue esse pirata e esse búlgaro bruto.

Tentei absorver o que ela estava me dizendo, ao mesmo tempo que outra parte de minha mente lutava febrilmente contra a adivinha.

— Diga-me uma coisa — comecei eu — foi você que mandou bater no meu pai para que Duarte pudesse licitar sozinho a *Dádiva de Cibele* e conduzi-la a este lugar? Fingiu-se minha amiga só para poder ir ao jantar de Barsam sem revelar que era compradora? Para quê tantos segredos? Porque não licitar como outra pessoa qualquer?

Irene sorriu lentamente.

— É mesmo rápida, Paula — disse ela. — E observadora. Eu vi a miniatura, mas só percebi que o artefato estava partido quando você disse. Daria tudo para saber como aqueles manuscritos atraíram sua atenção quando eu mesma não dei por eles na minha coleção. — Sua voz mudou abruptamente. Seus olhos brilharam com uma emoção nova, algo intenso e perigoso. — Por direito a estatueta é minha — disse ela. — Eu sou a sacerdotisa de Cibele em Istambul. Fui eu quem ressuscitou o seu culto; fui eu quem atraiu várias mulheres de diversas culturas e níveis sociais ao templo que fundei, um templo secreto no interior das paredes seguras de minha casa. Não acha que essas mulheres só me visitam para estudar, conversar e gozar o meu *hamam*, não é? Isso é o que as visitantes como você vêem... mulheres cujo valor ainda está em análise e mulheres como a sua conhecida Maria, que vão lá inocentemente sem conhecer o verdadeiro propósito do meu estabelecimento. De fato, quase tropeçou no segredo logo no primeiro dia em que estive no *hamam*. Quando as mulheres estavam falando do interesse do *mufti* no nosso culto... ainda bem que o seu turco não é tão bom como o seu grego, ou teria compreendido tudo. Assim que percebemos que estava acordada, alteramos a conversa. Sabia que queria ouvir o nome de Cibele, queria que ficasse intrigada, excitada, ansiosa para voltar.

— Não acredito — disse eu lentamente. — Você devota de uma deusa pagã? Eu sei que sempre defendeu a liberdade das mulheres, mas... — era difícil de aceitar. Sua elegância, sua sofisticação, suas maneiras suaves... nada de acordo com a Cibele selvagem, rude, com os seus rituais sangrentos e sua afinidade com os animais. Não havia amor ou reverência na voz de Irene quando pronunciava o nome da deusa. — Um templo onde...?

— Por trás da biblioteca existe um santuário secreto, onde levamos a cabo os nossos rituais. Que melhor lugar para mostrar a *Dádiva de Cibele*? Por que razão aquele pirata há de levar um símbolo tão poderoso? Atravessar uma montanha com ele para pagar uma dívida? Que tolice! As pessoas dessas aldeias não sabem apreciar coisas tão preciosas. A estatueta se partirá em pedaços e ficará esquecida no espaço de uma geração. Ou Duarte fica com ela e vende pelo melhor preço. Não podemos permitir que isso aconteça, Paula. A *Dádiva de Cibele* me pertence. Junte-se a mim e com o tempo ela poderá pertencer a você: a estatueta, o culto, o poder. E a excitação sem paralelo do jogo, uma verdadeira batalha de vontades. De um lado o xeque ul-Islão e os outros chefes da religião estabelecida na cidade; no outro eu mesma, uma simples mulher infiel presidindo rituais que fariam seus cabelos ficarem brancos se pudessem estar presentes. Eu estou sempre um passo à frente, sempre fora de seu alcance. Qual é a garota inteligente que resiste a uma coisa assim?

Chegada ao fim daquele discurso extraordinário, Irene olhou para Murat e eu o vi sorrir pela primeira vez desde que o conhecera.

Um sorriso pequeno, terno, íntimo e por um momento, quando o eunuco olhou para ela, seus olhos azuis gelados aqueceram-se. Apenas por um momento. O sorriso desvaneceu-se e seus olhos se tornaram distantes de novo. Quanto a mim, tinha dificuldade em assimilar o que acabava de ouvir. Era tudo falso, uma fachada: a biblioteca, o *hamam*, a bela senhora famosa pelas suas obras de caridade e por trás um templo secreto, no qual o culto da deusa das abelhas era levado a cabo debaixo dos narizes da religião estabelecida em Istambul, talvez com o simples divertimento de Irene como propósito.

— É melhor responder à adivinha — disse Irene em tom leve — ou ficaremos aqui o dia todo. Os seus homens estão ficando cada vez mais agitados. Detestaria que um deles começasse a nos atirar coisas.

Virei-me para a criatura encapuzada.

— O que acontece se eu não acertar? — perguntei. — Não posso passar para o outro lado?

Seguiu-se a visão de dentes pontiagudos por baixo do capuz.

— Cai — disse a criatura num tom de absoluta certeza. — E agora responda — acrescentou ela, olhando na direção de Irene. — Para os que se seguem — concluiu ela — não há adivinhas.

Como estudiosa aprendera a concentrar-me, apesar de tal capacidade me ter fugido uma ou duas vezes durante a viagem até àquele local. Abstraí-me das revelações espantosas de Irene; abstraí-me de Murat, que matara um homem bom naquele dia. Pus Stoyan e Duarte de lado; nem sequer pensei na *Dádiva de Cibele*. Fechei meus pensamentos sobre a adivinha e sobre suas três possíveis respostas: confiança, fé, esperança. Algumas partes seriam mais bem servidas pela primeira e outras pela segunda, mas, de fato, só uma delas dava para a adivinha toda. Tinha que estar certa. Se não estivesse, iria parar no fundo do abismo.

— Esperança — disse eu.

Seguiu-se um momento de silêncio carregado e depois a criatura disse calmamente:

— Vá.

Respirei fundo. Então, sem me atrever a pensar, agarrei a corda, recuei e lancei-me sobre o buraco. Duarte gritava-me instruções, mas eu não estava olhando para ele. Stoyan voltara a meter a faca na bainha e estava no outro lado como uma rocha, de braços estendidos para me apanhar, com a angústia e o terror nas feições largas. Se caísse ele falharia, tal como falhara com Salem bin Afazi e com o meu pai. Não podia cair; despedaçaria seu coração.

Meti o pé no laço e lancei-me no espaço. Tudo Durou um bater de coração. No momento seguinte estava de novo no chão, sã e salva, com os braços fortes de Stoyan a me agarrarem e com Duarte a desapertar o laço. O pirata ficou com a raiz da árvore na mão, olhando para o buraco. A criatura felina falava calmamente com Murat e Irene.

— Evidentemente — brincou Duarte, enquanto Stoyan afastava meus cabelos dos olhos com dedos gentis — posso pendurar a corda neste lado, fora de alcance, ou largá-la para que ela fique a meio caminho.

— Acho que isso seria trapacear — disse eu, trêmula. — Tenho certeza de que, se quisermos chegar ao fim, devemos seguir as regras mesmo que, por vezes, nos pareçam injustas.

O pirata atirou a corda para o lado oposto do abismo. Nem um músculo se mexeu no rosto de Murat quando ele a apanhou. Irene estava dizendo qualquer coisa à criatura encapuzada. Imaginei que já estava respondendo às adivinhas.

— Segunda à direita — disse Stoyan, pegando-me a mão. — Anda!

Corremos. As passagens foram-se tornando cada vez mais estreitas, de esquinas cada vez mais aceradas, cada vez menos iluminadas. Eu me agarrava a Stoyan como se ele fosse uma bóia

salva-vidas. O chão por baixo dos nossos pés mudou. Ouvimos uma corrida precipitada, um restolhar, como se muitos animais minúsculos se movessem ao longo da passagem ao nosso lado, por cima de nós, sob os nossos pés. Escorreguei e derrapei, batendo com o cotovelo na parede de pedra. Atrás de mim, Duarte praguejou. A mão confiante de Stoyan, porém, continuava me puxando para a frente. Eu estava sem fôlego, encharcada em suor, sentindo o peso dos rochedos, perguntando a mim mesma de onde vinha o ar e se duraria. Então, subitamente, ficou tudo escuro.

Uma coisa é a escuridão de uma noite sem lua, outra é a escuridão de uma casa com as janelas fechadas e as lanternas apagadas e outra é a escuridão do sono, revelada pelas imagens dos sonhos. Porém, nenhuma delas é tão completa, tão esmagadora, tão aterrorizadora, como a derradeira escuridão de um subterrâneo.

A mão de Stoyan agarrou com força a minha. O búlgaro abrandou o passo mas continuou a andar e eu não tinha outra opção senão segui-lo. Os sons precipitados pareceram aumentar. Algo zumbiu ao meu ouvido e algo passou pelo meu rosto, raspando pelo olho. Pernas longas e finas subiram pelo meu pescoço, pelas mãos, pelo interior de minha túnica. O pânico tomou conta de mim, impedindo-me de respirar. *Faça com que eles parem. Faça com que eles parem. Tenho que sair daqui.* O meu bom senso desapareceu. O coração começou a bater no peito como um tambor. Emiti sons que não eram palavras, soluços que, noutra ocasião qualquer, me teriam enchido de vergonha.

— Estou aqui, Paula. — A voz de Stoyan era firme, assim como o aperto de sua mão. — Não largue. Eu a guiarei.

— Não posso — guinchei, desprezando a minha fraqueza. — Odeio isto, odeio a escuridão...

Stoyan praguejou, cambaleou e largou minha mão. Senti-me gelar. Se aquilo era o desafio seguinte, ficar sozinha na escuridão total, não conseguiria. Não podia ficar ali, não podia suportar nem mais um momento...

— Paula? — a voz de Stoyan vinha de algum lugar mais à frente e mais abaixo, muito menos firme. — Duarte? Está aí?

Uma mão pousou em meu ombro. Dei um pulo violento.

— Sou eu, Paula — disse o português. — Stoyan, onde você está? O que aconteceu?

— Uma queda. Cuidado. Agarre a mão de Paula e continue lentamente. — Um pouco depois o búlgaro continuou: — Parece que é um beco sem saída.

Santo Deus. Aquele caminho outra vez e Murat à nossa espera com os seus olhos sem expressão e o arco.

— Não pode ser — disse eu num fio de voz, à medida que a escuridão aumentava ainda mais. — A não ser que tenhamos vindo pela passagem errada.

— Só um momento.

Voltei a respirar quando Stoyan falou. Ouvia-o se mexendo num nível inferior da gruta. Não avancei. Sentia a borda do precipício, mas não sabia quão profundo era. Duarte tinha um braço por cima dos meus ombros. O calor humano mal continha a histeria cada vez mais próxima.

Muito escuro, muito escuro...

— Duarte? Paula? — a voz de Stoyan vinha de outra direção, mais à direita e muito mais abaixo. — Acho que há uma passagem. Mas é apertada. Vejo alguma coisa lá no fundo. Duarte, vai ter que ajudar Paula a descer. Não a largue. Siga a minha voz.

Duarte desceu e ajudou-me a descer. Mão na mão, atravessamos uma gruta mais aberta, seguindo as instruções de Stoyan. A escuridão continuava a ser absoluta. Pareceu-me ouvir passos atrás de nós, mas não, apenas o sussurro de muitas asas pequenas, a fuga precipitada de patas minúsculas, o som ocasional de algo a esmagar-se por baixo dos meus pés. Os meus cabelos

estavam cheios de teias de aranha, caíam-me pelo nariz e boca e eu as afastava.

— Estou aqui — disse Stoyan. Sua mão me tocou e eu a apanhei. — O tal lugar é na base da parede da gruta. Aqui, ao meu lado. Se me deitar no chão, vejo uma luz fraca. A passagem é estreita, só dá para rastejar. Você consegue passar facilmente, Paula. Duarte também deve conseguir. Eu vou por último.

Abaixei-me e ele guiou minha mão até o que parecia ser uma abertura minúscula na parede de pedra. Deitei-me, espirei para o escuro e tive a impressão de ver uma luz fraca, criada unicamente pelo nosso desejo de sair dali, de podermos ver, de podermos respirar.

— É mesmo apertado. E a *Dádiva de Cibele*?

— Chegou a hora de deixarmos algumas coisas para trás — disse Duarte. — Quando chegar, Paula, estenda a mão e eu lhe passo a estatueta. Depois...

— Depois o quê?

Ouvi os dois homens tirarem as mochilas e retirarem coisas do interior: rações, cobertores, utensílios para fazer fogo.

— Ouviram o que Irene disse? — murmurei para a escuridão. — O culto... Ela disse que era a chefe do culto de Cibele...

— Ouvi — disse Duarte enquanto esvaziava o saco. — Amaldiçoei-me por não ter percebido antes. Se for verdade, ela é uma especialista em disfarce. A sua reputação como pilar da comunidade ajudou-a, sem dúvida. Não admira que o *mufti* não descobrisse; nunca lhe passou pela cabeça revistar sua casa. O marido dela é seu amigo pessoal.

— Pergunto a mim mesma o que as seguidoras dela pensariam se soubessem que ela estava disposta a matar pela *Dádiva de Cibele* — disse eu, recordando as mulheres do *hamam*, extremamente normais e amigáveis. Irene sugerira que o perigo de zombar das autoridades era a parte mais excitante de tudo. Como era possível o marido não saber que ela praticava uma religião secreta na sua própria casa? A mulher devia estar apaixonada pelo perigo.

— Não tenciono entregar-lhe, Paula — disse Duarte. — Pronta?

— Fique com a faca — disse-me Stoyan. — Não a perca ao rastejar.

— E reze para que seja esta a passagem certa — acrescentou Duarte.

Deitei-me outra vez e meti-me pela estreita abertura. Se sobrevivesse, se ultrapassasse aquilo tudo, a pele branca de neve que Irene tanto me admirara, ficaria cheia de arranhões. E se Stoyan estivesse enganado e aquilo não fosse dar em lugar nenhum? E se

ficasse presa? O túnel fazia uma curva. Tentei adaptar o meu corpo à curvatura. Uma aresta de pedra enterrou-se em minha anca, fazendo-me arquejar de dor. Como faria para pegar a *Dádiva de Cibele*? Até onde, até conseguir sair daquele buraco? Ordenei asperamente a mim mesma que não pensasse na possibilidade de continuar até ficar exausta, a ponto de não poder continuar nem voltar para trás. Também não queria pensar como Stoyan conseguiria, um homem musculoso, passar por aquele espaço minúsculo.

Então, finalmente, luz. Oh meu Deus, nunca me sentira tão grata por ver luz. A princípio um brilho difuso que aumentou à medida que fui avançando, um resplendor gradual, uma luz vacilante, o brilho dourado de uma lanterna. Finalmente o túnel abriu-se e eu entrei numa gruta a rastejar, aos soluços, numa posição indigna, levantando-me, passando os dedos trêmulos pela túnica toda rasgada de Duarte. Estava num espaço bem maior do que aqueles por que passáramos antes. Havia lanternas nas paredes e um brilho estranho, ondulado, ao longo do teto em forma de abóbada. No momento não importava. Estendi-me de novo ao comprido.

— Duarte! Consegui passar. Venha!

A coragem voltara com a luz. Sabia que não podia ficar ali muito tempo saboreando o alívio. Tinha que voltar a entrar na abertura. Duarte, com os seus ombros largos, não conseguiria chegar a curva com a *Dádiva de Cibele*. Dessa vez percorri a distância mais depressa, chegando ao local antes dele, gritando-lhe instruções para a parte mais difícil de modo que, quando as nossas mãos se tocaram, ele me entregou o artefato ainda embrulhado no pano ao longo da curva. Recuei, roçando os cotovelos, enquanto tentava afastar a *Dádiva de Cibele* das pedras aceradas. Pouco depois Duarte emergiu na caverna com as roupas tão esfarrapadas como as minhas. Trocamos um olhar, espelhando nele o alívio por nos vermos sãos e salvos e o receio pelo nosso companheiro mais corpulento. Duarte tirou o lenço vermelho da cinta e atou-o ao pescoço.

— Fale com ele — disse o pirata. — Diga-lhe coisas. O heroísmo despropositado dele tem a ver com você. Diga-lhe que não consegue sem ele. Que tem que passar, nem que tenha que quebrar um osso ou dois.

— Heroísmo despropositado? — repeti, ultrajada por Stoyan. Porém, as palavras de Duarte faziam sentido. Estendi-me ao comprido junto da entrada do túnel com uma voz estranha a ecoar na grande gruta: — Pode vir agora, Stoyan! Não é longe. Só uma parte não é reta, tem que se torcer um bocadinho para passar. Já temos a *Dádiva de Cibele*. Vai conseguir passar. Estou bem na saída... — tentei manter um tom o mais tranquilizador possível, apesar do coração me vacilar ao pensar no meu amigo preso a meio caminho e do que nos esperava se isso acontecesse. Ouvia-o

progredindo lentamente, ofegando. Estava demorando muito tempo. Muito.

— Está chorando — observou Duarte.

— Cale-se — resmunguei, deitando-me de novo e gritando: — Stoyan! Você consegue. Preciso de você! — a minha voz quebrou-se.

— Não posso continuar sem você. — Olhando para cima, apanhei um sorriso fugitivo nas feições de Duarte. — Por favor, por favor — murmurei, apertando a *Dádiva de Cibele* contra o peito. — Faça com que ele passe. Salve-o. Ele não merece o que está acontecendo.

— Nenhum de nós — observou o pirata. — Mas todos temos o que merecemos, por alguma razão. E olhe, finalmente o nosso amigo. Suas preces foram ouvidas.

Ajudamos Stoyan a sair. O búlgaro, tentando recuperar o fôlego, tinha arranhões piores do que os meus. Lutei contra a vontade de me abraçar a ele e encher seu rosto de lágrimas.

— Peço desculpas — arquejou ele. — Fui muito lento. E agora?

Enquanto ele se endireitava, ouvimos uma voz vinda de cima, uma voz rouca que fazia lembrar latão polido, sedas diáfnas e o odor pungente de especiarias.

— Viajantes, aproximem-se do seu destino. Um novo desafio espera por vocês.

O chão daquela gruta era inclinado; começava a subir do lugar onde estávamos e ia dar numa plataforma meio escondida por uma franja de raízes antigas, castanhas e cinzentas. As lanternas eram estranhas, luziam sem pavio visível e a sua luz não aliviava o frio terrível que se fazia sentir. Ouvi um gotejar e quando chegamos ao

topo vi que a plataforma escondida ia dar numa câmara mais alta cujo solo reverberava de água azul-esverdeada. Ali o teto era mais baixo, talvez o dobro da altura de um homem e ouvia-se um som curioso, um zumbido.

Nas rochas que orlavam aquele lago subterrâneo estava a fonte das nossas instruções: não era um homem ou uma mulher ou uma criatura como a que encontráramos antes, era algo que parecia feito de fumaça, bruma e ilusões, uma coisa que rodopiava, mudava, que se contorcia, que assumia várias formas, mas eu semicerrei os olhos e distingui, vagamente, a forma de um homem corpulento de aparência turca, de calças bufantes, camisa larga e cafetã com uma jóia a brilhar, sempre aparecendo e desaparecendo, como se não quisesse que o vissemos.

— Um *djinn* — murmurou Stoyan.

Provavelmente tinha razão. Eu lera histórias nas quais apareciam tais mágicos, geralmente por serem acidentalmente chamados por um humano ao polirem uma velha lâmpada misteriosa ou ao desenvolverem uma garrafa proibida, mas não me lembrava se gostavam ou não de ajudar.

— Quem é você? — perguntei, consciente de que mostrara o meu pior lado durante a última provação e determinada a começar o melhor possível daquela vez. — Qual é o desafio?

— Temos que continuar — murmurou Duarte, meio virado para mim, meio virado para o *djinn* para o qual, aliás, não podia deixar de olhar. — Não queremos ofender ninguém, mas não compreendo por que razão existem tantas barreiras ao nosso progresso. É preciso fazer o quê para passarmos, desta vez?

Lembrei-me das miniaturas. O gato, as adivinhas e a corda. Que viria a seguir?

— Esta tarefa é para dois — disse o *djinn* com a sua voz vaporosa, com os braços a desaparecerem rapidamente na direção do lago. — Escolham os de maior confiança, os capazes de trabalhar melhor em equipe. O terceiro não precisa passar por este teste.

Duarte e Stoyan tinham estabelecido tréguas precárias e a confiança recente entre o primeiro e eu era muito nova para ser testada.

— Tem que ser Stoyan e eu — disse, olhando para os dois homens.

Um rubor carmesim espalhou-se pela pele pálida do búlgaro, que não disse nada.

— Mas... — começou Duarte, olhando de mim para Stoyan e vice-versa e acrescentando para o *djinn*: — Isto não é nada razoável. Nós precisamos, primeiro, saber qual é a tarefa. Se for um teste de força, queremos que Paula fique de fora.

— Aqui, as regras não são feitas por vocês — disse solenemente o *djinn*. — Sua demanda trouxe seus companheiros aqui. Ou eles te ajudam ou te entravam. A decisão está tomada.

— Portanto, sabe por que razão estamos aqui. Então não entendo estes obstáculos no nosso caminho. Qual é o propósito...

— É exigido — disse o *djinn*, gesticulando com sua mão incorpórea. — É assim.

— As coisas são assim no Outro Reino — disse eu em voz baixa.
— Eles adoram testes e mais testes.

Havia uma pequena barca no lago, atada à plataforma, que parecia instável. Não me lembrava de nada parecido nas miniaturas.

— Controle — disse o *djinn*. — O barco deve ser conduzido pela gruta. Além está uma vara para propulsioná-lo, o que exige força.

Parecia duvidosamente fácil, algo que Stoyan era capaz de fazer de olhos fechados.

— E? — perguntei.

O *djinn* pareceu sorrir, em algum lugar no interior da forma vaporosa de sua rotunda expressão.

— Controle — repetiu ele. — Você traz a deusa para casa. Ela não pode ir sem um séquito, sem uma escolta. Encontre-a aqui, na caverna do lago. Enquanto o seu companheiro conduz o barco, junte-a.

— Juntar? — a minha voz transformara-se num murmúrio. A deusa das abelhas. Uma escolta. Recordei a miniatura: a imagem de Cibele e a sua cabeleira selvagem, cheia de insetos voadores. No alto, o estranho zumbido ecoava pela gruta. — Está dizendo juntar... abelhas? Como?

Novamente o pesadelo, a sensação de animais no rosto, nos ouvidos, descendo-me pela garganta... O meu estômago revoltou-se

— Como é que ela chegará a elas? — Duarte estava olhando para o teto da gruta. — É muito alto, mesmo para o mais alto dos homens. Além do mais ficaria toda picada. Não pode pedir a Paula que faça uma coisa dessas!

— Chhh — disse eu, engolindo o enjôo físico e o pânico. — Tem que ser; é assim que as coisas funcionam. Se tenho que passar sem ser picada até à morte, então vou passar. Stoyan, no dia em que apareceu correndo no *hamam* de Irene, eu estava pensando em procurar outra imagem. Sonhara com ela na noite anterior. Pensei que a menina estava apanhando frutas, mas agora já sei que não. — Curvei-me e tirei as botas.

Como se aquilo não fosse já por si complicado, o *djinn* insistiu que levasse a *Dádiva de Cibele* comigo, talvez para impedir que Duarte abandonasse seus amigos malucos e fugisse com o artefato, deixando-nos com uma tarefa supostamente impossível. Fiz um laço com o pano em volta do meu cinto, para que a estatueta ficasse suspensa na cintura. Stoyan entrou no barco. A embarcação oscilou selvaticamente sob o seu peso, até que o búlgaro conseguiu equilibrá-lo com as pernas afastadas.

— Já entendeu o que vamos fazer, não? — disse eu, olhando para ele. Enquanto falava, ouvi sons na gruta inferior: vozes, passos. Acreditara que a corrida pela escuridão e pela passagem odiosa e serpenteante através das rochas tivesse derrotado nossos perseguidores, mas parecia que não. Irene era tão determinada quanto nós. E mais alta do que eu.

— Sei o que tenho a fazer e não gosto nada — disse Stoyan através dos dentes cerrados. Sentia-lhe a insegurança na minha própria barriga.

— Tome — disse eu, pegando a vara com a qual o barco ia ser guiado e encostando-a ao ombro. A outra parte ficou metida na

água. — Assim que me agarrar, não pode se curvar para apanhá-la. Não sei como fazer a parte seguinte...

— Paula — disse Duarte em tom incrédulo — não pode ir... — disse ele, calando-se quando viu que eu iria.

Entrei no barco. Stoyan agarrou minhas mãos e subi em seus ombros. Não foi um desempenho particularmente elegante, mas a sua força e o meu peso ligeiro tornaram a operação mais fácil do que à primeira vista. Além do mais havíamos praticado manobras semelhantes quando treináramos seqüências de combate. Tudo servia para ajudar.

A parte seguinte foi a mais difícil. Eu não era nenhuma acrobata e não gostava do aspecto da cor esquisita da água ou das sombras longas que via mexerem-se nas profundezas. Sentada nos ombros de um homem alto que por sua vez estava em pé dentro de um barco oscilante já era, por si só, um grande desafio. O teto da gruta continuava muito alto. Larguei as mãos de Stoyan e segurei-me à sua cabeça. Tremulamente levantei uma perna e depois outra, até ficar acororada. Depois, enquanto Stoyan me agarrava os tornozelos, tirei as mãos e fiquei de pé. O barco inclinou-se e Stoyan ajustou o equilíbrio. Abri os braços, tentando ignorar a agitação no estômago. E também as abelhas.

— Estou pronta — murmurei.

— Deus Todo-Poderoso — disse Duarte da margem, benzendo-se.

Oscilei quando o búlgaro afastou a mão direita e quase caí quando ele tirou a esquerda; não poderia propulsionar o barco se não pudesse agarrar a vara. Stoyan teria que usar toda a sua perícia se quisesse manter uma rota controlada e manter a embarcação o mais estável possível. Competia-me manter-me ereta e não cair.

Afastamo-nos lentamente pelo lago afora, deixando Duarte e o seu estranho companheiro na margem. Pensei ouvir o *djinn* dizer nas minhas costas:

— Tem que completar a sua tarefa, marinheiro.

A luz aquosa ondulava à nossa volta, lançando sombras estranhas sobre as paredes de pedra. *Não olhe para baixo*, ordenei a mim mesma. *Endireite as costas. Não dobre os joelhos.*

— Respire devagar, Paula — disse Stoyan. — Estou vendo alguma coisa se mexendo lá em cima. Vou me dirigir para aquele canto. — Ouvia-lhe a respiração compassada, tentando manter-se calmo. O seu corpo parecia uma corda de piano, sentia-o através das solas dos pés. — Se for picada, se sentir dor, diga-me. Não é absolutamente necessário continuarmos com isto.

— Hum — consegui dizer. Era evidente que necessitávamos continuar. Se falhássemos, de que teria servido tudo? Estávamos quase lá. Se Cibele precisava de uma procissão triunfal completa, com insetos e tudo, então tínhamos que arranjar uma.

O zumbido tornou-se mais alto. Quando Stoyan mergulhou a vara no fundo do lago para parar o barco, levantei a cabeça e olhei.

Errado: desequilibrei-me e quase caí, ao mesmo tempo que sentia uma vertigem.

— Estenda lentamente o braço para cima — disse Stoyan. — Cuidado. Nestas águas as correntes são esquisitas. Posso não conseguir agüentar assim durante muito mais tempo.

Sem olhar, levantei uma mão. O meu rosto imitou-a, à espera de picadas. Senti um movimento suave ao redor dos dedos e quando os desci tinha uma única abelha neles. A luz suave da caverna tocou em cada minúsculo pêlo do corpo, um pequeno milagre de castanhos e dourados. Levei a mão ao ombro, o inseto subiu para minha túnica e instalou-se aparentemente com todo o propósito.

— Escute — disse Stoyan. — O zumbido parou, mas estou ouvindo outra coisa qualquer.

Eu levantara de novo as duas mãos, tentando vislumbrar o que havia acima de mim sem ter que levantar a cabeça, mas as abelhas continuavam a não descer.

— Não chego até lá em cima e só tenho uma — disse eu. — Se tivesse uma rede ou outra coisa parecida...

— Não consigo agüentar o barco aqui durante muito mais tempo, Paula. A corrente é muito forte. — De fato estávamos nos afastando rapidamente. Os esforços de Stoyan com a vara eram inúteis contra a força da água. Se o búlgaro mergulhasse a vara com força demais, eu cairia já que estava tentando me manter ereta. O barco encaminhava-se, sozinho, para o outro extremo do lago, cada vez mais depressa.

As mãos de Stoyan agarraram-me de novo os tornozelos, dando-me coragem. Talvez ele pudesse voltar a pegar a vara depois.

O barco nos levou até um lugar onde o som por cima de minha cabeça era mais alto e mais suave. Dessa vez, os insetos desceram para investigar a intrusão. Não eram abelhas, eram pássaros do tamanho de abelhas, coloridos, com caudas em leque, cada um do tamanho de um dedal. Os minúsculos animais começaram a voar à

nossa volta, fazendo Stoyan praguejar e oscilar. Tive que me abaixar e agarrar-me a seus cabelos para não cair.

— Desculpe — murmurei. — Consegui um. — No meu ombro, ao lado da abelha estava uma mancha vermelho-viva. Assim que a ave em miniatura se instalou, os outros desapareceram em bando nas sombras do teto. O barco afastou-se antes que eu pudesse estender de novo a mão. Meus olhos encheram-se de lágrimas de frustração.

— Paula — disse Stoyan calmamente.

— O que é? Stoyan, assim não dá; não consigo chegar lá em cima...

— Paula, acho que dá. A corrente nos arrasta apesar dos meus esforços, como se se tratasse de um rumo predeterminado. Talvez tenhamos apenas que colher um de cada vez: uma abelha, um pássaro, outro pássaro. É melhor não lutarmos contra a corrente, é melhor deixarmo-nos levar por ela.

Tremulamente, respirei fundo. Talvez ele tivesse razão. Quanto mais pensava na sugestão, mais sensata me parecia.

— Está bem — disse eu. — Vamos ver o que acontece.

Paramos noutra local onde ouvimos alguma coisa se mexendo.

Um animal pequeno, parecido com uma pequena gárgula, caiu. Apanhei-o, estremeendo e pousei-o no outro ombro para o caso de ele gostar de pássaros.

— Stoyan?

— Hum?

— Consegue ver a margem onde entramos? Há algum sinal de Irene e Murat? Pareceu-me ter ouvido o *djinn* dizer a Duarte que ele também tinha uma tarefa.

— Daqui não vejo, Paula. Ouço o som de um animal maior. Talvez...

O barco dirigiu-se para uma plataforma rochosa, perto do extremo do lago. Tentei equilibrar-me. Stoyan só podia me segurar pelos tornozelos. À medida que nos aproximávamos, maior era a cacofonia: gritos, latidos que ecoavam pela gruta toda. Dali partia um túnel que percorria o sistema de subterrâneos. Guardando a passagem havia um animal enorme, talvez uma espécie qualquer de lobo da montanha, talvez um cão maior do que o normal. Nunca vira na minha vida uma criatura tão intimidante. Sua boca tinha dentes aguçados e a língua pendia, escorrendo baba. Seu corpo parecia uma couraça de músculos, as pernas estavam bem plantadas no chão, prontas para pular. Os seus olhos tinham uma luz brilhante, incomum num cão e pensei ler neles uma certa avidez por sangue humano. Havia muitas abelhas, muitos pássaros e algumas gárgulas,

mas só um cão. E parecia que tínhamos que levá-lo conosco. À medida que fomos nos aproximando do lugar onde estava, o animal começou a arreganhar os dentes e a grunhir com um som cavo.

— Stoyan — murmurei — não parece muito... E se...?

— Desça devagar. Eu ajudo — disse o búlgaro. — A saída é por aqui. Está de acordo com o nosso mapa. Fique atrás de mim e não faça movimentos bruscos.

— Sim, mas... — abaixei-me, deixei-me deslizar e fiquei ao lado dele no barco com as pernas a tremer, quase a entrar em colapso. — Não é só uma questão de termos de passar. Temos de... — caiei-me quando o lobo, ou o cão, se dirigiu de lado para o barco, rugindo ameaçadoramente. Nos meus ombros, as três pequenas criaturas mantinham-se em silêncio.

Stoyan desembarcou, segurando a embarcação.

— Fique aí, por hora — avisou-me ele. O búlgaro manteve-se acorçado com o olhar fixo em frente, não no cão, apesar de estar olhando pelo canto do olho. Sua mão livre caía ao longo do corpo numa posição em que o cão pudesse farejá-la e ia lhe falando em voz baixa, em búlgaro. Eu não entendia o que ele estava dizendo, mas o significado era claro como água. *Sou seu amigo. Pode confiar em mim. Eu sei que tem medo. Cheire-me. Não quero fazer mal. Comigo estará salvo.*

Lentamente o animal acalmou-se e o terrível desafio morreu-lhe na garganta. O cão aproximou-se e cheirou a mão de Stoyan. O meu guarda-costas esperou mais um pouco, sempre murmurando, tocou-o, fez-lhe uma festa na base da orelha e depois afagou-lhe o pescoço. Gradualmente, com um autodomínio notável, Stoyan tirou-me do barco e fez-me agachar a seu lado, sempre a acariciar o cão, falando-lhe, certificando-se de que meus movimentos não o assustassem, levando-o a outro frenesi defensivo.

— Agora estenda a mão... devagar... isso. — Obedeci. O meu guarda-costas fechou sua mão sobre a minha e estendemos as duas para que o cão pudesse cheirá-las. Em seguida Stoyan levantou-se cuidadosamente, arrastando-me com ele, sempre muito perto para poder me agarrar se fosse necessário. O cão continuava nervoso.

Imaginei que poucos humanos deviam ter entrado naquele mundo subterrâneo e que menos ainda deviam ter chegado àquelas profundezas. Atrás de nós, o barco afastara-se.

— Podemos ir — disse Stoyan calmamente. — Ele vai conosco — concluiu ele, murmurando algumas palavras ao cão. O animal colocou-se a seu lado e olhou expectantemente para mim.

— Como é que fez isso? — perguntei, maravilhada. — Como é que sabia?

— Vi que era um cão cauteloso e com medo, mas bom. Conseguir a confiança de uma criatura assim leva tempo. Com um animal mais maltratado, teria levado mais: dias, semanas de paciência. Este tem bom feitio. Podemos ir, Paula.

Olhamos um para o outro por uns momentos.

— Escolheu a equipe certa — murmurou ele.

— E Duarte? — perguntei subitamente. — Não podemos ir buscá-lo. O barco foi embora sozinho.

— Você tem o artefato — disse o búlgaro num tom que colocou alguma distância entre nós. — Pelo que aconteceu, pareceu-me que ele queria que o levasse.

Havia ali uma série de possibilidades nas quais eu não me atrevia a pensar: Duarte à mercê de Murat e do seu arco; Duarte a levar sozinho a cabo uma tarefa tão difícil como a nossa, em algum lugar na gruta; Duarte encurralado no outro lado do lago, sem possibilidade de saída. Não disse nada. Se a nossa missão era levar a *Dádiva de Cibele* durante a última parte da jornada e deixar o pirata à sua sorte, as forças do Outro Reino eram muito cruéis.

Ao passarmos por outro túnel, deixando para trás o lago, os pequenos animais que trouxera da caverna ficaram excitados. Dois deles levantaram-se do meu ombro e começaram a voar ao redor de minha cabeça, formando uma grinalda estranha, ao mesmo tempo que o terceiro andava de um lado para o outro e respirava ofegante. O cão mantinha-se silencioso, caminhando ao lado de Stoyan. Emergimos na maior gruta de todas.

A visão nos fez parar. Meus olhos se esbugalharam de espanto. As paredes eram formadas por colunas, o teto era abobadado e o espaço central estava repleto de tesouros: jóias, moedas de ouro, jarros de prata, bacias e pratos incrustados com decorações, estátuas, vasos, cofres e pedras preciosas. No meio de tanta riqueza, livros com capas do mais fino couro trabalhado e manuscritos cuja caligrafia delicada e decoração deslumbrante atraiu e encantou meu olhar de estudiosa. Tudo misturado, um caos fantástico, um tesouro digno de um dragão. Se o meu pai visse aquilo!

— Bem-vindos — disse alguém, e na nossa frente estava a velha de negro. — Acabam de passar pelo Coração de Cibele. Eu sou a guardiã dos Mistérios de Cibele. Esperamos muito tempo pela sua chegada. Muitos, muitos anos.

Minha mão meteu-se na de Stoyan.

— Cumprimentamos respeitosamente — disse eu, perguntando a mim mesma se deveria ter trazido presentes. — Talvez seja amiga de Drăguța, a *Feiticeira da Floresta*. Se sim, ela gostaria que eu lhe apresentasse os seus maiores respeitos. Sei que cada um de nós tem uma demanda para cumprir. Stoyan e eu viemos até aqui para ajudar Duarte Aguiar, que é quem traz as últimas palavras da deusa para casa e deve estar perto. — Onde estariam Irene e Murat naquele momento? Teriam outra abelha, outro pássaro, outra gárgula e outro cão à sua espera? Junto de minha cintura, a *Dádiva de Cibele* continuava embrulhada no seu pano — Somos seguidos por outras duas pessoas — disse-lhe —, pessoas que pensam que têm direito à estatueta. — Não sabia ao certo se devia avisá-la, dizer-lhe que Irene queria roubar a *Dádiva de Cibele* e ficar com ela para aumentar o seu prestígio com o culto em Istambul. Se o que ela nos dissesse fosse verdade. Achava que devia ser. Que outra coisa a teria feito empreender aquela viagem? Devia dizer-lhe? As pessoas do Outro Reino tendiam a ofender-se quando os humanos lhes diziam como resolver seus próprios assuntos. Era possível que aquela velha já soubesse tudo sobre Irene e a considerasse uma guardiã mais conveniente para o artefato do que os habitantes da aldeia da montanha de Mustafá.

— Ah — disse a anciã — mas a *Dádiva de Cibele* está em sua posse, Paula. Porque não continua com ela?

Senti um arrepio. Stoyan dissera o mesmo, uma decisão que implicava deixar Duarte para trás.

— Não compete a mim fazê-lo — disse eu — Duarte prometeu a um amigo, alguém que lhe salvou a vida. Duarte é que deve levar isto a cabo.

— Deixe-me explicar — disse a velha. — Há dois caminhos para o Tesouro de Cibele, pelos quais tem que passar para completar a sua missão. Um está diante de seus olhos, basta atravessar esta câmara para atingi-lo. Tem a *Dádiva de Cibele*, não tem problemas, tal como o seu companheiro. Trata-se do primeiro caminho, o mais fácil.

— E o segundo? — perguntou Stoyan.

— O segundo está além — disse a velha, apontando um longo dedo e o que parecia uma simples parede de rocha transformou-se num arco através do qual se vislumbrava uma gruta menor. No interior tremulava uma luz avermelhada. — Qual escolhe? — perguntou a velha calmamente. — A que ponto é corajosa, Paula?

Era um eco do sonho, durante o qual Ileana interrogara a minha irmã sobre minha parte da missão. Se escolhesse o caminho errado, não abandonaria apenas Duarte ao seu destino, abandonaria Tati também.

— O segundo. — Olhei para Stoyan, que anuiu. — Vamos por ali. Espero ser suficientemente corajosa. — *Por favor, faça com que tenha acertado, rezei. Salve-nos.* Queria quase tanto que Cibele fosse para o povo de Mustafá como aquilo. Não estava certo Irene e o seu culto ficarem com a estatueta. A deusa era uma coisa muito antiga, simples, bárbara e boa, não pertencia às mãos de uma pessoa desonesta como Irene, que mentia, dissimulava e matava para consegui-la.

— Depressa — avisou a velha. — Os que te perseguem estão quase chegando. Todos, por sua vez, terão oportunidade para fazer um pedido. Se quer que Duarte seja o primeiro, mostre-nos o que aprendeu.

Mão na mão, Stoyan e eu atravessamos o arco e entramos na gruta menor. A velha não nos seguiu porque havia outro guia, uma mulher etérea cujos cabelos eram uma nuvem brilhante e difusa que parecia seda fiada, alva como a neve. Minúsculas estrelas cintilantes pontuavam-lhe os caracóis e o seu vestido parecia feito de mar, de céu do Verão ou de delicadas asas azul-esverdeadas de borboletas. Uma *peri*, pensei: *uma fada da Anatólia*. Os seus olhos eram acetinados e o seu rosto era pálido, mas não tanto quanto o de Tati. Abri a boca de espanto e não disse nada.

A minha irmã estava imóvel no meio da câmara, a qual tinha um ressalto, no qual emergíramos. Tati estava no nível inferior, vendada e de mãos atadas. O chão da gruta era uma grelha de metal elaboradamente trabalhada. Os buracos eram grandes, o suficiente para deixarem passar uma mulher esbelta como ela. De baixo vinha uma luz vermelha, como que de uma fogueira. A câmara estava quente. Tati estava no centro da pequena plataforma. Se se mexesse, vendada como estava, cairia rapidamente nas chamas que se adivinhavam por baixo do chão traiçoeiro. Havia um cheiro estranho no ar; de ossos, ferro, a qualquer coisa inimaginavelmente velha.

Em cima da grelha movia-se um certo número de criaturas semelhantes à que eu tinha no meu ombro esquerdo, uma espécie de gárgulas, mas bem maiores, com as bocas abertas, mostrando uns dentes afiados como facas, correndo de um lado para o outro, aparentemente inconscientes do perigo. Os seus pequenos olhos ávidos, raiados de sangue, brilhantes à luz trêmula da gruta, fixavam-se uniformemente em Tati, como que à espera de a verem tropeçar e cair. Quando olhavam umas para as outras, o que acontecia freqüentemente, rugiam e arranhavam-se umas às outras e quando passavam pela minha irmã a correr, mordiam-lhe as pernas. Eu ouvia-a reprimir um grito sempre que os dentes encontravam o alvo por baixo da roupa. A gárgula em cima do meu ombro emitiu uma espécie de chilreio ansioso e escondeu a cabeça sob a asa. A plataforma onde estávamos parecia muito alta para as criaturas. Se Tati conseguisse aproximar-se de nós, poderíamos puxá-la, ficando assim fora de perigo. Melhor ainda, se alguém fosse buscá-la...

Passos atrás de nós. Virei-me, temendo que fossem Murat e Irene, mas era Duarte, branco como cal. O português tinha um corte na face, como que de uma chicotada, e em redor do braço uma serpente verde, brilhante, aparentemente tranqüila, com os olhos pálidos transformados em duas fendas.

— Não me pergunte — disse ele com um sorriso torcido. — Digamos que esta pequena amiga tinha muitas irmãs bem maiores e menos amigáveis e que mudei de idéia em relação à minha habilidade com as cordas. Se alguém voltar a me pedir para subir

uma, enrolo-a no pescoço. — Duarte parou ao ver a expressão no meu rosto e no de Stoyan. Os seus olhos viraram-se para a minha irmã, sozinha, rodeada pelas gárgulas. — O que é *isto*, Santo Nome de Deus? Não me digam que ainda não acabou.

— Silêncio! — ordenou a *peri*, erguendo a mão. — Ninguém pode se aproximar dela!

Apesar da cacofonia provocada pelos guinchos das criaturas, Tati ouviu e virou a cabeça na nossa direção. A venda escondia-lhe o rosto todo menos a boca, de lábios cerrados. Talvez também estivesse proibida de falar. A fúria e a frustração começaram a tomar conta de mim. Era uma barbaridade sujeitar Tati a uma coisa daquelas. Era demais. Estava a um passo de gritar infantilmente que não era justo, que não podiam tratar a minha irmã daquela maneira, que nunca lhes pedira demanda nenhuma e que não iria cumpri-la.

Olhei para a *peri*, perguntando a mim mesma se poderia dizer-lhe alguma coisa, se não mesmo a Tati, mas ela fez-me um gesto brusco negativo.

— Têm de ficar todos em silêncio — murmurou ela. — Têm de ficar aí, os três. Há uma solução. encontrem-na.

Era horrivelmente injusto. Minha cabeça girava por ver a minha irmã imóvel em cima da pequena plataforma no meio das criaturas em círculos, babando-se. Cruel. Ridículo. Tão arbitrário, tão violento, quando tudo o que Tati queria era visitar a sua família, uma coisa tão simples e tão modesta. Por que razão me perguntara a velha a que ponto eu era corajosa? Que diferença fazia se não podia fazer outra coisa senão ficar ali olhando?

— Maldição — resmungou Duarte. — Qual é o propósito destes testes? Eu estou aqui de boa-fé para entregar a *Dádiva de Cibele* ao seu povo. Quem é aquela mulher?

— Chhh! — sibilou a *peri*, franzindo o cenho.

Aprender. O propósito é aprender, disse eu mentalmente. Duarte podia arriscar-se a falar, mas o conhecimento que eu tinha do Outro Reino mantinha-me calada. Com a vida de Tati em risco, não podíamos nos dar ao luxo de cometer um único erro.

Tati deu um passo inseguro em frente, aparentemente ao acaso e uma das gárgulas ferrou-lhe os dentes no tornozelo. A minha irmã não conseguiu evitar um grito de dor.

Pense, Paula. A estudiosa é você; resolva este quebra-cabeças. Mantenha-se calma e concentre-se. Palavras — estávamos proibidos de falar. Sinais — inúteis já que Tati estava vendada. Bater palmas, bater com os pés no chão, estalar os dedos — só ajudariam se todo mundo concordasse antecipadamente com o seu significado. Atirar qualquer coisa — uma faca ou uma pedra para afugentar aquelas criaturas hediondas — talvez conseguisse me livrar de uma, se apontasse bem, mas elas eram tantas, suficientes para gastarem num instante os objetos que conseguíssemos colocar as mãos.

Ao tentar afastar a criatura do tornozelo, Tati desequilibrou-se e caiu em cima de um joelho. Quatro ou cinco gárgulas atiraram-se imediatamente a ela, grunhindo e guinchando. Ficar calma? Eu arfava, o coração parecia querer saltar-me do peito. Maldito Outro Reino. Decidi quebrar todas as regras que conhecia sobre demandas.

Nenhuma *peri* iria me fazer ficar ali olhando minha irmã ser mordida até à morte.

Stoyan agarrou-me pelo braço, impedindo-me de avançar, apontou para si mesmo e depois para Tati. Em seguida olhou também para Duarte com uma expressão que dizia: *Eu trato do assunto.*

A única maneira era desobedecer às ordens da *peri*, correr e salvar Tati. Se tal acontecesse, cairia sobre ambos um terrível destino, provavelmente um mergulho nas chamas mais abaixo. Num lugar como aquele, regras eram regras — nem sequer Duarte, que no mundo exterior fazia as suas próprias leis, podia quebrar as do Outro Mundo. Se deixasse Stoyan fazer aquilo, duas pessoas que eu amava sofreriam uma morte horrível diante dos meus olhos.

Olhei desesperadamente para Duarte, pensando que ele, de todos nós, talvez tivesse uma solução surpreendente, uma resposta brilhante, sutil para aquele desafio aparentemente impossível, mas ele limitou-se a abanar a cabeça.

A minha irmã estava acocorada com a cabeça inclinada sobre os joelhos. As gárgulas estavam todas em cima dela, oito ou dez, mordendo-a. O seu corpo agitava-se e estremecia à medida que os dentes se enterravam em sua carne. As suas mãos tinham sangue. Stoyan tocou-me no ombro para que eu olhasse para ele. Havia um sorriso nos seus lábios e uma confiança notável nos seus olhos cor de âmbar. Subitamente compreendi as palavras da velha. *Até que ponto é corajosa, Paula? O suficiente para admitir a sua fraqueja? O suficiente para confiar em alguém?* Engolindo as lágrimas, pousei a mão no coração de Stoyan, por cima de sua túnica esfarrapada, anuí e recuei.

Stoyan estalou os dedos. O cão colocou-se a seu lado, alerta, tranqüilo. Ficara tão chocada com a situação de Tati que me esquecerera dele. O búlgaro fez um único gesto, a mão ligeiramente em concha em frente do focinho do cão, fazendo-lhe sinal para avançar.

O animal começou a andar confiantemente na direção da minha irmã, ignorando a luz ameaçadora, o calor que subia por entre as grades, sem hesitar, nem sequer quando três das criaturas se aproximaram dele a correr, sibilando e guinchando numa atitude de desafio. O mastim abriu as mandíbulas maciças e deixou sair um único latido que ecoou nas paredes da gruta, um latido monstruoso de aviso, como se o animal tivesse acabado de chamar uma matilha inteira em seu auxílio. As criaturas hesitaram e recuaram.

O cão chegou junto de Tati e ladrou de novo, bem ao lado da sua cabeça. Compreensivelmente, Tati dobrou-se ainda mais. Uma das gárgulas, particularmente grande, aproximou-se do cão rastejando, prestes a abocanhar-lhe uma das pernas. Um guincho penetrante soou-me ao ouvido, ensurdecendo-me temporariamente: a criatura no meu ombro, a que parecia uma prima em miniatura das atacantes, lançara um grito de aviso. O cão abriu a boca, fechou-a, abanou a cabeça, a suposta atacante voou através da grelha e caiu num dos buracos. Seguiu-se um som sibilante, um *puf* de fumo escuro e depois o silêncio. Junto do meu ouvido esquerdo, a minha gárgula emitiu um ruído surdo de satisfação.

Subitamente, Stoyan bateu palmas duas vezes, com gestos claros.

Vem. Traga-a.

O cão tocou gentilmente com o nariz na face de Tati, como um animal de estimação e lambeu-a. Tati mexeu-se.

Duarte começou a assobiar. A música era uma jiga inocente e bem-disposta, uma melodia cheia de alegria, totalmente deslocada naquele lugar de trevas, fogo e dor. O português não podia saber que o som animaria a minha irmã porque fizera pouco da minha história sobre as noites de lua cheia num misterioso reino de fadas. Mas eu e Tati sabíamos o que era uma jiga; dançáramos centenas de vezes ao seu som ao longo dos anos com os nossos misteriosos companheiros. Naquela gruta era proibido falar, mas ninguém dissera nada sobre música.

Tati levantou a cabeça na direção do som. Uma gárgula aproximou-se dela com os olhos brilhantes de cupidez. O cão, ocupado a lambar o rosto da minha irmã, não a viu. A criatura saltou, aterrou no pescoço do mastim e ferrou-lhe os dentes. O cão ganiu e virou-se, tentando desalojar o seu passageiro indesejado, perigosamente perto da borda da plataforma.

A abelha levantou vôo do meu ombro. Não vi exatamente o que ela fez, mas subitamente a gárgula caiu na plataforma e um momento mais tarde desapareceu, engolida pelo fogo. O cão sacudiu-se e voltou de novo a sua atenção para Tati. A abelha regressou ao meu ombro. Talvez tivesse funcionado simplesmente

como diversão, ou talvez as abelhas do Outro Reino pudessem ferrar uma vez e outra sem morrer.

Tati estava de pé com as mãos atadas em redor do pescoço do cão e o rosto vendado virado na nossa direção. Duarte continuava a assobiar, mas mais em surdina porque Stoyan começara a chamar o animal com gestos eloqüentes, acorando-se, gesticulando, encorajando-o, batendo palmas quando queria que ele lhe prestasse atenção porque aqui e ali era necessário virar abruptamente, andar em círculo, voltar atrás. Tati seguiu-o sempre de rosto pálido por baixo da venda, tateando com os pés. No meu ombro direito, o pequeno pássaro cantava em contraponto à melodia de Duarte.

Estava quase. Tati avançava ao longo do caminho traiçoeiro, deixando as gárgulas para trás, amontoadas na orla da plataforma, observando-nos com expressões desanimadas. Exalei profundamente, sentindo um espasmo em todo o corpo. Stoyan salvara-a. Contra todas as probabilidades, o meu guarda-costas arranjava uma maneira notável, engenhosa, de resolver o quebra-cabeças impossível.

Tati chegou junto de nós. Os dois homens estenderam os braços para ajudá-la a subir e o cão saltou atrás dela.

— Oh, Stoyan, obrigada — disse eu. Em seguida, a um sinal da nossa guia, tirei a venda à minha irmã e lancei-lhe os braços ao pescoço.

A decorative rectangular frame with ornate floral and scrollwork patterns on the sides and top/bottom edges. The text "CAPÍTULO CATORZE" is centered within the frame.

CAPÍTULO CATORZE

— Muito bem — disse friamente a *peri*, ao mesmo tempo que Duarte desatava as mãos de Tati e ela me devolvia o abraço. Stoyan falava calmamente com o cão, louvando-lhe a coragem e a obediência. Então a minha irmã, olhando por cima do meu ombro, exclamou subitamente:

— *Esmeralda!*

Largando-me, Tati estendeu a mão na direção de Duarte. A serpente desenrolou-se do braço do português, enrolou-se no seu braço e subiu-lhe para o ombro.

— Onde é que ela estava? Onde é que a encontrou? — perguntou ela a um Duarte estupefato, servindo-se da língua do Outro Reino. — Muito obrigada por me ter trazido!

— Foi um prazer — disse o pirata suavemente, reparando imediatamente que, apesar de pálida devido ao choque, a minha irmã era uma mulher de beleza excepcional. — A sua *Esmeralda* encontrou umas amigas bem maiores, dificultando-me a tarefa, mas eu tinha instruções para ir buscar um determinado animal e foi o que fiz. E deixei as cordas para o resto da minha vida — disse ele, examinando as palmas das mãos queimadas pela fricção e pela nossa passagem pela montanha. — Uma amiga sua, suponho?

— Uma companheira muito querida — disse Tati. — Foi-me dada por Drăguța, a *Feiticeira da Floresta*. Pensei que a perdera para sempre. Ela insistiu em vir e decidiu fazê-lo sozinha. Oh, Paula, tenho tanto para te contar...

A *peri* interrompeu-nos, usando a mesma linguagem de Tati, a mesma língua sem nome que todos nós compreendíamos mas que não éramos capazes de identificar.

— Se querem ser os primeiros a chegar ao Tesouro de Cibele e fazer o seu pedido, é melhor porem-se a andar. Despeçam-se.

— O *quê?* — exclamei. Era a primeira vez que tinha chance de falar com a minha irmã desde que ela partira para o Outro Mundo, seis anos antes. — Já? Mas Tati está ferida, está cheia de sangue... ainda é tão cedo...

— Eu estou bem, Paula. — A voz de Tati era trêmula, mas quando me mostrou as mãos, não vi quaisquer ferimentos. A sua pele estava fantasmagoricamente branca, mas sem qualquer marca. — O medo foi mesmo real e a dor também — disse ela — mas acho que o resto foi quase tudo uma ilusão. Temos de fazer o que eles nos dizem. Talvez te veja em breve, se conseguir fazer bem as coisas. Oh, Paula, queria tanto explicar o que estava fazendo, mas as regras...

Fiquei sem palavras. Sentia-me como se tivesse levado um murro no peito e tivesse ficado sem ar.

— Não pode ir — murmurei. Porém, não era tola ao ponto de acreditar que podia mudar as leis do Outro Reino. Se a sua demanda dependia da obediência, tinha de obedecer e eu também.

— Tristeza está à minha espera — disse a minha irmã e enquanto passávamos pelo arco, de volta à gruta maior, vi, surpreendida, que era verdade. A velha continuava à espera não muito longe da pilha de tesouros e a alguma distância dela estava a silhueta pálida e vestida de negro do amado de minha irmã. O seu olhar pousou imediatamente nela quando nós aparecemos. Portanto,

Tati não viera até ali sozinha. Ainda bem. No entanto sentia a tal dor no peito, uma dor agridoce por tê-la abraçado por breves instantes apenas, por voltar a perdê-la. Não lhe dissera nada, não lhe falara da nossa família, dos casamentos, dos bebês, das viagens, dos nossos pequenos triunfos e desastres ao longo dos anos. Nem sequer lhe dissera quanto a amávamos e quantas saudades tínhamos dela. Mas talvez ela soubesse. *Até que ponto é corajosa, Paula? O suficiente para seres capaz de se despedir?*

— Chegou a hora, Tatiana — disse solenemente a velha. — A sua parte aqui terminou. Cabe à sua irmã e aos seus companheiros continuarem a demanda a partir de agora. Agradeça e vamos. Os meus respeitos à minha velha amiga Drăguța.

Tati sorriu a Stoyan, tocou-lhe no braço num gesto de gratidão, cumprimentou Duarte com um ligeiro aceno de cabeça, agarrou-me no rosto com as duas mãos e beijou-me a testa.

— Que corra tudo bem, Paula. Tem bons companheiros para a sua demanda. Espero que seja feliz. — A serpente no seu ombro sibilou ligeiramente, numa manifestação de desagrado ou de despedida.

— Adeus, Tati — disse eu, chorando e vendo-a afastar-se com Tristeza, os dois abraçados, ele passando-lhe o braço pelos ombros e ela fazendo-lhe o mesmo pela cintura. A serpente instalou-se entre os dois. Pelo rosto, vi que Tristeza continuava a amar a minha irmã, tal como quando a levava para o Outro Reino. Mais, talvez. Via-se nos cantos da boca sombria, na ternura com que a abraçava, na intensidade escura dos seus olhos. Com a mão livre, Tati acenou e os dois desapareceram na sombra. Não me parecia que regressassem para casa de barco ou de carroça, pelos caminhos dos homens. Seguiriam, certamente, pelos caminhos das fadas.

Ouvi um tossicar atrás de nós. Irene e Murat tinham emergido da gruta do tesouro e pareciam menos imaculados; tinham equimoses e arranhões e as roupas estavam tão esfarrapadas como as nossas. Ao lado de Murat vinha um gato cinzento-pálido, lustroso e distante. Achei que era um pouco parecido com o eunuco, o que me fez olhar para o cão que obedecera tão depressa às ordens silenciosas de Stoyan. Nos ombros, Irene tinha animais empoleirados semelhantes aos meus: uma abelha e um pássaro — o dela era verde. Porém, em vez de uma gárgula tinha uma ratazana. Os seus olhos, extremamente confiantes, encontraram os meus. A grega sorriu-me torcidamente.

— Estão todos juntos. Triunfaram nos testes que lhes preparamos. — O tom da velha era solene. — Poucos passam por esta montanha e menos ainda emergem dela com os corações mais sábios. É provável que tenham achado os testes pouco razoáveis — acrescentou ela, olhando para Duarte. — Mas isto é uma passagem secreta. Se não forem capazes de aprender, não podem passar. Exigiu muito de vocês chegar a este ponto. Como compensação, a deusa oferece a cada um uma recompensa. — O seu olhar percorreu a todos: Stoyan e eu juntos, Duarte um pouco à parte, aparentemente exausto, com a *Dádiva de Cibele* na mão. Irene tinha a cabeça muito ereta e Murat, a seu lado, mantinha-se impassível. — Cada um de vocês pode tirar alguma coisa do Tesouro antes de continuar — continuou a guardiã dos Mistérios de Cibele. — Estou certa de que encontrarão algo que lhes agrade. Armas para os guerreiros, livros para os eruditos, jóias e ouro para os que têm poucos recursos. Artigos de coleção que só se vêem uma vez na vida. Escolham com cuidado e só quando chamá-los pelo nome.

— Espere! — exclamei, incapaz de ficar calada, apesar de Stoyan ter me apertado o braço. — Não devia deixar estes dois passarem pela gruta, eles querem nos fazer mal! Eles só estão aqui porque nos seguiram, o que é injusto...

A anciã fixou-me com os seus olhos escuros, cor de obsidiana.

— Será a primeira a escolher — disse ela. — Não cabe a ti discutir as regras da deusa, Paula. Vamos, deixe-nos ver o que aprendeu na sua jornada. Dá mais valor a quê, agora? A sabedoria ou à cultura?

Devia saber que os testes ainda não tinham terminado. Enquanto pensava na pergunta, imaginei Stoyan acalmando lentamente o cão, calmamente, sabendo o que fazer por instinto e por experiência. O búlgaro descobrira como ajudar Tati, apesar de nem Duarte nem eu termos qualquer solução. Lembrei-me, envergonhada, que esperara, a princípio, que o meu amigo se servisse dos músculos e não da mente para resolver o problema. Lembrei-me de vê-lo a perscrutar os pequenos desenhos que tinham me dado tanto trabalho e a dizer: *Talvez isto seja menos complexo do que pensa.*

— Sobreestimei o papel da cultura na procura das respostas e na compreensão do mundo — disse-lhe. — Aprendi que há espécies de sabedoria mais profunda. — Pensei em Duarte segurando seu amigo suspenso do vazio e na sua expressão ao perdê-lo. Ouvi-o dizer-me para fugir com a *Dádiva de Cibele*; que o salvasse e me salvasse. Pensei na voz fria de Irene ao ordenar a Murat que matasse. — E aprendi que é errado julgar apressadamente as pessoas — acrescentei.

— Bem-dito, Paula — disse Irene aprovadamente, como se a pergunta tivesse sido para ela. — Espero que reconsidere a sua decisão. Regresse com Murat e comigo e terá um futuro brilhante. Ainda é nova. É provável que se sinta lisonjeada com a atenção destes homens, mas acredite: nenhum deles tem nada de valor para te oferecer.

— Escolha sua recompensa — disse a velha, fazendo um gesto na direção do tesouro.

Aparentemente respondera acertadamente e, supostamente, devia tirar um prêmio. Bastava-me esticar o braço para tirar um dos objetos dignos do resgate de um rei. Os meus olhos pousaram-se num belo manuscrito perto do meu pé com as margens pintadas a ouro e pequenas imagens de minaretes recortados num céu noturno de um azul-vivo. A seu lado havia um pequeno livro encadernado, aberto, mostrando uma caligrafia delicada escrita em pele de vitela muito fina. Qualquer um deles seria um começo miraculoso para o meu negócio porque ninguém, desde Istambul à Transilvânia, tinha nada que se comparasse.

— Oh, Paula — disse Irene. — Tantas riquezas. Que começo para a sua coleção. Não vai conseguir escolher.

Pus-me a olhar para aquelas coisas encantadoras, para aqueles tesouros variados e reluzentes e soube que não queria nenhum deles. A única coisa que queria era que Duarte levasse a cabo a sua missão e que nós três pudéssemos regressar sãos e salvos. Queria abraçar o meu pai, dizer-lhe o quanto lamentava, mas principalmente queria as minhas irmãs.

— Escolha, Paula — disse a anciã.

O pequeno pássaro encarnado levantou vôo do meu ombro e pousou com precisão num objeto entalado por baixo de um grande jarro de prata. Uma sugestão de cor disse-me o que era antes mesmo de estender a mão para tirá-lo. O bordado de Tati estava acabado. O pano desdobrou-se, as rugas desapareceram e vi cinco garotas a dançar orgulhosamente no linho de mãos dadas, sorrindo. Tati, Jena, Iulia, Paula, Stela. Todas juntas, fortes e vivas. *Chega de lágrimas*, ordenei a mim mesma.

— Posso ficar com isto? — perguntei.

Irene arquejou. Parecia uma decisão estranha, com tantas riquezas à minha escolha.

— É seu — disse a velha com um raro sorriso nos lábios engelhados. — Mas vou lhe dar outro. Como é uma mulher erudita de algum valor, estou certa de que apreciará uma adivinha adicional.

Abstive-me de lhe dizer que, naquele momento, me sentia incapaz de lidar com um enigma, nem que se destinasse a uma criança de três anos, quanto mais qualquer coisa difícil.

— Não é para resolver agora — disse a anciã, aparentemente lendo meus pensamentos. — Leve-a contigo, pense no seu

significado e encontre a solução no devido tempo. Mas não se demores muito. Diz assim:

Água e pedra

Carne e osso

Noite e dia

Rosa e espinho

Árvore e vento

Coração e mente.

Silêncio. Ninguém me ofereceu uma solução e nada imediato me sugeriu. Mas ela me dissera que não havia pressa.

— Obrigada — disse eu com uma mistura de sentimentos. O problema de ser uma erudita era que, quando me punham um problema, a minha mente começava logo a trabalhar nele, mesmo que estivesse muito cansada para pensar noutra coisa qualquer.

— Jovem — disse a velha, virando-se para Stoyan —, é a sua vez. Ganhou o direito a três recompensas: uma pela coragem que o

levou a servir de alvo a uma flecha no lugar de um homem que ainda não era seu amigo; outra pela tenacidade ao proteger Paula em suas provações e outra pela abertura de espírito a este mundo para lá dos humanos, um mundo no qual a confiança e a cooperação assumem formas diversas. Escolha: um dos objetos da pilha é seu.

O búlgaro foi mais rápido do que eu.

— Se me permite — disse ele à anciã, estendendo a mão para tirar um diadema de ouro, uma peça opulenta, incrustada de pedras preciosas, um adorno digno do próprio Sultão. Fiquei surpreendida com a sua escolha e um pouco desapontada. Depois daquilo tudo, depois de termos passado por tanta coisa juntos, o meu amigo avaliava a sua recompensa em meras riquezas? Um momento depois, porém, percebi que aquele objeto lhe permitiria deixar de trabalhar como guarda-costas e continuar a procurar Taidjut.

— Compreendo a sua escolha, Stoyan — disse a anciã. — Essa é a primeira de suas recompensas e a única que eu, pessoalmente, posso lhe dar. Apesar de ter merecido as três, a ansiada segunda e a profundamente desejada terceira não dependem das decisões do Outro Reino, mas sim dos da sua própria espécie. Você é um homem bom. Espero que as receba em seu devido tempo.

Enquanto metia o ornamento sem preço em sua faixa, Stoyan olhou para mim, envergonhado por eu ter duvidado dos seus motivos por um momento. E o que a velha quisera dizer com aquilo da flecha? Ele dissera que era só um arranhão.

Sem perguntar a Stoyan se aprendera alguma coisa, a velha virou-se para o nosso companheiro.

— Duarte da Costa Aguiar — disse ela. — Foi quem veio de mais longe para fazer a sua escolha. Avance e decida, corajoso aventureiro — concluiu ela em tom caloroso.

Duarte ficou longos momentos olhando para o tesouro com o artefato embrulhado em pano nas mãos, à procura de alguma coisa, não necessariamente a mais valiosa, a mais incomum ou a mais rara. Percebi que o pirata procurava uma coisa especial no meio daquelas centenas, daqueles milhares de tesouros individuais. Esperamos. Finalmente Duarte deu a volta à pilha, olhando para

cima e para baixo. Irene começou a bater com o pé no chão. A seu lado, Murat continuava impassível.

Acho que tanto Stoyan como eu percebemos ao mesmo tempo o que o português procurava e juntamo-nos a ele na procura. Não era fácil. O ouro e a prata deslumbravam-nos os olhos; os pergaminhos e os livros de pele, abertos ou desenrolados, escondiam o que estava por baixo. Os vasos derramavam rios de rubis e ametistas; os colares, as pulseiras e as espadas decoradas chamavam nossa atenção. Finalmente, porém, creio que a encontramos.

— Duarte — disse eu, subitamente muito quieta. — Ali. — E aponte para um canto inferior, onde aparecia algo por baixo do punho ornamentado de uma espada.

O pirata sorriu, ajoelhou e a velha aproximou-se. Suspendi a respiração. O português tirou a espada e uma salva de bronze do tamanho de uma pequena mesa e lá estava ela, a modesta peça de barro quebrada, uma espécie de abóbora com a parte de cima cortada. Entre os milhares de objetos raros e dispendiosos do tesouro, aquilo era uma coisa modesta e despretensiosa, sem qualquer adorno, exceto a inscrição críptica ao redor da cintura.

Duarte colocou o pequeno objeto ao lado do fragmento quebrado, desapertou o pano e revelou a *Dádiva de Cibele*. Fez-se um silêncio sepulcral na gruta. Nos meus ombros, os três pequenos animais imobilizaram-se sobrenaturalmente.

— Eu não vim tirar, vim dar — disse o pirata, olhando para a anciã. Duarte ergueu nas mãos notavelmente firmes a *Dádiva de Cibele* e colocou-o em cima da base.

Algo mudou. Eu não sabia o que era porque não ouvia nenhum som, não via nenhuma luz brilhante, nem sentia frio ou calor. Ninguém disse uma palavra, mas a gruta ficou diferente, como se uma seca ou uma pestilência tivessem acabado. Perante os nossos olhos, as duas partes uniram-se na perfeição, como se as duas metades nunca houvessem se separado.

Duarte levantou-se, deixando a estatueta onde estava. Ao mover-se as criaturas moveram-se com ele, a abelha e o pássaro levantando vôo, a pequena gárgula saltando do meu ombro e

afastando-se rapidamente. O cão o fez mais lentamente, fazendo uma ou duas pausas para se virar para Stoyan com a alma nos olhos. As criaturas que acompanhavam Irene e Murat imitaram-nas. O gato afastou-se sem um relance sequer.

— Cibele agradece — disse suavemente a velha. — Foi obstinado na sua missão, Duarte. Nunca afastou os olhos do horizonte. O que aprendeu?

O pirata sorriu desconcertantemente. Apesar da solenidade do momento, o português continuava o mesmo.

— Não sei por onde começar — disse ele, olhando para mim. — A confiança seria a primeira lição. Aprendi da maneira mais difícil a não rir de histórias, por mais incríveis ou fantásticas. E fui forçado a reconhecer que não sou, de fato, totalmente desprovido de fraquezas humanas. Não que tencione revelá-lo ao mundo. Pode não ser bom para os negócios.

— Muito bem — disse a anciã. — Os três se portaram como esperávamos: corajosamente, inteligentemente, com amor e harmonia. Há muito que assim estava decretado, mas o cumprimento da demanda tardava.

— Temos autorização para atravessar a montanha? — perguntou-lhe Duarte. — A minha intenção é levar a estatueta à aldeia do outro lado, um lugar onde, disseram-me, Cibele ainda é venerada e amada. Esta demanda foi-me encomendada por um amigo, há muito tempo. Podemos continuar por esta gruta?

— Talvez — disse a velha, olhando para os outros, os que não tinham ganho o direito de estar ali. — Mas ainda não acabamos. Murat, aproxime-se.

Ela ia mesmo fazer aquilo, ia conceder-lhes os mesmos privilégios.

— Mas... — disse eu, parando imediatamente ao ver o olhar no rosto dela. Fosse o que fosse que se desenrolaria, percebi que tinha

de acontecer, gostássemos ou não. Agarrei a mão de Stoyan e rezei para que, no fundo, fosse feita justiça, que o bem prevalecesse.

Murat colocou-se ao nosso lado, fez uma vênia respeitosa e disse:

— Eu sirvo a senhora de Volos. A sua recompensa é a minha recompensa.

A anciã fixou-o. O eunuco devolveu-lhe calmamente o olhar e eu o vi pensar no que fizera na ponte e antes. Naquele dia, Murat fizera sete órfãos, forçara Duarte a deixar cair o amigo no vazio e não fosse o meu *blefe* desesperado, teria matado Stoyan. Que lealdade era aquela, capaz de inspirar um homem a agir daquela maneira, sem consideração pelo que estava certo ou errado?

— Muito bem — disse a anciã. — Irene de Volos. Você gosta de coisas bonitas. O que escolhe?

A câmara escureceu. Duarte e Stoyan, ambos a meu lado, aproximaram-se mais de mim. Tornáramo-nos vulneráveis. Não poderíamos simular a nossa fuga para a segurança.

A bela linha do pescoço ficou exposta quando Irene atirou a cabeça para trás e riu. O som ecoou pela gruta.

— Está falando sério — disse ela para a anciã. — Qualquer coisa. Posso levar qualquer coisa deste tesouro notável. — As suas sobancelhas ergueram-se num espanto trocista.

— A lei é a mesma para todos — disse a velha. — Um objeto como recompensa. E tudo recomeçará.

— Isto é... — disse Duarte e dessa vez fui eu quem o mandou calar.

— Deixe — murmurei. — Não podemos controlar o que está acontecendo; temos que deixar que tudo aconteça. — Já vira o suficiente do Outro Reino para saber que a intervenção humana só podia ir até certo ponto. Havia ali ideais mais amplos e mais antigos do que as nossas mentes poderiam conter. Uma forma de sabedoria mais profunda, fora do alcance de qualquer erudito.

— Muito astuto de sua parte, Paula — disse Irene no seu tom mais encantador. — Eu tinha razão sobre você, logo vi o seu potencial. — Inclinando-se graciosamente, Irene de Volos pegou a *Dádiva de Cibele* e levantou-se com ele nos braços, sorrindo benevolmente. Seus olhos brilhavam de triunfo. — Desiludiu-me, pirata — disse ela, olhando para Duarte. — Trouxe-me aqui e agora entregou-me o seu tesouro como se, na realidade, não o quisesse.

— Quisesse? — o rosto de Duarte parecia o de um fantasma, um estudo a preto e branco com buracos no lugar dos olhos.

— Nunca foi minha intenção possuir a *Dádiva de Cibele*. Só quero pagar uma dívida de honra. — O aventureiro olhou para Murat.

— Mas, evidentemente, é um conceito que a senhora não entende. Hoje vi que não dá valor à vida humana.

Parecia que Irene não estava ouvindo. Com uma mão, a grega agarrava a pequena estatueta e com a outra acariciava-lhe os cabelos desgrenhados. A deusa em miniatura olhava para nós através de seus olhos vazios.

— O artefato é meu — disse a mulher. — Como chefe do culto, a minha reivindicação é legítima. A estatueta ficará segura comigo, escondida em minha casa, no local onde nos reunimos. Com a posse deste objeto fabuloso, a minha posição como chefe do culto de Cibele será absoluta. Seria ridículo deixar o artefato na montanha. A estatueta se degradaria porque as pessoas são muito ignorantes para preservá-la ou porque ficariam amargamente desapontadas ao descobrir que ela não tem mais poderes místicos do que qualquer outra peça de barro. Acredito que esses aldeãos acreditem em Cibele, na esperança de que este pedaço de olaria possa, magicamente, outorgar instantaneamente a paz e a abundância. Na esperança vã de se desembaraçar de seu destino neste mundo que

é, infelizmente, a pobreza. Senhor Aguiar, a sua decisão de levar a estátua para lá é a mais pura das tolices. A *Dádiva de Cibele* me pertence e às minhas seguidoras. Paula, talvez seja a altura ideal para tomar sua decisão. Venha comigo e com Murat. Seja qual for a razão impulsiva que a levou a acompanhar o senhor Aguiar nesta jornada, pode contar comigo no sentido de dar uma explicação aceitável a seu pai. Quando mestre Teodor se recompuer, pediremos que deixe você ficar em Istambul por algum tempo para aumentar seus conhecimentos sobre a cultura turca. A iniciarei pessoalmente.

Senti um arrepio de horror.

— Nunca — disse, olhando para ela e vendo-lhe no rosto uma expressão que me assustou. — Nunca trairei meus amigos. Você me disse que valorizava a amizade entre mulheres e, evidentemente, acredito, é essencial para o sentido que dá a vida. Porém, você é um exemplo muito triste. Você é egoísta; tudo o que quer é ser admirada, ser o centro do seu dito culto, com as devotas à sua volta como abelhas ao redor de uma flor. Você se diz sacerdotisa, no entanto diz abertamente que não acredita na deusa que diz representar. Isso é imoral, é desprezível. Morreram pessoas por causa dela, pessoas boas. Até pode ser que venha a ter sucesso, mas e as outras mulheres? A sua ânsia de poder pode atraí-las, a elas e às suas famílias, a conseqüências terríveis. Veja o que aconteceu a Salem bin Afazi. No entanto ele nem sequer fazia parte do culto.

— Salem cometeu um erro, atraiu a atenção do *mufti*. Eu não cometo erros. — Sua voz era gelada. — Tem mais alguma coisa a dizer, Paula?

— Num momento diz que a estatueta de Cibele lhe pertence, mas no seguinte expressa escárnio pelo que ela representa: a antiga sabedoria da Terra; faz pouco da fé das pessoas apenas porque elas são pobres e estão isoladas, mas estes deuses antigos são poderosos. Talvez, neste momento, estejam dormindo, à espera de uma mudança no Mundo, mas isso não quer dizer que estejam apenas na imaginação das pessoas simples. Você me dá nojo. Custa-me a acreditar que tenha confiado em você.

— Bem, bem — disse a grega de olhos semicerrados. — Estou vendo que há mesmo uma certa paixão nesse coração erudito. Estou desapontada, Paula. Cheguei a acreditar que seria capaz de fazer de você alguém. Evidentemente percebe, certamente, a enorme diferença que a sua decisão vai fazer no seu futuro? — Irene virou-se para Duarte. — Senhor, como me viu aqui, infelizmente vai ser necessário assegurar-me de que seus companheiros não regressarão a Istambul para contar a história. O xeque ul-Islão e os seus amigos não estão interessados no revivalismo de cultos pagãos na sua cidade muçulmana, ainda por cima se um deles for liderado por uma

mulher. Imagino que ficariam aterrorizados. Em nome da carreira de meu marido, se não em meu próprio, este assunto tem que continuar secreto...

A luz enfraquecia rapidamente à nossa volta. Murat desembainhou a faca que tinha no cinto. A meu lado, Stoyan levou a mão ao cabo do seu punhal. Durante a troca de palavras, a anciã mantivera-se tranqüilamente na sombra e não parecia ter intenção de intervir.

Mentalmente, imaginei o que ia acontecer: tentando praticar o bem, nós três seríamos chacinados naquele subterrâneo. Nossos corpos se transformariam lentamente em esqueletos e pó na câmara de tesouro de Cibele, enquanto a erudita grega e seu protetor regressavam à superfície e a Istambul com o prêmio. A guardiã da gruta de Cibele ia permitir que aquela falsa sacerdotisa levasse a estatueta e o povo de Mustafá, que mantivera sua fé durante todos aqueles anos, nunca mais a veria. Não era possível. Na Transilvânia vira as pessoas que governavam o Outro Reino tomarem decisões estranhas, decisões que, ocasionalmente, me pareciam cruéis. Porém, tudo o que faziam era em nome de um bem maior.

— Leve-a, então — disse a velha, sorrindo. Irene estava olhando para a estatueta e não viu sua expressão, mas eu vi, hostil, tão

perigosa que me provocou um nó no estômago. — Leve-a, mas não se demore. As portas de Cibele não ficarão abertas por muito mais tempo. Nem sequer para uma sacerdotisa.

Com aquelas palavras, a anciã desvaneceu-se. O tesouro desapareceu diante de nossos olhos, deixando-nos aos cinco na gruta difusamente iluminada. Levei a mão à faixa; o bordado continuava onde o colocara. No momento em que meus dedos o tocaram, apresentou-se uma solução. Uma solução possível, pelo menos porque apesar do artefato estar na posse de Irene, nós ainda poderíamos negociar.

— Irene — disse eu o mais calmamente possível, com os olhos na face de Murat. — Sabe como nós viemos parar nesta câmara pelos subterrâneos? É uma espécie de mapa. Descobri-o na sua biblioteca. Cada um de nós conhece uma parte. É muito complexo para uma pessoa só. Se matar um de nós, não poderá sair daqui.

Murat deu um passo em frente mas ela deteve-o com uma mão.

— *Cada* um de vocês?— perguntou ela. — Quando é que o pirata teve oportunidade de estudar esse mapa secreto? Não me lembro de vê-lo na biblioteca. E o seu cão grande aí? — continuou ela, passando desdenhosamente os olhos frios por Stoyan. — Um homem como ele nem sequer é capaz de memorizar o nome da própria mãe.

Stoyan sibilou e fez menção de avançar.

— Não! — gritei e um momento depois vi-me agarrada por Murat, que aproveitara a ocasião. Duarte agarrara-se a Stoyan, impedindo-o de avançar. E naquele momento eu estava de costas para o eunuco com a sua faca encostada à minha garganta.

Meus dois companheiros ficaram subitamente muito quietos.

— Baixem as armas, os dois — exclamou Murat em tom frio, esperando que as facas e os punhais tilintassem no chão.

— Muito bem — disse Irene. — Vamos. Veremos se a fé de Paula nos dois se justifica. Estou vendo três saídas. Qual escolhemos?

Stoyan moveu-se, dirigindo-se para a abertura à esquerda. O seguimos com Murat me arrastando e os outros atrás de mim. Pareceu-me sentir a faca me cortando a pele e o sangue escorrendo pelo pescoço. Aquilo não podia acabar de maneira tão errada, tão miserável. Por que razão teríamos sido recompensados se iríamos falhar na nossa demanda?

Comecei a chorar, fungando, incapaz de limpar os olhos com aquele braço poderoso a me segurar e aquele metal frio a beijar-me a garganta. Onde me enganara? O que não aprendera? Quais peças do quebra-cabeças me esquecera?

— Por aqui — disse Stoyan, escolhendo outro caminho. O carreiro subia, estávamos nos aproximando da superfície. Engoli o terror e tentei me concentrar. *Pense, Paula. O que aprendeu?*

Murat deu-me um puxão ao contornar uma esquina. A faca fez pressão. *Concentre-se.* Aprender a diferença entre o conhecimento e a sabedoria; recebera uma lição de confiança. Pelo menos, começara a compreender tais coisas. Provavelmente, uma vida não bastaria para aprender a todas, especialmente se fosse encurtada antes de chegar aos oitenta. *Pense.* E aprendera outras coisas que não mencionara. Por exemplo, como escapar ao abraço de um homem mais forte que me agarrasse por trás... Evidentemente, a lição não implicava a complicação de uma faca. Porém, Stoyan ensinara-me a esperar pelo momento oportuno, o mesmo que Murat aproveitara. E se Stoyan, que caminhava na frente, fizesse a mesma coisa...

Entretanto, tentara sempre manter a imagem do mapa da árvore na mente, apesar de não tê-lo decorado tão bem como Stoyan. Sem ele nos perderíamos. Concentrei-me naquela secção. Podia haver vários caminhos para a superfície a partir da câmara do tesouro. Stoyan escolhera a rota mais central, que passava por um lugar onde a imagem da árvore estava cheia de muitas espécies de frutos. Continuamos ao longo de uma passagem sinuosa — um ramo retorcido — e passamos por pequenas grutas de ambos os lados, cada uma com a sua forma peculiar. Via-as conforme apareciam nos azulejos: uma pêra, uma maçã, uma ameixa, um punhado de cerejas.

Chegamos a uma bifurcação: duas vias, uma para a esquerda e outra para a direita. Stoyan parou e olhou para trás.

— Mexa-se, búlgaro! — disse Murat. — Qual é? Decida-se!

Por um momento muito breve, os olhos de Stoyan encontraram os meus. Tentei transmitir-lhe qualquer coisa, uma intenção, um propósito e pareceu-me vê-lo anuir muito ligeiramente.

— Para a direita — disse ele.

Eu sabia que devia ser para a esquerda. Avancei, sempre abraçada por Murat. Atrás de mim ouvia os passos de Irene e de Duarte.

Algo estalou por cima de nós, fazendo-me parar o coração. As rochas estavam se mexendo. Murat retesou-se. Sua faca afastou-se por um brevíssimo momento do meu pescoço. Apoiei-me em seus braços e descontraí abruptamente o corpo. Stoyan saltou na nossa direção com os olhos ardendo, pronto a enfrentar o bem armado eunuco com as mãos nuas. Murat deixou-me cair para se defender e subitamente vi duas facas, uma em cada mão. Rolei para o lado e fiquei apoiada num joelho, tal como fora ensinada durante as sessões práticas a bordo do *Esperança*, Stoyan estendeu uma mão em minha direção. Tirei a pequena faca que ele me dera da faixa e atirei-a. Ninguém se lembrara de me dizer para deixar cair minhas armas.

A luta foi breve mas intensa. Duarte não podia fazer outra coisa senão acocorar-se a meu lado para me proteger porque os dois combatentes moviam-se tão depressa que era impossível alguém meter-se entre eles. Murat lutava como uma bailarina, com uma elegante economia de movimentos e uma seqüência de golpes bem treinados, rotações e pontapés. Alguém o treinara muito bem. O estilo de Stoyan era brutal e eficiente. Os dois homens agarraram-se, lutaram, caíram, levantaram-se e agarraram-se mais uma vez. Os músculos pareciam estourar, os olhos saíam das órbitas, os pés escorregavam no chão rochoso. Por cima deles a terra tremia e rugia; chuvas de pequenas pedras caíam do teto do túnel. Irene observava, muda, com a *Dádiva de Cibele* apertada contra o peito. Comprimida contra a parede, eu sentia as rochas estremecendo sob minhas mãos.

Murat encostou Stoyan à parede oposta, pressionando-lhe o antebraço no peito e com a mão esquerda agarrou-lhe no pulso direito na intenção de forçá-lo a deixar cair a pequena faca, a sua única arma. Assim que a faca caísse, o eunuco usaria a sua própria cabeça para esmagar o crânio de Stoyan contra a rocha, ou apunhalaria o meu amigo no coração. Stoyan aspirou o ar e então, com uma espécie de torcida que sugeria que se deixara encostar à parede de propósito, enganchou a perna de Murat e derrubou-o. Ouviu-se um som horrível quando a cabeça do eunuco bateu na rocha. Stoyan ajoelhou-se e, deliberadamente, enterrou-lhe a pequena faca na garganta.

— Depressa, Paula! — exclamou Duarte, ajudando-me a levantar, recuando comigo ao longo da passagem. O lugar estava cheio de gritos de aviso: rochas a resmungar, a ranger, a gemer. Ouvi mais pedras a cair, maiores dessa vez. *As portas de Cibele não ficarão abertas por muito mais tempo.*

— Stoyan — murmurei, e lá estava ele ao nosso lado, limpando a faca na túnica e metendo-a na faixa.

— Corram — disse ele.

Irene bloqueava-nos a passagem, imóvel no meio da passagem, olhando para a figura prostrada de seu camareiro. O artefato estava pousado no chão de pedra.

— Vai tudo abaixo — disse-lhe Duarte. — Se dá valor à sua vida, siga-nos — gritou ele, passando pela grega e apanhando a *Dádiva de Cibele* na passagem.

Não percebi, com o ruído dos rochedos, se Irene nos seguia ou não. Quando chegamos à bifurcação, arrisquei um olhar para trás. Irene estava de joelhos no chão junto ao corpo de Murat, com a sua cabeça nos joelhos. Suas mãos, embalando-o, estavam manchadas de vermelho. Em suas feições havia uma expressão de tanta dor que senti um aperto no coração. A grega levantou a cabeça para o céu e uivou, um som primitivo de tristeza que percorreu todo o subterrâneo, fazendo-me eriçar os pêlos da nuca.

Um momento depois seu grito foi engolido por um rugido que parecia a voz de um enorme animal selvagem, um ruído surdo por

cima de nós, por baixo, nos lados.

— Paula! — gritou Stoyan. — Anda! — Sem esperar por minha resposta, o búlgaro pegou em mim e atirou-me ao ombro, ao mesmo tempo que corria pela passagem da esquerda. Por meus olhos se passou uma visão sacudida, saltitante, de rochas, terra e sombras. Dobramos esquinas, passamos por grutas a correr, entramos por aberturas menores do que as escotilhas do *Esperança*.

— Luzes — exclamou Duarte, ofegante. — Além...

Stoyan parou, pôs-me no chão e quando me encostei a seu peito, muito tonta para me agüentar em pé, ele me agarrou nos braços para me equilibrar, deixando-me manchas de sangue na camisa. Meu coração parecia um cavalo a galope.

— Estamos fora — disse Duarte. — Reparem, estrelas, a Lua...

— E lanternas — disse eu, olhando ao longo do túnel. Continuamos a avançar. A montanha enviou-nos um último ruído surdo de aviso e eu pensei sentir o chão tremendo. Corremos e só paramos quando saímos para o ar livre numa depressão parecida com uma tigela no flanco da montanha onde uma árvore nodosa, cuja forma nos era familiar, aparecia no meio das rochas. Vimos uma fogueira, lanternas, archotes e músicos tocando longas trompas, tambores e pequenos címbalos; muitas pessoas, novas e velhas, vestidas de feltro bordado, peles e couro franjado: uma aldeia inteira vestida a rigor, pronta para uma comemoração. Vi máscaras e rostos pintados. Num dos extremos, uma série de homens tocava tambores de diversos tamanhos e estilos. Um grande grito recebeu o nosso aparecimento. Atrás de nós a montanha calara-se. As portas de Cibele estavam fechadas. Não conseguia me esquecer do rosto da velha ao se despedir de nós. Desconfiei que a anciã sabia que aquilo ia terminar daquela maneira, que Irene, a suposta sacerdotisa de Cibele, nunca sairia da montanha para ver o regresso da deusa.

Ao nos aproximarmos, as expressões dos presentes abriram-se num sorriso e a música atingiu um clímax exuberante. Parecia que estavam à nossa espera. *Está escrito*, dissera o *djinn*.

A figura esbelta e bonita de Duarte avançou e duas mulheres de idade, de rosto descoberto e vestidas de lã colorida, beijaram-no nas duas faces. Na verdade, nenhuma delas estava velada. Algumas usavam chapéu ou pequenos lenços decorativos, mas a maior parte

tinha os cabelos luxuriantes soltos, voando como bandeiras desfraldadas enquanto dançavam. Todas elas usavam calças largas por baixo da camisa ou do cafetã. Os trajes dos homens eram semelhantes, se bem que mais discretos. Os dançarinos formavam longas linhas de mãos dadas ao nível dos ombros. Os corpos serpenteavam e entrelaçavam-se, ao mesmo tempo que os pés seguiam um padrão intrincado. Os tambores pulsavam no ar cheio de fagulhas.

Algumas mulheres de idade estavam pondo grinaldas de folhas no pescoço de Duarte, ao mesmo tempo que outras faziam o mesmo em Stoyan e em mim. O português iniciara uma explicação em turco. Eu entendi *Mustafá, Cibele e trazê-la para casa*. A determinado ponto, o pirata disse *Paula e Stoyan*, olhando para nós com o cenho ligeiramente franzido. Eu estava encostada a Stoyan e ele tinha um braço ao redor de meus ombros. Sentia-lhe o peito subir e descer e ouvia-lhe o som da respiração.

— Stoyan, que foi aquilo da flecha que a velha disse? Não está gravemente ferido, não é?

Duarte estava entregando a *Dádiva de Cibele* a um dos anciãos, fazendo uma vênia, recuando. Da multidão ergueu-se um lamento

coletivo e o som devolvido pelas montanhas parecia o uivo de uma matilha de lobos.

— Não é nada — murmurou o búlgaro. — Está tremendo, Paula. Tome. — Nossas mochilas tinham ficado na gruta. — Stoyan soltou a faixa, pousou o diadema inestimável no chão, tirou a grinalda e puxou a túnica pela cabeça. Vi-o encolher-se quando levantou os braços. — Ponha isto — disse ele, passando-me a peça de vestuário pelos ombros. O toque de suas mãos encheu-me de calor e desejei que não as tirasse. Então vi uma nódoa de sangue na camisa, junto ao ombro.

— Está sagrando!

— Já lhe disse que não é nada.

— Não acredito. Mostre-me...

— Não tem importância, Paula. Parece pior do que é. Sente-se aqui. Está exausta. Olhe, esta mulher traz um cobertor.

Sentei-me e, por meio de sinais, fiz saber à recém-chegada que Stoyan precisava de cuidados. Com alguma relutância, meu guarda-costas deixou-se persuadir e sentou-se numa pedra enquanto ela lhe tirava a camisa e lhe tratava do que parecia ser um ferimento bastante feio. Não faltaram voluntárias para ajudá-la. Para embaraço do paciente, todas elas faziam comentários completados com gestos, ao mesmo tempo que olhavam para mim. Era evidente que o consideram um exemplar magnífico de masculinidade.

— Quando é que isso aconteceu? — perguntei-lhe, tentando não encontrar seu olhar.

— Antes de entrarmos nas grutas. A luta no flanco da montanha. Uma flecha num momento inconveniente.

— Disse que era só um arranhão e eu acreditei. Como é que me carregou nos ombros com um ferimento como esse?

Stoyan olhou para longe. As mulheres continuavam a tratar a ferida.

— Você pesa pouco e equilibra-se como um pássaro.

Não disse nada. Apesar da exaustão, tinha vontade de tocá-lo, estar perto dele, pôr em palavras o que fora se tornando cada vez mais forte ao longo de nossa perigosa jornada através da montanha. Stoyan fora sempre o meu rochedo, o meu guia, o meu protetor e o meu amigo indispensável. *Não minta a si mesma, Paula.* Não apenas um amigo. Seus braços, sempre prontos a acolher-me, tinham-me dado a coragem necessária para o abismo. Stoyan fora a garantia de minha saúde mental, o meu guarda contra o terror mais puro, o meu salva-vidas. Percebera, quando ele se metera naquele túnel impossivelmente estreito, que não suportaria perdê-lo. Stoyan era muito mais do que um amigo e se eu fora suficientemente valente para atravessar a montanha de Cibele, tinha que ter coragem para lhe dizer o que sentia. Portanto, por que razão meu coração batia daquela maneira?

Olhei através do espaço aberto e vi Duarte rodeado por uma pequena multidão entusiástica, homens e mulheres. O português escutava com atenção enquanto os anciãos que o tinham recebido lhe explicavam qualquer coisa. Eu me sentia muito cansada para tentar entender o que ele ouvia.

As mulheres que tratavam de Stoyan arranjaram-lhe uma camisa lavada e um dolman de lã vermelha-escura. As pessoas trouxeram-nos mais cobertores, taças com uma bebida quente e chapéus de pele de ovelha. Fazia muito frio na montanha, principalmente à noite. E a Lua estava alta. A nossa progressão através do subterrâneo demorara longas horas.

— O que eles estão dizendo, Stoyan? Consegue ouvir?

— Dizem que a estatueta regressou ao seu local de origem. Que estava escrito. Tudo: três viajantes, um marinheiro, um guerreiro e uma erudita. Que a montanha rugiria quando Cibele voltasse para

casa. Que o caminho secreto seria aberto e fechado de novo. E... — O búlgaro hesitou.

— O quê? — perguntei, abraçando o cobertor e pensando que só naquele momento estava percebendo como era maravilhoso estar quente.

— A árvore — disse Stoyan. — Qualquer coisa a respeito da árvore...

A Lua brilhava, qual disco de prata perfeito. Subitamente a multidão calou-se. A música morreu. Todos os olhares se viraram para a árvore, tão velha e tão enrugada que, certamente, não lhe corria qualquer vida nas veias. A pequena estatueta fora colocada entre suas raízes. Os buracos dos olhos de Cibele olhavam para nós, impenetráveis e estranhos.

— Não há memória de que cresçam folhas ou frutos nela — disse Stoyan. — Mas as anciãs disseram a Duarte que esta noite vai

ser diferente. Na noite do regresso de Cibele, tudo mudará. As palavras serão pronunciadas; a última sabedoria da deusa.

No meio do silêncio, as duas anciãs cantaram juntas numa língua que não me era familiar. A luz da fogueira tocava-lhes nos rostos quando elas erguiam os braços na direção do rotundo tronco e dos ramos nodosos da árvore de Cibele. Um enxame de insetos levantou-se, voando em círculos e dançando por entre os galhos. E na ponta destes, onde antes havia apenas madeira dura e seca, despontaram folhas novas, minúsculas, a coberto da noite, hesitantes e frescas. Entre os rebentos tenros, uma multitude de pequenos pássaros de cores vivas saltava, agitava-se, cantava. Não havia dúvida: a deusa voltara para casa.

— Não chore, Paula — murmurou Stoyan, abraçando-me. Eu, porém, levei as mãos ao rosto e desfiz-me em lágrimas, encostada a seu ombro. A beleza do momento era demasiada. Ouvi de novo a música rude e senti o bater de muitos pés à minha volta. Os aldeãos dançavam ao redor da fogueira, celebrando o regresso da alma de sua comunidade. Era um fim adequado para a missão de Duarte. Porém, aquela efusão de felicidade, para não falar da pura delícia de estar nos braços de Stoyan, não me fazia esquecer a morte de Pero e os terríveis destinos de Irene e Murat. Alguma da responsabilidade pelas suas mortes me pertencia. Se não quisesse tanto provar a Duarte que o meu pai tinha uma oferta melhor pela *Dádiva de Cibele*, não estaria ali naquele momento. Nem eu nem Stoyan. E, sem nós, Irene e Murat não teriam entrado na montanha.

— Paula. — Era a voz de Duarte. Limpei as faces e afastei-me de Stoyan. O português estava acorado na nossa frente com vários aldeãos sorridentes atrás de si. — Nada de lágrimas. Isto é uma festa. O povo de Mustafá expressou os seus profundos agradecimentos a todos nós por termos restituído a estatueta. Eles acreditam que, neste tempo em que outras fés religiosas ganham força no mundo exterior, Cibele deve ficar aqui, onde ainda está a salvo das mãos destruidoras daqueles que não entendem a sua mensagem.

— Nós chegamos a lhes trazer duas dessas mãos — disse eu.

— Eles estão cantar as palavras, desta vez em turco.

— Palavras? — perguntei estupidamente.

— As palavras da deusa, as que estão escritas na barriga. Primeiro foram ditas pelos anciãos na língua antiga e agora são repetidas por todos. *Coma das profundezas da minha terra; beba dos meus rios porque eu sou a sua Mãe. O seu coração é o meu tambor; o seu bafo, a minha canção eterna. Se quer viver, dance comigo!* Algo obscura no seu significado, mas disseram-me que a tradução está correta. Esta gente estava à nossa espera. A nossa chegada foi prevista ao minuto.

Anuí. Depois de tudo o que acontecera naquele dia, não era difícil aceitar uma profecia. Eu não entendia bem o significado da última mensagem de Cibele. Talvez estivesse muito cansada.

— Eles veneram a terra — disse Stoyan em voz baixa, como se pudesse ler minha mente. — A terra que alimenta as sementeiras e que lhes dá o barro para as casas, a água que suporta a vida. Com estas palavras, Cibele pede-nos que vivamos em harmonia com o que está na nossa origem, desfrutando assim de uma vida simples e sábia, na qual o homem e a mulher desempenham o seu respectivo papel.

Fiquei sem palavras. Como era possível ele compreender tão depressa, como se tivesse as respostas armazenadas dentro de si? A sua avó devia ter sido uma mulher excepcional.

— Esta gente quer que nos juntemos a eles nas danças e nas festividades — disse Duarte. — Pediram-me que levasse minha namorada, as palavras são deles, não são minhas, para o círculo para que possam vê-la como deve ser. Eu sei que está cansada e perturbada, Paula, mas tentemos, pelo menos, porque estamos em dívida para com eles.

Posta a questão daquela maneira, não tinha outra opção. Levantei-me. Pus de lado o cobertor e uma das mulheres emprestou-me um xale azul-escuro com pequenos espelhos cosidos para que, quando me mexesse, transportasse o luar comigo. Pousei minha mão na de Duarte e juntamo-nos às danças. Depois de ter descansado um pouco, meu corpo protestou por causa das nódoas negras e dos arranhões que sofrera ao longo da travessia da montanha e surpreendi-me por conseguir andar, quanto mais dançar. Porém, a música recomeçara e quando o círculo começou a se mover de novo, batendo palmas, balançando, batendo os pés, as recordações do Outro Reino e das festas de Ileana voltaram-me à mente e o ritmo entrou-me no corpo, no sangue e fez meus pés ficarem leves. E dancei e a cada dança afastava-me cada vez mais de minhas preocupações terrenas, vendo a alegria nas feições tensas de Duarte ao girarmos, saltarmos e movermo-nos como um par. E passado um pouco não queria estar em mais lugar nenhum; a rendição do meu corpo à música era a única coisa que me impedia de ir abaixo. Até no centro daquela celebração eu sabia que a tristeza estava apenas a um passo.

A noite foi passando e as danças seguiram-se umas às outras. Fui convidada timidamente por vários homens, mas Duarte não me largou e, um a um, eles desistiram. Mais tarde uma fila de dançarinos mascarados de animais representou o que parecia ser uma versão estilizada dos testes da montanha de Cibele. Na seqüência de uns movimentos havia uma parte em que um homem vestido de mulher se equilibrava nos ombros de outro e depois uma outra em que um dançarino vendado passava por entre duas filas de mulheres com bonecas de dentes afiados espetadas em paus. Seguia-se um combate encenado, com cambalhotas e malabarismos. Entretanto, os tambores continuavam num ritmo frenético. A bebida começou a passar de mão em mão. Fosse o que fosse, queimava o estômago e afastava o frio da noite. Bebi muito pouco. A dança mantivera-me quente, mas fiquei muito cansada para continuar. Além do mais ainda não falara com Stoyan e sabia que, nervosa como estava, a ocasião era a ideal. Fora-me tornando cada vez mais consciente de sua expressão sombria, dos seus olhos semicerrados fixos em mim e em Duarte enquanto passávamos de uma dança à outra. Não esperava que ele se juntasse a nós, ferido como estava, apesar de sentir que gostaria mais de ter sua mão segurando a minha. Porém, sua expressão me preocupava. Apanhada na magia da dança, dera-me ao luxo de esquecer que tinha algo importante para lhe dizer, algo que iria precisar de toda a minha coragem.

Desculpei-me a Duarte, alegando cansaço e saí do meio dos dançarinos.

— Gosta de dançar — observou Stoyan em tom neutro quando eu me sentei junto dele.

Não respondi imediatamente. Como parara de dançar, o frio começara novamente a entrar-me nos ossos.

— Stoyan? — arrisquei.

— Hum?

— Quero agradecer-lhe muito, mas não sei por onde começar. Sem você não estaríamos aqui. E salvou a minha irmã. — Ainda me custava acreditar como ele o fizera. — Como é que se lembrou de usar o cão para te ajudar?

— Sabia, simplesmente, o que fazer, Paula. Não foi nada de especial.

— Eu adoro as minhas irmãs. Provavelmente já sabe. Mas não sabia que amava tanto Tati, a ponto de vê-la sofrer e não saber como a ajudar. E agora talvez possa voltar a vê-la. Não tenho palavras para agradecer um presente tão bom.

O búlgaro respondeu o que eu esperava.

— Não foi nada, Paula.

— Quero perguntar-lhe uma coisa, Stoyan.

— Pergunte.

Respirei fundo, pronta para dizer o que ensaiara, mas não consegui abrir a boca. O meu guarda-costas parecia tão sério, quase desaprovador! Assim, fiz-lhe outra pergunta:

— Lembra-se do que aconteceu na ponte, quando aqueles guardas te chamaram de excelência e nos deixaram passar? Acha... Quero dizer, é evidente que te confundiram com outra pessoa qualquer. Passou-lhe pela cabeça...?

Stoyan olhou para as próprias mãos.

— Que talvez tenham me confundido com o meu irmão? — perguntou ele calmamente. — Sim, pensei nisso. Tive muitas falsas

esperanças, Paula, muitas informações que não deram em nada e habituei-me a não esperar muito.

— Mas é possível — disse eu. — Se um rapaz *devshirrne* é inteligente e capaz, é possível, não é? Aos dezoito anos pode estar numa posição de alguma autoridade e poder numa região como esta, não pode? Não deve haver muitos homens parecidos contigo, Stoyan.

O búlgaro olhou para mim. Se eu me sentia tensa, ele sentia-se ainda mais. Os seus dentes estavam cerrados e os seus olhos extremamente tristes.

— Pode ser — disse ele. — Não sei se o meu irmão é parecido comigo. Quando o levaram era apenas uma criança.

— Tem que descobrir — disse eu. — Ele pode estar aqui por perto, talvez naquela cidade ao longo da costa. Talvez alguns destes aldeãos o conheçam. Devia ir à procura dele, Stoyan.

Seguiu-se um pequeno silêncio. Perto dali, Duarte dançava no interior de um círculo de admiradoras. Garotas novas, matronas e entre uma coisa e outra. Na árvore, a copa ia se enchendo de rebentos, tocados pela luz azul-prateada do luar. Abrigados por ela, os pássaros cantavam em coro.

— Não — disse Stoyan.

— Não? Não pode estar falando sério, Stoyan. E a sua missão, a sua demanda! Seria uma loucura não continuá-la quando é capaz de estar tão perto.

— Vou levá-la a Istambul. O seu pai deve estar preocupado. Tem que ir para casa.

— Duarte pode me levar, não se preocupe.

— Vai no *Esperança*, evidentemente, mas não sem o seu guarda. É meu dever entregá-la sã e salva a seu pai.

Silêncio. Devia falar naquele momento, ser honesta e dizer-lhe que não conseguia enfrentar a perspectiva de voltar a Istambul e despedir-me dele. Talvez tivéssemos sido patroa e empregado, mas as duas condições haviam mudado muito antes de eu tê-lo irreverentemente despedido de sua posição como guarda-costas. O búlgaro sabia, certamente, que seu sorriso me aquecia, que suas mãos me acordavam. Nas grutas, e mesmo antes, parecera-me que ele sentia a mesma coisa. Eu era uma mulher adulta, não era? Portanto, porque tremia tanto só de pensar em expressar meus sentimentos?

— Stoyan... Eu...

O búlgaro não disse nada.

— Tenho uma coisa para te dizer. Por favor, escute-me. — Meu coração batia com toda a força. — Stoyan... Você sabe que pertencemos a dois mundos diferentes. Quando meu pai e eu viemos para Istambul, quando te contratamos, só queríamos um homem que fosse forte, de confiança e que nos livrasse de confusões. Nós nunca... nunca... — as coisas começavam a correr mal. Clareei a voz e tentei de novo. — Tornamo-nos amigos, você e eu. Bons amigos. Pelo menos foi o que me pareceu nas grutas... Quero dizer, eu sei que as diferenças entre nós são enormes: a educação, a classe social, a profissão, o fato de ser da Bulgária e eu da Transilvânia. As pessoas, a sociedade, o mundo veriam qualquer coisa entre nós como ridícula, impossível. E tem a sua demanda para com o seu irmão, o que significa que tem que continuar na região depois do meu pai e eu partirmos. Qualquer pessoa inteligente nos dirá que devemos nos despedir quando regressarmos a Istambul e conservar a recordação do que partilhamos aqui, uma aventura notável, excepcional... — já sabia que ia chorar. Ordenei a mim mesma que dissesse as palavras mais importantes, mas a minha língua estúpida recusava-se a obedecer-me.

As feições de Stoyan, à luz da fogueira, estavam transformadas numa máscara ao mesmo tempo dourada e alaranjada. A cicatriz e os dentes cerrados sobressaíam-lhe no rosto. Uma expressão nada encorajadora. Parecia-me que, quanto mais eu tropeçava, mais ele se escondia dentro de si mesmo. Ao mesmo tempo que tentava encontrar as palavras certas, as que lhe diriam o que me ia no coração, a sua expressão ameaçadora gelava-me, tornando-me tal

honestidade quase impossível. Que acontecera à proximidade que sentíamos na montanha, às nossas duas mãos juntas na fuga pela escuridão, à confiança sem necessidade de palavras que partilháramos na gruta das criaturas? Stoyan enchera-me de ternura depois de atravessar a ponte. Os seus olhos tinham-me dito palavras doces depois de termos atravessado o lago. Naquele momento, porém, o búlgaro estava tão silencioso como uma pedra.

— O que estou tentando dizer é que, apesar de tudo, apesar das muitas razões pelas quais as pessoas possam achar inadequado, eu... eu não quero me despedir de você quando regressarmos a Istambul. E perguntei a mim mesma se... — não podia lançar-me numa proposta de casamento. Talvez não fosse a mais convencional das garotas, mas parecia-me errado tomar a iniciativa no mais tradicional dos deveres masculinos. — Se houvesse uma maneira de podermos... ficar juntos. — Aquilo ainda parecia pior, como se estivesse propondo qualquer coisa imprópria. — Não quero dizer... — acrescentei às pressas, parando logo a seguir. Seu rosto continuava circunspecto e cauteloso, mesmo depois de umas palavras tão estúpidas. Era óbvio que não ia proferir uma expressão de amor. Àquela distância, tão pequena, via-lhe o corpo tenso, esticado.

— Acabou, Paula? — perguntou ele.

— Deixa pra lá — disse eu, envolvendo-me nos meus próprios braços e olhando para o chão. — É óbvio que acha que é uma idéia tola. Esqueça a sugestão. — A dor era insuportável, uma dor que nunca pensara sentir. Estragara tudo, não era preciso ele dizer. No entanto, tinha quase certeza de que ele sentia o mesmo que eu.

— Não se pode argumentar contra a lógica. — A voz de Stoyan quebrou e apesar de sentir o coração gelado, estendi o braço para tocar sua mão, mas ele a afastou. — Você diz vamos ficar juntos *apesar* disto, *apesar* daquilo. Quando um homem ama de verdade, Paula, essa palavra não entra no seu vocabulário. Um homem apaixonado não olha obstáculos, restrições, razões pelas quais a sua escolha pode ser imperfeita ou impraticável. Um homem apaixonado está pouco ligando para o que os outros possam pensar. No seu coração não há espaço para isso porque está cheio de amor.

— Mas... — gaguejei, desesperada por lhe dar a entender que o *amava* e que, se não estivesse tão cansada e nervosa, teria dito melhor.

— Ouça o que eu lhe digo, Paula, por favor. Não sou capaz de dizer isto outra vez. Como me disse oportunamente, o seu futuro é um futuro de riqueza, oportunidade, erudição e empreendimentos. Você se moverá em círculos muito além do alcance de um homem

como eu. Se imaginarmos as coisas de maneira diferente, alimentamos uma ilusão nascida das aventuras estranhas que tivemos juntos. E se tentássemos qualquer coisa mais, e eu não posso dizer que a idéia nunca me passou pela cabeça, nos veríamos brevemente em guerra; exigiria de mim uma erudição e uma inteligência que não tenho capacidade para oferecer. Você se tornaria cada vez mais amarga por ter se unido a um homem tão limitado e eu... Não interessa. Quando chegarmos a Istambul, me agradecerá por ter respondido assim, Paula. Você vive noutro mundo, no mesmo mundo de Duarte com os seus privilégios e as suas possibilidades. O meu é totalmente diferente.

Foi como se ele tivesse me batido. Com aquele belo palavreado, Stoyan dera um golpe cruel nos laços que existiam entre nós. Era como se tivessem me tirado o ar. Fiquei ali, miserável e silenciosa, quase a tocar-lhe, mas completamente à parte, como se houvesse uma parede entre nós.

Duarte aproximou-se de nós com uma mão estendida na minha direção e com um sorriso a suavizar-lhe as feições, corado devido à atividade e ao fogo que estalava, iluminando a noite.

— Só mais uma. Vamos lá! Você também, Stoyan. Temos que mostrar a esta gente que gostamos de sua recepção. Já nos

convidaram para dormir na aldeia. Amanhã nos levarão a um ancoradouro, onde um barco de pesca nos levará ao *Esperança*. Casa à vista, meus amigos!

Pus-me de pé. Uma coisa era certa: não podia ficar ali com Stoyan depois daquele discurso, ou ficaria com o coração despedaçado.

— Anda, Stoyan — disse Duarte, agarrando-lhe a mão e puxando-o. — A não ser que essa flecha que me era destinada o tenha ferido gravemente — acrescentou ele, virando-se para mim. — Imagino que o nosso amigo não te contou a história toda. Ele não gosta de chamar atenção. Se não tivesse me empurrado, teria sido atingido no peito. E é assim que, depois de ter pago a dívida a Mustafá, vejo-me com outra.

— Não tem obrigação nenhuma — disse Stoyan numa voz que me pareceu cinzenta e seca. — Aquilo era um combate e num combate os camaradas se protegem mutuamente. Quer que eu vá dançar?

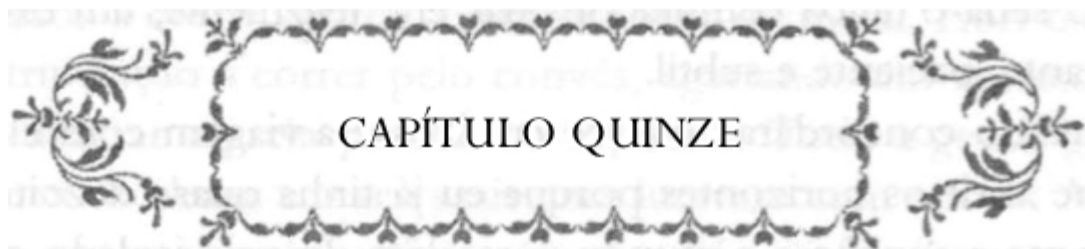
— Temos que dançar todos — disse eu com um sorriso, já que a alternativa era ficar ali sentada me sentindo naufragada. *Devíamos a Cibele, pensei, honrá-la naquela celebração.* Os nossos sentimentos pessoais não eram para ali chamados.

E assim dançamos os três, eu no meio e os meus amigos um de cada lado, de mãos dadas com os aldeãos através de uma seqüência complicada de passos repetidos, à medida que a música tocava cada vez mais depressa. A gaita-de-foles soltava gritos lancinantes, os tambores soavam ruidosamente e as trompas gemiam à vez e ao mesmo tempo numa fanfarra bravia. Duarte sorria, exausto. Para aquela gente o português era um herói porque pagara a sua dívida de honra, mas perdera um bom amigo no caminho. Stoyan arvorava uma expressão pálida, sinistra. Suas mãos ainda estavam manchadas com o sangue de Murat. Com as roupas emprestadas, o búlgaro parecia mais limpo do que Duarte e eu. Porém, todos nós mostrávamos sinais de nossa provação, tínhamos os olhos pisados de cansaço, os cabelos emaranhados, os corpos moídos e doloridos. No entanto dançávamos de cabeças bem erguidas, prestando tributo ao povo da montanha que não perdera a fé.

A Lua atravessava o céu e a árvore restolhava sob a brisa ligeira. As fagulhas da grande fogueira erguiam-se no ar noturno. E enquanto os meus pés efetuavam os padrões complicados da dança e a minha boca se abria num sorriso, eu morria de tristeza por dentro. As palavras de Stoyan tinham-se encravado em meu

coração. Pensara que o que existia entre nós era suficientemente forte para desafiar os costumes e as expectativas, para ultrapassar as barreiras da distância e da diferença. O búlgaro atirara-me os argumentos na cara. Nunca mais poderia tocar seus ombros fortes, nunca mais sentiria sua presença quente a meu lado, nunca mais o veria quando olhasse para cima. Aquela era a última noite. Enquanto a música não acabasse, podia fingir que não teríamos que dizer adeus um ao outro.

CAPÍTULO QUINZE



Partimos na manhã seguinte. Os aldeãos deram-nos roupas quentes e uma escolta que nos conduziu por um caminho alcantilado até um ancoradouro, onde um pescador nos levou ao *Esperança*. A peste ainda não chegara à aldeia da montanha, mas as pessoas sabiam que não estava longe e não se demoraram.

A disposição no barco era sombria. A perda de Pero fora um rude golpe para Duarte e seus homens. Foram feitos ajustes. Stoyan pediu para ser membro da tripulação e o português aceitou, o que significava que o búlgaro dormiria com os outros homens e que Duarte recuperaria sua cabina, mudando-me para a de Pero. Eu tinha certeza de que Stoyan fizera aquilo para me evitar, não porque quisesse tornar-se útil. Nas raras vezes em que nos cruzávamos, ele cumprimentava-me com uma cortesia formal, como qualquer outro membro da tribulação, se bem que estes, geralmente, sorriam-me. Minhas tentativas disparatadas para lhe dizer o que sentia por ele pareciam ter destruído não só o futuro que poderíamos ter partilhado, como também a amizade que já tínhamos. No entanto, quanto mais pensava no assunto, mais reconhecia a profundidade dos meus sentimentos por ele, sentimentos que já existiam em mim antes da passagem pela montanha ter me acordado para a sua verdadeira natureza. Sentia-me tão magoada com a sua atitude que passei a maior parte do tempo na cabina, melancólica, tentando tirar sentido de tudo o que acontecera.

Pensei em Irene e no que ela fizera no fim. Recordei a sua relação com Murat, a compreensão existente entre os dois sem necessidade de palavras, desde a xícara de café servida na perfeição ao instantâneo desembainhar de uma arma mortífera. Percebera, naquele terrível momento de dor, ao vê-la embalar o seu camareiro moribundo nos braços, que a grega o amava. Era evidente que nunca lhe passara pela cabeça que ele pudesse morrer ao seu serviço e, por tal razão, a sua morte ultrapassara em valor a *Dádiva de Cibele*. Teria percebido naquele instante que não queria continuar sem ele? Talvez. Irene podia ter fugido conosco, mas preferira ficar. Quanto à natureza do seu amor, nunca a descobriria e talvez não interessasse. Talvez bastasse saber que a grega era capaz de tais sentimentos.

Fui atirada para a companhia de Duarte pelo comportamento de Stoyan ao longo da viagem. O português, pelo menos, parecia feliz por passar o tempo comigo e falou-me de sua família, gente rica. O *Esperança* não era o único navio que tinham. Duarte falou-me de sua revolta contra as expectativas do pai, das suas viagens como simples tripulante em vários navios e como chegara a comandante do seu próprio navio — não o *Esperança*, uma aquisição posterior, antes um modesto barco de um único mastro. O português aumentara os seus rendimentos com atos de pirataria nos primeiros anos e ganhara a reputação de homem implacável e bem-sucedido. A dívida de honra para com Mustafá, gradualmente, mudara-o. Duarte disse-me que já não empregava as mesmas táticas e eu acreditei porque a nossa viagem convencera-me de que ele era um homem de bom coração. Na verdade, Duarte da Costa Aguiar já não precisava se meter em práticas pouco claras, era um homem rico. De fato, era o mercador respeitável que o seu pai sempre quisera

que ele fosse — demorara apenas um pouco mais de tempo para chegar lá.

Perguntei-lhe o que faria, agora que a sua missão terminara e ele disse que iria para casa durante uns tempos. A tripulação estava cansada. E a mulher de Pero precisava saber que era viúva. Evidentemente, não teria problemas financeiros, tal como as crianças órfãs. O código dos marinheiros assim o exigia.

Pareceu-me que a história não ficou totalmente contada, que havia qualquer coisa que ele não estava me dizendo; vi-o no seu sorriso e nos seus olhos cautelosos, mas não o pressionei. Estávamos todos cansados. No entanto, Duarte parecia à deriva, como qualquer homem cujas energias tivessem sido postas exclusivamente ao serviço de um determinado propósito e esse propósito, subitamente, tivesse deixado de existir. O português precisava de tempo para se ajustar, descobrir o que fazer. Líamos poesia juntos, bebíamos vinho, por vezes sentávamo-nos um ao lado do outro em silêncio. Era agradável, mas não me diminuía a dor no peito.

Não encontramos o três mastros de velas vermelhas. Talvez ainda estivesse ancorado na pequena baía à espera de Irene e de Murat. Sem as suas ordens, suponho que a tripulação não se daria

ao trabalho de nos perseguir. Perguntei a mim mesma se teria que declarar a morte de ambos às autoridades de Istambul e fiquei aliviada quando Duarte me disse que trataria do assunto. Daria, disse ele, uma versão da história que não as levasse à aldeia de Mustafá ou que expusesse o segredo de Irene ao mundo. Se havia provas do culto em sua casa, algo que pudesse revelar a verdade a seu marido, não podíamos fazer nada.

Assim, quinze dias depois de nossa partida entramos no Corno Dourado. No momento em que o *Esperança* atracou, Duarte mandou um rapaz correr ao *han* genovês para avisar meu pai de que eu regressara sã e salva e que estaria em casa dentro em pouco. Stoyan pegou minha pequena trouxa, com o bordado de Tati e as roupas que andara usando: um vestido das mulheres do campo da Anatólia que me fora dado na aldeia da montanha para substituir as roupas de marinheiro esfarrapadas. Naquele momento tinha o vestido de estilo grego que Irene me dera no dia em que Stoyan entrara de rompante no *hamam*. Custava-me acreditar que tinham se passado menos de três semanas.

Duarte deu-me um livro — *A Odisséia* — e beijou-me nos lábios no alto do portaló perante um coro de assobios e gritos da tripulação. Enquanto Stoyan e eu descíamos a prancha, as suas vozes cantavam atrás de nós: *Paula, de brancura singela...*

Quase chorei, irritada comigo mesma por ser tão impressionável. Todos nós sabíamos que aquilo não duraria para sempre.

Meu pai me abraçou sem uma única palavra de reprovação, agradecendo apenas a Deus o meu regresso sã e salva. Contei-lhe a história toda, omitindo muitos pormenores porque ele não gostaria de ouvir falar das provações físicas e dos perigos que Tati e eu tínhamos enfrentado e ele ouviu tudo tranqüilamente, tal como seis anos antes ao sermos obrigadas a explicar-lhe que a sua filha mais velha fora para o Outro Reino e que nunca mais a veria. Quando acabei, meu pai me fez algumas perguntas: Tati estava bem? Eu não estava ferida? E, finalmente, estava contente com o destino final da *Dádiva de Cibele*? Se sim, disse o meu pai, passaria uma esponja sobre o assunto e, simplesmente, seguiríamos em frente. Assegurei-lhe que sim, apesar de tal convicção significar que a nossa viagem comercial fora um fracasso. O tema não era fácil.

Estava tão cansada que mal conseguia ficar de pé. Cumprimentei Giacomo e Maria e agradei-lhes a ajuda. O casal, não só tratara de meu pai como se esforçara por ajudá-lo nas buscas. O meu pai perscrutou-me ao ver-me oscilar e bocejar e disse-me que o resto podia esperar até o dia seguinte. Deitei-me e dormi catorze horas. Levantei-me, lavei-me, tomei o desjejum e voltei para a cama, prometendo a meu pai que iria trabalhar na parte da tarde.

Ele e Stoyan estavam na câmara do térreo organizando nossas mercadorias, empacotando as sedas.

Só acordei com a chamada para a oração do meio-dia a ecoar no *mahalle* genovês. Encontrei meu pai tomando chá na galeria. Stoyan fora às docas com um carregamento de artigos para serem embarcados.

— Tive um visitante — disse meu pai. — Sente-se, Paula. Ainda parece exausta — acrescentou ele, fazendo um gesto ao vendedor de chá, no pátio.

— Um visitante? — perguntei, deixando-me cair numa cadeira.
— Quem?

— O seu amigo Duarte Aguiar. A visita foi formal.

— Lamento não tê-lo visto. — Não era exatamente uma surpresa. Duarte devia ter-se sentido na obrigação de explicar, imaginei, o que parecera aos olhos do mundo uma espécie de rapto. — Quando é que Stoyan volta, pai?

— A tempo do jantar, suponho — disse o meu pai, olhando zombeteiramente para mim. — Porque pergunta?

— Por nenhuma razão especial. — Não suportava deixar as coisas como estavam entre nós. Porém, o búlgaro deixara claro que não estava disposto a aceitar minha sugestão, o que era perfeitamente lógico. Éramos completamente diferentes. As nossas casas estavam milhares de quilômetros afastadas uma da outra. Eu era uma jovem instruída, filha de um próspero mercador, ao passo que ele era um camponês iletrado de uma aldeia remota que jurara encontrar o irmão e levar a notícia à sua mãe. E eu ia voltar para casa. Passar-se-iam anos até ter a chance de voltar. Talvez, até, nunca mais voltasse. Uma parceria como a nossa não tinha chance nenhuma de vingar.

— Hum-hum — murmurou o meu pai. — Vocês discutiram? Reparei que a atmosfera está pesada entre ambos. E Stoyan parece... — hesitou ele, procurando a palavra certa. — Parece perturbado.

— Tivemos uma discussão. Nada de especial, não se preocupe.
— Quem me dera ter ali uma de minhas irmãs, especialmente Jena, para poder tirar a tristeza dos ombros, partilhar com ela a confusão que sentia e receber alguns conselhos práticos. Não podia falar daquilo com o meu pai.

Após alguns momentos de cenho carregado, o meu pai me perguntou:

— Não quer saber o que Aguiar queria?

— Queria? Ele não veio aqui pedir desculpas?

O ajudante do vendedor de chá aparecera com um tabuleiro carregado. Servi-me de um copo e bebi uns goles, agradecida.

— Veio pedir-me a sua mão em casamento. — O meu pai parecia divertido com o raio que acabara de lançar.

— Ele o quê?

— Fez-me uma proposta formal de casamento, acompanhada de toda a informação que um pai pode esperar numa ocasião assim. Parece que o homem é muito rico, Paula. E a família está nas boas graças dos governantes do país, a acreditar no que ele me disse. Tudo isto, claro, em contraste com a sua duvidosa reputação pessoal. Ele falou muito bem de você. É evidente que causou boa impressão.

Fiquei quase sem palavras.

— Por que razão ele não me disse nada? — Nem nos meus mais loucos vôos de imaginação esperava uma coisa daquelas. Tentei entender como estava me sentindo. Confusa e inquieta, certamente, mas também agradada. Depois da recusa de Stoyan, aquilo me fazia sentir um pouco melhor. Duarte tinha muito para oferecer, muito mais do que o que o meu pai poderia ficar sabendo a partir de uma curta entrevista. — O que disse a ele? — perguntei.

— Que não, naturalmente. — Muito calmo, o meu pai olhava para mim.

— Disse-lhe que não? Assim, sem mais nem menos? Sem sequer me perguntar? — sentia-me ultrajada. Talvez aquilo fosse o que os pais normais faziam, os pais que não viam as filhas como seres humanos inteligentes, independentes, com opiniões próprias, mas não o meu.

— Precisava dormir. Não se irrite, Paula. Um homem que desiste logo na primeira não merece que lhe chamem de genro. Verá como daqui a alguns dias estará aí outra vez. Mas, está querendo dizer que quer se casar com ele?

Senti-me corar.

— Não estou dizendo nada, pai, apenas que gostaria de ser consultada antes de uma decisão dessa ser tomada. Afinal de contas trata-se da minha vida.

— Portugal é muito longe — disse ele, subitamente desolado. Levantei-me e abracei-o.

— Seja como for, é capaz de não voltar — disse eu. — Não se preocupe, pai. Onde estão as tais contas?

Stoyan voltou pouco depois, foi buscar o jantar para os três e depois perguntou a meu pai se podia ausentar-se até ao dia seguinte de manhã. Era evidente que continuava me evitando. Havia perguntas nos meus olhos, talvez, perguntas cujas respostas não poderiam ser dadas em voz alta por serem muito dolorosas.

Enquanto comíamos no meio de um silêncio estranho, ocorreu-me que não precisava olhar para o búlgaro para fazer um inventário de todas as coisas que me agradavam nele: a sua altura imponente, os seus ombros largos, os seus braços musculosos, a cascata de espessos cabelos negros e os olhos cor de âmbar, capazes de ser tão gentis como os de uma pomba ou tão ferozes como os de um lobo, a intensidade pálida de sua pele, marcada pela cicatriz denteada que me dava vontade de percorrer com os dedos. Os ossos fortes das faces e do queixo, mas acima de tudo, a sua sabedoria rara, uma tranqüilidade interior, um discernimento que ultrapassava em muito a sua habilidade superficial para ler e escrever ou a sua facilidade com os números. Tínhamos tão pouco tempo. O seu silêncio perturbava-me, tal como a expressão sinistra do seu rosto. Eu sabia que ele era teimoso e o escudo em que se envolvera era quase perfeito. Naquela noite, pela primeira vez desde que regressáramos para casa, pensei ver a dor através da barreira. Nos olhos cautelosos de Stoyan vislumbrei um reflexo perfeito do que me ia no coração e dentro de mim acendeu-se uma trêmula chama de esperança. Talvez, no final das contas, ainda não fosse tarde demais. Tinha que falar novamente com ele e dessa vez tinha que me explicar corretamente. Quando ele voltasse no dia seguinte.

O meu pai deu folga ao búlgaro e nós dois passamos tranqüilamente a noite fazendo as malas. Faltava levar apenas um carregamento de mercadorias para o barco. Partiríamos dois dias depois. Conversamos um pouco mais sobre a *Dádiva de Cibele*, a sua verdadeira importância e as pessoas dispostas a adquiri-la pelas

mais diversas razões. Irene e Murat, prontos para matar, assim como o xeque ul-Islão. Aparentemente, o *mufti* mandara matar Salem por, supostamente, encorajar práticas pagãs na cidade.

— Os chefes do Outro Reino, na nossa terra, sempre desejaram o bem para os humanos desde que nós aprendêssemos nossas lições — disse eu ao meu pai. — Tenho certeza de que os seus iguais, aqui, como a velha que conhecemos nas grutas, são exatamente iguais, apesar dos seus métodos serem mais brutais. Eles queriam que a *Dádiva de Cibele* fosse devolvida à aldeia de Mustafá. A estatueta é mais do que um artefato primitivo, é o reconhecimento dos bons velhos tempos. Trata-se da mesma lição que eles tentaram ensinar a Cezar, quando ele quis abater a nossa floresta em vez de albergar o povo de Ileana. Respeito pela... pela Mãe Terra, acho que pode-se dizer.

— Ouvi dizer — disse o meu pai, apertando uma corda ao redor de uma caixa e dando-lhe um nó — que os rituais de Cibele são violentos e sangrentos. Pelo que acaba de me dizer, não me parece.

— Talvez tenham sido, em tempos. O que vimos era estilizado: pessoas mascaradas, homens vestidos de mulher, etc. Nada de sangue, apenas danças, jogos e música. Irene auto-intitulou-se sacerdotisa de Cibele, mas acho que entendeu mal quando restringiu

os rituais às mulheres. Murat, como eunuco, era a única exceção. Na aldeia da montanha, os homens e as mulheres misturavam-se livremente e pareciam iguais, apesar de serem as anciãs a conduzirem o ritual.

— E a inscrição? — perguntou o meu pai. — Descobriu o significado?

— Não é a chave para a boa sorte. A lenda que cresceu em volta da *Dádiva de Cibele* ao longo dos anos não foi encontrada. A inscrição é apenas um conselho sobre como viver as nossas vidas. Cibele diz aos seus seguidores que, se viverem em harmonia com a Terra, respeitando o que recebem, ela continuará a alimentá-los. E diz-lhes que celebrem a vida que têm, uma mensagem para todos, homens e mulheres. Os aldeãos pensam que o mundo chegará ao fim dos tempos quando a sua sabedoria deixar de ser entendida. Eles dizem que a *Dádiva de Cibele* e as suas palavras precisam ficar escondidos durante algum tempo, em segurança.

— Com pessoas como Irene de Volos e o xeque ul-Islão neste mundo, não há dúvida de que é uma decisão sábia — disse o meu pai. — Os chefes cristãos de Istambul fariam o mesmo, se notassem alguma evidência de idolatria. Quanto a mim, fiquei de certo modo aturdido com toda a seqüência de eventos. Acho que não vou

negociar com artefatos religiosos durante algum tempo. Estou certo de que não me contou a história toda, Paula. Talvez queira poupar um frágil ancião. — Vislumbrei-lhe uma cintilação nos olhos.

— Frágil? — exclamei. — Sempre soube que era um pai excepcional. — Era verdade. Quantos pais estariam prontos a aceitar o que eu lhe dissera? Quantos teriam permitido que uma filha o acompanhasse numa viagem e esquecesse rapidamente o ato impetuoso e louco que a fizera embarcar num navio pirata?

A manhã chegou e com ela Duarte da Costa Aguiar, não Stoyan. O português entrou no pátio a uma hora pouco própria para uma visita social, mas não para mim e para o meu pai. Estávamos de pé desde a chamada para a oração da manhã, preparando as últimas coisas que Stoyan levaria para o porto. Eu usava o meu vestido mais simples e tinha os cabelos presos na nuca, por baixo de um lenço.

O meu pai o viu chegar e disse-me:

— Decida bem, Paula. Você é boa menina, cheia de espírito e muito inteligente. Posso não gostar muito do homem, mas sinto que, em muitos aspectos, é o ideal para você. Você e ele têm muito em comum. Sugiro que o leve até à galeria e que me deixe acabar isto.

Limpei as mãos na saia, subitamente cheia de nervos. Gostaria de ter tido tempo de me lavar, de escovar os cabelos e de enfiar outro vestido pela cabeça, talvez o de seda cor de ameixa e o véu encantador que Duarte me dera.

— Está ótima assim, Paula — disse o meu pai, pousando-me as mãos nos ombros e beijando-me gentilmente na face. — Vá.

Bem, Duarte vira-me suja, suada e com as roupas em farrapos, por isso talvez não tivesse importância. O português cumprimentou-me com um sorriso, trocou algumas palavras corteses com o meu pai e depois seguiu-me pela escada acima até à galeria, onde nos sentamos à pequena mesa. Desejei ter qualquer coisa com que entreter as mãos, mas como não tinha nada com que o fazer, cruzei-as no colo e clareei a voz.

— O meu pai me falou de ontem — disse eu, embaraçada. — Fiquei... surpreendida. Muito surpreendida.

Duarte vestira-se para a ocasião. Sua camisa era do melhor linho e a túnica e as calças azul-acinzentadas, cor que ele parecia preferir, eram da melhor lã. Suas botas brilhavam. Ao redor do pescoço tinha o meu lenço vermelho. Olhei para suas feições aristocráticas, para os olhos escuros maliciosos e para os cabelos negros lustrosos, atados na nuca com uma fita. Para o corpo atlético. Tentei imaginar o que seria ser sua mulher.

— Para ser honesta — acrescentei — nunca o imaginei um homem casado.

— Até recentemente nem eu — disse ele. Senti-lhe um ligeiro tremor na voz. Afinal, não era a única que estava nervosa. — Durante a nossa recente viagem, o prazer que tivemos na companhia um do outro, a maneira como o navio despertou para a vida enquanto estive a bordo... Essas coisas mudaram a minha maneira de pensar. O cumprimento da minha dívida de honra me fez pensar no futuro. Mestre Teodor disse-lhe, sem dúvida, que lhe enumerei os meus recursos pessoais e os de minha família. Quero

que saiba que o fiz não porque acredite que a decisão final será tomada com base na minha riqueza, mas para que o seu pai fique tranquilo quanto ao futuro que posso lhe oferecer.

— Entendo — disse eu, perguntando a mim mesma se devia dizer-lhe que tais pormenores não me interessavam.

— Paula, você sabe que espécie de homem eu sou. A minha conduta passada nem sempre foi inteiramente ética. A minha vida é constituída por constantes deslocações. O sucesso desta missão não alterará tal estado de coisas. Eu amo o mar, amo a aventura que ele representa, as oportunidades, as surpresas e os desafios que me oferece. — O português pusera-se de pé e estava junto do gradeamento de costas para mim, batendo com os dedos na perna.

— Duarte — disse eu —, porque não se senta? Nós somos amigos, não somos?

O pirata sentou-se na beira da cadeira.

— Muito bem — disse eu. — Tenho uma pergunta para você. A vida que acaba de descrever, a vida de marinheiro, não me parece que seja uma vida onde caiba uma mulher. Eu nunca serei o tipo de esposa que fica à lareira e que tem tudo no lugar à espera de um marido que aparece uma ou duas vezes por ano, quando lhe apetece. Não me parece que valha a pena. Mais vale ficar solteira e viver a vida que tenho agora.

Duarte sorriu e eu gostei do sorriso; lembrou-me as nossas conversas no *Esperança*, a maneira como fizéramos mutuamente faísca com as nossas brincadeiras, cada um de nós procurando ultrapassar o outro nos diversos debates que promovíamos sob o Sol ardente. Eu gostara muito. O meu pai tinha razão: Duarte era meu igual intelectualmente. Não conseguiria encontrar um companheiro igual no círculo limitado que existia na Transilvânia. O português era inteligente, vivo e tinha sentido de humor. Também era corajoso, forte e desembaraçado, para não falar dos seus encantos físicos e da sua considerável fortuna. Noutros tempos, não muito distantes, o teria considerado inadequado como marido, para mim ou para qualquer outra mulher, mas Duarte provara ser um homem diferente do pirata sem escrúpulos que eu fazia dele.

— Não era isso que eu tinha em mente — disse Duarte calmamente. — Ninguém imaginaria que uma mulher como você se satisfaria com esse papel, a esposa que espera pacientemente enquanto o marido parte para a aventura quando lhe apetece. Foi por essa razão que decidi, há muito tempo, que não me casaria. Uma associação dessas seria muito desigual e uma mulher disposta a ela nunca me interessaria.

Não entendia onde ele queria chegar. No pátio, perto da área onde o meu pai estava trabalhando, vislumbrei uma figura alta de cabelos escuros vestida com um dolman e com facas metidas na faixa. Subitamente, todos os meus nervos se encrespavam.

— Evidentemente, quando tomei essa decisão não a conhecia, Paula — disse Duarte. — E, confesso, durante os nossos encontros anteriores, os meus sentimentos por você foram vários. Porém, reavaliei-os. Custou-me muito despedir-me de você, no porto. Então, pensei *Talvez seja melhor*. Porque não seguirmos em frente juntos, lado a lado, companheiros em todas as aventuras? Acredito que continuaríamos a nos surpreender mutuamente e que acrescentaríamos pimenta e açúcar às nossas vidas.

No pátio, Stoyan entrava e saía do armazém, falando sempre com o meu pai e parecia que não dormira. Subitamente meu

coração deu uma espécie de salto, como que a lembrar-me para ser honesta comigo mesma.

— Você sabe que o admiro, Duarte — disse eu com algum custo — e gostei muito de sua companhia. A viagem, a sua determinação em pagar a sua dívida de honra, a maneira como se conduziu... Não poderia deixar de tê-lo na mais alta consideração depois de tanta coisa. — Respirei fundo, tentando manter a calma. Não seria justo tirar-lhe imediatamente as ilusões, devia-lhe respeito, era um amigo. — Mas ainda não respondeu à minha pergunta. Se eu o aceitasse, qual seria o meu lugar nesse futuro que disse que queria, esse futuro de viagens, aventuras e descobertas?

— Esperava — disse ele, aproximando-se e dobrando um joelho na minha frente — que o partilhasse comigo, Paula. Seja minha sócia no *Esperança*. Viaje comigo. Partilhe as minhas aventuras. Seremos invencíveis. Juntos seremos capazes de tudo. E imagine como nos divertiremos. Paula, não me parece que esteja errado ao interpretar o seu desejo de passar o tempo na minha companhia como uma indicação de que sente mais do que uma simples amizade por mim. Sei que o seu pai tenciona embarcar amanhã para casa. Não temos muito tempo. Pode me dar uma resposta?

Subitamente, o *han* pareceu-me muito quieto. A resposta tremia-me nos lábios, relutante em sair porque eu dava valor à amizade de Duarte e respeitava a honestidade com que ele me fizera a proposta. Sendo pouco romântico por natureza, dissera-o por palavras simples, sem floreios. Levantei-me e encostei-me ao gradeamento.

— Por favor, não se ajoelhe assim — disse eu, sentindo as lágrimas a picarem-me os olhos. — Faz-me ficar embaraçada. Venha até aqui. Segure minha mão.

Então, Duarte soube que eu ia dizer não; viu-o nos meus olhos quando se aproximou e agarrou minha mão.

— Não posso — disse eu sem qualquer cerimônia. — Tenho muito respeito por você, Duarte e se as circunstâncias fossem diferentes, aceitaria de boa vontade. Mas não posso.

— Assim, sem mais nem menos? Não quer pensar um pouco, sequer? Poderíamos... — as palavras morreram-lhe na boca quando

olhou para mim. — Está falando sério — disse ele simplesmente. — Não vai mudar de idéia.

— Lamento, Duarte. — Com as faces a arder, tentei não olhar para o pátio. — Você é um homem direito e custa-me muito magoá-lo, mas sei que nunca o amaria como merece.

O pirata encolheu os ombros, ergueu as sobrancelhas, sorriu-me sardonicamente e deu-me vontade de chorar.

— Bem — disse ele —, estou vendo que tenho que voltar à vida de pirata. Lá se vai a redenção através do amor de uma mulher. Está na hora. Mas primeiro... — E antes que eu pudesse, sequer, prender a respiração, Duarte tomou-me nos braços e beijou-me os lábios, não o beijo mais ou menos brincalhão que me dera ao sair do *Esperança*. Um beijo de verdade, um beijo que eu nunca experimentara. Foi maravilhoso: apaixonado, terno e um pouco assustador. Um beijo que dizia: *É disto que está desistindo. Poderia ter isto sempre*. Quando, finalmente, me largou, Duarte girou abruptamente nos calcanhares e desceu a escada sem uma palavra.

Vi-o atravessar o pátio e desaparecer pelo arco da entrada. Quando me virei, vi-me a olhar diretamente para Stoyan, imóvel na entrada do armazém. Se antes me parecera cansado e desanimado, naquele momento parecia-me traído. Não havia cautela em seu olhar. Os olhos cor de âmbar ardiam de dor e seus lábios torciam-se de fúria. Se pensara que seus sentimentos eram menos fortes do que os meus, enganara-me. Abri a boca para chamá-lo, para lhe dar uma explicação, mas ele virou-me as costas e desapareceu. Provavelmente vira tudo.

Não estava em estado de descer e explicar-me, especialmente na presença de meu pai. Retirei-me para o meu quarto e sentei-me no catre a olhar para a parede. O bordado de Tati estava aberto em cima da minha almofada. Passei os dedos pelas bailarinas, cheia de saudades. Stela me daria um abraço de conforto, Jena me daria um bom conselho e Iulia faria um comentário sobre os homens, impossíveis de aturar. Porém, todas elas estavam longe e eu me sentia terrivelmente só. O perigo emocionante da viagem, a tragédia, o triunfo e a amizade que partilhara com aqueles dois homens, cada um deles tão encantador, tão diferente, pareciam-me mais longe do que nunca. Conseguira magoar os dois e fazer de mim uma infeliz.

Um pouco mais tarde, depois de lavar as marcas das lágrimas, desci ao armazém. Se fosse preciso, pediria a meu pai para falar a sós com Stoyan. Diria que queria passar a vida com ele, acontecesse o que acontecesse. Se houvesse obstáculos, certamente teríamos forças para ultrapassá-los. Prováramos isso na montanha, não? Era lógico, mas tremia toda com os nervos. *Até que ponto é corajosa, Paula?*, perguntei a mim mesma. *O suficiente para por a cabeça num cepo e convidar o seu melhor amigo a cortá-la?*

O armazém estava vazio. O meu pai e Stoyan tinham ido levar as últimas mercadorias ao porto. Peguei numa vassoura e comecei a varrer o espaço vigorosamente. As palavras vieram-me à mente ao ritmo do som, um verso que quase esquecera no turbilhão em que a minha vida se transformara desde a nossa passagem pela montanha. *Água e pedra, carne e osso. Noite e manhã, rosa e espinho...* Como era possível esquecer-me de uma coisa tão importante como uma adivinha? Na ocasião parecera-me uma tolice, uma série de palavras que contrastavam umas com as outras. *Árvore e vento, coração e mente.*

Abruptamente, porém, percebi por que razão a velha me dera. Imaginei uma pedra grande a apoiar e a ajudar a passagem de um curso de água; uma flor delicada protegida pelos seus espinhos aguçados, as duas coisas interdependentes, duas partes distintas do mesmo todo. Imaginei o vento a passar pelas árvores e as sementes a cair em espiral para formar uma nova floresta. Considerei a noite a seguir-se ao dia numa seqüência inevitável, dando-se mutuamente significado. A equipe perfeita podia ser constituída por duas pessoas tão incompatíveis como uma pedra e um ribeiro, uma montanha e o vento, o deserto e um rebento novo. Podiam complementar-se, diminuir as fraquezas uma da outra. Como se partilhassem a mesma carne e o mesmo sangue, o mesmo coração e a mesma mente. Fora o que acontecera com Stoyan e comigo ao atravessarmos a gruta do lago. Trabalhávamos em conjunto como se fôssemos um só. E era como me sentia naquele momento. Sabia que, se o perdesse, algo dentro de mim se desmembraria para sempre. Não precisava de argumentos lógicos para argumentar o meu caso. Não precisava de nenhum *apesar de*. Só precisava de dizer *te amo*.

Terminada a varrida, pus-me a andar de um lado para o outro do pátio até que Maria me chamou aos seus aposentos, dizendo-me que estava cansada de me ver naquela situação e oferecendo-me um café e pequenos bolos de mel. Era evidente que a mulher me vira falando com Duarte, mas eu não lhe dei qualquer explicação nem ela me pediu. Perguntei a mim mesma que danos teria sofrido a minha reputação depois daquela viagem e até que ponto o sucesso contínuo de meu pai por aquelas paragens, como mercador,

teria sido prejudicado. *Assim que voltasse para casa, as histórias cairiam no esquecimento*, pensei. As pessoas esqueceriam assim que um novo escândalo lhes despertasse o interesse.

— Parece que o seu pai já voltou, Paula — disse Maria, olhando na direção do pátio. Estivéramos junto do gradeamento acabando um segundo copo de chá e gozando o calor do dia, ao mesmo tempo que o trabalho no *han* continuava no andar de baixo. A mulher de Giacomo sorria; era evidente que sabia que a minha mente não estava ali.

O meu pai passara pelo arco e dirigia-se para os degraus que davam acesso à galeria. Não havia sinal de Stoyan.

— Obrigada pelo chá — disse eu. — Desculpe se lhe pareço distraída. Ainda me sinto cansada e ainda há tanto para fazer antes de irmos embora...

— Não se preocupe, Paula. Diga-me se Giacomo e eu podemos fazer alguma coisa para ajudar.

Quando cheguei ao nosso apartamento, o meu pai estava a tirando o chapéu e a capa e parecia invulgarmente sombrio.

— O que se passa, pai? Demorou muito. Houve algum problema com as mercadorias?

— Não, Paula — disse ele, abanando a cabeça — está tudo no barco e o comandante do *Stea de Mare* acha que é capaz de zarpar na hora, amanhã de manhã. Nem acredito que vamos para casa. Parece que passamos uma vida aqui.

— Peço desculpas...

O meu pai fez-me calar com um gesto incharacteristicamente cortante.

— Não, não. Deixemos disso. O que aconteceu, aconteceu e você fez tudo na melhor das intenções. O que interessa é que está sã e salva e que eu passei pela experiência incólume, se bem que prematuramente envelhecido. Portanto, não se fala mais no assunto. Suponho que devo perguntar qual foi a resposta que deu ao senhor Aguiar.

— Recusei a proposta, pai. Eu gosto muito de Duarte, mas não fomos feitos um para o outro. Ele aceitou a minha resposta, apesar de ter ficado perturbado. Onde está Stoyan, pai?

O meu pai não respondeu imediatamente, limitando-se a olhar para mim de cenho carregado, como se tivesse notícias e não quisesse me dizer.

— O que é, pai? Está me preocupando. O que se passa? — perguntei, pousando-lhe uma mão no braço.

— Você não vai gostar.

Esperiei com o coração a correr desenfreadamente.

— Stoyan foi embora — disse ele em tom monótono. — Assim que as mercadorias entraram no *Stea de Mare*, anunciou-me que, como partiríamos amanhã, os seus deveres para conosco tinham chegado ao fim e pediu-me que o dispensasse imediatamente. Eu já tinha pago o que lhe devia e mais algum por serviços prestados além do dever, mas protestei. Disse-lhe que ficaria zangada por não poder se despedir, mas ele não mudou de idéia. Como o pedido era perfeitamente razoável, não tive outra solução senão deixá-lo ir.

Foi como se minhas entranhas tivessem caído no chão. Stoyan não podia fazer aquilo. Não podia, simplesmente! Agarrei-me ao braço de meu pai.

— Pai, preciso absolutamente de vê-lo! Tenho que ir ao porto, talvez ele ainda esteja lá! Temos que ir imediatamente...

— Chhh, chhh, Paula, respire fundo. Receio que seja tarde demais. As mercadorias já estão no barco. Stoyan pode estar em qualquer lugar. Sabe como são as multidões...

— Não o posso deixá-lo ir assim, pai, não posso... não cheguei a dizer... e depois ele me viu com Duarte e... eu vou sozinha, correndo... — Ao ouvir a mim mesma, parei, soluçando. — Por favor, pai — disse, tentando manter-me calma. — Podemos tentar?

— Valha-me Deus — observou brandamente o meu pai, levantando-se. — Suponho que Giacomo é capaz de nos emprestar uma carroça. Vamos lá, então. Por favor, não tenha muitas esperanças, Paula. Não sei para onde ele foi e nesta cidade uma pessoa se perde com muita facilidade.

Com o meu pai guiando a carroça, eu, sentada a seu lado com o véu por cima do nariz, perscrutava a multidão em todas as direções à procura de um homem alto de cabelos negros, uma cicatriz no rosto e um olhar ferido no rosto. Intimamente, rezava silenciosamente a quem me quisesse ouvir para que me devolvessem o tempo suficiente para poder lhe dizer que o amava, mesmo que ele, depois, decidisse ir embora. Por que razão não dissera naquela noite, na montanha de Cibele? Porque esperara até ele me ver nos braços de Duarte, chegando, provavelmente, a toda a espécie de conclusões? Porquê? Por que razão me esquecera da adivinha? Ele preferira afastar-se na viagem de regresso, entregando-me a Duarte. Provavelmente, o búlgaro partira do princípio de que o pirata, com a sua fortuna, o seu estatuto, a sua educação e o seu encanto seria mais indicado para mim do que ele. Aos olhos do mundo talvez fosse verdade, mas não aos meus. E aos dele também não, se lhe dissesse o que sentia, se fosse suficientemente corajosa para lhe dizer o que me ia na alma. *Se um homem ama de verdade... não quer saber do que os outros pensam. No seu coração não há lugar para isso porque está cheio de amor.* As palavras não eram sobre mim e as minhas tentativas patéticas para me expressar, ou ele teria dito: *Se uma mulher ama de verdade.* Aquelas palavras tinham-lhe saído do coração. E eu não entendera; não entendera absolutamente nada. Fora muito estúpida e naquele momento, se não nos apressássemos, o perderia para sempre...

A meio caminho do porto demos com uma carroça sem uma roda bloqueando completamente a passagem. Em volta dela um grupo de homens discutia enquanto um rapaz desatrelava os dois cavalos.

— Por favor, por favor! — disse eu em voz baixa, ao mesmo tempo que o meu pai dava mostras de uma habilidade que eu lhe desconhecia, virando a carroça e descendo por outra rua. Passamos por um dédalo de vielas menores. Um cão, que dormia na entrada de uma porta, fugiu à nossa aproximação. Vi-me a desejar que Tati ainda estivesse ali para nos guiar até o porto, mas naquele dia não havia quaisquer presenças misteriosas nas ruas, apenas obstáculos sob a forma de grades, barris, pequenas bancas de vendedores de fruta, carregadores com fardos na cabeça, gatos vadios atravessando-se no nosso caminho.

— Respire fundo, Paula — aconselhou-me o meu pai quando chegamos finalmente ao porto e nos vimos no meio de uma enorme multidão. — Está tão tensa como uma mola. Fique na carroça, ou será atropelada. Eu vou continuar até o *Stea de Mare*, mas se não encontrá-lo, não posso fazer mais nada.

Comigo roendo as unhas, progredimos lentamente ao longo do porto até o ponto onde o nosso navio estava atracado com o convés quase totalmente desimpedido. As últimas mercadorias estavam descendo para o porão. Mais ao longe via-se o *Esperança*. Olhei para a frente, para trás, para a massa de estivadores, comerciantes, dignitários, funcionários, viajantes anônimos e escravos a suar sob o peso de cargas enormes. Olhei até sentir a vista enevoada, até o meu pescoço ficar rígido, até os olhos se encherem de lágrimas. Junto do *Stea de Mare*, apesar do aviso de meu pai, apeei e subi a

bordo para perguntar à tripulação se vira Stoyan. O meu pai seguiu-me depois de pedir a um dos tripulantes que tomasse conta das rédeas. Ninguém o vira desde que ele e o meu pai tinham descarregado as últimas mercadorias. Desci a prancha e deixei-me ficar muito quieta junto da carroça por um momento. Em seguida subi para a boleia e meti a cabeça nas mãos.

— Lamento, Paula — disse o meu pai, sentando-se a meu lado.
— Lamento muito, mas acontece que, se ele não quer ser encontrado... Isso passa com o tempo, filha. Assim que estivermos no mar, as coisas não vão parecer tão desesperadoras.

Não disse nada. O meu pai sacudiu as rédeas e o cavalo regressou ao *han*.

É suficientemente corajosa, Paula?, perguntei a mim mesma, sentindo as lágrimas a cair. *É corajosa a ponto de viver com o coração despedaçado?* E não podia desprezar o seu conselho porque, depois da morte de minha mãe, fora exatamente o que o meu pai fizera.

A decorative horizontal banner with a repeating floral and leaf pattern. In the center, the text "CAPÍTULO DEZESSEIS" is written in a serif font.

CAPÍTULO DEZESSEIS

— Fale-nos da ponte! Não, fale-nos da vez em que tirou animais do teto sobre os ombros daquele homem!

Estávamos na Primavera, quase um ano depois do meu pai e eu termos deixado Istambul e Stela ainda não se cansara da história, por mais que a contasse. A minha irmã achava as histórias da perseguição desesperada no mar, dos feitos corajosos, dos testes mágicos, da tortuosa erudita grega e do encantador pirata, extremamente emocionantes. Especialmente a do pirata. Quanto às notícias de Tati, todas as minhas irmãs as receberam com sentimentos diferentes. Todas elas se sentiram felizes por ela estar bem, impressionadas com a sua bravura e tristes por ela ter tantas saudades nossas. Durante os primeiros meses ainda esperamos que ela aparecesse um dia do nada para nos fazer a tal visita, mas até à data não havia sinais dela. Desconfiava que Iulia e Stela também sentiam ciúmes por ter sido eu a escolhida para uma demanda do Outro Reino.

— Fale-nos da vez em que Duarte te deu o véu de conchas — dizia Stela, olhando de lado para as outras irmãs, sentadas conosco num tapete. Estava um dia maravilhoso. O ar quente cheirava a pirliteiro e a fumo. Os fabricantes de carvão andavam muito ocupados no vale.

Não era incomum a família estar toda reunida em Piscul Dracului. Iulia e o marido, Razvan, estavam de visita a Jena e Costi, que viviam na herdade depois da nossa e naquele dia todos eles, com os respectivos filhos, tinham atravessado a floresta para nos fazerem uma visita. As crianças corriam aos gritos pelas escadas

estreitas e pelas passagens tortuosas do velho castelo onde vivíamos. O Sol atraía-nos, com um cesto de comida, para o exterior. Estávamos num campo perto de casa, logo abaixo do lugar onde as pastagens se encontravam com os bosques. Num pedaço de terra horizontal, um pouco mais abaixo, Razvan e Costi ensinavam energicamente Nicolae, de quatro anos de idade, a chutar uma bola para uma baliza improvisada. O meu pai estava na linha lateral dando conselhos e vigiando o filho de Iulia, Gavril, que tinha tendência para se afastar sem avisar. A sua autoconfiança era admirável, mas um tanto perigosa.

— O pai parece feliz — observou Jena. — Não o via assim desde que regressaram, Paula.

— Evidentemente — acrescentou Iulia, ocupada a meter uma substância glutinosa na boca de sua filha Mirela — o fato de você e Costi terem tido tanto sucesso em Viena deve ter ajudado bastante. O negócio está garantido para os próximos cinco anos, pelo menos. Compensa o desapontamento do negócio de Istambul.

Em parte, a minha irmã tinha razão. Costi e Jena tinham conseguido um acordo lucrativo a longo prazo com uma casa comercial da grande cidade do norte e os lucros nos tirariam as preocupações dos ombros durante os tempos mais próximos. Graças

a Deus. Apesar de tentar atirar o episódio a *Dádiva de Cibele* para trás, o compreensível fracasso deprimira meu pai, que ainda não se recuperara totalmente e que me dizia, muitas vezes, que ele também aprendera uma lição vital: nenhum negócio, por mais vantajoso que fosse, tinha importância face à vida e à segurança de um ente querido. No entanto, os acontecimentos da Primavera anterior tinham-no entristecido e eu sentia-me feliz por vê-lo, naquele dia, com um sorriso no rosto e um certo brilho nos olhos.

— Vamos lá, Paula, conte-nos a história — disse Stela, decidida a não desistir, estendendo a mão na direção do cesto, tirando um pedaço de pão e começando a mastigar, fitando-me expectantemente. Aos doze anos, a minha irmã mais nova continuava com o entusiasmo e a energia de uma criança, apesar de se aproximar a passos largos da adolescência. A sua figura arredondava-se e suas feições começavam a ganhar uma frescura que fazia adivinhar uma beleza futura. Seria como Tati: a espécie de mulher para quem os homens estavam sempre olhando. — Por favor, Paula.

— Hoje não — disse eu, apoiada nos cotovelos e semicerrando os olhos por causa do sol. — todo mundo já a ouviu cem vezes. Chega. O que eu quero é esquecer.

No silêncio que se seguiu, senti os olhos de Jena postos em mim. Sabia que, de todas, era a que compreendia melhor o estado de espírito em que a *Dádiva de Cibele* me deixara.

— Stela — disse Iulia — importa-se de ir à cozinha pedir a Florica outra garrafa do vinho de sabugueiro dela? E talvez mais um pouco de queijo... Quando eles acabarem aquilo, Razvan vai aparecer aqui esfomeado.

A expressão de Stela disse-me que sabia muito bem que aquilo era uma conspiração para afastá-la, mas obedeceu e afastou-se correndo na direção da sebe com os cabelos escuros a ondular atrás de si. A erva, sob os seus pés, estava cheia de flores silvestres: azuis, púrpuras, amarelas, cor-de-rosa. Na base do monte vi uma carroça subindo na direção do castelo. As fitas vermelhas na brida do cavalo oscilavam enquanto ele andava. Na boleia vinha Dorin, o nosso pau-para-toda-a-obra. Ele e Petru andavam com um grande trabalho nas mãos, qualquer coisa a ver com canalizações e a carroça devia vir carregada de material de construção.

— Paula — disse Jena com voz de mana mais velha —, andamos preocupadas contigo.

— Nem parece você — acrescentou Iulia, uma mulher bem proporcionada, um regalo para os olhos do marido, que me dizia havia anos que eu era muito magra. — Florica diz que só remexe a comida e não pode se dar ao luxo de continuar perdendo peso porque está pele e osso.

»Pior do que isso — disse Iulia —, o pai diz que não tem lido muito ultimamente ou, pelo menos, não como antigamente, quando achava que nunca tinha livros que chegassem. Se não te conhecesse, diria que está apaixonada.

— Venha passar uns dias conosco — sugeriu Iulia, estendendo uma mão para agarrar em Mirela pelos cueiros antes que a criança apanhasse uma abelha que lhe despertara o interesse. — Para se distrair um pouco.

— Distrair de quê? — perguntei, sentindo um rugido na voz. Não queria falar do assunto, nem sequer com as minhas irmãs. Andava fazendo o possível para esquecer, tentando me recuperar ajudando o

meu pai, ensinando Stela, tornando-me útil, em casa e na herdade. Era uma pena não conseguir esconder a infelicidade que sentia.

— Vamos lá, Paula — disse Jena. — Somos irmãs. Estamos aqui para te ajudar. É evidente que não nos contou uma parte da história. Iulia é da minha opinião. Vai ter que se abrir, colocá-la para fora.

— Eu estou bem — murmurei. — De qualquer maneira é tarde demais.

Mais abaixo, Dorin entrara no pátio e os cães de Petru tinham enlouquecido. O frenesi ultrapassava a recepção habitual.

— Paula. — O tom de Jena era firme. — Não pense que nos engana. Antes de ir para Istambul, andava muito confiante fazendo planos para o futuro, cheia de esperança. Convenceu-nos de que conseguiria, um dia, realizar o seu sonho. Mas desde que voltou, tudo mudou. Parece à... deriva. Não só se sente infeliz, como insegura. No entanto teve tantas aventuras durante essa viagem. Foi testada ao limite. Deve ter sido terrível, eu sei, mas também

maravilhoso. Regressar ao Outro Reino, ver Tati outra vez... — sentia a saudade na voz de minha irmã. — E levar a cabo uma tarefa tão importante, uma demanda só sua... Desconfio que a história foi mal contada. Parece que precisou de toda a sua coragem para acabá-la. Não entendo como perdeu a fé que tinha em si.

— Amor não correspondido — disse Iulia. — Está escrito em seu rosto. Venha passar o Verão conosco e nós a apresentaremos a alguns homens. Vai ver que ainda arranja algum que goste de livros.

O barulho no castelo continuava. Estava tentando arranjar uma resposta quando Stela apareceu correndo, gaguejando alguma coisa que só entendemos quando chegou junto de nós.

— Paula! Uma coisa para você. Foi Dorin que a trouxe. Uma... uma encomenda. Anda! Tem que vê-la!

— Uma encomenda? — tentei me lembrar se tinha encomendado alguma coisa: livros, talvez, ou mantimentos em

nome do meu pai ou no meu. — Dorin não pode tratar do assunto?
Eu vou lá mais tarde.

— Não! — Stela estava fora de si de excitação. — Tem que vir!
— minha irmã mais nova agarrou-me pelo braço, puxou-me e
arrastou-me na direção do castelo. Com um sorriso para as minhas
irmãs, segui-a.

No pátio, Dorin descarregava a carroça. Os cães estavam em
frente da porta, ladrando histericamente.

— O que se passa? — gritei.

— Lá dentro — disse Dorin, apontando.

Os cães não me seguiram quando entrei; estavam bem treinados. O seu desafio rouco foi esmorecendo à medida que me dirigia para a cozinha ao longo do corredor de mosaicos vermelhos. Deparei com uma grade no meio da divisão e com o nosso caseiro, Petru, acorado diante dela a espreitar por uma abertura estreita, no topo. A sua mulher e nossa governanta, Florica, estava junto do fogão de lábios enrugados e olhar pensativo.

— Aparentemente é para você — disse ela secamente, lançando-me uma olhada de esquelha.

— Olha, Paula! — Stela já estava ao lado de Petru a meter os dedos nos intervalos da grade. — Petru, podemos tirar a parte de cima? Provavelmente esteve aqui dentro o dia todo, o pobrezinho...

O chorrilho de palavras esmoreceu quando eu me aproximei e Petru se afastou para me dar espaço. Espreitei para a grade. Através da abertura, um par de olhos expressivos olhou para mim e ouviu-se um rosnado baixo, um som que eu interpretei como um desafio simbólico. Meu coração começou a saltar. Nunca acreditara em lágrimas de alegria, mas era o que me parecia sentir nos olhos naquele momento.

— Abra isso e o animal arranca-lhe um dedo — disse Florica.

— É enorme. Nunca pensei que quisesse uma coisa dessas, Paula. Uma grade de livros ou uma caixa de papel e penas para escrever, talvez, mas nunca um cão.

— É um presente — disse Stela com ares importantes. — Não foi Paula que o encomendou, mandaram-no. Abra, Paula. Talvez seja do pirata. Parece que ele gostou de você. Talvez esteja lá embaixo no vale!

As palavras passavam por mim a toda a velocidade. Pedi a faca emprestada a Petru e arranquei as tábuas laterais da grade. O cão emergiu, a princípio não muito firme nas patas. O animal farejou-me a saia, olhou em volta e depois aliviou-se contra a parede.

— Eu limpo — disse eu às pressas.

Percebi perfeitamente a mensagem no rosto de Florica: *Não quero cães dentro de casa*. Antes que pudesse dizer uma palavra, Petru estalou os dedos para chamar o animal — reparei que ele obedeceu prontamente — e passou-lhe as mãos nodosas pela cabeça nobre, pelo dorso reto e pelas patas extremamente grandes.

— Um belo animal — observou ele. — Ainda é filhote; diria que tem seis meses, no máximo. Vai ser um cão muito grande. — O animal já era maior do que qualquer um dos nossos pastores adultos. — Um presente incomum para uma garota — acrescentou Petru, olhando argutamente para mim de relance. — Não conheço a raça. É estrangeira?

— Chama-se *bugarski goran* — disse eu distraidamente, procurando uma nota ou uma mensagem no interior da grade. — Um cão montanhês conhecido pela sua força, coragem e lealdade. Geralmente são tratados como membros da família. Depois de serem treinados, suponho — acrescentei às pressas, sentindo o olhar cético de Florica.

— É dele? — perguntou Stela, abraçando o grande cachorro e recebendo em troca uma grande lambida. — Do seu pirata? É, não é? Aposto que é!

— Não veio nenhum bilhete com ele? — perguntei, sempre à procura. O interior da grade só tinha aparas de madeira.

— Veio — disse Florica tardiamente. — Isto. — A nossa governanta tirou uma folha de papel dobrada da algibeira do avental.

— O que diz? — perguntou Stela. — É dele? Paula, por que está chorando?

As lágrimas caíram no pedaço de papel com uma única palavra escrita num grego trêmulo: *PAULA*. Senti o coração aquecer e a espalhar-me uma onda de felicidade pelo corpo.

— Não é de Duarte — disse eu.

— Seja de quem for — disse Florica — leve-o lá para fora e ensine-o a fazer as necessidades num lugar apropriado. — Enquanto eu agarrava no cão pela coleira e me dirigia para a porta, a mulher de Petru acrescentou: — Tenho ali uns ossos de carneiro para a sopa. Vou arranjar um e também uma tigela de água, mas é melhor dar-lhe aqui porque os cães de Petru ainda não o conhecem.

— Acho que ele é capaz de se defender — disse eu com um sorriso trêmulo. — Vamos levá-lo lá para fora, Stela! Quero falar com Dorin.

Naquela noite não consegui adormecer, mesmo depois de Stela ter parado de me bombardear com perguntas a que eu não estava preparada para responder e de ter se rendido à exaustão. A Lua apareceu na janela de vidros coloridos do nosso quarto, pintando de vermelho, verde, violeta e dourado as paredes de pedra e o bordado com as cinco garotas dançando em fila que eu tinha em cima de minha mesinha-de-cabeceira.

Dorin dissera-me que o cão fora enviado por um estrangeiro que estava hospedado na aldeia seguinte, a alguns quilômetros de distância. Um tipo grande, do gênero que era melhor um homem deixar em paz se não quisesse meter-se em confusão. O estrangeiro não falava a nossa língua, mas conseguira dizer *Piscul Dracului, mestre Teodor e Paula de Brasov*.

Eu pedira mais informações, mas ele não me dera. A grade fora trazida por um carroceiro que não sabia quanto tempo o estrangeiro ia ficar por aquelas bandas. O homem ainda estava na nossa aldeia, dissera-me Dorin, visto que precisava arranjar uma carga para a viagem de volta. Se eu quisesse enviar uma mensagem, um agradecimento ou qualquer coisa parecida, talvez conseguisse apanhá-lo antes dele partir.

Assim, despachara Stela para o piquenique familiar com o recado de que me demoraria um pouco, deixei o cão aos cuidados de Petru e desatei a correr na direção da aldeia. Não tinha tempo para escrever um bilhete. De qualquer maneira, se o destinatário não conseguisse ler, provavelmente ficaria com o orgulho ferido e iria embora, tal como da última vez. A mensagem tinha que ser simples e honesta, assim como adequada para poder ser transmitida por um completo estranho. Acabara por dizer ao carroceiro que fosse encontrar o homem que me mandara o cão e que lhe dissesse que Paula lhe enviava os seus mais sinceros agradecimentos e que gostaria muito de vê-lo logo que possível.

E naquele momento estava deitada na escuridão imaginando a mão de Stoyan a tirar-me os cabelos da testa. Senti seu toque gentil no tornozelo, tratando-me a dor que me provocara involuntariamente. Vi-o com um graveto na mão, traçando cuidadosamente letras no tabuleiro de areia. Vi-o lutando com vinte homens, um milagre de força e perícia. Saltei para os seus ombros enquanto atravessávamos um lago cheio de sombras ameaçadoras. Recordei os seus braços ao redor dos meus ombros, os seus lábios nos meus cabelos, murmurando palavras de conforto que eu não entendia. Ouvi a mim mesma a explicar-lhe desajeitadamente o que sentia. Vi-lhe a expressão do rosto naquele último dia no *han*, depois de ter visto Duarte me beijando: o olhar de um homem com o coração despedaçado.

— Só tem mais uma chance, Paula — murmurei para mim mesma, agarrada à colcha. — Não estrague tudo outra vez.

Antes de amanhecer consegui adormecer e sonhei com Tati. A minha irmã não estava vestida com o traje negro da demanda, tinha um delicado vestido branco de gaze muito leve por cima de uma túnica e estava sentada na cama que Jena e ela partilhavam quando éramos mais novas. Os cabelos negros caíam-lhe pelos ombros como um xale e os grandes olhos violeta fixavam-me solenemente. E não estava só. Havia gente pairando por trás dela na escuridão, meio visível: Tristeza com o seu rosto pálido e seus olhos sombrios; uma silhueta mais alta, coroada com uma grinalda de penas; uma outra, minúscula, com longos cabelos prateados e ferozes dentes pontiagudos. Os meus amigos eruditos também estavam lá com os seus chapéus excêntricos, acenando com as cabeças, sorrindo. Eu sabia que estava sonhando, mas ao mesmo tempo também sabia que aquilo era real, como todas as manifestações do Outro Reino, as quais existiam num plano diferente do nosso mundo de todos os dias, um mundo de comércio, agricultura, casamentos, crianças, luta e realização. Sabia que eles estavam sempre conosco, guiando-nos, ajudando-nos a ser corajosos, bons e sábios.

— Boa sorte — disse Tati, levando as mãos aos lábios e soprando-me um beijo. — Até breve. Muito breve, espero. — Quando tentei responder e perguntar-lhe quando Ileana a deixaria visitar-nos, a visão desvaneceu-se e eu caí num sono sem sonhos do qual acordei quando Stela me mandou levantar porque *aquele homem* podia aparecer a qualquer momento e eu tinha que estar no meu melhor.

Parecia que a manhã não tinha fim. Não saí de casa porque não queria ser apanhada desprevenida quando ele chegasse — se chegasse — mas não fui capaz de ficar quieta. O cão encontrou um chinelo de Petru e começou a mastigá-lo. Stela passou o tempo a ralhar comigo por causa do modo como estava vestida, do meu penteado e de milhares de outras coisas, até que lhe dei um berro e a mandei para o nosso quarto, amuada. Fui falar com ela, pedi desculpas, jogamos um pouco de xadrez e ela quase me venceu, sinal de que o meu nível de concentração estava muito baixo. Obriguei-a a prometer que, se Stoyan aparecesse, se afastaria enquanto eu estivesse falando com ele.

O meu pai, aparentemente, ficou encantado ao saber que Stoyan estava no distrito e que eu o convidara para subir a Piscul Dracului; não fez qualquer comentário sobre o cão, salvo para dizer que seria uma boa ajuda; não disse absolutamente nada sobre as circunstâncias em que partíramos de Istambul e disse que passaria o dia no seu gabinete, mas que o chamassem assim que Stoyan chegasse. O seu autodomínio era notável; não podia ter desejado um pai mais compreensível.

Por volta do meio-dia, Florica enxotou-me para fora de casa, dizendo que o cão precisava de exercício e eu também. Quando ia saindo, ouvi-a dizer:

— Stela, tenciono fazer aqueles pastéis de noz para o caso de termos visitas. Preciso de sua ajuda para partir as nozes. As minhas mãos já não podem...

Não tencionava me afastar muito, mas o dia estava lindo e era difícil resistir ao entusiasmo do cão. Peguei uma bola, dirigi-me ao campo de cima e tentei ensiná-lo a ir buscá-la. O cachorro partia que nem uma flecha, apanhava a bola e punha-se a abaná-la, como se tencionasse matá-la. Depois deixava-a cair aos meus pés e punha-se a olhar para mim, expectante. Como nunca treinara um cão na minha vida, não sabia bem o que devia dizer, mas fui tentando e ele também. Comecei a ficar cansada. O animal não parecia disposto a desistir. Escorreguei e fiquei com a saia manchada de verde por causa da erva, ao mesmo tempo que o cão achava interessante rolar nela. *Pelo menos estava distraída*, pensei, sentando-me para descansar um pouco. O animal sentou-se a meu lado em posição de guarda, com a língua de fora. Entretanto, Stoyan não me saía do pensamento. E se ele não aparecesse? E se aparecesse e eu não tivesse palavras? E se a sua intenção fosse

apenas fazer-me uma visita? Só porque queria rir, chorar, cantar e dançar ao mesmo tempo, não queria dizer que ele sentisse o mesmo. Um ano era muito tempo, o búlgaro já podia estar curado do que o deixara tão destroçado no dia de nossa partida. O melhor era manter-me calma. O melhor era pensar cuidadosamente no que lhe diria, palavra por palavra...

O cão desatou a correr repentinamente, ladrando furiosamente. Espantada, levantei-me lentamente. Uma silhueta familiar passava por cima da cerca, no extremo do campo, uma silhueta grande, pálida, de espessos cabelos negros, com uma cicatriz na face.

Stoyan não vestia o dolman turco, usava uma camisa de linho, um colete simples, calças justas e umas botas usadas. Quando chegou junto dele, o cão pôs-se aos pulos. Stoyan fez um gesto firme e o animal sentou-se obedientemente. O búlgaro fez-lhe uma festa atrás das orelhas e depois endireitou-se, olhando na minha direção com a mão em pala em frente dos olhos.

Percebi que o cão é que percebera. O melhor, num momento como aquele, era não dizer nada. Corri pela encosta abaixo por cima da erva e das flores silvestres sem pensar na saia manchada, nos cabelos descompostos, em nada. Stoyan estava ali, finalmente, e íamos estar juntos outra vez. Quando cheguei a uns dez passos de

distância, ele abriu os braços e eu me atirei a eles. Fui levantada ao ar e andei à roda como uma criança. Quando paramos, ele pousou-me lentamente no chão, sempre encostado a mim, até os meus pés tocarem no último degrau da sebe. Os seus braços eram como uma barreira contra todos os males do mundo. Sentia-lhe a face molhada na minha. Eu também estava chorando, chorando e rindo ao mesmo tempo, perguntando a mim mesma como era possível sentir tanta coisa ao mesmo tempo, sentir-me tão segura.

— Paula — murmurou ele. — Oh, Paula...

— Pensei que nunca mais o veria — murmurei, rodeando-lhe o pescoço com os braços, beijando-o na face. — Nem sequer se despediu...

Stoyan calou-me com um beijo. E se o beijo de Duarte fora bom, agradável, um pouco excitante, aquele eclipsou-o por completo. Afoguei-me nele, o meu corpo derreteu-se, deliciado. Durante momentos preciosos, a magia foi superior à de todos os Outros Reinos. Quando nos separamos, estávamos ambos sem fôlego.

— Stoyan — disse eu — a minha irmã mais nova vai aparecer a qualquer momento. Ela está morta de curiosidade e eu tenho uma coisa para te dizer antes que ela chegue, para o caso de você... — Não me parecia possível que ele me recusasse. O seu beijo dissera-me, eloqüentemente, que sentia o mesmo que eu. — Amo-te, Stoyan — disse eu, sentindo-me subitamente muito tímida. — Tencionava dizer naquela noite, depois de termos saído da gruta, mas atrapalhei-me e depois você ficou tão carrancudo, tão sinistro, que...

— Vamos nos sentar aqui na erva? — perguntou ele gentilmente, puxando-me. — Se ficarmos por trás da sebe, talvez sua irmã só nos veja depois de dizermos o que temos para dizer um ao outro — acrescentou ele, encostando-se ao muro de pedra comigo entre as pernas, encostada em seu peito. Naquela posição podia abraçar-me por trás, coisa de que eu gostava muito. O cão deitou-se aos nossos pés. — Espero que tenha gostado do meu presente — continuou ele. — Eu sei que a nossa aposta foi cancelada, mas não tive coragem de aparecer aqui sem saber se queria me receber. Cometi um erro de julgamento, Paula, um erro sério. Fugi. Não consegui me despedir de você. Magoei-a e também me magoei.

— Pensou mesmo que eu ia me casar com Duarte? Não percebeu que eu gostava de você?

Após um longo momento, Stoyan disse:

— O seu pai me falou da visita de Duarte com uma proposta de casamento. Sem saber o que eu sentia por você, achou que podia me dar a notícia. E quando Duarte regressou, você o beijou e ele a abraçou como se fosse seu amante. Você lhe ofereceu os lábios como se... como se sentisse mais do que amizade por ele. Pensei que era um sim à proposta. Sabia que Duarte podia lhe dar o que queria, aquilo de que necessitava. A viagem mostrara-me que ele, no fundo, era um homem bom e que gostava de você. Eu podia protegê-la, podia ser corajoso, podia ser uma espécie de amigo, mas nunca poderia ser seu igual culturalmente, mentalmente. Ele sim, era seu igual, podia oferecer-lhe uma vida cheia de possibilidades. Eu tinha que procurar o meu irmão e tinha a minha mãe em casa à espera de notícias. Tinha um caminho para seguir que me levaria para muito longe de você.

— E afastou-se. Depois de tantas provações juntos, depois de termos nos tornado tão íntimos, acreditou que eu aceitaria Duarte?
— perguntei, levando-lhe a palma da mão aos lábios e ouvindo-o aspirar.

— Assim me pareceu, assim que os vi dançando naquela noite — disse Stoyan. — A sua lista de razões feriu-me, apesar de reconhecer que tinha razão. Pensei que os seus sentimentos eram menos fortes do que os meus. Pensei que, se te dissesse que sim, acabaria por quebrar o coração de ambos, Paula. Sinto-me envergonhado por tê-la julgado mal. Na ocasião pareceu-me a melhor coisa a fazer. Na verdade estava furioso comigo mesmo por ser tolo a ponto de sonhar que poderia me amar como eu te amava, profundamente, verdadeiramente, com uma intensidade que derrotasse todos os argumentos contra. E fui embora na esperança de que o tempo curasse tudo.

— Porque veio, então? E Taidjut? Encontrou-o?

O seu tom de voz tornou-se sombrio.

— Está vivo. A sua teoria estava correta. O meu irmão tem uma posição de alguma autoridade, é o braço direito do governador provincial. Depois de fazer algumas perguntas, regresssei à região

onde tivemos a nossa aventura. A peste tinha passado. Perderam-se muitas vidas, mas aquela gente é forte e o meu irmão e o seu superior tomaram medidas para que ela não se alastrasse. Taidjut aceitou me receber. Em particular, bem guardado, falou como um nobre turco e pareceu-me feliz. Pediu-me que apresentasse os seus respetos à nossa mãe, mas disse que não desejava mais contatos com a família. Para ele, tal vida estava acabada, esquecida. Taidjut tem uma nova religião, uma nova cultura, uma nova responsabilidade, quer obliterar da cabeça o que era antes do *devshirme*. Não quer renegar os anos de instrução, reduzir a nada os sacrifícios que fez. Pelo menos é assim que ele pensa. Não tive outra escolha senão aceitar.

— Lamento — disse eu, decidindo não lhe perguntar se Taidjut era um eunuco ou um homem inteiro. — Lamento por você e por sua mãe. Pelo menos o seu irmão está bem e tem uma vida boa.

— Passei por Istambul a caminho de casa e, para minha surpresa, vi o *Esperança* no porto. Pensava que tinha ido com Duarte para Portugal depois da partida do seu pai, mas pouco depois encontrei-o num café. Foi então que soube que o tinha recusado e a partir desse momento o meu coração começou a se recuperar. Duarte assegurou-me que os seus sentimentos por ele eram apenas os de uma boa amiga, que você o deixara muito claro quando lhe recusou a proposta de casamento e incitou-me a vir à sua procura para lhe declarar o meu amor.

— Continue — disse eu, esperando ouvir tudo antes que Stela aparecesse.

— Não pude vir imediatamente, tive que ir para casa ver a minha mãe. A notícia de Taidjut custou-lhe muito e me senti na obrigação de ficar algum tempo a ajudá-la na fazenda. Ao mesmo tempo comecei a ter aulas com o padre, a pensar no futuro. Finalmente, a minha mãe me disse firmemente que era hora de resolver as coisas contigo. Eu me sentia algo assustado. Ainda não sabia realmente que sentia o mesmo que eu. Quando correu para mim com os cabelos a voar e se atirou a mim, senti-me o homem mais feliz do mundo. E agora tenho uma coisa para você — disse ele, metendo a mão num saco de couro que tinha ao ombro.

— Outro presente? O cão chega muito bem.

— O cão faz parte do futuro — disse ele solenemente, tirando uma bolsa de pele de cabra do saco e colocando-me na mão. Era pesada. — A outra parte está aí. Abra.

Desapertei os cordões, olhei lá para dentro e a respiração parou-me na garganta. A bolsa estava cheia de moedas de ouro. Pelo peso, eu sabia que era uma pequena fortuna, mais dinheiro do que eu já vira na minha vida.

— Produto da venda da minha recompensa, a que a anciã disse que eu podia tirar do Tesouro de Cibele — disse ele calmamente. — Comprei este cão e uma cadela para podermos ter um casal e dei o suficiente à minha mãe para que ela pudesse fazer alguns melhoramentos na fazenda. O restante, porém, a maior parte, sempre pensei que seria para você. Quando escolhi o diadema, já tinha um propósito em mente. O dinheiro é para ajudá-la a iniciar o negócio de livros. Quando pensei que ia casar com Duarte, não consegui falar deste projeto porque teria feito me sentir ridículo, iludido.

— Desculpe — murmurei, imaginando como devia ter sido difícil para ele e desejando que tivesse me dito. — Agora faz sentido, o que a anciã disse das três recompensas. O diadema e o dinheiro que ele trouxe foi a primeira. A segunda foi ter encontrado Taidjut. E...

— E você é a terceira, apaixonadamente desejada — disse Stoyan, corando. — Eu sei que é orgulhosa, Paula, que não vai pedir dinheiro a seu pai para realizar o seu sonho. Espero que o aceite de mim porque o ganhamos juntos, você e eu, e juntos podemos tornar esse sonho realidade. Paula, quer casar comigo? Ainda não sei ler muito bem, mas estou aprendendo e você pode me ensinar mais. Os vendedores de livros precisam de guarda-costas, precisam de gente que carregue e descarregue as carroças, que transporte caixas pesadas, que proteja as preciosas cargas...

— Sim — disse eu.

— Esforcei-me muito — continuou ele. — Não foi fácil porque havia poucos livros na aldeia...

— Stoyan, eu disse que sim, que caso contigo. Casaria contigo mesmo que não soubesse ler uma única palavra. Casaria contigo mesmo que não tivesse uma única moeda. — Atirei-lhe os braços ao redor do pescoço, entornando as moedas. Separamo-nos e as apanhamos ao mesmo tempo que, finalmente, avistávamos Stela subindo a encosta, muito corada devido às atividades culinárias e à excitação. — Acho que somos capazes de encontrar um lugar para o

nosso negócio perto de uma cidade, mas com bastante espaço para cães. E perto de Piscul Dracului, claro. Quero poder visitar o meu pai, Stela, Jena, Costi... Mas, Stoyan, e a sua família? A fazenda, a sua mãe...?

— Paula! — Stela chegara. A minha irmã saltou a sebe e foi subitamente atacada pela timidez ao deparar-se com a grande e intimidante figura de Stoyan. Era evidente que o búlgaro não era o que ela esperava.

— Este é Stoyan — disse eu em grego. — Stoyan, esta é a minha irmã mais nova, Stela. Stela, vai ter que praticar o seu grego; é a única língua que os dois têm em comum. Será bom para você.

Após alguns começos em falso, a minha irmã perguntou a Stoyan:

— É verdade que lutou sozinho contra vinte homens sem uma única arma? E que entrou num banho turco quando a Paula estava só enrolada num lençol?

Senti as faces aquecerem. Esquecera-me da noite em que contara à minha irmã aquela história muito particular.

— Inteiramente verdade — disse Stoyan solenemente. — De fato, eu já tencionava dizer a Paula que a ocorrência no *hamam* foi uma das questões sobre as quais o senhor Duarte me interrogou quando me encontrei com ele, não há muito tempo. Mencionei-o de passagem e despertei-lhe a imaginação. Prazer em conhecê-la, *kyria* Stela.

A minha irmã sorriu, cativada pela sua cortesia, tal como eu quando o conhecera e depois lembrou-se de uma coisa.

— Paula, uma senhora está no castelo. Na cozinha. Ela não fala nenhuma língua que conheçamos, por isso é melhor ir até lá.

— Uma senhora? — exclamei, olhando para Stoyan. O búlgaro ficou um pouco espantado.

— A minha mãe — disse ele. — Eu já tencionava explicar. É verdade, ela não sabe grego. Ela me mandou encontrar você e insistiu que não precisava da minha ajuda.

Comecei a ficar preocupada.

— É melhor irmos — disse. — Está querendo me dizer que a sua mãe veio contigo da Bulgária?

— Exato, Paula — respondeu ele, ajudando-me a pular a cerca e estendendo depois a mão para Stela. O cão veio atrás num pulo. — Um primo nosso ficou tomando conta da fazenda. Ela gostaria de ficar comigo na Transilvânia, se você estiver de acordo, e deseja... — as palavras morreram-lhe na boca.

— Ela quer inspecioná-la — disse Stela. — Para ver se serve para o filho dela. É assim, não é? — acrescentou ela, olhando para Stoyan de uma maneira que, se fosse um pouco mais velha, pareceria atirada.

— Ela sabe que Taidjut nunca mais voltará para casa — disse ele. — É natural que me queira ver feliz. De qualquer maneira, não se preocupe, Paula. A decisão não é dela, é nossa e já está tomada. Além do mais, ela se apaixonará por você à primeira vista, tal como eu.

Stela sorriu, deliciada e eu fiquei contente por ela não fazer qualquer comentário.

— A primeira vista? — perguntei. — Quando eu tentava ser uma verdadeira mercadora e arvorava o meu ar mais severo?

— No momento em que te vi, Paula — disse ele, passando-me um braço pela cintura. — No primeiro instante. Mais tarde direi todas as razões. Por hora, acho que devemos enfrentar o desafio desta visita familiar. Não há nada a temer. Tem o seu cão, tem a sua irmã e tem a mim. Nem a mais alarmante das mães pode vencer tal demonstração de força.

Devia ter sido uma viagem intimidante para a mãe de Stoyan, desde a Bulgária numa carroça ou a cavalo, sem saber uma palavra da nossa língua ou qualquer outra comum aos dois países. Certamente não estava equipada para uma aventura daquelas na sua idade. Tentei imaginá-la enquanto nos encaminhávamos para o castelo, frágil, cansada e perdida. Seria difícil fazê-la sentir-se em casa já que não tínhamos uma língua em comum. Apertando com força a mão de Stoyan, abri a porta da cozinha.

A chaleira apitava no fogão e a divisão cheirava agradavelmente a comida. Em cima da mesa bem esfregada estavam alguns dos melhores trabalhos de tecelagem de Florica. A nossa governanta explicava que a orla floreada baseava-se num padrão que a sua mãe lhe ensinara e que fora ela que inventara o corante para o azul-genciana. Enquanto falava, as mãos de Florica ilustravam o que ia dizendo.

Sentada à mesa a admirar as peças estava uma mulher extremamente imponente, mais nova do que eu esperava, uns bons dez anos mais nova do que o meu pai, pensei. Os seus cabelos eram tão escuros como os de Stoyan. As tranças estavam seguras num estilo disparatado no alto da cabeça. A mãe do meu búlgaro era uma mulher grande, alta e solidamente constituída e sentava-se muito ereta. Pareceu-me a espécie de pessoa capaz de me dar uma palmada no ombro para me corrigir se eu não me portasse bem. O seu casaco era de feltro preto, coberto por um bordado multicolorido, um padrão intrincado de flores, folhas, videiras e frutos. Por baixo tinha uma blusa de linho, uma prática saia de montar com uma racha lateral e umas boas botas cheias de lama.

Assim que entramos, ela virou-se e levantou-se, olhando-me de cima a baixo. O seu olhar não era hostil, mas era evidente que estava me avaliando. Talvez decidindo se minhas ancas não seriam estreitas demais para ter filhos. Talvez pensando que, se o filho tencionava arrastá-la para a Transilvânia, deveria ter escolhido, pelo menos, uma beleza. Engoli nervosamente em seco e disse em grego para que Stoyan, pelo menos, compreendesse:

— Bem-vinda. Prazer em conhecê-la.

O meu búlgaro disse qualquer coisa com *Paula* no meio, uma tradução, uma apresentação e eu dei nervosamente um passo em frente para beijar a minha futura sogra em cada uma das faces. Ela pegou-me nas mãos, olhou intensamente para mim e disse qualquer coisa em búlgaro.

— Pelo amor de Deus, Paula, deixa a pobre senhora se sentar — disse Florica. — Stela, vá chamar o seu pai! E tire esse cão daqui; não vou pôr os pastéis na mesa com ele por perto.

Sentamo-nos. A mãe de Stoyan disse qualquer coisa, acenando com a cabeça na minha direção.

— A minha mãe diz que não esperava que eu escolhesse uma jovem tão magra — disse Stoyan em tom de desculpa. — Ela é agricultora, sabe; as mulheres da nossa terra são todas robustas. Ela diz que lhe faz lembrar as flores da montanha, pequenas e pálidas, mas fortes. A minha mãe lhe dá as boas-vindas à nossa família. — Senti-me corar. — Ela acrescenta que espera que tenha consciência do belo homem com que vai ficar. Acho que todas as mães gostam de fazer tais observações.

— Por favor, diga à sua mãe que sei que vou ficar com o melhor homem do mundo — disse eu. — Ela deve ter muito orgulho de você. E agora talvez seja melhor fazer o chá para mostrar que a leitura e a escrita não são as minhas únicas habilidades.

Pouco depois a cozinha encheu-se de gente. Primeiro foi o meu pai, que abraçou e foi abraçado por Stoyan e que em seguida entabulou uma conversa com a sua mãe com a ajuda do filho como intérprete, ao mesmo tempo que eu fazia o chá e Florica punha os pastéis de noz, o queijo, as pequenas salsichas apimentadas e os rolos de pão em cima da mesa, assim como um jarro de leite fresco da nossa vaca. Petru também entrou, taciturno como sempre, mas incapaz de esconder a curiosidade. O cheiro da comida de Florica também atraiu Dorin e depois Gabriel, o secretário de meu pai. Stoyan e a sua mãe, cujo nome era Nadezhda, não se sentiram minimamente esmagados pela multidão apesar da necessidade de tudo ter que ser dito em grego, depois traduzido para búlgaro e vice-versa.

Em determinado ponto, quando eu estava fazendo mais chá e quase todos os pastéis já tinham desaparecido, Stoyan disse qualquer coisa ao meu pai e os dois saíram juntos da cozinha. Como demorassem a regressar, comecei a ficar preocupada. Não que acreditasse que ele não concedesse a minha mão, mas podia estar exigindo condições. Talvez quisesse que esperássemos um pouco até termos certeza de estar tomando a decisão certa. Ou talvez achasse que deveríamos primeiro procurar casa e terras. Meu estômago começou a agitar-se, Esperáramos um ano inteiro, um ano durante o qual nos sentíramos sós e miseráveis. Agora que Stoyan estava ali, tão perto, não queria perdê-lo de vista.

A porta se abriu. Não eram nem Stoyan nem o meu pai, eram Jena, Costi e o pequeno Nicolae.

— Vamos para a aldeia — começou Jena, só então se notando os visitantes. — Oh, não sabia... Paula, apresenta-nos?

Fiz o melhor possível sem falar. A mãe de Stoyan levantou-se, fez uma vênia e beijou Jena e Costi nas duas faces. Em seguida as suas feições fortes suavizaram-se com um sorriso ao acocorar-se em frente de Nicolae, falando-lhe em voz baixa, perguntando-lhe qualquer coisa sobre o brinquedo que ele trazia, uma pequena carroça de madeira. Pouco depois já o tinha no colo e partilhava um pastel com ele. E eu tive uma visão, ou algo semelhante. Vi-a com outra criança nos braços, uma criança que não seria meu sobrinho, como Nicolae, mas meu filho, meu e de Stoyan. Não o via claramente, apenas que era grande, forte, com uma bela cabeça cheia de cabelos escuros e que a avó o agarrava com um orgulho feroz. Nas minhas visões anteriores raramente havia crianças, mas naquele momento senti que tínhamos aquela obrigação para com ela. E descobri, para minha surpresa, que acalentava a idéia. Com aquela mulher formidável na nossa família, Stoyan e eu faríamos malabarismos com o negócio dos livros, com os cães e com as crianças. Porque éramos uma equipe perfeita. Já o sabia nas grutas de Cibele e naquele momento ainda mais.

— É um belo homem, o seu Stoyan — murmurou-me Florica ao ouvido quando me dirigi ao fogão para ir buscar mais água quente.

— Eu sei.

— Tome conta dele, ouviu? — acrescentou ela. — Ele vai precisar de muita comida e de muito amor. Se ficar enfurnada demais nos livros, esquece-se.

— Eu o amo, Florica — disse eu. — Fique tranquila que não me esquecerei.

Naquele momento Stoyan e o meu pai entraram na cozinha. O meu búlgaro parecia que ia desatar a chorar ou a rir a qualquer momento e o meu pai sorria abertamente.

— Vamos comemorar — disse ele em grego. — Acabo de ganhar um genro, o que demonstra que a minha teoria estava certa, Paula. Um homem de boa tempera não se deixa vencer pela primeira recusa. Sempre acreditei que Stoyan acabaria voltando.

— Ele não foi recusado — disse eu, sentindo-me na obrigação de esclarecer a família presente, que ouvia com todo o interesse. Stela, o que muito me orgulhou, traduzia para Florica, para Petru e

para Dorin já que nenhum deles sabia grego. — Só hoje é que me pediu.

— Mas pressentia a recusa — disse o meu pai. — Sinto-me feliz por terem resolvido as coisas entre vocês, finalmente. Foi como ter uma nuvem tempestuosa sobre a nossa casa durante algum tempo. Stoyan, é melhor explicar isto tudo à sua mãe.

Nadezhda ficou encantada com as notícias. Quando lhe disseram que podia ficar em Piscul Dracului durante uns tempos, ela aceitou rapidamente. A hospedaria onde ela e Stoyan estavam alojados ficava a alguma distância e como ele não parava de falar de mim desde o dia em que ela descobrira que ele me amava, imaginava que, agora que o filho me encontrara, não queria ficar longe de mim. Nadezhda parecia gostar muito do meu pai, que desenvolvera ao longo dos anos uma maneira encantadora de lidar com os mercadores e as suas mulheres.

E Stoyan traduzia. Fui buscar-lhe uma xícara de chá e sentei-me a seu lado para poder me encostar ao seu ombro e segurar-lhe a mão, deixando fluir a conversa à minha volta.

A tarde passou, deu lugar à noite e continuamos a conversar sem a companhia de Dorin, Gabriel e Petru, que tinham voltado ao trabalho. Para Stoyan, as coisas tinham-se tornado mais fáceis com a chegada de Costi, fluente em grego, e de Jena, que sabia o suficiente para acompanhá-los. Nadezhda, por seu lado, não falava muito, mas os seus olhos pousavam-se muitas vezes no seu filho e em mim e eu via em seu rosto um contentamento que me aquecia o coração.

Todo mundo passaria a noite no castelo. Costi e Jena não iriam para casa depois de escurecer, com Nicolae, que adormecera no colo da mãe. Stoyan e a mãe tinham vindo a cavalo e Petru já metera os animais no estábulo. Além do mais estava muito escuro para descer até o vale àquela hora. Eu e minhas irmãs oferecemo-nos para arranjar quartos para os convidados, enquanto Florica começava a adiantar o jantar. Entretanto, Nadezhda arregaçara as mangas, pusera um avental e começara a cortar legumes com a despreocupação de uma mulher que se sente à vontade, mesmo na cozinha de outra. Pareceu-me que não seria chamada muitas vezes para preparar as tais refeições copiosas de que, segundo Florica, Stoyan necessitaria.

Quando acabamos de fazer as camas para Costi, Jena, Nicolae, Stoyan e a sua mãe reunimo-nos por alguns momentos no nosso velho quarto, o mesmo que, dentro em pouco, pertenceria unicamente a Stela.

— Quem me dera que Iulia tivesse vindo conosco — disse Jena, sentando-se na cama que fora sua e de Tati. — Mal posso esperar para lhe dizer, amanhã. Ela estava tão convencida de que, se você se casasse, escolheria um erudito franzino com o dobro de sua idade! Pode acreditar que ela virá aqui ao longo do dia. Não vai ser capaz de resistir a dar uma olhada em Stoyan na primeira oportunidade. Ele parece ser uma jóia, Paula.

— É uma jóia — disse eu, imaginando o que seria partilhar com ele a cama que estivera arrumando.

Stela estava junto do espaço da parede onde, muitos anos antes, encontráramos o nosso portal secreto. A minha irmã mais nova pousara a vela em cima da mesa e estava fazendo sombras com os dedos nas pedras.

— Pergunto a mim mesma se voltaremos um dia? — exclamou ela, meio absorta. — Quero dizer, Tati disse a Paula que a demanda lhe dera o direito de nos visitar ou, pelo menos, que uma de nós

podia ir lá. Deveria ser eu. Você encontrou o amor da sua vida no Outro Reino, Jena, tal como Tati. E agora Paula encontrou Stoyan. E Iulia não pode ir porque já está casada com Razvan. Portanto, é a minha vez. Não que queira especialmente um grande amor. Só quero ir lá, mais nada. Por vezes quero tanto que quase arrebento.

Ainda não falara às minhas irmãs do meu sonho da noite anterior. O momento pareceu-me ideal para dizer a Stela que me parecera que Tati desejava visitar-nos, não o contrário.

— Não existe lógica no Outro Reino, Stela — disse Jena. — Todas nós sabemos que eles têm as suas próprias regras, que não são como as nossas. Ileana e os da sua espécie põem os amantes à prova e uma das lições que aprendemos é que o amor é difícil e que devemos lutar permanentemente por ele. Mas também há outras lições, difíceis, que nos tornam mais fortes.

— Não é justo — disse Stela sem gostar da resposta, maldisposta. Após a excitação da chegada de Stoyan, ficara deprimida e pensativa. Talvez fosse o espectro da mudança iminente. Mesmo com Jena morando na herdade ao lado e as restantes a um dia de viagem, passaria a sentir-se só.

— Talvez as coisas ainda não tenham acabado para nós — disse Jena, olhando para o bordado onde as cinco irmãs dançavam de mãos dadas. — Dou-lhe um conselho: espere. E não pense muito no assunto, que não é por pensar que as coisas acontecem mais depressa. Paula, porque não põe aquele vestido cor de ameixa e o véu com as pequenas conchas esta noite?

— Não me parece que seja adequado — disse eu. — Vou usar o verde.

Quando íamos descendo as escadas, encontramos Stoyan, que ia nos dizer que o jantar estava pronto. Seus olhos encontraram os meus.

Jena puxou Stela pelo braço.

— Nos vemos na cozinha — anunciou ela, afastando-se sem olhar para trás e puxando Stela atrás de si.

Ficamos os dois num dos patamares, à saída do quarto onde eu lhe fizera a cama com tanto cuidado e lhe pusera umas flores silvestres num jarro ao lado da janela.

— O seu quarto é este — disse eu, abraçada a ele, com o resto do mundo a desaparecer. — Oxalá já estivéssemos casados, Stoyan.

— Digo o mesmo, minha querida — murmurou-me ele ao ouvido. — O seu pai disse que não precisamos esperar muito tempo. Mas para mim vai parecer uma eternidade.

— É uma espécie de teste — disse eu — e nós já provamos que somos bons em testes.

— Um teste com a mais excelente das recompensas — disse Stoyan indistintamente.

— Hum — murmurei, lembrando-me de repente de uma coisa. — Stoyan, lembra-se de quando estávamos na gruta e a anciã me perguntou o que aprendera? Ela nunca te fez essa pergunta. Pergunto a mim mesma por quê?

— Ainda não acabara a minha instrução, Paula. Levou-me muito tempo. Aliás, quase a perdi de vista. É curioso que tenha sido Duarte, a quem acusei de tê-la tirado de mim, a devolvê-la. Devia ter ouvido mais cuidadosamente as suas adivinhas, especialmente a terceira.

— Fé — disse eu baixinho, sentindo tudo a encaixar-se. — Estava perdendo a fé... tinha medo de não encontrar o seu irmão, não tinha fé no futuro, não tinha...

— Não sabia se a minha amada me amaria tanto como eu a ela. Exato, Paula. Houve ocasiões em que quase desesperei.

»Aquelas noites que passamos juntos no *han*, cada uma delas um presente precioso... Lembro-me de cada palavra que me disse, de cada sensação. E quando atravessamos a gruta do lago, a minha fé era tanta que quase te disse o que me ia no coração. Mas depois, quando dançou com Duarte, desapareceu e eu mergulhei no desespero. É estranho ter sido ele a devolver-me. Foi uma lição dura, mas boa. Nunca mais a esquecerei. Não acha que é melhor irmos jantar?

— Só mais uma coisa... — pus-me na ponta dos pés, rodeei-lhe o pescoço com os braços e beijei-o.

O tempo passou: uma espécie de tempo perdido, no qual estávamos noutro mundo, sozinhos, com milhares de sensações à flor da pele por causa dos nossos lábios unidos, do bater dos nossos corações e do calor dos nossos corpos. Só quando a voz de Costi nos chamou do fundo das escadas é que regressamos à Transilvânia, a Piscul Dracului e ao patamar onde estávamos, nos braços um do outro.

— Jantar! — chamou Costi com um sorriso malicioso no rosto. — Nem nesta casa labiríntica se consegue escapar à visão de águia da família. Florica quer que todo mundo prove o brande de ameixa de Petru.

Afastei-me de Stoyan e agarrei-lhe na mão.

— Costi tem razão — disse. — Não se pode fugir desta família. E agora temos um casamento pela frente. É melhor descermos e ganharmos forças porque vamos estar muito ocupados.

NOTA DA AUTORA

O Segredo de Cibele passa-se principalmente em Istambul durante o primeiro período do império Otomano. Apesar de ter feito bastantes pesquisas, é bom que fique claro que esta obra é uma fantasia histórica. Nalgumas partes do livro tomo algumas liberdades em relação aos locais e à época no interesse da história. Recebi conselhos especializados de várias pessoas, que menciono nos Agradecimentos. No entanto, quaisquer erros de fato que possam ocorrer são da minha inteira responsabilidade. Em particular, se

ofendi alguém com a minha descrição da cultura ou prática da religião islâmica, peço as minhas mais sinceras desculpas.

Quanto visitei a Turquia, tentei ver tudo pelos olhos de Paula. Apesar das muitas mudanças que tiveram lugar desde o seu tempo, foi-me fácil imaginar os dias em que Istambul era o eixo do comércio de uma região inteira. A sua riqueza e história complexa estão patentes por toda a cidade. As mesquitas e outros edifícios públicos estão decorados com azulejos *Isnik* iguais aos que Paula encontrou à entrada da Gruta de Cibele, cheios de cores ricas e brilhantes. Os mercados cobertos providenciaram-me uma experiência parecida com a tentativa frustrante de Paula de regateio dos preços das sedas. Mais no interior, em Edirne, estive num *han* recuperado que tinha as mesmas características do centro comercial genovês onde Paula e o pai estavam alojados. Tive oportunidade de ver manuscritos antigos em vários museus turcos e a minha descrição dos que Paula encontra na biblioteca de Irene baseia-se neles. No Museu Sadberk Hanim, em Büyükdere, encontrei um antigo jarro de barro com a forma de uma mulher rotunda e foi este recipiente que me serviu de inspiração para a figura final da *Dádiva de Cibele*.

Talvez os leitores estejam interessados em saber que o *Van Turco* é um gato conhecido, não só pelo seu aparente entusiasmo pela natação, como pelos seus olhos desiguais, um azul e um amarelo e que o *bugarski goran*, ou pastor búlgaro, é uma raça conhecida de cães-pastores.

A questão das línguas foi um desafio. A cidade de Istambul da época de Paula era lar de gente de muitas origens e no seu seio havia várias comunidades discretas nas quais, provavelmente, se falavam línguas exclusivas. No entanto, a cidade fora grega antes de ser turca e o grego continuou a ser a língua comum a todos os mercadores depois da conquista otomana. Espero não ter exagerado muito ao permitir que a maior parte dos personagens falasse fluentemente esta língua. Com poucos compatriotas romenos na cidade, Teodor tinha de falar fluentemente grego ou turco, provavelmente as duas línguas, para poder conduzir os seus negócios. Paula, erudita nata, terá aprendido grego e latim para poder ler os clássicos.

GLOSSÁRIO

Bektasi: beque-ta-chee; ordem dervixe na qual as mulheres têm igualdade de culto

bugarski goran: cão pastor búlgaro

caique: barco a remos de fundo raso

camekan: *ia-me-can*; área de descanso no *hamam*

çarçi char-chi: mercado situado em pequenas ruas ladeadas de lojas

Cibele: qui-be-le; deusa das cavernas, montanhas e abelhas

Dervixe: religioso mendicante maometano

Djinn: pronuncia-se como a palavra inglesa *gin*; gênio, espírito

Hamam: ha-mam; banhos turcos

Han: edifício que incorpora uma área de mercado, armazéns de comida e albergue de mercadores

Haremlik: alojamentos das mulheres

Imã: chefe religioso Islâmico

Mahall: distrito ou quarteirão

Medresse: ma-dras-sa; escola religiosa muçulmana geralmente associada a uma mesquita e instalada no seu interior

Muezzin: mue-zin; pessoa que chama à oração.

Mufti: autoridade da lei religiosa islâmica. O xeque ul-Islão é *mufti* de Istambul e principal autoridade em matéria de religião e lei religiosa

Peri: fada turca

Pestamal: roupa usada para tapar o corpo quando se permanece no *hamam*

Pulum: instrumento musical tradicional, semelhante a uma gaita-de-foles

Stea de Mare: estrela-do-mar

NOMES DE LUGARES

Bósforo: estreito que liga o mar Negro ao mar da Mármara e que divide Istambul em duas partes: a ocidental (Europa) e a oriental (Ásia)

Brasov: *bra-chov*; principal cidade comercial da Transilvânia.

Constanta: *con-stan-tza*; porto comercial na costa oeste do mar Negro, ponto de partida para a viagem por terra até à Transilvânia.

Corno Dourado: grande enseada em forma de corno que divide a parte ocidental de Istambul em duas secções e onde se encontram as docas principais

Hagia Sofia: o monumento mais famoso de Istambul: uma basílica construída pelo Imperador Justiniano, convertida em mesquita pelos governantes otomanos

Palácio Topkapi: *top-ca-pa*; principal residência do Sultão em Istambul.

Rumeli Hisari: *ru-me-li i-sa-ra*; fortaleza construída por Mehmet, *o Conquistador*, no ponto mais estreito do Bósforo.

Samarcanda: cidade na rota das caravanas que vai da Anatólia até ao extremo-orienté.

Tabriz: cidade na rota das caravanas que vai da Anatólia até ao extremo-orienté.

¹ Em português no original inglês (NT).